



INSTITUTO FEDERAL
AMAZONAS



PPGET
Programa de Pós-Graduação
em Ensino Tecnológico

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E INOVAÇÃO TECNOLÓGICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO TECNOLÓGICO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO TECNOLÓGICO

JANNIELI MORAES LIMA

**PERCURSO (AUTO)FORMATIVO DE PROFESSORES NEGROS NÃO
LICENCIADOS NO ENSINO SUPERIOR: UMA ABORDAGEM
(AUTO)BIOGRÁFICA**

**MANAUS-AM
2025**

JANNIELI MORAES LIMA

**PERCURSO (AUTO)FORMATIVO DE PROFESSORES NEGROS NÃO
LICENCIADOS NO ENSINO SUPERIOR: UMA ABORDAGEM
(AUTO)BIOGRÁFICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico (PPGET) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM) como requisito para obtenção do título de Mestre em Ensino Tecnológico.

Orientador: Prof.Dr.Davi Avelino Leal.

Área de Concentração: Processos e Recursos para o Ensino Tecnológico.

Linha de Pesquisa: Processos para Eficácia na Formação de Professores e no Trabalho Pedagógico em Contextos de Ensino Tecnológico.

**MANAUS-AM
2025**

Biblioteca do IFAM – Campus Manaus Centro

L732p Lima, Jannieli Moraes.
Percurso (auto)formativo de professores negros não licenciados no ensino superior: uma abordagem (auto)biográfica / Jannieli Moraes Lima. – Manaus, 2025.
220 p. : il. color.

Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico). – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, *Campus* Manaus Centro, 2025.
Orientador: Prof. Dr. Davi Avelino Leal.

1. Percurso (auto)formativo. 2. Professores negros. 3. Não-licenciados. 4. autobiografia. I. Leal, Davi Avelino. (Orient.) II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas. III. Título.

CDD 370

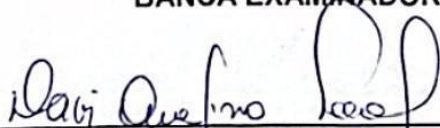
Jannieli Moraes Lima

**"PERCURSO (AUTO) FORMATIVO DE PROFESSORES NEGROS NÃO
LICENCIADOS NO ENSINO SUPERIOR: UMA ABORDAGEM
(AUTO) BIOGRÁFICA"**

Dissertação apresentada a Mestranda do Programa Profissional de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas como requisito para obtenção do título de Mestre em Ensino Tecnológico. Linha de Pesquisa: Processo para Eficácia na Formação de Professores e no Trabalho Pedagógico em Contextos de Ensino Tecnológico.

Aprovada em 20 de março de 2025.

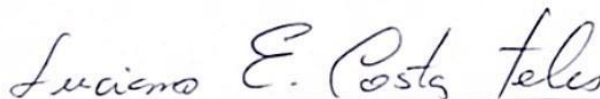
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Davi Avellino Leal – Orientador / Presidente
Instituto Federal do Amazonas (IFAM)



Prof. Dra Maria Lúcia Tinoco Pacheco – Membro Titular Interno
Instituto Federal do Amazonas (IFAM)



Prof. Dr. Luciano Everton Costa Teles – Membro Titular Externo
Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

Dedico à minha mãe (Dona Ana Cristina), que está sempre ao meu lado orando e torcendo por mim, por seu apoio intensificado durante o Mestrado. Dedico também a meu pai, meu irmão e meu sobrinho, que compreenderam meus momentos de ausência, com apoio e incentivo. E a todos que me ajudaram, torceram e oraram por mim. Meu muito obrigada!

AGRADECIMENTOS

“Dêem graças ao Senhor porque ele é bom; o seu amor dura para sempre”. (Salmo 107:1). Em primeiro lugar, agradeço a Deus, por me permitir cursar e concluir o mestrado, algo que eu desejava conquistar, pois muitas vezes orava e buscava persistentemente por essa conquista. Agradeço por me dar sabedoria e me guiar ao longo deste caminho. Sem perseverança não teria sido possível alcançar esta vitória.

Aos meus pais, por terem proporcionado a mim a Educação Básica. Agradeço em especial à minha mãe (Dona Ana Cristina) meu porto seguro, pelas orações, pelo incentivo, por todo o apoio durante o mestrado, por sempre acreditar no meu potencial e ter ensinado a mim o valor dos estudos e da educação. Ao meu irmão, meu sobrinho e demais familiares, que ficaram ao meu lado com palavras de apoio e encorajamento, minha eterna gratidão.

Ao meu querido orientador(a), Professor Dr. Davi Avelino, sou profundamente grata pela acolhida na mudança de orientação desta pesquisa, pela sua atenção, paciência, e conhecimentos compartilhados comigo. Suas orientações foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho e para o meu amadurecimento acadêmico. Suas críticas construtivas e incentivos me fizeram superar meus próprios desafios.

Agradeço a querida Prof. Dr^a Maria Lúcia Tinoco, pela sua presença e incentivo no seminário de projetos e na minha qualificação, suas orientações e direcionamentos foram muito significativos para que eu pudesse dar continuidade a minha pesquisa até chegar ao momento da Defesa. Meu muito obrigada professora!

Também agradeço ao Professor Dr. Luciano Everton Costa da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), pelas suas contribuições e observações nas minhas apresentações no Seminário de Projetos e também na minha Qualificação. Suas sugestões foram muito significativas para a minha pesquisa. Muito grata professor!

Ao meu querido Professor Dr. Nilton Paulo Ponciano, o primeiro orientador desta pesquisa, pelos conselhos que foram fundamentais, pessoa por quem tenho

muito carinho e gratidão por todas as suas orientações e direcionamentos que marcaram significativamente o início da minha trajetória no programa de Mestrado.

Agradeço imensamente a Prof. Dr^a Cinara Calvi por gentilmente, ter me tomado pela mão e me direcionado na etapa de finalização do Mestrado. Seu incentivo e apoio foram muito significativos para que eu pudesse finalizar com sucesso minha trajetória no programa. Agradeço por toda a sua paciência e por ter acreditado e confiado em meu potencial.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico (PPGET), que honra ser aluna de vocês, agradeço por compartilharem comigo seus conhecimentos, experiências e momentos que enriqueceram minha trajetória. As discussões nas aulas, as trocas de ideias e o convívio diário foram fundamentais.

Sempre lembrarei dos queridos professores e suas frases engraçadas que muitas vezes me fizeram sorrir diante dos desafios. A professora Andréia com suas expressões “Chute na canela”, o professor João Neto: “foi um prazer miserável dar aula pra vocês”.

Aos nobres colegas professores que aceitaram ceder entrevista para a minha pesquisa, Prof. Marcelo Rabelo, Prof. Pabloena Pereira, Prof. Adriano Oliveira e Prof. João Arley e à minha Coordenadora Rebeca Beviláqua, por todo o apoio e autorizações do Lócus de pesquisa na Universidade Paulista- Aqui Você Pode Manaus (UNIP/AVP).

À Ana Graziela Gomes Travassos, protagonista da diagramação do meu produto educacional, sua atitude foi para além de uma prestação de serviço, nunca esquecerei o que fez por mim, obrigada por sua disponibilidade, compreensão e dedicação. Ao Marcos Holanda, a Marcela Sarah (Doutorado), que me auxiliaram bastante no processo de construção das versões anteriores do produto. Agradeço por terem cedido seu tempo para me auxiliar neste momento tão decisivo do mestrado.

Às pessoas que tive a honra de conhecer durante o mestrado, agradeço a Elize colega do (Doutorado) que trabalhamos juntas na Comissão de Logística e organização do Simpósio de Ensino Tecnológico (SETA 2023). A todos os demais colegas do

Mestrado e Doutorado que tive a satisfação de interagir, posso afirmar que tive o networking ampliado com pessoas fantásticas, agradeço por toda a forma de ajuda e partilha de conhecimentos.

Sou filha da casa, pois já havia obtido uma formação técnica pelo (IFAM/CMDI), os anos passaram e desejava ardentemente retornar à esta instituição tão conceituada e por mim querida, para cursar o mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico (PPGET/IFAM), objetivo muito desejado e finalmente alcançado, uma jornada desafiadora, repleta de aprendizado, momentos que marcaram profundamente minha trajetória acadêmica e meu crescimento como professora universitária.

Ingressar é bom, mas concluir é melhor ainda. Este trabalho é fruto de esforço pessoal mas também coletivo, pois algumas pessoas me ajudaram para que este momento se tornasse realidade. Ainda que seu nome não esteja citado aqui, saiba que serei eternamente grata. A todos que contribuíram direta e indiretamente para a obtenção da minha titulação de Mestre em Ensino Tecnológico do (PPGET/IFAM). Muito obrigada!!

Essa potencialidade formadora de fazer experiências, refletir sobre elas para aprender sobre nós mesmos e o mundo, torna inseparável o sujeito e o objeto de conhecimento. Ou seja, é preciso se expor, sem medo de padecer sob o impacto da experiência para poder dela tirar lições para a vida e aprender com ela sobre nós mesmos.

(Maria da Conceição Passeggi)

RESUMO

Esta dissertação tem por tema: percurso (auto)formativo de professores negros não licenciados no ensino superior: uma abordagem (auto)biográfica. Está dividida em quatro capítulos. O objetivo geral trata de Investigar o Percurso (Auto)formativo de Professores Negros Não Licenciados no Ensino Superior a partir da abordagem (Auto)biográfica. O problema da pesquisa está no seguinte questionamento: Que elementos são evidenciados no percurso (auto)formativo dos professores Negros no Ensino Superior? Esta problemática pauta-se nas seguintes questões norteadoras:

a) Quais dimensões (auto)formativas estão presentes no percurso dos professores negros não licenciados? b) De que forma a (auto)formação docente tem retroalimentado a prática dos professores negros não licenciados no ensino superior? c) Como materializar em um produto educacional, recursos que auxiliem os professores negros no seu percurso (auto)formativo no campo da educação antirracista? Os procedimentos metodológicos foram fundamentados em pesquisa qualitativa. Como instrumentos de pesquisa, foram utilizados a entrevista narrativa, questionários e roda de conversa para extrair relatos (auto)biográficos dos docentes, bem como da pesquisadora, caracterizando a pesquisa participante. A Justificativa da escolha do tema em questão, foi motivada pela condição da proponente que sendo professora negra não licenciada, obteve como primeira graduação a titulação de Tecnóloga em Logística em seguida cursou especialização em Docência do Ensino Superior e atua como docente na universidade, a motivação se deve ainda à importância de suprir a escassez de pesquisas relacionadas à autoformação de professores negros na docência universitária, a partir do método (auto)biográfico. A especificidade da presente pesquisa, reside na sua abordagem. Se o tema de professores não licenciados que atuam no ensino superior não é novo, a abordagem pela perspectiva do professor negro no ensino superior fornece um novo olhar para essa questão. Nesse sentido, o assunto proposto é de grande relevância no processo de investigação de professores, nos estudos que abordam a aprendizagem da docência em que observa-se a importância das reflexões (auto)biográficas no âmbito da formação docente. O embasamento teórico fundamenta-se em ideias de autores como Souza (2020), Passeggi (2011), Nóvoa (2014), Josso (2002), Dellory-Momberger (2012), e demais autores que fazem referência à (auto)biografia no campo da formação docente.

Palavras-chave: percurso (auto)formativo; professores negros; não-licenciados; autobiografia.

ABSTRACT

The theme of this dissertation is: the (auto)formative journey of non-graduate black teachers in higher education: an (auto)biographical approach. It is divided into four chapters. The general objective is to investigate the (self)formative path of black teachers without a degree in higher education from an (auto)biographical approach. The research problem lies in the following question: What elements are evident in the (self)formative path of Black teachers in Higher Education? This problem is based on the following guiding questions: (a) What (self)formative dimensions are present in the journey of black non-graduate teachers? (b) In what way has teacher (self)formation fed back into the practice of black non-graduate teachers in higher education? c) How can resources be materialized in an educational product to help black teachers in their (self) training in the field of anti-racist education? The methodological procedures were based on qualitative research. Narrative interviews, questionnaires and conversation circles were used as research tools to extract (auto)biographical accounts from the teachers, as well as from the researcher, characterizing participant research. The justification for choosing the topic in question was motivated by the proponent's condition as an unlicensed black teacher who obtained her first degree as a Logistics Technologist, then went on to specialize in Teaching in Higher Education and works as a teacher at the university. The motivation is also due to the importance of making up for the scarcity of research related to the self-training of black teachers in university teaching, based on the (auto)biographical method. The specificity of this research lies in its approach. While the subject of non-graduate teachers working in higher education is not new, approaching it from the perspective of black teachers in higher education provides a fresh look at this issue. In this sense, the proposed subject is of great relevance in the process of investigating teachers, in studies that deal with learning to teach, in which the importance of (auto)biographical reflections in the context of teacher training is observed. The theoretical basis is based on the ideas of authors such as Souza (2020), Passeggi (2011), Nóvoa (2014), Josso (2002), Dellory-Momberger (2012), and other authors who refer to (auto)biography in the field of teacher training.

Keywords: (auto)formative journey; black teachers; non-graduates; autobiography.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AVP	Aqui Você Pode
CEL	Centro de Ensino Literatus
CEMETRO	Centro Metropolitano de Manaus
CETAM	Centro de Educação Tecnológica do Amazonas
CMDI	Campus Manaus Distrito Industrial
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
ESBAM	Escola Superior Batista do Amazonas
FAMETRO	Faculdade Metropolitana de Manaus
FIES	Fundo de Financiamento Estudantil
HJL	Hospital João Lúcio
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFAM	Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Amazonas
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira
MEC	Ministério da Educação
MPET	Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PROFAE	Profissionalização dos Trabalhadores da área de Enfermagem
PRONATEC	Programa Nacional de Ensino Técnico
PROUNI	Programa Universidade para Todos
SETA	Simpósio de Ensino Tecnológico do Amazonas
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UEA	Universidade do Estado do Amazonas
ULBRA	Universidade privada Luterana do Brasil
UNINILTONLINS	Universidade Nilton Lins
UNINORTE	Centro Universitário do Norte
UNIP	Universidade Paulista

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Proporção da População Negra no Brasil	34
Gráfico 2: Percepções sobre preconceito contra negros no Brasil	37
Gráfico 3: Percentual de Professores Negros nas Universidades	47
Gráfico 4: Professores Negros que estudaram com benefício de bolsa	66
Gráfico 5: Dificuldades, para se tornar professor do Ensino Superior.....	68
Gráfico 6: Racismo por ser um docente negro no Ensino Superior	69
Gráfico 7: Fatos (auto)formativos, que não pretendiam compartilhar	70
Gráfico 8: Trajetória (auto)formativa, como inspiração para outros Docentes.....	72
Gráfico 9: Dificuldades, por não serem Licenciados	73
Gráfico 10: Opiniões sobre a trajetória de docentes negros e não negros	74

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Marcos Legais sobre Negros no Brasil.....	35
Quadro 2: Quanto aos meios utilizados na Pesquisa.....	58
Quadro 3: Etapas da Pesquisa de Campo.....	58
Quadro 4: Critérios Básicos da Pesquisa.....	59
Quadro 5: Perfil dos Participantes da Pesquisa.....	60
Quadro 6: Questões abordadas pela Professora Pabloena na Entrevista.....	82
Quadro 7: Questões abordadas pelo Professor Adriano na Entrevista.....	91
Quadro 8: Questões abordadas pelo Professor Marcelo na Entrevista.....	95
Quadro 9: Questões abordadas pelo Professor João Arley na Entrevista.....	101
Quadro 10: Fatos em comum com a pesquisadora.....	105
Quadro 11: Principais questões Professor Adriano na Roda de Conversa.....	110
Quadro 12: Principais questões Professora Pabloena na Roda de Conversa.....	115
Quadro 13: Principais questões Professor João Arley na Roda de Conversa.....	121
Quadro 14: Principais questões Professor Marcelo na Roda de Conversa.....	127
Quadro 15: Perguntas Norteadoras etapa de Contextualização.....	172
Quadro 16: Perguntas Norteadoras etapa de Planificação.....	174
Quadro 17: Perguntas Norteadoras etapa de Reflexão.....	176
Quadro 18: Percepções Negativas sobre o Produto Educacional.....	178
Quadro 19: Percepções Positivas sobre o Produto Educacional.....	179

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Entrevista com a Professora Pabloena	76
Figura 2: Entrevista com o Professor Adriano.....	86
Figura 3: Roda de Conversa Online.....	106
Figura 4: Memorial Professora Pabloena Pereira	129
Figura 5: Professora Pabloena na época da Faculdade	132
Figura 6: Colação de Grau de Pabloena em Enfermagem.....	133
Figura 7: Memorial Professor Adriano Oliveira.....	137
Figura 8: Memorial Professor João Arley	146
Figura 9- Formatura de Jannieli na Alfabetização	151
Figura 10: Jannieli com sua mãe na igreja.....	151
Figura 11-Jannieli no Terceiro Ano do Ensino Médio	153
Figura 12-Jannieli no Curso em Técnico em Materiais e Logística	154
Figura 13: Formatura de Jannieli no Curso Superior de Tecnologia em Logística	156
Figura 14-Atuação Docente em Instituições de Ensino Técnico	158
Figura 15- Professora Jannieli ministrando aula na Universidade UNIP-AVP	158
Figura 16-Apresentação do Primeiro Artigo Científico.....	160
Figura 17-Jannieli realizando a Matrícula no Mestrado (2022)	161
Figura 18: Capa da quarta versão do produto	168
Figura 19: Capa da versão atual do Produto Educacional	169

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO 1- CONCEITOS QUE DIALOGAM COM A ABORDAGEM	
(AUTO)BIOGRÁFICA.....	24
1.1 Histórias de Vida.....	24
1.2 Memórias.....	25
1.3 Narrativas	28
1.4 Biografia e (Auto)biografia.....	30
1.5 Formação e (Auto)formação	32
1.6 População Negra: Marcos Legais e Racismo.....	34
1.6.1 Lei de cotas Raciais: algumas reflexões.....	36
1.6.2 Preconceito e Discriminação: considerações.....	37
1.6.3 Desigualdade e Equidade Racial na Docência Universitária.....	39
1.6.4 Raça e Etnia	40
1.6.5 Racismo e suas Tipologias	41
1.6.6 Racismo no Ensino Superior	45
1.7 Professores Negros nas Universidades	46
1.7.1 Dados Estatísticos sobre Professores Negros.....	46
1.7.2 Professores Negros Não Licenciados.....	46
1.7.3 A Educação Antirracista no Ensino Superior	53
1.7.4 A Formação continuada na perspectiva antirracista	55
1.8 Percurso Metodológico da Pesquisa	57
1.8.1 Tipo de Estudo.....	57
1.8.2 Fases da Pesquisa	58
1.8.3 Critérios de Inclusão, Locus e Amostra.....	59
1.8.4 Perfil dos participantes da pesquisa	60
1.8.5 Técnicas e instrumentais de coleta de dados	60
1.8.5.1 Os questionários.....	60
1.8.5.2 A Entrevista narrativa.....	60
1.8.5.3 A Roda de Conversa.....	62
1.8.5.4 O Memorial Formativo	63
1.8.6 Fase de Análise e Discussão das informações.....	63

CAPÍTULO 2-ANÁLISE DOS PERCURSOS DOS PARTICIPANTES	65
2.1 Análise do Questionário Objetivo	65
2.1.1 Professores Negros que estudaram com benefício de bolsa.....	65
2.1.2 Dificuldades, para se tornar professor do Ensino Superior	68
2.1.3 Professores e a existência de fatos que não pretendiam compartilhar	69
2.1.4 Trajetória (auto)formativa, como inspiração.....	70
2.1.5 Professores que enfrentaram dificuldades por não serem Licenciados	71
2.1.6 Professores Negros, Não Licenciados, e a formação	72
2.1.7 Trajetória diferenciada	74
2.1.8 Análises geral dos resultados do questionário.....	75
2.2 Análise das Entrevistas.....	75
2.2.1 Docente Pabloena Pereira.....	75
2.2.2 Análise em torno do relato da Docente Pabloena.....	81
2.2.3 Entrevista Professor Adriano Oliveira	86
2.2.4 Análise da Entrevista com o Docente Adriano	90
2.2.5 Entrevista com o Professor Marcelo Rabelo.....	93
2.2.6 Análise da Entrevista com o Docente Marcelo.....	95
2.2.7 Entrevista com o Professor João Arley	96
2.2.8 Análise sobre o Docente João Arley	100
2.3 Aspectos entre Pesquisadora e Participantes	102
2.3.1 Graduação em Instituição Privada	103
2.3.2 Experiência Profissional em Empresas.....	103
2.3.3 Pós-Graduações e Especializações	103
2.4 A Roda de Conversa.....	106
2.4.1 Participação do Professor Adriano.....	107
2.4.2 Discussões em torno dos Argumentos do Professor Adriano	109
2.4.3 Participação da Professora Pabloena.....	112
2.4.4 Análise em torno dos Argumentos da Docente Pabloena.....	114
2.4.5 Participação do Professor João Arley	118
2.4.6 Discussões em torno dos Argumentos do Prof. João Arley	120
2.4.7 Participação do Professor Marcelo	125
2.4.8 Discussões em torno do Professor Marcelo.....	126

CAPÍTULO 3- MEMORIAL FORMATIVO DOS PROFESSORES.....	129
3.1 Memorial da Docente Pabloena	129
3.1.1 O período do Ensino Médio	130
3.1.2 O período da Graduação em Enfermagem	132
3.1.3 O período Após a Graduação em Enfermagem	133
3.1.4 A Iniciação Docente	134
3.2 Reflexões em Torno do Memorial da Professora Pabloena	135
3.2.1 O Ensino Médio e as Expectativas Sociais	135
3.2.2 A Graduação e os Desafios Financeiros	136
3.3 Memorial (Auto)formativo Professor Adriano	135
3.3.1 Trajetória Escolar e Formativa	137
3.3.2 Processo de Iniciação Docente	139
3.4 Discussões em torno do memorial do Professor Adriano	141
3.5 Memorial (Auto)formativo Professor Marcelo Rabelo	142
3.6 Reflexões em torno do Memorial do Professor Marcelo	143
3.7 Memorial (Auto)formativo Professor João Arley	145
3.8 Reflexões em torno do memorial do Prof. João Arley.....	148
3.9 Memorial (Auto)Formativo Pesquisadora Janneli Moraes	150
3.9.1 Minhas vivências no Ensino Médio	152
3.9.2 Memórias do Ensino Técnico (IFAM/CMDI)	154
3.9.3 Memórias da Graduação	155
3.9.4 Pós-Graduação em Docência do Ensino Superior.....	156
3.9.5 Memórias da Iniciação Docente.....	157
3.9.6 Memórias da busca pelo Mestrado.....	159
3.9.7 Artigo Aceito no Simpósio de Ensino Tecnológico 2019-V SETA	160
3.9.8 Memórias do Ingresso ao Mestrado (PPGET/IFAM)	161
3.10 Reflexões do Memorial da Pesquisadora	162
3.10.1 A Conclusão de um Ciclo da Graduação	162
3.10.2 A busca pela Pós-Graduação em Docência	163
3.10.3 O início da Jornada Docente	163
3.10.4 Contribuição e Impacto	164
CAPÍTULO 4-CONSTRUCTO DO PRODUTO EDUCACIONAL.....	165

4.1 Memorial da Docente Pabloena	165
4.2 Apresentação do Produto desta Pesquisa	168
4.3 Organização das Unidades do Produto “Enegrecer”	170
4.3.1 Unidade 1	170
4.3.2 Unidade 2	170
4.3.3 Unidade 3	171
4.3.3.1 Primeiro Momento: Contextualização	172
4.3.3.2 Segundo Momento: Planificação	174
4.3.3.3 Terceiro Momento: Reflexão.....	175
4.4 Momento do Memorial Formativo	177
4.5 A avaliação do Produto Educacional	177
CONSIDERAÇÕES FINAIS	181
REFERÊNCIAS	184
APÊNDICES	192
APÊNDICE A- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE	192
APÊNDICE B-TCLE Professor Marcelo Rabelo Cardoso da Silva	193
APÊNDICE C-TCLE Professor João Arley Barbosa de Melo.....	194
APÊNDICE D-TCLE Professora Pabloena da Silva Ferreira	195
APÊNDICE E-TCLE Professor Adriano dos Santos Oliveira	196
APÊNDICE F- Questionário Objetivo (Google Forms).....	197
APÊNDICE G-Questionário Subjetivo Google Forms	201
APÊNDICE H- Roteiro para entrevista narrativa com os participantes.....	208
APÊNDICE I- Roteiro para a Roda De Conversa com os Participantes.....	209
APÊNDICE J-Questionário de Avaliação do Produto Educacional	210
ANEXOS	218
ANEXO A – Carta de Anuência autorização para o Locus da pesquisa	218
ANEXO B – Declaração de Infraestrutura do locus da pesquisa	219

INTRODUÇÃO

A Dissertação tem como tema percurso autoformativo de professores negros não licenciados no Ensino Superior, a partir da abordagem (Auto)biográfica. O tema nasceu de minha própria vivência como professora universitária Negra, Não licenciada, atuante no Ensino Superior, especificamente no eixo Gestão e negócios no Cursos de Logística e Administração, em uma Faculdade privada na cidade de Manaus.

Graduada em Tecnóloga em Logística e já com experiência na área, fui em busca de um antigo desejo, que estava um pouco adormecido e meio latente. Queria tornar-me professora! Para isso, precisei criar algumas estratégias que juntasse autoformação e formação o que me levou a ingressar em um curso de Pós-Graduação em Docência do Ensino superior e ainda uma segunda graduação de bacharel em administração.

Essa breve descrição inicial, tem como intenção, apresentar as motivações que me fizeram propor a presente pesquisa. Considerando minha própria trajetória como ponto de partida desta temática. Uma inquietude surgiu, quando decidi compreender, as formas pelas quais outros professores negros não licenciados, se prepararam para a docência universitária.

Optamos por investigar docentes negros, bachareis e tecnólogos em áreas como enfermagem, Logística, Tecnologia da Informação, Administração e Ciências contábeis, no intuito de descobrir os desafios e as estratégias utilizadas durante o percurso (auto)formativo, pois embora não provenientes de cursos de licenciatura, atuam na Docência Universitária.

A intencionalidade de investigar professores negros partiu ainda, de algumas reflexões relacionadas à representatividade negra em diversos segmentos, principalmente na Docência Universitária que apresenta um baixo índice de docentes negros atuando no Ensino Superior, representando a população negra e ocupando os espaços, antes dominados pela maioria da população branca.

Segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira- INEP o Brasil possui mais de 58 mil professores negros em instituições de Ensino Superior (IES). Ainda de acordo com o levantamento, mulheres negras atuando como docentes representam 26.770 pessoas, e homens negros 31.541 indivíduos. Em

comparação, a pesquisa mostra que o número de professores brancos atuando no ensino superior é mais que o dobro, chegando a 176.778 docentes.

Discutem-se muitas pautas que abordam o quantitativo de professores e professoras negras atuando no ensino superior, sejam elas públicas ou privadas. Segundo dados da Agência Brasil a entrada de professores negros em universidades públicas é abaixo de 1%.

Pesquisas recentes do Censo da Educação Superior apontam que nem a metade das universidades do país chegam a ter 20% de professores pretos em seus quadros. Números que, nitidamente, não condizem com a realidade brasileira.

Minha história como mulher negra professora, conduz a diversas reflexões sociais, dentre elas, o índice de mulheres negras professoras, atuando no ensino superior, visto que este índice é ainda menor, em 2023, a UFJF apontou que o número de docentes negras é de 26.770, enquanto o de homens negros é de 31.541. Em comparação, o número de professores brancos é mais que o dobro, com 176.778 docentes.

A realidade revelada nos dados, não deve ser um fator desmotivante para os docentes negros e sim um convite a novos estudos e discussões relacionadas a representatividade, assim como a descoberta das histórias de vida e das memórias que esses docentes apresentam em seus percursos formativos, são trajetórias com potencial inspirador, para outros docentes negros e mulheres negras que atuam ou pretendem atuar como docentes no Ensino superior.

A mulher negra professora, assim como todos os docentes negros, devem vencer e conquistar seu espaço através dos estudos, conforme observamos na fala de uma mulher negra professora no Estado de Goiás. "Quando você vive privada de muitas coisas, o sonho que se tem é sair daquela situação de privação". E foi esse o caminho que encontrei, pelo estudo. O estudo faz transformações em termos de mobilidade social na vida de pessoas negras e pobres. (CANAVARRO,2024).

A presença de professores negros na academia é um passo significativo para a superação das disparidades históricas e a promoção da igualdade de oportunidades no acesso ao ensino superior.

Pesquisar o percurso de professores negros nos permitiu, ainda, abordar a questão da Lei 12.711/2012, conhecida como a Lei de Cotas Raciais, no que se refere às reflexões no campo das políticas de ações afirmativas direcionadas a população negra no Brasil.

Nesta pesquisa com professores negros no Ensino superior, apresentaremos um

despertar acerca de problemas sociais como o racismo, uma vez que os docentes negros atuantes, estão sujeitos ao enfrentamento de preconceitos ou discriminações em função da cor, que podem ocorrer dentro e fora da academia.

Como forma de combate ao racismo na educação, abordaremos alternativas como a Lei 10.639/2003 denominada Lei da Educação Antirracista, destacando algumas considerações e reflexões acerca da educação antirracista adaptada ao Ensino Superior.

Professores negros, frequentemente desempenham um papel ativo na abordagem de temas relacionados à justiça social, racismo e desigualdade, contribuindo para a conscientização e educação dos alunos sobre essas questões críticas.

Para além da questão dos professores negros, esta pesquisa aborda ainda, a questão da não licenciatura destes docentes, que apresenta-se como um desafio a ser superado mediante a busca de conhecimentos e formação continuada para o aperfeiçoamento da prática docente no Ensino Superior.

As pesquisas sobre não licenciados atuando no ensino superior não são novas. Henrique (IFRN) por exemplo, vem trabalhando esse tema em seus textos desde a década de 1990. O que é novo nesse processo é como abordo essa temática. Parto da ideia de que a abordagem (auto)biográfica permite não apenas compreender esses percursos profissionais, como pode ajudar a orientar outros professores negros não licenciados, que queiram adentrar os caminhos da docência universitária.

Sobre a abordagem de escrita em questão, verificamos a visão de Santos, (2019, p.90):

A escrita de (auto)biografia pode ser vista como uma possibilidade de conhecimento sobre si mesmo a qual permite ter uma visão consciente dos processos formativos e das transformações ocorridas no decorrer da vida, que se contemporizaram no sujeito que reflete sobre si.

Conforme Preto e Riccio (2010), a formação docente é compreendida numa perspectiva de formação para a autonomia e isso demanda pensá-la de forma ampla, onde se busque a identificação do potencial de cada um com a valorização e intensificação deste potencial, pois isso o professor atuante no ensino superior ao ser contratado, deve atender aos requisitos acadêmicos exigidos para ministrar as disciplinas propostas.

A autora Felden (2017) comenta que “o desafio de estudar e analisar a docência na educação superior continua presente no campo da pedagogia

universitária como tema iminente, tendo em vista as pressões e demandas colocadas à universidade na contemporaneidade”. (FELDEN 2017, p. 750).

O problema da pesquisa está no seguinte questionamento: Que elementos são evidenciados no percurso (auto)formativo dos professores Negros no Ensino Superior? Essa problemática, pauta-se nas seguintes questões norteadoras: a) Quais dimensões (auto)formativas estão presentes, no percurso dos professores negros não licenciados? b) De que forma a (auto)formação docente tem retroalimentado a prática dos professores negros, não licenciados, no ensino superior? c) Como materializar em um produto educacional, recursos que auxiliem os professores Negros no seu percurso (auto)formativo no campo da educação antirracista?

A justificativa da escolha do tema em questão, foi motivada pela minha trajetória enquanto professora universitária negra não licenciada, assim como, a importância de suprir a escassez de pesquisas relacionadas à formação de docentes negros no ensino superior, a partir da abordagem (auto)biográfica.

O assunto proposto é de grande relevância no processo de investigação de professores, trata-se de um tema contemporâneo e pertinente, visto que nos estudos que abordam a aprendizagem da docência, as narrativas (auto)biográficas da pesquisadora e dos docentes pesquisados, podem ser analisadas como contributos à formação docente.

A relevância científica deste estudo se justifica pelo fato de que servirá de subsídio e referencial para estudos futuros, que se desenvolvam nesta linha de pesquisa, e a relevância social trará à luz da sociedade, informações acompanhadas da produção de um conhecimento reflexivo, crítico e científico, acerca do caminho para se pensar, o percurso de professores negros não-licenciados no ensino superior pelo viés da abordagem (auto)biográfica, como contributos à formação de professores.

A pesquisa tem como objetivo geral: Investigar o Percurso (Auto)formativo de Professores Negros Não Licenciados, no Ensino Superior, a partir da abordagem (Auto)biográfica. Os objetivos específicos são: apresentar conceitos que dialogam com a abordagem (auto)biográfica; demonstrar como as mais diversas trajetórias (auto)formativas, podem ser reveladas no contexto dos Professores Universitários Negros Não Licenciados; compreender o percurso (auto)formativo e pedagógico, os desafios raciais e as estratégias utilizadas pelos docentes negros não licenciados, a partir de um memorial formativo. Elaborar um produto educacional, pautado nas

investigações realizadas com os professores negros, não licenciados, que aborde orientações para se trabalhar a Educação Antirracista no Ensino Superior.

O capítulo 1, está organizado em oito sessões, sendo que a primeira sessão apresenta conceitos que dialogam com a abordagem (auto)biográfica. Neste capítulo encontra-se considerações sobre a população negra e o racismo, são apresentados fundamentos sobre a lei de cotas, discussões sobre professores negros nas universidades e o percurso metodológico da pesquisa.

A sétima sessão do capítulo 1, aborda a temática dos professores negros nas universidades e sua representatividade, apresenta a relação dos professores negros não licenciados e a Docência Universitária, assim como a Educação antirracista no Ensino Superior, seguidos da formação docente numa perspectiva antirracista.

O capítulo dois aprofunda-se nas análises e interpretações dos resultados obtidos na pesquisa. A primeira sessão do capítulo dois, trata da análise dos gráficos resultantes do questionário estruturado, a segunda sessão do capítulo dois, apresenta a análise das entrevistas individuais, a terceira sessão, analisa os resultados obtidos na Roda de conversa.

No capítulo três são apresentados os memoriais de todos os professores negros não licenciados participantes da pesquisa, incluindo o memorial formativo da pesquisadora bem como, a análise reflexiva destes memoriais, destacando os caminhos e as estratégias (auto)formativas que foram utilizadas, para que possamos evidenciar o terceiro objetivo específico que está em, compreender os desafios e estratégias presentes nos percursos (auto)formativos e pedagógicos de professores negros.

O capítulo quatro apresenta algumas considerações conceituais relacionadas a produto educacional, em seguida são apresentadas as versões que foram criadas no decorrer da pesquisa e o processo de elaboração e organização do produto educacional definitivo, apresenta-se ainda, o processo de avaliação do produto por professores negros, não licenciados que atuam no Ensino Superior.

CAPÍTULO 1- CONCEITOS QUE DIALOGAM COM A ABORDAGEM (AUTO)BIOGRÁFICA

Neste capítulo, apresento a importância de conceitos utilizados em pesquisas no campo da história de vida, para evidenciar o primeiro objetivo específico da pesquisa que, visa apresentar conceitos que dialogam com a abordagem (auto)biográfica, a partir do aporte teórico-metodológico, de trabalhos com as escritas de si.

1.1 História de Vida

Os indivíduos estão imersos em fatos e experiências originadas de suas próprias histórias. Delory-Momberger (2012), afirma que o indivíduo humano vive cada instante de sua vida como o momento de uma história, a qual, começa, se desenrola, chega a seu termo numa sucessão, superposição, empilhamento indefinido de episódios e peripécias, de provações e experiências.

A autora nos conduz à reflexão de que, os instantes vivenciados durante a trajetória de vida, são contabilizados como o momento de uma história, cujo princípio se torna o ponto de partida, para novas experiências que são adquiridas, mediante os acontecimentos que ocorrem em cada fase da história de vida.

Como afirma Larrosa (2002, p. 43):

[...] a própria experiência de si não é senão o resultado de um complexo processo histórico de fabricação no qual se entrecruzam os discursos que definem a verdade do sujeito, as práticas que regulam seu comportamento e as formas de subjetividade nas quais constitui sua interioridade. É a própria experiência de si que se constituiu historicamente como aquilo que pode e deve ser pensado. A experiência de si, historicamente constituída, é aquilo a respeito do qual o sujeito se oferece seu próprio ser quando se observa, se decifra, se interpreta, se descreve, se julga, se narra, se domina, quando faz determinadas coisas consigo mesmo, etc. E esse ser próprio sempre se produz com relação a certas problematizações e no interior de certas práticas.

Compreende-se que “é dentro dessa infinita variedade, que a pesquisa (auto)biográfica opera um recorte. Seu interesse recai especificamente sobre as narrativas (auto)biográficas, que se enraízam nessa atitude fundamental do ser humano”.

Conforme Passeggi; Souza, (2017, p.9):

Estes trabalhos, baseados na história de vida como método de investigação qualitativa e como prática de formação, procuram identificar, nas trajetórias de professores, questões de interesse para a pesquisa educacional, entre as quais: a razão da escolha profissional, as especificidades das diferentes fases da carreira docente, as relações de gênero no exercício do magistério, a construção da identidade docente, as relações entre a ação educativa e as políticas educacionais.

Verifica-se que, os acontecimentos vividos durante a história de vida do sujeito, são relevantes, tendo em vista a possibilidade reflexiva, que é externada mediante utilização do método (auto)biográfico, como forma de tornar conhecida a trajetória de fatos únicos, como o processo formativo e demais fatores semelhantes a história de vida de outros, para que ao ter conhecimento de si, o pesquisador e o pesquisado,, possam apresentar nova postura, diante das circunstâncias que se apresentam na contemporaneidade e que trouxeram contributos à formação.

De acordo com Souza; Passeggi, (2011, p.329):

No contexto brasileiro, as pesquisas desenvolvidas na pós-graduação em Educação, centradas em fontes (auto)biográficas, decorrem da criação e do empenho de grupos de pesquisas, que se voltam para as narrativas autorreferenciais e investigam os aportes teórico-metodológicos do trabalho com as escritas de si, como prática de pesquisa-ação-formação e como método de investigação em diversas áreas do conhecimento em educação.

Os autores comentam que, os estudos relacionados à (auto)biografia estão sendo realizados em diversos campos do contexto educacional. O que reforça a ideia de que haja continuidade, e uma expansão de investigações dentro desta temática, para que sejam geradas, novas fontes teóricas de pesquisa, como fundamento para análises e reflexões contantes que possam contribuir com a formação de professores.

1.2 Memórias

Memórias são fontes de informações úteis para a extração de fatos e fragmentos ocorridos na história de vida do sujeito.

perceptível a relevância das reflexões possibilitadas neste campo investigativo, com as quais podemos analisar transformações, evoluções e mudanças no decorrer da trajetória de quem compartilha memórias. Duran (2009, p.25) afirma que:

[...Considerar as discussões sobre a memória, é fundamental para uma investigação que articula histórias de vida, (auto)biografia e (auto)formação, porque “a lembrança é a história da pessoa e seu mundo”, porque “a unidade pessoal conserva intactas as imagens do passado, mas pode alterá-las,

conforme as condições concretas de seu desenvolvimento no presente...]

Ao estimularmos as memórias dos sujeitos, nos deparamos com uma diversidade de histórias distribuídas em diferentes campos de investigação, principalmente no campo da educação, onde busca-se as bases (auto)formativas e profissionais dos sujeitos. Memórias de infância, memórias acadêmicas, profissionais e pedagógicas.

Podemos observar a importância do momento de compartilhar as memórias, conforme (Marques, 2004,p.3):

Ao me debruçar sobre as lembranças tão bem guardadas lá no “fundo do baú” das memórias, pergunto-me, o que dizer? O que escrever? Por onde começar? Perguntas que, num primeiro momento, revelam-se tão distantes e até um pouco difíceis de ser respondidas, pois encobrem um quebra-cabeça que, em determinados momentos, tornam-se um diálogo solitário e, em outros, uma inquietação expressa, presente na relação com o outro.

As memórias possibilitam o acesso ao arcabouço de experiências e fatos ocorridos durante a trajetória de vida do indivíduo que, tende a passar por momentos de dúvidas e incertezas, relacionadas a quais acotecimentos poderão ser revelados e compartilhados de forma a contribuir com sua autoreflexão e resignificação, assim como a contribuição e o olhar para com o outro.

Podemos observar que a memória resgata as lembranças tristes e alegres fixadas no passado do indivíduo, conforme Evaristo (198,p.146):

É a necessidade de resgatar as histórias que as lembranças vão recompondo, muitas vezes associando pedaços de umas ao que sobra de outras. E se a narrativa guarda muito da visão amorosa de quem resgata as lembranças, os casos tristes e as cenas de alegria, nela também se registram palavras de ordem que, ditas por algumas personagens, revelam a certeza de que, ao serem narradas as histórias de um tempo passado, a intenção de denúncia não se omite, ainda que, por vezes, assinale uma ruptura com o relato de vidas que expõe.

As memórias são parte de nós, seres humanos em pleno exercício de vida, muitas delas, reservadas em um espaço pouco explorado até que o próprio indivíduo compartilhe ou que seja estimulado por terceiros, a iniciar a revelação do que se guarda. As memórias compartilhadas resignificam os indivíduos que a leem ou que a ouvem.

É possível compreender a diferença entre memória e história, conforme Nora

(1993, p.3):

Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma a outra. A memória é a vida, sempre carregada de grupos vivos e, nesse sentido ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações.

A memória difere da história, pois a memória trata-se de elemento vivos e apresenta-se em constante mutação, mas também anda cercada pelos fatos esquecidos, que não chegam a ser compartilhados, ou por que foram marcantes no sentido negativo ou por que foram considerados inconscientemente como menos importante.

Podemos observar o que diz Pollak (1989, p.8):

[..] existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncios, "não-ditos". As fronteiras desses silêncios e "não-ditos" com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento. Essa tipologia de discursos, de silêncios, e também de alusões e metáforas, é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos.

Os silêncios permeiam a memória, assim como os esquecimentos, estimulados muitas vezes por receios de julgamentos em trono do que se pretende compartilhar, as memórias acessam conhecimentos, fatos, lutas e vitórias que foram enfrentados mediante diversos contextos e tendem a provocar emoções ao serem acessadas pelo indivíduo que a compartilha.

Acerca da Memória e do esquecimento, comenta Souza (2006,p.70):

Sobre a relação memória e esquecimento, buscamos em Augé5 pistas para entender que as mesmas são solidárias e vinculadas ao tempo presente. O esquecimento nos remete ao presente, mesmo que seja para viver em outra dimensão as experiências circunscritas de nossa vida.

A relação entre memória e esquecimento, conforme o pensamento de Marc Augé, está estreitamente ligada ao tempo presente. O esquecimento não se configura como uma perda absoluta, mas como um mecanismo que nos permite focar no agora, reorganizando nossa experiência. As memórias que escolhemos manter ou deixar de lado, moldam a nossa percepção do momento atual, refletindo como vivemos e interpretamos o mundo. Para Augé, o esquecimento não é um ato de negação, mas uma forma de criar espaço para novas vivências e significados.

1.3 Narrativas

Conforme Souza (2021) as narrativas (auto)biográficas e as aprendizagens vinculadas às práticas de biografização inscrevem-se como dispositivos de empoderamento, enquanto possibilitam aos sujeitos, modos diversos de enfrentamento e de ressignificação das situações cotidianas da vida.

O autor salienta que os desafios contidos na trajetória de vida geram empoderamento diante das estratégias de enfrentamento utilizadas para contornar as diversas situações vividas, assim como o aprendizado que resulta em ações inovadoras e aperfeiçoamento do indivíduo, conforme o que afirma Souza, 2006, p. 136:

A escrita da narrativa, potencializa no sujeito o contato com sua singularidade e o mergulho na interioridade do conhecimento de si, ao configurar-se como atividade formadora, porque remete o sujeito para uma posição de aprendiz e, questiona suas identidades a partir de diferentes modalidades de registro que realiza sobre suas aprendizagens experienciais.

As narrativas estimulam o indivíduo a mergulhar em suas particularidades ninguém consegue decifrar o conhecimento que o sujeito possui além dele mesmo, isto é, a partir do momento que o indivíduo narra a sua história, passa a ser conhecido como o senhor de si, pois compartilha saberes, fatos e momentos que somente ele experienciou e por isso apresenta os melhores detalhes.

Podemos perceber a narrativa de acordo com a visão de SOUZA, (2006, p.136):

O estudo da narrativa representa a forma como nós, seres humanos, experimentamos o mundo. Desta ideia geral, pode-se apreender que a educação é a construção e re-construção de histórias pessoais, sociais, coletivas e individuais dos atores que constroem o cotidiano, a cultura escolar.

As narrativas possibilitam a ressignificação das histórias, que ao serem compartilhadas, possuem o poder de conduzir o leitor a fazer parte dos fatos verificando as semelhanças e diferenças de ações que poderiam ter sido tomadas com base nas experiências de cada indivíduo com seus sentimentos e emoções.

A narrativa é tanto um fenômeno quanto uma abordagem de investigação-formação, porque parte das experiências e dos fenômenos humanos advindos das mesmas. O que é a educação senão a construção sócio-histórica e cotidiana das narrativas pessoal e social? O cotidiano humano, é sobretudo, marcado pelas trocas de experiências, pelas narrativas que

ouvimos e que falamos, pela forma como contamos as histórias vividas. (Souza, 2006, p.136).

“A Narrativa é rica em termos de experiência humana, pelas interações que se estabelecem entre todas as pessoas envolvidas, exaustiva pelo necessário aprofundamento e diversidade de estratégias para coleta de informação”. (GALVÃO, 2005, p. 343).

O início destas narrativas, muitas vezes, destaca a influência de mentores, a escolha da área de estudo e os desafios enfrentados durante a formação acadêmica.

Em relação a investigação narrativa Galvão (2005, p. 329) afirma que:

Sob o termo de investigação narrativa incluem-se várias perspectivas, desde a análise de biografias e de autobiografias, histórias de vida, narrativas pessoais, entrevistas narrativas, etnobiografias, etnografias e memórias populares, até acontecimentos singulares, integrados num determinado contexto. Narrativa tem, no entanto, sempre associado um caráter social, explicativo de algo pessoal ou característico de uma época.

A narrativa dialoga com diversos conceitos (auto)biográficos que, com base nas histórias de vida dos indivíduos, proporciona a reflexão para quem narra e para quem ler, uma vez que os fatos narrados são suficientes para convidar o leitor a fazer parte dos momentos, mediante a análise das situações e possíveis soluções.

Podemos verificar a visão de Galvão (2005, p.3):

Sob o termo de investigação narrativa, incluem-se várias perspectivas, desde a análise de biografias e de autobiografias, histórias de vida, narrativas pessoais, entrevistas narrativas, etnobiografias, etnografias e memórias populares, até acontecimentos singulares, integrados num determinado contexto. Narrativa tem, no entanto, sempre associado um caráter social explicativo de algo pessoal ou característico de uma época.

Ao narrar sua própria trajetória, o ser humano expõe os acontecimentos de forma autêntica e segura por ser o senhor de si e da sua própria história, ele narra ciente de que, terá acesso a um misto de sentimentos e emoções, proporcionadas pelas lembranças que estão sendo compartilhadas, essa também é uma forma concreta de experienciar a narrativa.

1.4 Biografia e (Auto)biografia

Autores comentam que o índice de pesquisas realizadas com professores, enaltecem o contexto das experiências vividas em diferentes tempos, são processos onde os participantes potencializam suas histórias, ao narrar suas vivências no contexto educativo, contribuindo para sua própria formação, por isso as investigações estão crescendo de forma positiva no campo da biografia Souza (2006,p.136), afirma que:

A crescente utilização da abordagem biográfica em educação, busca evidenciar e aprofundar representações sobre as experiências educativas e educacionais dos sujeitos, bem como potencializa entender, diferentes mecanismos e processos históricos relativos à educação, em seus diferentes tempos. Também porque as biografias educativas, permitem adentrar num campo subjetivo e concreto, através do texto narrativo, das representações de professores sobre as relações ensino-aprendizagem, sobre a identidade profissional, os ciclos de vida, e por fim, busca entender os sujeitos e os sentidos e situações do contexto escolar.

Podemos observar que a biografia de uma pessoa apresenta traços, fatos que podem ser semelhantes a fatores presentes nas características de outro indivíduo que, ao ter contato com a leitura, irá deparar-se com as semelhanças ou diferenças identificadas. “O professor, nesta perspectiva, é objeto e sujeito da pesquisa, e a investigação não se pauta somente em suas ações como docente, mas em sua própria vida de professor”. (NÓVOA, 2002,p.77).

Compreende-se que a biografia permite a valorização do indivíduo, com suas peculiaridades e características únicas que, podem representar diferentes interpretações e aprendizados para o leitor, que pode refletir sobre o contexto de vida compartilhado, e assim, agregar valor a sua própria história, através de mundanças de pensamento, que podem produzir arrependimentos ou orgulho da própria história.

Há relevância em investir em pesquisas que enfatizam a abordagem(auto)biográfica principalmente no que se refere ao contexto educacional. “Compreender os processos de formação empreendidos pelo sujeito que, em exercício narrativo, reflete sobre a sua vida, é o ponto de partida para pensarmos as contribuições da abordagem (auto)biográfica à formação humana”. (NEVES, at al. 2020, p.12).

A (auto)biografia de professores no ensino superior oferece uma visão única das experiências pessoais e profissionais que moldaram suas trajetórias acadêmicas. O

início dessas narrativas muitas vezes destaca a influência de mentores, a escolha da área de estudo e os desafios enfrentados durante a formação acadêmica.

A descrição do percurso profissional geralmente aborda o ingresso no ensino superior, as primeiras experiências como docente, e os momentos marcantes ao longo da carreira. Muitos professores compartilham suas abordagens pedagógicas, destacando métodos de ensino inovadores e estratégias utilizadas para engajar os alunos.

A (auto)biografia destaca a história de vida de quem narra, isto é, o autor relata sua história de forma detalhada e profunda de forma que o leitor compreenda o início, meio e fim dos acontecimentos e experiências vividas. “O trabalho da (auto)biografia é constituída por narrativas em que as pessoas lembram sobre fatos.

As que aconteceram, bem como, organizam a experiência em uma sequência, para tornar-se conhecida em uma trajetória de vida”. (ZARTH, 2018, p.18). As (auto)biografias também revelam a importância da pesquisa na carreira acadêmica, destacando descobertas significativas, projetos relevantes e contribuições, para o avanço do conhecimento em sua áreas.

Os desafios enfrentados no ambiente acadêmico como a pressão por publicações, a busca por financiamento para pesquisas e as demandas administrativas, são temas frequentes nessas narrativas. A evolução das perspectivas e valores ao longo do tempo é explorada, incluindo reflexões sobre mudanças no sistema educacional e na sociedade com um todo.

A conciliação entre vida profissional e pessoal também é abordada, revelando os desafios de equilibrar as exigências da carreira acadêmica com a vida familiar e pessoal. Na abordagem (auto)biográfica, os professores ressaltam a gratificação pessoal derivada do ensino superior, enfatizando o impacto duradouro que os professores têm na formação de futuras gerações de profissionais e cidadãos.

1.5 Formação e (Auto)formação

Refletir sobre seu processo de formação, possibilita ao sujeito uma visão peculiar e crítica sobre sua trajetória formativa incluindo, fragmentos de superação, resiliência, estratégias utilizadas, e fatos que ao serem relatados conduzem ao sentimento de orgulho pelas conquistas e aprendizados com as experiências consideradas negativas.

É importante destacar que, ao tratarmos da trajetória de professores, faz-se necessário ressaltar a relação entre o método (auto)biográfico e a formação do sujeito, uma vez que, "valorizando os processos de formação e assumindo a totalidade da história de vida de uma pessoa, o método biográfico facilita o desenvolvimento de uma sociologia holística da formação". (NÓVOA; FINGER, 2014, p.22). Segundo os autores, esse processo ocorre da forma mais adequada à especificidade de cada indivíduo.

Dessa forma, enquanto atividade formadora, a narrativa de si e das experiências vividas ao longo da vida caracterizam-se como processo de formação e de conhecimento, por que se ancora, nos recursos experienciais engendrados nas marcas acumuladas das experiências construídas e de mudanças identitárias vividas pelos sujeitos em processo de formação e desenvolvimento. (SOUZA, 2006, p.136).

Uma narrativa de si é um processo introspectivo, que permite uma identidade refletida sobre suas experiências, trajetórias e trajetórias. Ao contar sua história, o indivíduo desenvolve um sentido de pertencimento e autoconhecimento, conectando passado e presente.

Essa prática é fundamental para a formação da identidade, pois ajuda a compreender como fatores sociais, culturais e pessoais influenciam suas escolhas e vivências. Além disso, compartilhar essa narrativa pode criar empatia e fortalecer laços sociais, promovendo a valorização da diversidade de histórias que compõem a sociedade. É um exercício de resistência e afirmação, especialmente.

Compreender as exigências formadoras, e a aprendizagem experiencial como dimensão do trabalho com a abordagem experiencial ou biográfica, permite-me acessar as narrativas (auto)biográficas da história de vida, por entender que a fecundidade de cada opção possibilita apreender de um outro lugar, as aprendizagens que foram construídas ao longo da vida e potencializá-las no percurso de formação. (SOUZA, 2006, p.136).

A temática da (auto)formação representa grande relevância para as pesquisas relacionadas à formação de professores. As investigações sobre a (auto)formação do

indivíduo possibilitam trazer à memória, acontecimentos que marcaram a jornada acadêmica e formativa de quem relata, pois o fato de narrar as experiências vividas, também pode ser caracterizado como uma parte do processo (auto)formativo. De acordo com (Finger; Nóvoa, 2014, p.23):

A problemática da (auto)formação constitui um dos eixos de investigação mais interessantes no domínio da sociologia da formação. Ora, essa problemática foi consideravelmente aprofundada mediante a utilização do método biográfico, a medida que foi possível um melhor conhecimento dos momentos e dos fatores constituintes do processo de (auto)formação, aliás, a pessoa que se implica numa abordagem desse gênero está inevitavelmente desencadeando um processo de autoformação.

A (auto)formação de professores no ensino superior, representa um processo contínuo de aprendizado e aprimoramento profissional, no qual os educadores buscam ativamente desenvolver suas competências.

No contexto acadêmico, a (auto)formação muitas vezes começa com a busca por novos conhecimentos, seja através da leitura de obras relevantes, participação em cursos online ou frequência a eventos acadêmicos. A incorporação de tecnologias educacionais é um aspecto essencial da (auto)formação permitindo que os professores se mantenham atualizados em métodos de ensino inovadores e adaptáveis às mudanças na educação.

A reflexão crítica sobre a prática docente é uma componente central da (auto)formação, levando os professores a avaliar suas abordagens pedagógicas, identificar pontos de melhoria e ajustar suas estratégias de ensino. O compartilhamento de experiências e práticas eficazes entre colegas, desempenha um papel fundamental na (auto)formação, promovendo um ambiente colaborativo e estimulando a troca de ideias inovadoras.

A autenticidade e adaptabilidade são características valorizadas na (auto)formação de professores, visto que a dinâmica do ensino superior está sujeita a mudanças contantes. A busca por cursos de especialização, participação em workshops e a obtenção de certificações são estratégias comuns adotadas na (auto)formação visando a ampliação do repertório profissional.

A (auto)formação também abrange a habilidade de lidar com a diversidade, seja cultural, de aprendizagem ou de estilos de ensino, promovendo um ambiente inclusivo e enriquecedor. A análise crítica de pesquisas educacionais e a aplicação dos resultados na prática docente, são elementos que destacam a importância da

(auto)formação, na contribuição para a base teórica e prática do ensino superior.

Em síntese, a (auto)formação de professores no ensino superior é um processo dinâmico, impulsionado pela motivação intrínseca de crescimento profissional, adaptabilidade às mudanças e compromisso contínuo com a excelência no ensino.

1.6 População Negra: Marcos Legais e Racismo

A população negra é formada pelo conjunto de pessoas pretas e pardas conforme o quesito cor, raça utilizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE ou que adotam autodefinição análoga. (Estatuto da Igualdade Racial, Lei 12.228 de 20 de Julho de 2010).

Podemos verificar o percentual da população negra no Brasil, conforme gráfico 2:

Gráfico 1: Proporção da População Negra no Brasil



Fonte: G1Jornal Nacional (2022)

A população negra representa cerca de 56% da população brasileira, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) contínua do Instituto de Geografia e Estatística (IBGE), divulgada em 2019.

Com o passar dos anos, alguns marcos legais foram ocorrendo em favor da população negra no Brasil, o primeiro deles trata-se da Lei áurea. A Lei áurea (1988), lei que oficializou a abolição da escravatura que, concedeu a liberdade aos negros escravizados.

A constituição de 1988 garante a igualdade de todos perante a lei, sem distinção de raça ou cor, promovendo a inclusão e proteção dos direitos dos cidadãos negros.

Estatuto da Igualdade racial (2010) instituiu políticas de promoção da igualdade racial, combate à discriminação, e a criação de mecanismos para garantir

a participação dos negros em diversos setores da sociedade.

A Lei 7.716/89, também conhecida como Lei do Racismo, pune qualquer tipo de preconceito ou discriminação, seja por raça, sexo, cor, idade ou origem. O artigo 3º da lei prevê como ilícita a conduta de impedir ou dificultar o acesso a cargos públicos ou promoções, por motivos de preconceito.

O artigo 5º, XLII, da Constituição Federal define o racismo como um crime inafiançável e imprescritível, passível de pena de reclusão.

Podemos observar a evolução dos marcos legais conforme mostra o quadro 1:

Quadro 1- Marcos Legais sobre Negros no Brasil

Marcos Legais sobre Negros no Brasil					
Marco	Lei Áurea	Constituição Federal	Educação Antirracista Lei 10.639-2003	Estatuto da Igualdade Racial	Cotas Raciais (Lei 12.711-2012)
Ano	1888	1988	2003	2010	2012
Benefício	Oficializou a abolição da escravatura.	Garante a igualdade de todos perante a lei, sem distinção de raça ou cor, promovendo a inclusão e proteção dos direitos dos cidadãos negros.	Foi estabelecida a obrigatoriedade do ensino da História e cultura Afro-Brasileira e Africana nas escolas.	Instituiu políticas de promoção da igualdade racial, combate à discriminação, e a criação de mecanismos .	Implementou políticas de ação afirmativa, reservando vagas para negros em universidades públicas.

Fonte-Elaborado pela autora (2024)

No que se refere a Lei áurea em (1888), a abolição é fruto da luta dos homens e mulheres negros escravizados e não uma concessão das elites brancas do país.

A Lei 10.639-2003, foi estabelecida a obrigatoriedade do ensino da História e cultura Afro-Brasileira e Africana nas escolas, visando combater o racismo estrutural e promover a valorização da contribuição negra para a formação do país.

Cotas Raciais (Lei 12.711-2012) implementou políticas de ação afirmativa, reservando vagas para negros em universidades públicas, visando corrigir desigualdades históricas no acesso ao ensino superior.

Os marcos legais dos negros no Brasil são fundamentais para a promoção da igualdade racial, e a reposição histórica das injustiças sofridas pela população negra. Legislações como a Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas, desempenham um papel crucial na valorização da identidade e na construção de uma narrativa mais inclusiva. Além disso, a criação de políticas de cotas em universidades e concursos públicos, busca corrigir

desigualdades históricas, garantindo maior acesso a oportunidades.

Esses marcos legais não apenas confirmam a luta por direitos, mas também incentivam a reflexão sobre a diversidade cultural do Brasil. Ao garantir direitos e promover ações afirmativas, eles são considerados para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, onde a cor da pele não determina o acesso a oportunidades. Portanto, esses instrumentos são essenciais para a efetivação de uma cidadania plena e o fortalecimento da democracia.

1.6.1 Lei de cotas raciais

A Lei de Cotas Raciais, instituída no Brasil pela Lei nº 12.711 de 2012, visa promover a inclusão de estudantes negros, pardos e indígenas em instituições de ensino superior. Essa legislação estabelece que 50% das vagas em universidades federais e institutos federais de educação devem ser reservadas para estudantes que tenham cursado o ensino médio em escolas públicas, priorizando aqueles que se autodeclararam negros, pardos ou indígenas. O objetivo é combater a desigualdade racial e social, reconhecendo as barreiras históricas enfrentadas por esses grupos.

Art. 3º Em cada instituição federal de ensino superior, as vagas de que trata o art. 1º desta Lei serão preenchidas, por curso e turno, por autodeclarados pretos, pardos, indígenas e quilombolas e por pessoas com deficiência, nos termos da legislação, em proporção ao total de vagas no mínimo igual à proporção respectiva de pretos, pardos, indígenas e quilombolas e de pessoas com deficiência na população da unidade da Federação onde está instalada a instituição, segundo o último censo da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). BRASIL (2012).

A lei é uma resposta a séculos de exclusão e marginalização, buscando garantir maior diversidade e equidade nas universidades. A implementação da política de cotas gera debates acalorados, com defensores argumentando que é uma medida necessária para a reparação histórica e a construção de uma sociedade mais justa. Críticos, por outro lado, levantam questões sobre a meritocracia e a efetividade das cotas.

Estudos indicam que a lei tem contribuído para o aumento da presença de estudantes negros e pardos no ensino superior, promovendo a diversidade e enriquecendo o ambiente acadêmico. Além disso, a inclusão desses estudantes pode ter um impacto positivo no mercado de trabalho, desafiando estereótipos e

preconceitos.

A Lei de Cotas é um passo importante na luta contra a desigualdade racial, mas também ressalta a necessidade de políticas complementares que abordem questões estruturais, como a melhoria da educação básica e o combate à discriminação. Assim, a discussão sobre cotas deve ser parte de um esforço mais amplo para a construção de uma sociedade mais igualitária.

1.6.2 Preconceito e Discriminação Racial

O preconceito racial é um sentimento abominável e deve ser combatido por todos que atuam e defendem a diversidade e os direitos humanos. “Preconceito racial é uma opinião ou julgamento negativo previamente concebido a respeito de um determinado grupo racial, podendo ou não resultar em discriminação.” (COELHO, et al. 2020,p.8). Observamos o gráfico a seguir:

Gráfico 2: Percepções sobre preconceito contra negros no Brasil



FONTE: Poder Data (2020)

O gráfico acima, mostra que oito em cada 10 pessoas consideram que existe preconceito contra negros no Brasil. A pesquisa foi realizada em dois períodos, sendo de 23 a 24 de Junho de 2020 e o outro período de 9 a 1 de Novembro de 2020.

Ele pode estar subjacente a várias atitudes e comportamentos e presente em discursos, símbolos e expressões, sem contudo, ser percebido de forma explícita.

Configura-se, muitas vezes, como espécie de “mimetismo” no campo das relações pessoais, o que dificulta a sua identificação. Entretanto, quando expresso, torna-se mais violento e opressivo. De acordo com Rocha (2016), pode se manifestar por meio da omissão, quando há o silenciamento frente a violações de direitos e à

manutenção de privilégios de uns em detrimento dos direitos de outros, ou por uma ação direta que, neste caso, denominamos discriminação.

Conforme o Estatuto da Igualdade Racial (2010):

Discriminação racial ou étnico-racial: toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício, em igualdade de condições, de direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural ou em qualquer outro campo da vida pública ou privada.

Para Rocha (2016), a discriminação racial viola direitos, produzindo e ampliando a desigualdade. Retira das pessoas a dignidade, alija do acesso a bens e serviços, expõe a situações vexatórias, humilha, invisibiliza, causa isolamento social. Trata-se de uma situação concreta ou de ameaça aos direitos e à dignidade humana.

A discriminação Racial, manifesta-se no âmbito das relações sociais, podendo se apresentar de diferentes formas e situações. Desde atitudes de hostilidade expressas com palavras (escritas ou faladas) a símbolos que criam ou reforçam estereótipos racistas. ROCHA, (2016,p.13).

Esse tipo de situação, quando ocorre provoca revolta por parte de quem sofre e de quem presencia atitudes discriminatórias. “Toda situação injustificada de diferenciação de acesso e fruição de bens, serviços e oportunidades, nas esferas pública e privada, em virtude de raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica.” (Estatuto da Igualdade Racial, Lei 12.228 de 20 de julho de 2010).

A discriminação racial é uma manifestação prática do racismo, evidenciada por atitudes e comportamentos que desvalorizam os indivíduos com base no coração da pele. “Discriminação racial é a materialização do racismo e do preconceito racial por meio de ação pessoal ou coletiva e de ações administrativas ou institucionais”. (COELHO, et al. 2020,p.8).

Essa prática se materializa em diversas esferas, como no mercado de trabalho, onde pessoas negras frequentemente enfrentam barreiras para conseguir empregos ou promoções. Também se reflete no acesso desigual a serviços de saúde, educação e justiça. Além disso, a discriminação racial perpetua estereótipos específicos, reforçando um ciclo de desigualdade.

1.6.3 Desigualdade e Equidade Racial na Docência Universitária

Desigualdade racial refere-se a disparidades sociais, econômicas e políticas que afetam indivíduos e grupos com base em sua raça ou etnia. “Desigualdade racial é toda situação injustificada de diferenciação de acesso e fruição de bens, serviços e oportunidades, nas esferas pública e privada, em virtude de raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica”. (Estatuto da Igualdade Racial, Lei 12.228 de 20 de julho de 2010).

Essa desigualdade se manifesta em diversas áreas, como acesso à educação, mercado de trabalho, saúde e sistema de justiça. Historicamente, populações negras e indígenas enfrentaram maiores obstáculos e discriminação, resultando em condições de vida inferiores.

As desigualdades raciais na docência universitária são um reflexo das disparidades históricas e sociais que permeiam a sociedade brasileira. A sub-representação de professores negros nas instituições de ensino superior é um dos aspectos mais visíveis dessa problemática, evidenciando a falta de oportunidades e o acesso desigual ao conhecimento e ao poder.

Estudos mostram que, apesar dos estudantes negros representarem uma parte significativa da população universitária, a maioria dos docentes ainda é composta por brancos, o que limita a diversidade de perspectivas.

Na visão de Correa (2024,p.1):

A desigualdade racial na docência universitária, é generalizada e profunda. Ela se estabelece por meio de um racismo não verbalizado, porém, materializado pelos que decidem as políticas educacionais. Nos cursos universitários, os estudantes aprendem diferentes teorias para o exercício docente. Estudam didática, epistemologia da ciência e do ensino, fundamentos filosóficos e sociológicos, metodologias científicas, teorias de aprendizagem, mas, nenhum dos subsídios intelectuais são pensados nas particularidades do povo negro. A abordagem técnica desconsidera as relações políticas baseadas no racismo e o impacto gerado na aprendizagem dos estudantes negros.

A desigualdade racial na docência universitária se manifesta na sub-representação de professores negros que ainda são minoria nas instituições de ensino superior. Essa disparidade limita a diversidade de perspectivas acadêmicas, e contribui para um ambiente educacional homogêneo.

A igualdade racial refere-se ao princípio de garantir que todas as pessoas,

independentemente de sua raça ou etnia, tenham acesso igualitário a oportunidades e recursos. “Revela um senso de justiça em que o tratamento ou modo de agir em relação a determinada pessoa, deve se dar com base no reconhecimento das características individuais e necessidades específicas de cada pessoa”. (SOUZA; CHAVES, 2022, p.1).

No Brasil, a equidade racial é particularmente relevante, dada a sua diversidade étnica e as profundas desigualdades que persistem na sociedade. Isso implica não apenas a eliminação da discriminação, mas também a implementação de políticas que promovem a inclusão e as peças históricas das injustiças sofridas por grupos racializados.

Ações afirmativas, como cotas em universidades e empregos, são exemplos de medidas, que visam corrigir desigualdades e promover a inclusão. Além disso, a promoção da equidade racial envolve a educação, a conscientização e o combate aos estereótipos específicos. Criar um ambiente onde todas as vozes sejam ouvidas e respeitadas, é essencial para a construção de uma sociedade mais justa.

1.6.4 Raça e Etnia- Algumas considerações

Geralmente, encontramos o uso desses dois termos sendo aplicado em diversos contextos, porém será que de fato, estão sendo empregados corretamente? É importante ressaltar a diferença conceitual que essas palavras apresentam, Conforme (Coelho et al.2020,p.1):

Raça é um grupo de indivíduos que compartilham um conjunto de características fenotípicas, isto é, um conjunto de características físicas como, por exemplo, cor da pele, formato do rosto e textura do cabelo. Raça enquanto categoria biológica não existe, porém, historicamente, o termo assumiu um significado social e político.

Muitas pessoas na sociedade, em algum momento, ouviram o termo raça como categoria biológica, porém podemos observar, que não está atrelado a biologia e sim, a uma perspectiva social e política, conforme Rocha (2016, p.8):

O conceito de raça que é, muitas vezes, utilizado em uma conotação biologicista, ultrapassada, conservadora e sem fundamentação científica, deve ser compreendido hoje como uma construção sócio-histórica, despojado de qualquer elaboração com bases biológicas. Raça, entendida nesta perspectiva, é uma categoria complexa, multifacetada e indispensável ao debate sobre discriminação racial e racismo. E a sua apropriação, sob a perspectiva da totalidade social, se faz premente e necessária no âmbito dos

estudos e reflexões acerca do racismo nas sociedades contemporâneas.

“É importante destacar, a importância dos movimentos sociais negro e antirracista, nesse processo de abandono, da concepção biológica do termo raça”. (ROCHA,2016,p.8). A qual resulta em sua resignificação, como uma categoria fundamental para análise das relações e desigualdades étnico-raciais.

Devido à tragédia do nazismo, muitos pesquisadores, com vistas a superar a ideia de raça no sentido biológico, passaram a utilizar o termo etnia, ao se referirem a povos como os judeus, índios, negros, entre outros grupos. “A intenção era enfatizar que os grupos humanos não eram marcados por características biológicas herdadas dos seus pais, mães e ancestrais mas, sim, por processos históricos e culturais”. (GOMES, 2025,p.50).

“Etnia é um grupo de indivíduos que compartilham características sócio-culturais. Pertencer a um mesmo grupo racial não significa necessariamente pertencer à mesma etnia”. (COELHO, et al. 2020,p.1). A etnia é um conceito que se refere a um grupo de pessoas que possuem características culturais, históricas, linguísticas e, muitas vezes, físicas. Esses grupos são identificados por meio de elementos como tradições, religião, língua e uma narrativa comum, que fortalecem a coesão social.

1.6.5 Racismo e suas Tipologias

Racismo são práticas que partem da crença de que uma raça é superior a outra. Estas práticas podem partir de uma pessoa, instituição ou até mesmo do âmbito político. (TOURINHO, 2017,p.26). “Não é possível estudar as relações sociais no Brasil, sem trazer para esse campo o entendimento do que seja racismo e de como se formou e se comporta em nosso país”. (SILVA, 2016,p.93).

Racismo é um sistema de opressão estruturante das sociedades. Por meio da criação de uma hierarquia entre os grupos raciais, estabelece privilégios políticos, econômicos, sociais e simbólicos para um grupo em prejuízo dos demais. Pode também ser definido como um sistema ideológico de hegemonia racial. (COELHO, et al. 2020,p.8).

De acordo com Almeida (2018), o racismo se faz presente na sociedade, por meio de diversas nuances, gerando uma categorização racial e hierarquizadas dos indivíduos. Ele se manifesta de modo individual, através de atos racistas explícitos, ou de modo estrutural, norteador relações sociais pautadas na desigualdade e na negação de direitos às pessoas negras.

Conforme Silva (2020, p.6):

Esta prática maliciosa e intencional desencadeia uma série de infortúnios, a saber: desumanização dos diferentes sujeitos; folclorização e exotismo dos indivíduos; conflitos e agruras na construção de identidades étnico-racial; baixa estima; e transtornos mentais.

O racismo se manifesta de diferentes formas, desde atitudes no âmbito das relações individuais, a relações estruturais e institucionalizadas. Manifesta-se tanto em ações concretas de discriminação racial, como em atitudes de omissão frente a injustiças decorrentes da condição étnico-racial.

Segundo Rocha (2016), o racismo gera impactos negativos, pois é gerador de múltiplas violências, guerras, desigualdade racial, perseguição religiosa, extermínio. E pode estar subjacente a ideias preconceituosas e a práticas de discriminação, segregação, isolamento social e aniquilamentos.

O racismo estrutural é uma preocupação social profundamente enraizada nas instituições e práticas de uma sociedade, manifestando-se em desigualdades econômicas, educacionais e sociais que afetam desproporcionalmente as populações negras e outras minorias étnicas.

Conforme Almeida (2019, p.33):

O racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que ocorre “pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição”. Nesse caso, além de medidas que coíbam o racismo individual e institucionalmente, torna-se imperativo refletir sobre mudanças profundas nas relações sociais, políticas e econômicas.

Ele não se restringe a atos isolados de discriminação, mas está incorporado nas normas, políticas e estruturas que perpetuam a exclusão e a marginalização.

Para Galindo (2023, p.10):

O racismo estrutural é fruto de um processo histórico. É um termo utilizado para reforçar o fato de que muitas sociedades foram construídas com base na discriminação que privilegia algumas raças em detrimento de outras. Corresponde à institucionalização do racismo em todas as áreas sociais.

Esse tipo de racismo se reflete em altas taxas de pobreza, falta de acesso a serviços de saúde de qualidade, baixa representatividade no mercado de trabalho e

na academia, além de desigualdades no sistema de justiça. O combate requer uma análise crítica das práticas sociais e uma transformação profunda nas instituições, promovendo a equidade e garantindo que todos tenham oportunidades iguais.

O racismo estrutural no Brasil é um legado histórico que remonta ao período colonial e à escravidão, quando milhões de africanos foram trazidos forçosamente ao país. Essa herança criou uma posição social que ainda persiste, refletindo-se nas desigualdades econômicas, educacionais e sociais que afetam predominantemente a população negra.

Apesar dos avanços nas últimas décadas, como a implementação de políticas de ação afirmativa, os impactos do racismo estrutural permanecem visíveis em diversas esferas da vida, desde o acesso a serviços públicos até as oportunidades de emprego.

A desigualdade racial no Brasil se manifesta em estatísticas alarmantes, como a disparidade nos índices de homicídio, onde jovens negros são as principais vítimas, e nas taxas de analfabetismo, que são significativamente maiores entre a população negra.

O racismo institucional refere-se a práticas, políticas e normas dentro de instituições que perpetuam a desigualdade racial, muitas vezes de forma inconsciente ou sistêmica. Esse tipo de racismo se manifesta em áreas como educação, saúde, justiça e mercado de trabalho, onde indivíduos de grupos minoritários enfrentam barreiras e discriminação.

O conceito de racismo institucional foi um enorme avanço no que se refere ao estudo das relações raciais. Primeiro, ao demonstrar que o racismo transcende o âmbito da ação individual, e, segundo, ao frisar a dimensão do poder como elemento constitutivo das relações raciais, não somente o poder de um indivíduo de uma raça sobre outro, mas de um grupo sobre outro, algo possível quando há o controle direto ou indireto de determinados grupos sobre o aparato institucional.

Em consonância com Almeida, (2019, p.29):

Já o racismo institucional é “menos evidente, muito mais sutil, menos identificável em termos de indivíduos específicos que cometem os atos”. Porém, alertam os autores para o fato de que o racismo institucional “não é menos destrutivo da vida humana”. O racismo institucional se “origina na operação de forças estabelecidas e respeitadas na sociedade e, portanto, recebe muito menos condenação pública do que o primeiro tipo”.

Embora não seja restritiva a atos individuais de preconceito, suas consequências são profundas, resultando em benefícios significativos para a população negra e outras minorias.

Conforme Tourinho (2017,p.26):

É qualquer sistema de produção de desigualdade que se baseia em raça, que pode ocorrer em instituições como órgãos públicos, corporações empresariais privadas e universidades (públicas e privadas). O termo foi introduzido pelos ativistas Stokely Carmichael e Charles V. Hamilton do movimento Panteras Negras, nos EUA, na década de 1960.

O racismo institucional se manifesta de diversas maneiras, afetando profundamente a vida de indivíduos de grupos racialmente marginalizados. No sistema educacional, por exemplo, as desigualdades no acesso a escolas de qualidade e recursos são evidentes, levando a um desempenho acadêmico inferior para alunos negros.

No mercado de trabalho, práticas discriminatórias na contratação e promoção, resultaram em sub-representação e promoção mais baixas, para profissionais negros. Além disso, no sistema de justiça, a criminalização desproporcional da população negra, é uma realidade, evidenciada por taxas mais altas de prisões, e sentenças severas.

O racismo recreativo refere-se a formas de discriminação racial que se manifestam em ambientes de lazer, entretenimento e cultura, muitas vezes sob o disfarce de “humor” ou “brincadeiras”. Essa prática minimiza a gravidade do racismo ao tratá-lo como algo leve ou divertido, perpetuando estereótipos negativos e desumanizando pessoas de grupos racializados.

Os exemplos incluem piadas racistas, apropriação cultural e exclusão de pessoas negras em espaços de entretenimento. Além de estimular preconceitos, o racismo recreativo contribui para um ambiente social hostil, deslegitimando as experiências de discriminação vividas por essas comunidades.

Para Galindo (2023,p.11), “o racismo recreativo designa uma política cultural, que utiliza o humor para expressar a hostilidade em relação a minorias raciais. São as piadas cotidianas, que tentam dar outra roupagem para os atos discriminatórios”.

Combater o racismo recreativo exige uma abordagem multifacetada que envolve educação, conscientização e empatia. Primeiramente, é fundamental promover discussões sobre racismo e suas manifestações em ambientes de lazer,

ajudando as pessoas a refletirem comportamentos e piadas relacionadas.

Campanhas de conscientização nas redes sociais, e eventos comunitários, podem ser eficazes para divulgar informações e sensibilizar o público. Além disso, os espaços de entretenimento devem adotar políticas de diversidade e inclusão, criando um ambiente acolhedor para todos.

1.6.6 Racismo no Ensino Superior

No sistema de ensino brasileiro, do básico ao superior, o racismo se apresenta na invisibilização e inferiorização da temática étnico-racial, das contribuições teórico-metodológicas de intelectuais negros e indígenas nas diversas áreas do conhecimento e dos saberes e tradições de povos que foram alvos da colonização.

Segundo Coelho, et al. (2020, p.15):

O racismo não afeta apenas, as possibilidades de acesso de povos indígenas e afrodescendentes ao ensino superior, afeta também, a qualidade da formação que as universidades oferecem, a investigação que realizam e o seu papel na formação dos cidadãos e da opinião pública. Além disso, o racismo também permeia a formação de professores e, portanto, irradia-se para todo o sistema educacional.

O racismo é um problema frequente nas universidades brasileiras, executado por alunos, professores e funcionários das instituições. Ocorre por meio de ofensas diretas, piadas, segregação nas atividades acadêmicas, tratamento diferenciado, dentre outras formas.

“O racismo no setor universitário brasileiro é manifestado por meio de atitudes explícitas e abertas e por práticas sutis e simuladas”. (LEMOS, 2017, p.3). Tal prática gera impactos diretos na saúde do indivíduo, tornando-o depressivo, com personalidade agressiva, contribuindo para uso desmedido do álcool e para o desequilíbrio emocional.

1.7 Professores Negros nas Universidades

A presença de professores negros nas universidades é fundamental para a construção de um ambiente acadêmico mais inclusivo e representativo. Esses educadores trazem uma riqueza de experiências e perspectivas que enriquecem o

processo de ensino-aprendizagem, contribuindo para a formação de uma consciência crítica nos estudantes. Por isso faz-se necessário enegrecer a docência, mediante a ampliação da representatividade docente no ensino superior:

Segundo Macedo (2022, p. 252):

Enegrecer, ou seja, “tornar-se negro; tornar(-se) negro; anegralhar(-se), anegrar(-se), negrejar” toma uma proporção política de estabelecer, para além de entendermos as práticas discursivas pelo viés da racialidade, uma proposta de decolonização do campo do conhecimento. Ainda, enegrecer – termo atrelado a construção racial social negra – aqui é ressignificado e, desta forma, extinguindo seu sentido negativo de “atingir a boa reputação (de alguém); lançar descrédito sobre; denegrir, macular, ultrajar”⁴, para um significado de afirmação política.

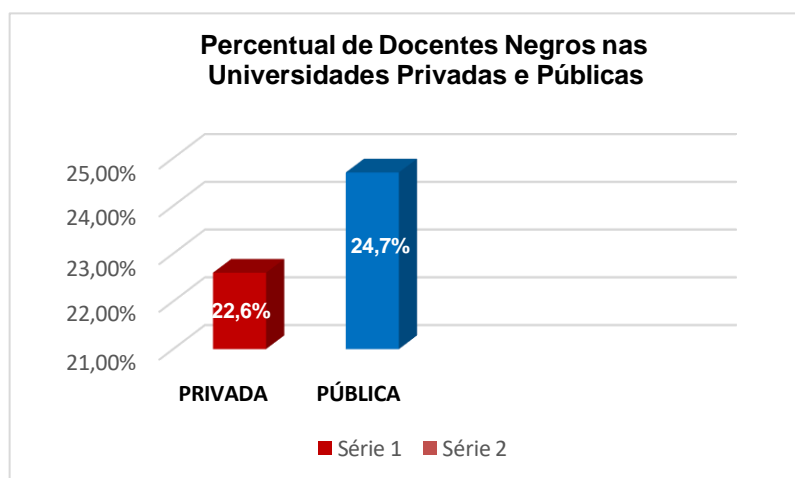
Enegrecer a docência universitária, por meio da inclusão de professores negros, é essencial para construir um ambiente acadêmico mais diverso e representativo. Essa iniciativa é enriquecedora para o ensino, proporcionando aos estudantes, perspectivas variadas que refletem a realidade social do país.

Professores negros, trazem vivências e experiências que desafiam narrativas hegemônicas, promovendo uma educação mais crítica e inclusiva. Além disso, sua presença inspira jovens estudantes, mostrando que é possível ocupar espaços de destaque na academia.

1.7.1 Dados estatísticos de professores negros

Pesquisas mostram que ainda é baixo o índice de professores negros atuando nas instituições de ensino superior, podemos observar o percentual de representatividade nas universidades privadas e públicas no Brasil, conforme gráfico 3:

Gráfico 3- Percentual Professores Negros nas Universidades brasileiras



Fonte: Revista Ensino Superior-Instituto Semesp (2020)

Segundo Moreira (2022), em 2020, 22,6% dos professores das instituições de ensino superior privadas do Brasil, se declararam negros ou pardos, de acordo com Dados do Instituto Semesp.

Conforme Moreira (2022, p. 02):

Em comparação com a rede pública, onde o percentual de professores negros é de 24,7%, a participação de professores negros nas faculdades privadas é menor. No entanto, a situação já foi pior. Em 2014, apenas 37% das faculdades tinham pelo menos 20% de docentes pretos e pardos, percentual que entrou em vigor com a lei que determina a reserva de vagas para esse grupo. A população preta e parda representa a maioria da população brasileira, mas ocupa apenas 48,3% das vagas universitárias.

A interação com os estudantes é um elemento crucial, evidenciando a influência positiva que os professores exercem, no desenvolvimento acadêmico e pessoal de seus alunos.

A revista Ensino Superior publicou o posicionamento da Professora Negra, Márcia Maria a qual, trouxe à tona o seguinte relato, conforme Moreira, (2022,p.2):

“Muitos alunos negros, me procuram para dizer o quanto é importante que eu seja professora deles, por eu ser uma mulher negra e que defende essa pauta. Há os que nunca tiveram um professor negro antes”, diz a jornalista e professora Márcia Maria da Cruz, única pessoa negra do departamento de jornalismo da Faculdade Promove, em Belo Horizonte (MG). Ela deu aulas na UFMG, na PUCMG e conta que sempre esteve entre os pouquíssimos professores negros dessas instituições. “Isso acontece nas universidades públicas e privadas. É uma lacuna real que existe no ensino superior de maneira generalizada.

Os professores negros que lecionam no ensino superior representam um referencial para muitas pessoas, principalmente estudantes que também são negros,

e almejam atuar na docência e enxergam obstáculos nessa jornada, simplesmente pelo fato de verem poucos profissionais negros, atuando nas universidades. Conforme a revista ensino superior, por Moreira (2022, p. 02):

Uma mudança importante em curso, é o aumento de estudantes pretos e pardos no ensino superior. De acordo com pesquisa do Instituto Semesp, o percentual de alunos matriculados no ensino superior brasileiro que se declararam pretos ou pardos chegou a 45,7%, segundo dados de 2020, sendo 44,8% na rede privada e um pouco mais na rede pública, 48,8%. Em 2015, esse percentual era de 41,6%, portanto, houve aumento de quatro pontos percentuais. É o resultado das cotas nas universidades públicas e programas como Prouni e Fies nas universidades privadas. Esses alunos buscam referências, inspiração, identificação.

Um fator extremamente positivo para os professores negros que estão atuando no ensino superior, está na permanência na vida acadêmica, pois esses docentes tiveram que traçar um percurso (auto)formativo que, os capacitasse para a docência e assim servem de inspiração para alunos negros que, de igual forma, desejam ingressar na docência universitária.

Conforme observamos em Moreira (2022,p.02):

Alexsandro Santos, professor de mestrado e doutorado nos programas de pós-graduação em educação e no mestrado profissional em formação de gestores, da Universidade Cidade de São Paulo (Unicid), liderou pesquisa no Centro de Estudos e Memória da Juventude, acerca da lei de cotas, com enfoque racial. É fato que a implantação das cotas promoveu um avanço no acesso de pessoas negras à graduação, mas ele detalha: “Isso resolve uma parte do problema, a segunda parte é justamente a permanência desses estudantes na graduação e na pós-graduação.”

Os professores negros no ensino superior desempenham um papel crucial na promoção da diversidade e representatividade, dentro das instituições acadêmicas, enriquecendo o ambiente educacional com perspectivas únicas.

A presença de professores negros é fundamental para inspirar e motivar estudantes, pertencentes a comunidade racialmente sub-representadas, proporcionando modelos a serem seguidos e desafiando estereótipos prejudiciais, por tanto quanto mais docentes negros adentrarem os quadros, melhor será para os estudantes e para as universidades.

Considerando a relação entre docentes e alunos negros Pires (2014, p.70) afirma que:

O debate em torno de experiências e estratégias utilizadas pelo negro na busca por qualificação no ensino superior tem sido marcado por dois tipos de estudos:

sobre o aluno e sobre o docente e pesquisador universitário. Ainda que sejam experiências diversas, ser aluno antecede o ser docente e pesquisador, de forma que o negro intelectual professor universitário se faz a partir dessa dupla experiência.

A diversidade racial no corpo docente contribui para um ambiente mais inclusivo e equitativo, promovendo a aceitação de diferentes experiências culturais e históricas, o que torna possível, a convivência respeitosa e a questão humana no ambiente acadêmico.

Professores negros, frequentemente desempenham um papel ativo na abordagem de temas relacionados à justiça social, racismo e desigualdade, contribuindo para a conscientização e educação dos alunos sobre essas questões críticas.

A representatividade dos professores negros, no ensino superior, pode ajudar a desconstruir preconceitos e estereótipos, desafiando ideias equivocadas e promovendo uma compreensão mais ampla e respeitosa das diferentes culturas. [...] “É inadmissível a minúscula inserção de professores negros nas instituições de ensino superior; algo que deveria causar estranheza na sociedade, e assim estimular a luta por mudanças”. (CORREA,2023,p.1).

Em relação à representatividade, afirma Almeida (2019, p.68):

Não há dúvidas de que a representatividade é um passo importante na luta contra o racismo e outras formas de discriminação, e há excelentes motivos para defendê-la. Quem pode duvidar da importância para a luta antidiscriminatória existir uma mulher negra em posições na academia, nos meios de comunicação e no judiciário geralmente associadas a homens brancos? Nesse sentido, a representatividade pode ter dois efeitos importantes no combate à discriminação: propiciar a abertura de um espaço político para que as reivindicações das minorias possam ser repercutidas, especialmente quando a liderança conquistada for resultado de um projeto político coletivo; dismantelar as narrativas discriminatórias que sempre colocam minorias em locais de subalternidade. Isso pode servir para que, por exemplo, mulheres negras questionem o lugar social que o imaginário racista lhes reserva.

A presença de professores negros na academia é um passo significativo para a superação das disparidades históricas e a promoção da igualdade de oportunidades no acesso ao ensino superior.

Conforme Arboleya et. al. (2015,p.6):

Todos esses dados expressam uma disparidade racial que se aprofunda quando se avança aos níveis de excelência educacional, recaindo no ponto central desta análise – a carreira docente universitária. Considerada como

clímax de ascensão intelectual e estabilidade socioeconômica quando em instituições públicas, constitui-se como um foco analítico particularmente expressivo das tensões que permeiam o racismo institucional, enquanto fenômeno estrutural e simbólico.

Podemos observar a relevância das pesquisas (auto)biográficas com professores negros:

Nestas obras em que as falas narrativas são a metodologia em destaque, os personagens atuam como protagonistas na formação de um conhecimento antirracista, além de favorecerem um reconhecimento de suas dores resultantes da opressão e das lutas como forma de resistência. Tais escritos são instrumento de luta pela equidade e pelo respeito humano. Podem ser comparadas a armas empunhadas em defesa do cumprimento da lei. Diante destas obras (auto)biográficas formadas por relatos, confrontamo-nos com a necessidade de compreender o papel do educador. (MARTINS; DEBACCO, 2023, p.237)

A diversidade racial entre os educadores contribui para uma educação mais holística e completa, uma vez que diferentes perspectivas são incorporadas ao desenvolvimento de currículos e métodos de ensino.

Professores negros, muitas vezes, desempenham um papel ativo no apoio a iniciativas e programas que visam a inclusão e o empoderamento de estudantes minoritários, promovendo um ambiente acadêmico mais acolhedor.

A criação de redes de mentoria entre professores negros e estudantes, pode ser fundamental para o sucesso acadêmico e profissional desses alunos, fornecendo orientação valiosa e encorajamento.

A presença de professores negros no ensino superior, não apenas enriquece a diversidade, mas também contribui para a construção de um ambiente acadêmico mais igualitário, inclusivo e culturalmente sensível.

1.7.2 Professores Negros Não Licenciados no Ensino Superior

O sistema de Ensino Superior no Brasil, apresenta uma característica de composição complexa pela grande diversidade de tipos de instituições que o compõem, não somente no que diz respeito ao crescimento mas também quanto ao perfil demográfico da demanda e da composição do corpo docente. (Neves; Martins, 2016).

Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em seu Art. 43. A educação superior tem por finalidade:

Estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo; Formar diplomados nas diferentes áreas do conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua. Incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive. Promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação. (LDB 9.394/96 – BRASIL,1996, Art. 43, incisos I, II e III).

Na educação superior o nível de ensino é complexo, por isso faz-se necessário, compreender o processo (auto)formativo dos professores que atuam nesta modalidade de Ensino. As investigações no campo do Ensino Superior possibilitam analisar de forma crítica sobre diferentes perspectivas, as peculiaridades existentes nesta modalidade de ensino.

Conforme Sprada (2020, p.22):

Diversos estudos têm se voltado para a discussão e a reflexão do Ensino Superior Tecnológico no Brasil. Sobre diferentes olhares pesquisadores e docentes se mostram preocupados com o avanço e a proporção técnica e pedagógica que esta área da educação tem tomado.

Nesta pesquisa, o percurso (auto)formativo de professores negros não licenciados que atuam no Ensino Superior, foram colocados em evidência, tendo em vista, a própria complexidade da docência universitária, que demanda o aperfeiçoamento contínuo da formação, para gerar impacto positivo e influenciar diretamente na qualidade da prática docente.

Professores não licenciados no ensino superior representam uma categoria de educadores que, embora possuam expertise em suas áreas específicas, não possuem formalmente uma licença de ensino.

No que se refere aos requisitos necessários, para atuar como docente no Ensino Superior, observamos as exigências do Ministério da Educação (MEC):

Os cursos de bacharelado não habilitam o profissional a lecionar. São cursos superiores de graduação que dão o título de bacharel. Para atuar como docente, o bacharel precisa de curso de complementação pedagógica. E para lecionar no Ensino Superior exige-se que o profissional tenha, no mínimo, curso de Pós-Graduação Lato Sensu (especialização).

A contratação de professores não licenciados, muitas vezes ocorre devido à

necessidade de especialistas em campos específicos, como profissionais experientes da indústria, que desejam compartilhar seu conhecimento prático. Esses educadores, trazem uma perspectiva única para a sala de aula, enriquecendo o ambiente acadêmico com experiências do mundo profissional e casos reais.

A ausência de uma licença de ensino tradicional, pode criar desabafos, mas muitos professores não licenciados, compensam isso por meio de qualificações profissionais, certificações relevantes e experiência substancial. A flexibilidade e adaptabilidade são características marcantes desses professores, que frequentemente, se envolvem em atividades de aprendizado contínuo, para aprimorar suas habilidades didáticas.

Segundo a autora Roesch (2014,p.47):

O trabalho na docência do Ensino Universitário tem implicações e exigências diferenciadas de outras instâncias de ensino, pois os professores em formação buscam: aprimoramento da área básica de sua formação por meio de investigação, domínio epistemológico da área de atuação, conhecimentos de saberes curriculares, assim como competências políticas, unidas ao exercício da intelectualidade na academia e ao poder e influência adquirida como agente social na instituição.

A interação próxima com estudantes, beneficia-se da experiência prática desses professores, proporcionando aos alunos, uma compreensão mais prática e aplicada dos conceitos abordados. A colaboração entre professores licenciados e não licenciados no ensino superior, pode gerar uma sinergia valiosa, combinando teoria e prática, para oferecer uma educação mais abrangente.

A promoção de programas de mentoria e desenvolvimento profissional, é essencial para apoiar professores não licenciados, oferecendo-lhes, oportunidades de aprimorar suas habilidades pedagógicas.

A avaliação contínua do desempenho e feedback construtivo são cruciais para garantir que os profissionais não licenciados, atendam aos padrões educacionais, e proporcionem uma experiência de aprendizado de alta qualidade. Os professores não licenciados no ensino superior desempenham um papel valioso, ao trazerem uma perspectiva prática, e as experiências do mundo real, para a academia, contribuindo para a diversidade e riqueza da educação superior.

1.7.3 A Educação Antirracista no Ensino Superior

O movimento antirracista existe desde os primórdios dos tempos. Antecedendo às Leis específicas, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, é um dos primeiros instrumentos que concorre para o combate ao racismo.

Sabendo que os princípios dos Direitos Humanos, são direitos constitucionais, direcionados a todos os indivíduos, é inadmissível que prevaleça o racismo. Todavia a instituição dos documentos subsequentes, implicam uma consciência de que o racismo esteve e ainda está impregnado nas raízes culturais, podendo permanecer por longos anos.

“O antirracismo é um movimento regulado pela Lei nº 10.639/03 no contexto da educação brasileira, todavia requer esforços para uma prática contínua e efetiva”. (MARTINS;DEBACCO,2024,p.233). O racismo é um crime silencioso, com uma tímida atenção no mês de novembro, nos espaços educacionais.

A Lei 10.639, de 2003, que inclui a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africanas e afro-brasileiras, no currículo das redes de ensino, é um grande marco na educação antirracista. Mas muito ainda precisa ser debatido e colocado em prática no dia a dia, para garantir a equidade na educação.

Podemos observar a relevância da Educação Antirracista para Santos et al. (2022,p.1):

A educação antirracista é revolucionária, pois desloca e convoca ao rompimento de relações étnico-raciais hierarquizadas. Assim, pensar em educação antirracista é assumir a contramão dos movimentos de exclusão e violência, compreender as marcas coloniais que persistem, com força, no cotidiano contemporâneo e atuar por sua superação.

A Educação antirracista no Ensino Superior, é crucial para a formação de uma sociedade mais justa e igualitária. Ao abordar questões raciais de forma crítica, esta abordagem promove a conscientização sobre as desigualdades estruturais que afetam a população negra.

Além de desmistificar estereótipos específicos, a educação antirracista estimula a empatia e o respeito à diversidade. Ao incluir a história e a cultura afro-brasileira no currículo, crie-se um espaço onde todos os alunos possam se sentir representados e valorizados.

Os professores podem contribuir mediante práticas antirracistas, conforme

afirma os autores a seguir:

[...] práticas educativas que contemplem a luta antirracista, traçando de forma histórica a inserção dos negros no sistema educacional brasileiro como um ato em si insubordinado, que rompe com as aspirações sociais e políticas no decorrer da História e, ainda, aponta para a relevância do docente que, inserido na luta pela educação democrática e antirracista, visando a qualidade de vida e de aprendizagem dos educandos, rompe com os padrões eurocêntricos enraizados no sistema educacional brasileiro e de forma ética se apresenta insubordinado criativo. (FARIAS; LINS; BRIÃO. 2021, p.88).

As práticas antirracistas de professores negros, no Ensino Superior, desempenham um papel fundamental na promoção da equidade e inclusão no ambiente acadêmico. Esses educadores, ao compartilharem suas experiências e vivências, desafiam as narrativas hegemônicas que muitas vezes marginalizam a história e a cultura afro-brasileira.

Nesta perspectiva de problematização da prática e um repensar docente, a partir de alguns mecanismos de sujeição, abrem portas, para novos olhares e discussões, que venham a revisar como encontra-se o trabalho docente, em relação a sua resistência e coragem.

Diariamente no ambiente escolar, no que tange ao uso natural de estratégias de ensino antirracistas, a proposta merece maiores aprofundamentos, pois tende a contribuir para que o antirracismo seja uma atitude docente constante.

A Educação Antirracista necessita de professores dispostos a revolucionar:

A luta antirracista demanda de docentes revolucionários que objetivem, prioritariamente, edificar uma sociedade igualitária através da educação. Lidamos com estudantes que agirão neste mundo, e onde quer que estejam poderão se rebelar contra as condições racistas existentes. Para tanto, depende de como a visão de mundo deles será construída. E nós temos parte nisso. Mas, até que essa reflexão seja inseparável da práxis docente, o caminho é enegrecer os quadros das instituições universitárias. (CORREA, 2024,p.1)

Docentes revolucionários na luta antirracista no Ensino Superior desempenham um papel vital na transformação do ambiente acadêmico. Esses educadores desafiam normas e práticas discriminatórias, promovendo uma educação que valoriza a diversidade e a inclusão. Ao integrar a história e as experiências afro-brasileiras no currículo, eles inspiram os estudantes a refletir criticamente sobre as desigualdades raciais.

1.7.4 A Formação Continuada Antirracista no Ensino Superior

A formação continuada pode ser uma “direção” para a consolidação do antirracismo. Previamente, faz-se necessário apresentarmos a partir de uma análise conceitual, o que vem a ser a formação continuada de professores:

[...] qualquer atividade que venha contribuir para o desempenho profissional, horas de trabalho coletivo na escola, reuniões pedagógicas, trocas cotidianas com os pares, participação na gestão escolar, congressos, seminários, cursos de diversas naturezas e formatos, oferecidos pelas Secretarias de Educação ou outras instituições para pessoal em exercício nos sistemas de ensino, relações profissionais virtuais, processos diversos a distância (vídeo ou teleconferências, cursos via internet etc.), grupos de sensibilização profissional, enfim, tudo que possa oferecer ocasião de informação, reflexão, discussão e trocas que favoreçam o aprimoramento profissional, em qualquer de seus ângulos, em qualquer situação. Uma vastidão de possibilidades dentro do rótulo de educação continuada. (GATTI, 2008, p.57).

Podemos verificar algumas possibilidades de formação continuada, no que se refere aos professores negros e a perspectiva antirracista no Ensino Superior, uma vez que, por meio de workshops, seminários e discussão, os professores aprendem a integrar temas relacionados à raça e ao racismo no currículo. Além disso, essa formação estimula a reflexão sobre práticas pedagógicas que valorizam a história e as contribuições da população negra, Conforme Correa, (2024,p.10):

Antes da formação e exercício profissional, os professores são pessoas negras que sobrevivem lutando contra o racismo. Eles não precisam de nenhuma determinação para colocar o assunto em discussão, é parte de suas vidas a compreensão da dinâmica da sociedade e o relacionamento da identidade individual e coletiva.

A formação continuada de professores universitários em uma perspectiva antirracista, é essencial para a promoção de um ambiente acadêmico inclusivo e equitativo. Essa formação permite que educadores reflitam sobre suas práticas pedagógicas, reconhecendo e enfrentando preconceitos raciais que podem surgir na sala de aula.

Em consonância com Ribeiro (2001, p.62):

A falta de preparo do educador possibilita uma visão caolha que tem raiz em sua formação, os cursos que formam professores são carentes de conteúdo sobre as questões étnicas, os educadores adquirem conhecimento acrítico sustentado no senso comum para explicar as relações sociais e a construção dessa relação no Brasil. O problema é que esse senso comum é racista e impregna o inconsciente coletivo que muito raramente é objeto de uma reflexão também coletiva e, quando isso acontece, é de forma fragmentada, uma vez que parte da sociedade não participa dessa reflexão, ficando a discussão restrita a grupos étnicos que se vêem excluídos desse inconsciente pensar coletivo. E qualquer tentativa mais radical, nesse sentido, é entendida como querer inocular o negro de uma culpa que é dele, já que até os educadores não acreditam na existência do racismo.

O texto aborda de forma crítica a insuficiência da formação dos educadores brasileiros em relação às questões étnico-raciais, evidenciando como essa lacuna perpetua visões distorcidas e preconceituosas sobre as relações sociais no país.

A referida expressão sugere uma perspectiva limitada e parcial, que impede uma compreensão aprofundada da realidade social marcada pelo racismo estrutural. Essa visão reduzida decorre, na maioria, da carência de conteúdos sobre diversidade étnica nos cursos de formação docente, o que leva os educadores a se apoiarem em explicações acríticas baseadas no senso comum.

De acordo com Tristão (2022), é relevante que a formação de professores esteja comprometida com a educação antirracista, com foco na equidade, tornando possível a compreensão de que o racismo estrutural está presente na escola e que as ações de combate a ele devem ser compromisso de todos os profissionais que atuam na educação.

Observamos o que comenta Ribeiro (2001,p.61):

O que buscam os educadores negros? Uma educação com apoio didático antirracista nas escolas brasileiras em todos os âmbitos, no ensino fundamental, médio e superior. Isto pressupõe a preparação de professores para realizarem uma simples análise do material bibliográfico, para reconhecerem os textos racistas, bem como, para utilizarem o livro didático de modo crítico, já que, até então, pouco colaborou para uma conscientização das camadas sociais desfavorecidas, na medida em que ele não retrata o cotidiano vivido pelo aluno, muito menos de forma crítica.

A formação continuada de professores em uma perspectiva antirracista é fundamental para promover uma educação inclusiva e justa. Essa abordagem capacita os educadores a considerar e desafiar as desigualdades raciais presentes nas salas de aula, permitindo que abordem a diversidade cultural de maneira crítica.

Ao abordar questões de identidade, diversidade e desigualdade, os docentes se tornam agentes de mudança, capazes de integrar conteúdos que valorizam a história e as contribuições da população negra. Além disso, essa

abordagem fortalece a formação de estudantes mais críticos e conscientes de sua responsabilidade social. Portanto, a formação continuada antirracista é um passo fundamental para transformar a educação superior.

1.8 Percurso Metodológico da Pesquisa

A pesquisa apresenta natureza qualitativa, uma das vantagens da pesquisa qualitativa é que trata-se de “uma análise detalhada e exata de alguns casos e os participantes têm muito mais liberdade para determinar o que é importante para eles e para apresentá-los em seu contexto”. (FLICK, 2013, p.25).

A metodologia utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa, foi orientada pelos fundamentos teórico-metodológicos da modalidade (auto)biográfica:

A pesquisa (auto)biográfica pode ser entendida como estratégia de investigação qualitativa, a partir das narrativas das histórias de vida dos grupos humanos, sua leitura de mundo, seus sentimentos, percepções e interações com o contexto social em que estão situados. (SANTOS et al. 2019, p.47).

1.8.1 Tipos de Estudo

Para os meios que proporcionaram este estudo, foram utilizadas três formas de pesquisa, sendo a primeira delas, a pesquisa Bibliográfica.

Para esta pesquisa, foram utilizados Livros, Artigos, Matérias, Dissertações, monografias e Teses que abordam as temáticas contempladas na Pesquisa. Foram utilizados ainda, dados estatísticos relacionados a representatividade de professores negros no Ensino Superior.

“A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc”. [...] (LAKATOS, 2003, p.182).

Quanto aos meios, foram utilizados as três metodologias de pesquisa conforme quadro 2 a seguir:

Quadro 2: Quanto aos meios utilizados na Pesquisa

QUANTO AOS MEIOS UTILIZADOS NA PESQUISA		
PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	PESQUISA DE CAMPO	PESQUISA PARTICIPANTE
A pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras. (LAKATOS, 2003, p.194)	Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presume relevantes, para analisá-los (LAKATOS, 2003, p.186)	Consiste na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais deste. (LAKATOS, 2003, p.194)

Fonte: Elaborado pela Autora (2024)

1.8.2 Fase da pesquisa de campo

Esta fase foi constituída pela operacionalização da investigação em campo, ocorreu mediante visitas institucionais para aplicação das técnicas e instrumentos de coleta de informações, com esta finalidade foram realizadas as seguintes atividades:

- Reunião para apresentação do projeto de pesquisa para a Gestora da instituição;

Foram feitas as assinaturas do Termos de Consentimento da Instituição participante, o que gerou dois documentos os quais são: Carta de Anuência para o Lócus de Pesquisa e a Declaração de Infraestrutura autorizada e assinada pela Instituição. Podemos verificar as etapas a pesquisa conforme quadro 3 a seguir:

Quadro 3: Etapas da Pesquisa de Campo

Fases da pesquisa de Campo	
Assinatura dos Termos de Consentimento Livre e Escalerecido-TCLE dos Sujeitos participantes;	Realização da Entrevista Narrativa
-Aplicação dos Questionários Via google forms.	Realização da Roda de Conversa

Fonte: Elaborado pela Autora (2024)

A terceira metodologia utilizada se deu com a pesquisa participante. A pesquisa participante é uma metodologia de investigação que envolve a participação de pesquisadores e dos sujeitos estudados. O objetivo é gerar conhecimento e transformar a realidade, buscando a emancipação das pessoas ou comunidades

envolvidas.

A pesquisa participante é caracterizada por: Interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas; Envolvimento e identificação do pesquisador com as pessoas investigadas e Pressuposto de que todo ser humano é uma fonte original e insubstituível de saber.

1.8.3 Critérios de Inclusão, Locus e Amostra

Para realização do trabalho de investigação, foram coletados dados, junto aos participantes da pesquisa, os critérios de inclusão adotados para o desenvolvimento da pesquisa foram definidos da seguinte forma: percurso (auto)formativo de professores negros Não Licenciados no Ensino Superior fundamentando-se na abordagem (auto)biográfica. A seguir os critérios básicos da pesquisa conforme quadro 04:

Quadro 04: Critérios Básicos da Pesquisa

CRITÉRIOS BÁSICOS DA PESQUISA			
Critérios de Inclusão	Participantes	Amostra	Locus da pesquisa
Professores Negros Não Licenciados, que atuam no Ensino Superior e aceitaram fazer parte da pesquisa, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE.	Professores Negros Não licenciados que atuam no Ensino Superior.	Cinco (5) professores negros não licenciados, que atuam no Ensino Superior, sendo que durante a pesquisa houve a desistência de um integrante, restando, quatro (4) docentes negros, somado a história da pesquisadora, totalizando cinco (5) professores universitários negros.	Universidade Paulista UNIP-Aqui Você Pode - AVP.

Fonte: Elaborado pela Autora (2024)

1.8.4 Perfil dos participantes da pesquisa

A pesquisa foi realizada com cinco (5) professores que aceitaram fazer parte da pesquisa mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Professores Negros Não licenciados, que atuam no Ensino Superior, sendo quatro (4) professores negros, somado a (auto)biografia da pesquisadora, totalizando cinco (5) professores universitários negros, conforme quadro 5 a seguir:

Quadro 05: Perfil dos Participantes da Pesquisa

Participantes da pesquisa de campo			
Professora Mestre Pabloena da Silva Pereira, docente (auto)declarada (a) negra(o) 31 anos, bacharel em Enfermagem e atuante no Ensino Superior.	Professor Especialista, Adriano dos Santos Oliveira, 47 anos, docente (auto)declarado (a) negro(a), bacharel em Enfermagem e atuante no Ensino Superior.	Professor Especialista, João Arley Barbosa de Melo, 44 anos, docente (auto)declarado (a) negro(a), bacharel em Ciências Contábeis e atuante no Ensino Superior.	Professor Especialista, Marcelo Rabelo Cardoso da Silva, 45 Anos, docente (auto)declarado (a) negro(a), Graduado em Tecnologia da Informação, atuante do Ensino Superior.

Fonte: Entrevista Presencial realizada pela autora (2024)

1.8.5 Técnicas e instrumentais de coleta de dados

Para a realização desta pesquisa, foram utilizados cinco instrumentos de coleta de dados, a saber: Dois questionários, sendo um questionário com perguntas fechadas e um com perguntas abertas. Foi realizada entrevista presencial, Roda de Conversa e um Memorial Formativo.

1.8.5.1 Os questionários

O primeiro instrumento de pesquisa foi um questionário estruturado. Optou-se pela elaboração de dois questionários, sendo um com perguntas fechadas e o segundo com perguntas abertas. O primeiro questionário foi elaborado com vinte (20) perguntas fechadas de Múltipla Escolha.

“Perguntas de múltipla escolha, são perguntas fechadas, mas que apresentam uma série de possíveis respostas, abrangendo várias facetas do mesmo assunto.”

(Lakatos, 2003,p.201. O questionário foi enviado aos participantes Via google forms. Os resultados geraram gráficos dos quais, foram selecionados apenas aqueles que mais dialogam com a temática da pesquisa.

Questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. Em geral, o pesquisador envia o questionário ao informante, pelo correio ou por um portador; depois de preenchido, o pesquisado devolve-o do mesmo modo. (LAKATOS, 2003,p.201).

O segundo questionário foi elaborado com 21 perguntas abertas. Segundo Lakatos (2003, p.204):

Perguntas abertas. Também chamadas livres ou não limitadas, são as que permitem ao informante responder livremente, usando linguagem própria, e emitir opiniões. Possibilita investigações mais profundas e precisas; entretanto, apresenta alguns inconvenientes: dificulta a resposta ao próprio informante, que deverá redigi-la, o processo de tabulação, o tratamento estatístico e a interpretação. A análise é difícil, complexa, cansativa e demorada.

O questionário com perguntas abertas, foi elaborado via Google forms e enviado via e-mail aos participantes. Os participantes devolveram o questionário respondido, duas semanas após o envio.

1.8.5.2 A Entrevista narrativa

Como técnica de pesquisa foi utilizada a entrevista narrativa que “trata-se de explorar a capacidade de explicação e de abstração do informante como especialista e teórico do seu “eu”.

“A entrevista narrativa (auto)biográfica produz dados textuais que reproduzem de forma completa o entrelaçamento dos acontecimentos e a sedimentação da experiência da história de vida do portador da biografia, de um modo que só é possível no contexto de uma pesquisa sociológica sistemática.” (WELLER; PFAFF, 2013,p.213).

O segundo instrumento de pesquisase deu com a entrevista narrativa na modalidade presencial e individual. Agendada com cada um dos particiantes no lócus de pesquisa.

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social. (LAKATOS, 2003, p.195)

Os recursos utilizados na entrevista foram: aplicativo de gravação de áudio, caderno, caneta para anotações e um roteiro.

O pesquisador deve proceder à elaboração do roteiro, composto do conjunto de temas e assuntos a serem cobertos na entrevista. Esse conjunto de temas e assuntos gira em torno da questão de pesquisa, e é elaborado com base na análise dos trabalhos relacionados, na identificação das lacunas existentes no estado da arte e nas indagações do pesquisador. O roteiro ajuda a organizar a entrevista, tanto para o entrevistador quanto para o entrevistado. (LEITÃO, p.11, 2024)

1.8.5.3 A Roda de Conversa

O terceiro instrumento de coleta utilizado, foi uma Roda de Conversa conduzida pela pesquisadora, juntamente com todos os participantes da pesquisa. Conforme Moura e Lima (2014): “A Roda de Conversa é, dentro da pesquisa narrativa, uma forma de coleta de dados, em que o pesquisador se insere como sujeito da pesquisa, pela participação na conversa e, ao mesmo tempo, produz dados para discussão”.

A Roda de conversa ocorreu de forma online e foi dividida em dois momentos devido a disponibilidade dos participantes. A programação foi organizada em pautas onde o assunto era proposto pela pesquisadora e em seguida cada participante, tinha um momento para argumentar sobre a pauta proposta pela pesquisadora.

Os recursos utilizados na Roda de Conversa foram: aplicativo de gravação de voz, caderno, caneta para anotações e um roteiro para guiar a pesquisadora e os participantes.

1.8.5.4 O Memorial Formativo

Para a elaboração do memorial formativo, foram utilizadas as informações do questionário com perguntas abertas, onde foram coletadas todas as informações escolares, acadêmicas e experiências marcantes da trajetória. Os participantes

responderam via google forms.

Assim, o memorial formativo é um texto no qual os acontecimentos geralmente são narrados na primeira pessoa do singular, com uma sequência definida com base nas memórias e nas escolhas do autor no registro da própria experiência e visando, como todo texto escrito, produzir certos efeitos nos leitores (PRADO; SOLIGO, 2007, p.2).

O memorial permitiu os participantes revelarem suas trajetórias como verdadeiros narradores desempenhando diversos papéis provenientes da escrita de si. “Em um memorial de formação, o autor é ao mesmo tempo escritor/narrador/personagem da história”. (BUOGO; CASTRO 2013,p.1).

Os dados utilizados para o memorial formativo, foram extraídos das informações do questionário de perguntas abertas via google forms. As informações foram organizadas em ordem, para a composição do memorial formativo dos participantes.

1.8.6 Fase de Análise e Discussão das informações

Após a coleta de dados, iniciou-se o processo de sistematização das informações, foi realizada uma abordagem analítica para consolidação de argumentos, explicação e interpretação das informações.

Os dados foram analisados por meio das técnicas de análise de narrativa (AN) e também pela técnica de Análise de conteúdo (AC).

Acerca da Técnica de Narrativa, afirma Moutinho; De conti (2001,p.1):

Denominada *análise de narrativa*, toma-se essas histórias como expressão de uma realidade vivida pelo narrador em momento precedente à narração. A narrativa é igualada à própria vida. Essa forma de tratamento das narrativas se enquadra em uma perspectiva da linguagem tomada como representação, no caso de "uma" identidade contida no indivíduo, deslocada do tempo e do espaço, de um contexto sociocultural simbolicamente constituído.[...] Nesse caso, elas são instrumentais e permitem ao pesquisador falar de um acontecimento, de uma experiência, e, sendo assim, a narrativa diz da lembrança de algo já vivido e é uma ferramenta para se saber o que houve em dada época, com alguém.

As atividades da fase de análise iniciaram após a coleta, as informações obtidas no decorrer da pesquisa de campo foram organizadas e sistematizadas para a

construção de gráficos, quadros e alocação de imagens.

Em relação às respostas da entrevista narrativa, foram realizadas as transcrições dos áudios para a dissertação, considerando a ordem dos fatos e a relevância destes para a temática da pesquisa.

Ao contarmos uma história, circunscrevemos os personagens no tempo e no espaço, abrimos a possibilidade para tratar os personagens em processo de transformação e, no enredo, colocamos os personagens em relação uns com os outros, criando um mundo social no qual os personagens entram em conflito e emergem com qualidades morais. No estudo da subjetividade, das narrativas, autobiografias e histórias de vida costumam ser ferramentas privilegiadas em situações de pesquisa, especialmente em Ciências Humanas. (MOUTINHO; DE CONTI, 2016,P.1)

O texto de Moutinho e De Conti (2016) aborda a narrativa como um recurso essencial para a compreensão da subjetividade e das dinâmicas humanas, especialmente no campo das Ciências Humanas. A narrativa é apresentada como um dispositivo capaz de circunscrever personagens no tempo e no espaço, permitindo o exame de processos de transformação e inter-relações sociais. Essa estrutura narrativa não apenas organiza o enredo, mas também revela aspectos morais e subjetivos dos personagens, os quais emergem por meio dos conflitos e interações.

CAPÍTULO 2- Mergulhando nos Percursos dos Participantes

Neste capítulo, serão apresentadas a análise dos indivíduos entrevistados, a partir dos instrumentos de coleta utilizados, a saber as respostas do questionário objetivo, a análise das entrevistas individuais e as abordagens da Roda de Conversa. As percepções dos participantes sobre seus percursos formativos, a fim de evidenciar o segundo objetivo específico que visa demonstrar, como os mais diversos percursos (Auto)formativos podem ser revelados no contexto dos Professores Universitários Negros, Não Licenciados que atuam no Ensino Superior.

2.1 Análise do Questionário Objetivo

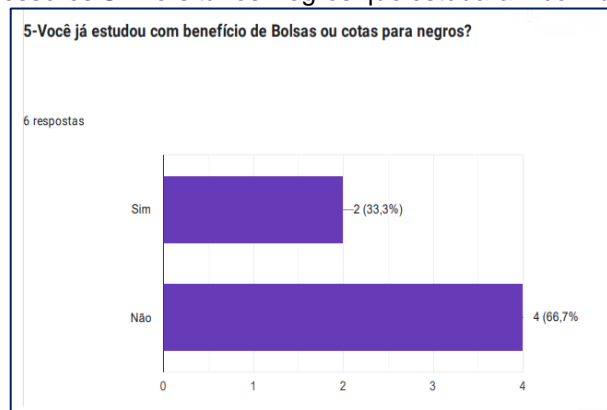
Como resultado do questionário objetivo, foram gerados alguns gráficos, sendo que serão apresentados e analisados, aqueles que melhor se relacionam com a temática da pesquisa sobre professores negros não licenciados, no Ensino Superior. O questionário foi aplicado com cinco professores, sendo que um deles respondeu duas vezes por isso, o gráfico mostra um total de seis pessoas, porém apenas cinco professores responderam a pesquisa.

2.1.1 Professores Universitários Negros que estudaram com benefício de bolsa

Tendo em vista que cursar uma graduação com recursos limitados pode ser um processo desafiador para muitas pessoas, principalmente no contexto daqueles que hoje tornaram-se professores, independente da cor, alguns deles precisaram de algum tipo de ajuda financeira para cursar a graduação.

Nos casos dos professores negros que responderam a esta pesquisa, todos recorreram a universidades privadas para poderem conquistar uma graduação e durante o processo, alguns tiveram que enfrentar desafios financeiros para conseguir continuar os estudos.

No questionário, perguntamos aos participantes sobre o uso do benefício de Bolsa, o intuito era descobrir dos cinco professores negros, quantos deles cursaram a graduação mediante o auxílio de algum benefício de bolsa, conforme gráfico 4:

Gráfico 4: Professores Universitários Negros que estudaram com benefício de bolsa

Fonte: Questionário Objetivo *Google Forms* (2024)

Dos cinco professores entrevistados, dois deles estudaram com benefício de bolsa e três deles afirmaram que estudaram sem utilizar benefícios de bolsa.

O texto a seguir apresenta uma breve análise sobre a formação acadêmica destes cinco professores, destacando a relação entre o uso de bolsas de estudo e a trajetória educacional.

Primeiramente, é importante notar que apenas dois dos professores mencionaram ter graduado com o auxílio de uma bolsa. Isso indica que, na amostra comprovada, a maioria (quatro professores) não se beneficiou de programas de financiamento ou apoio financeiro durante sua formação. Essa diferença pode refletir diversas realidades socioeconômicas.

Além disso, a presença de apenas dois professores que utilizam bolsas, pode sugerir uma questão sobre a acessibilidade do ensino superior e a necessidade de políticas públicas mais eficazes para promover a inclusão. A situação dos professores que não utilizaram bolsas pode levantar questões sobre como gerenciar seus estudos, se por meio de trabalho ou apoio familiar.

A diversidade nas experiências de formação dos professores também pode influenciar suas abordagens pedagógicas e suas perspectivas sobre a educação. Professores que tiveram acesso a bolsas podem ter experiências diferentes em relação a recursos e oportunidades durante a formação, enquanto aqueles que não tiveram essa possibilidade podem ter desenvolvido habilidades de resiliência e resiliência.

Essas narrativas ilustram não apenas as diferentes realidades financeiras

enfrentadas pelos educadores, mas também como essas experiências impactaram suas trajetórias e filosofias de ensino.

Segundo matéria do Estadão (2021, p1):

Menos de 3% das instituições de ensino superior brasileiras têm número de professores negros que espelha a distribuição racial da região onde está. Em uma década, as cotas e programas como Fies e ProUni ampliaram as oportunidades de acesso na graduação, mas transformar o perfil dos professores é um processo mais lento e difícil.

A diversidade nas histórias de formação é enriquecedora do ambiente acadêmico, permitindo que cada um traga uma perspectiva única para a sala de aula. A luta de cada professor, seja com ou sem bolsas, reflete a complexidade do acesso à educação e a importância de políticas que promovam a equidade no ensino superior.

A presença de professores universitários negros que passaram por instituições de ensino superior com o benefício das cotas raciais é uma realidade cada vez mais significativa no Brasil. Essas políticas de inclusão, implementadas para corrigir desigualdades históricas, têm proporcionado a esses educadores não apenas acesso à educação, mas também a oportunidade de se tornarem agentes de transformação social.

Muitos desses professores compartilham histórias inspiradoras de superação, enfrentando desafios que vão desde a falta de recursos financeiros até o preconceito nas salas de aula.

A experiência de ter estudado com o auxílio das cotas fortaleceu seu compromisso com a educação inclusiva, motivando-os a criar ambientes que valorizam a diversidade e a equidade.

Além de contribuírem para a formação de novos estudantes, esses educadores desempenham um papel fundamental na pesquisa e na construção de conhecimento crítico. Eles trazem perspectivas únicas que enriquecem o debate acadêmico e desafiam narrativas hegemônicas, promovendo um ensino mais plural.

Os professores negros que se beneficiaram das cotas, também atuam como mentores, incentivando jovens de suas comunidades a aspirarem a carreiras acadêmicas. Essa influência positiva é essencial para dismantelar estereótipos e encorajar uma nova geração a acreditar em seu potencial.

A trajetória desses educadores é um testemunho do impacto das políticas de inclusão e da importância de um ensino superior diversificado, que não apenas reflete

a pluralidade da sociedade brasileira, mas também luta por uma transformação efetiva em prol da justiça social.

2.1.2 Professores que enfrentaram situações de racismo, por ser um docente negro atuando no Ensino Superior

Durante a aplicação do questionário, buscamos descobrir dentre os professores negros participantes, quantos tiveram que enfrentar algum tipo de barreira ou desafios, para poder tornar-se um professor no Ensino Superior, conforme gráfico 5:

Gráfico 5: Docentes que enfrentaram situações de racismo no Ensino Superior



Fonte: Questionário Objetivo *Google Forms* (2024)

Dos cinco professores entrevistados, cinco deles afirmaram que não, não enfrentaram situações de racismo por ser professor negro atuando no Ensino Superior. Somente um professor afirmou que sim, que já enfrentou racismo por parte de alunos e por terceiros.

A trajetória de professores universitários negros no Brasil frequentemente é marcada por desafios relacionados ao racismo, um fenômeno que permeia diversos aspectos da vida acadêmica.

Muitos desses educadores relatam experiências de discriminação, que vão desde olhares desconfiados até comentários depreciativos sobre sua capacidade intelectual. Esses episódios muitas vezes ocorrem em ambientes que deveriam ser de aprendizado e respeito, revelando a persistência do preconceito racial nas instituições de ensino superior.

Esses professores, ao enfrentarem tais situações, transformam suas experiências pessoais em ferramentas de resistência e conscientização. Eles utilizam suas vozes para discutir questões de raça, identidade e desigualdade, contribuindo para um ambiente acadêmico mais inclusivo. A sua presença em salas de aula não

apenas desafia estereótipos, mas também oferece a estudantes de diferentes origens a oportunidade de refletir sobre a diversidade e as desigualdades sociais.

Além de promover a reflexão, muitos desses educadores se envolvem em projetos de pesquisa e extensão que abordam o racismo estrutural, buscando promover mudanças dentro e fora da academia. Através de sua atuação, eles se tornam modelos para alunos que também enfrentam barreiras raciais, incentivando uma nova geração a lutar contra a discriminação.

Apesar das dificuldades, a resiliência desses professores é admirável. Suas histórias de superação não apenas iluminam a necessidade de um espaço acadêmico mais justo, mas também inspiram outros a desafiar as normas sociais que perpetuam o racismo. A luta deles é um passo essencial na construção de um futuro onde a igualdade e a inclusão sejam não apenas aspirações, mas realidades concretas nas universidades.

2.1.3 Professores e a existência de fatos (auto)formativos, que não pretendiam compartilhar

Devidos ao desafios enfrentados de forma particular na história de cada professor negro, buscamos descobrir quantos possuíam fatos que preferem não revelar ou não compartilhar guardando apenas para si e suas reflexões internas, conforme gráfico 6:

Gráfico 6: Fatos da sua história formativa que não pretendiam compartilhar



Fonte: Questionário Objetivo *Google Forms* (2024)

Dos cinco professores entrevistados, um deles possui fatos que não pretendia compartilhar e quatro deles afirmaram que não havia fatos que não pretendiam

revelar.

A trajetória formativa de professores negros, muitas vezes é marcada por experiências desafiadoras que eles gostam de não compartilhar, devido ao estigma e à vulnerabilidade que isso pode causar. Muitos enfrentaram discriminação durante sua formação, seja em escolas ou universidades, e relutam em expor essas vivências por medo de serem vistos como vítimas.

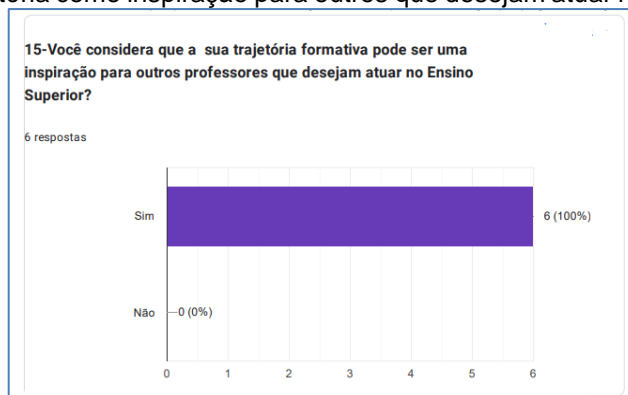
Além disso, questões como a falta de representatividade nos espaços acadêmicos e a dificuldade de acesso a recursos educacionais podem ser assuntos delicados. Professores negros também podem optar por não compartilhar suas histórias para evitar desviar o foco de suas conquistas acadêmicas e profissionais.

O desejo de se afirmar como competente e capaz muitas vezes eclipsa a necessidade de discutir as barreiras enfrentadas. Esse silêncio pode resultar em uma falta de visibilidade sobre as realidades que moldam a experiência educacional de muitos docentes negros. Assim, é importante criar um espaço seguro e acolhedor onde essas narrativas possam ser compartilhadas, promovendo a conscientização.

2.1.4 Trajetória (auto)formativa, como inspiração para docentes que desejam atuar no Ensino Superior.

Durante a aplicação do questionário, buscamos descobrir dentre os professores negros participantes, quantos consideram que suas trajetórias tem o poder de inspirar outros docentes a ingressarem também na Docência Universitária, conforme gráfico 7:

Gráfico 7: A trajetória como inspiração para outros que desejam atuar no Ensino Superior



Fonte: Questionário Objetivo *Google Forms* (2024)

Dos cinco professores negros entrevistados, todos deles afirmaram que sim, consideram que a sua trajetória (auto)formativa pode inspirar outros professores que desejam atuar no Ensino Superior.

Todos afirmaram com certeza, que suas trajetórias (auto)formativas podem inspirar outros educadores que interessem atuar no Ensino Superior. Esses docentes também enfatizaram a necessidade de redes de apoio entre educadores, promovendo a solidariedade e a troca de experiências.

Eles concordaram que a visibilidade de suas histórias é crucial para fortalecer a luta contra as desigualdades raciais na academia. Ao inspirar outros, eles não apenas reforçam a importância da diversidade na educação, mas também são orientados para a construção de um futuro mais igualitário. Assim, suas trajetórias não são apenas pessoais, mas coletivas, refletindo a luta por justiça e representatividade.

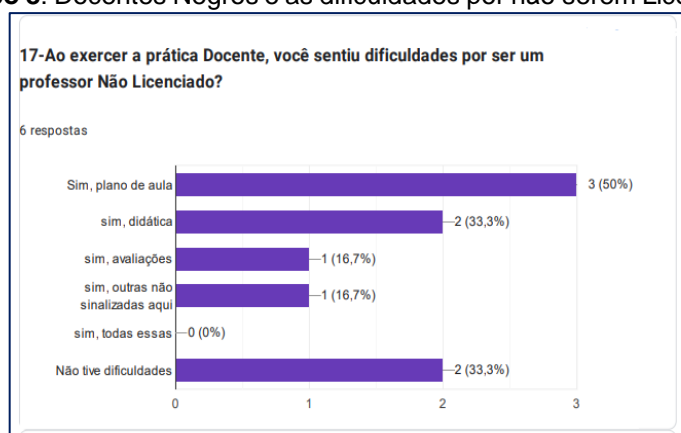
Professores universitários negros frequentemente veem sua trajetória (auto)formativa como uma fonte de inspiração para aqueles que aspiram a atuar no Ensino Superior. Ao compartilhar suas experiências, eles demonstram que, apesar das barreiras enfrentadas, é possível alcançar o sucesso acadêmico e profissional. Essas histórias de superação não apenas fortalecem a identidade e a autoestima de estudantes negros, mas também servem como modelos de resistência e perseverança.

Esses docentes enfatizam a importância da educação como uma ferramenta de empoderamento e transformação social. Além disso, ao valorizar suas origens e experiências, eles promovem uma visão mais inclusiva e diversa da academia.

Essa troca de experiências estimula um ambiente de apoio, encorajando novos educadores a persistirem em suas jornadas. Dessa forma, a trajetória (auto)formativa dos professores negros se torna uma ponte que liga passado e futuro, inspirando uma nova geração a lutar por equidade e justiça no espaço acadêmico.

2.1.5 Professores que enfrentaram dificuldades por não serem Licenciados

A pesquisa em questão investiga professores negros provenientes de cursos com títulos de bacharéis e tecnólogos, ou seja, não cursaram licenciatura para ministrar aulas. Por isso, buscamos descobrir quantos enfrentaram dificuldades e quais eram essas dificuldades se em avaliações, plano de aula ou didática na prática docente, conforme gráfico 8:

Gráfico 8: Docentes Negros e as dificuldades por não serem Licenciados

Fonte: Questionário Objetivo *Google Forms* (2024)

Dos cinco professores entrevistados, três deles afirmaram que tiveram dificuldades com plano de Aula, um professor afirmou que teve dificuldades com didática e um professor teve dificuldades com avaliação.

Os professores negros que não são licenciados, no entanto, muitas vezes compensam essa lacuna com experiências práticas ricas e uma forte conexão com suas comunidades. Eles trazem uma abordagem inovadora e crítica para a sala de aula, utilizando suas vivências para enriquecer o aprendizado dos alunos.

Assim, apesar das dificuldades enfrentadas, esses educadores desempenham um papel essencial na promoção de uma educação mais diversificada e representativa, desafiando normas e preconceitos, e se tornando exemplos de superação e resiliência.

Essa luta é um reflexo não apenas de suas histórias pessoais, mas de uma busca coletiva por equidade e inclusão.

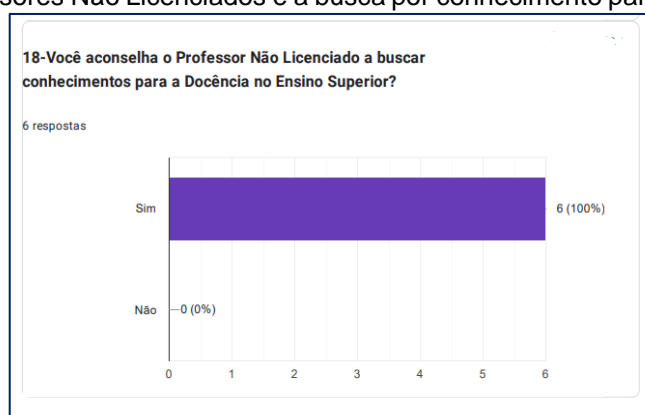
Por fim, um dos professores especializados teve dificuldades em implementar avaliações justas e práticas. Ele relatou a frustração de criar instrumentos que não apenas medem o conhecimento, mas também incentivam o aprendizado contínuo.

2.1.6 Professores Negros, Não Licenciados, e a formação para a Docência no Ensino Superior.

A busca por métodos de avaliação, que sejam abrangentes e que considerem a diversidade de habilidades dos alunos tornou-se um aspecto crucial da sua prática docente.

Essas experiências coletivas destacam as barreiras que muitos educadores enfrentam, evidenciando a necessidade de apoio e formação continuada. Buscamos descobrir quantos professores aconselham os demais docentes negros não licenciados, a buscarem conhecimento para a sua prática docente no Ensino Superior, conforme gráfico 9:

Gráfico 9: Professores Não Licenciados e a busca por conhecimento para o Ensino Superior



Fonte: Questionário Objetivo *Google Forms* (2024)

Dos cinco professores entrevistados, todos eles afirmaram que sim, aconselham o professor não licenciado a buscar conhecimentos para a Docência no Ensino Superior.

Todos concordaram em aconselhar professores não licenciados a buscarem conhecimentos e formação continuada para a docência no Ensino Superior. Eles enfatizaram que a educação é uma área em constante evolução, e o aprimoramento contínuo é essencial para garantir uma prática pedagógica efetiva.

Os professores também destacaram a importância de se manterem atualizados em relação às metodologias de ensino e às novas tecnologias, que são cada vez mais relevantes no ambiente universitário.

Eles incentivaram os futuros educadores a se envolverem em redes de apoio e grupos de discussão, que podem proporcionar troca de experiências e aprendizado colaborativo. Para eles, a busca por conhecimentos não se limita apenas ao conteúdo acadêmico, mas também abrange questões diversas.

Esses educadores acreditam que a formação contínua e o compromisso com a educação, são fundamentais para enfrentar os desafios que a docência no Ensino Superior apresenta.

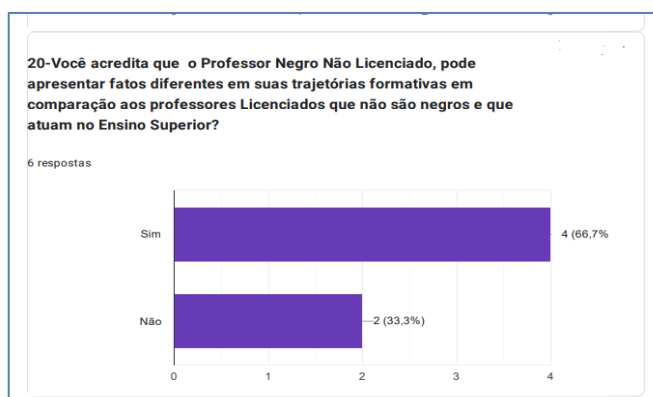
Ao compartilhar suas experiências e conhecimentos, eles esperam inspirar e capacitar novos professores para se tornarem agentes de mudança nas instituições

de ensino. Assim, a mensagem é clara: a formação e o aprendizado são caminhos essenciais para uma prática docente mais eficaz, inclusiva e transformadora.

2.1.7 Trajetória diferenciada em comparação aos professores universitários que não são negros.

Tendo os professores negros como alvo da pesquisa, buscamos descobrir quais docentes acreditam que os professores negros podem apresentar fatos diferenciados em sua trajetória, quando comparado com a trajetória de professores que não são negros, conforme gráfico 10:

Gráfico 10: Fatos diferentes na trajetória, em comparação aos professores universitários que não são negros.



Fonte: Questionário Objetivo Google Forms (2024)

Dos cinco professores que responderam ao questionário, quatro deles afirmaram que sim, que os professores negros não licenciados podem apresentar fatos diferentes em suas trajetórias de vida, em comparação aos professores que não são negros. Outros dois docentes afirmaram que não acreditam existir diferença entre esses dois perfis.

Os professores destacaram que, ao compartilhar suas histórias, podem oferecer aos alunos uma visão mais autêntica e rica sobre a realidade social do Brasil, promovendo reflexões que muitas vezes são negligenciadas em currículos tradicionais.

Essa contribuição não só enriquece a experiência de aprendizado, mas também ajuda a desmistificar estereótipos e preconceitos arraigados na sociedade. Eles concordaram que a presença de docentes negros em instituições de ensino superior é fundamental para garantir que as vozes e histórias de suas comunidades sejam ouvidas e valorizadas.

2.1.8 Análises geral dos resultados do questionário

Os resultados do questionário revelaram insights valiosos sobre suas experiências e percepções. A maioria dos participantes, expressou satisfação com sua escolha de carreira, destacando a importância de atuar como modelos para estudantes de comunidades marginalizadas. No entanto, muitos também disseram enfrentar desafios significativos, como a falta de reconhecimento e a pressão por resultados científicos.

Uma das questões abordadas foi a percepção sobre a representatividade negra no ambiente acadêmico. Os docentes enfatizaram a escassez de professores negros em suas instituições, apontando que isso impacta as características da diversidade de perspectivas na sala de aula.

Em relação à formação continuada, os entrevistados manifestaram o desejo de participar de programas de capacitação focados em metodologias inclusivas e antirracistas.

Em termos de apoio institucional, os professores destacaram a necessidade de políticas que promovam a equidade racial e que ofereçam recursos para sua formação e desenvolvimento. Esses resultados evidenciam a complexidade das experiências vividas por professores negros, refletindo a urgência de ações concretas para garantir um ambiente acadêmico mais inclusivo.

2.2 Entrevista Narrativa com Professores Universitários Negros

2.2.1 Entrevista com a Professora Pabloena da Silva

Convidamos para nos ceder uma entrevista presencial, a Professora Universitária Negra, Pabloena da Silva Pereira.

A Professora Pabloena da Silva possui atualmente trinta e um (31) anos de idade, natural de Manaus-amazonas e residente em Manaus-Amazonas. A professora foi orientada a compartilhar sobre sua formação e titulação atual.

A professora Pabloena é bacharel em Enfermagem; possui Pós-graduação em Urgência e Emergência; possui Pós-graduação em saúde pública com ênfase em saúde da família e possui Mestrado em Ciências Dermatológicas pela Universidade

do Estado do Amazonas(UEA). Registro da Entrevista conforme imagem 1:

Figura 01: Entrevista com a Professora Pabloena



Fonte: Entrevista Presencial realizada pela autora 2024

A professora Pabloena compartilhou o que ocorreu durante sua trajetória escolar, desde sua infância, onde revelou que estudou primeiramente no jardim de infância Vitória Régia, que segundo a entrevistada, foi uma época muito legal. Antes de completar quatro (4) anos, sua mãe a transferiu para um colégio particular Batista onde cursou a alfabetização.

A professora Pabloena iniciou a primeira série do ensino fundamental ainda com cinco 5 anos de idade. A partir daí sempre entrava antecipadamente nas séries posteriores. Da primeira até a quinta série do Ensino Fundamental, a professora revelou que cursou na mesma escola. [...] “nessa época meus cabelos eram encaracolados, porém isso não me incomodava”, porém por ele ser volumoso, estilo black power fazia com que ele ficasse muito pesado”. [...]

A professora comentou que na infância seus cabelos sempre foram muito encaracolados. A professora relatou que além dos cabelos volumosos, também usava óculos. Dos casos de preconceito que a mesma recorda dessa época, estavam relacionados aos cabelos e aos óculos, pois segundo ela: [...] ou me chamavam de cabelo de bombril ou de quatro olhos, eu tinha uns (6) seis anos na época, mas nunca levei isso para o lado maldoso, porém hoje entendo que eram sinais de preconceito”. [...]

A professora Pabloena relatou como foi o período em que cursou o Ensino Médio, a mesma declarou que sempre estudou em escola pública, cursou o primeiro ano no município de Inhamundá e comenta: “lembro do meu professor de química que também era negro e era um excelente professor nessa época”.

Prosseguindo, a professora Pabloena relatou que, sua mãe era professora por

magistério e que chegou a ser sua professora na turma do primeiro ano que cursava. A professora relatou que seus colegas começaram a comentar que ela iria colar, pelo fato de sua mãe ser professora, eles achavam que ela ia ter acesso aos gabaritos dos exercícios e que sua mãe lhe daria cola, sendo que ela não colava, nem tinha essa intenção. A professora Pabloena declarou:

[...] “Fiquei tão chateada, que um dia cheguei em casa chorando e relatei tudo à minha mãe, ela compreendeu e conversou com a turma, falou para eles que na sala de aula ela era a minha professora e que eu faria os exercícios igualmente aos outros alunos, pois ela queria que eu aprendesse de fato, somente depois eles pararam de me insultar daquela forma.[...]

Apesar de sua mãe ser professora, nessa época a professora Pabloena ainda estudante do primeiro ano do ensino médio, chegou a dizer que não queria ser professora, o desejo de tornar-se docente, ainda não era latente nessa época:

[...]Eu dizia que não queria ser professora, pois quando minha mãe levava para casa os diários de frequência das turmas dela, ela chamava os filhos para ajudá-la, então, lembro que ficava cansada de tanto fazer aqueles pontinhos...por isso, dizia que não queria ser professora, eu queria ser enfermeira e entrar na marinha, totalmente diferente de ser professora e hoje sou professora e faço muitos pontinhos nos diários.[...] (PROFESSORA PABLOENA, 2024)

Posteriormente, a professora Pabloena mudou-se para cursar o segundo e o terceiro ano do Ensino Médio, no município de Parintins-Amazonas. A professora compartilhou que na época, teve que mudar de cidade, porque sua mãe foi aprovada no vestibular para o curso de Letras da universidade do estado do Amazonas, por isso teve que levar os filhos.

Sobre o ingresso para cursar a graduação, a professora Pabloena relatou que, durante o ensino médio, realizou as provas do Processo Seletivo Contínuo (PSC). Relatou que, no terceiro ano, teve que escolher três opções de curso: escolheu os Cursos de Medicina, Enfermagem e Nutrição, porém a nota do PSC tinha que ser superior a (600) seissentos, por isso não conseguiu entrar, contudo, seu desejo era continuar estudando. Prosseguindo, ela declarou:

[...] Eu queria muito continuar meus estudos, pois já havia concluído o ensino médio, foi quando minha mãe me enviou, para passar as férias em Manaus na casa do meu pai, e uma tia minha que é professora universitária, me apresentou o Programa Bolsa Universidade da Prefeitura de Manaus, para as instituições privadas. Realizei a minha inscrição e fui aprovada para o.

curso de Bacharel em Enfermagem da Universidade Nilton Lins do Parque das Lanjeiras-Manaus. (PROFESSORA PABLOENA, 2024)

A professora comenta que, depois de matriculada na universidade, reuniu os documentos necessários para solicitar o benefício do Programa Bolsa Universidade, porém como ainda era menor de idade, 16 anos, e como sua mãe ficou em Parintins, foi acompanhada pela sua tia. Quando foi divulgado o resultado do programa ganhei setenta e cinco 75% de Bolsa e eu teria que pagar os outros vinte e cinco 25%.

Segundo a professora Pabloena, nos quatro primeiros anos, sua mãe que pagava as mensalidades, porém como os valores aumentavam todos os semestres, sua mãe teve que recorrer a diversos empréstimos para quitar as mensalidades.

No último ano de faculdade, a professora compartilhou que os desafios financeiros aumentaram bastante, pois surgiram o período do estágio e de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e com isso, os custos tornaram-se maiores, e a mesma não estava conseguindo pagar, foi quando solicitou o benefício do Fundo de Financiamento Estudantil (FIES).

No período de estágio, a carga horária era alta e impactava no valor da mensalidade que se tornou bastante alta, mesmo com 25% de Bolsa.

No meu período de estágio, lembro que passava o dia todo dentro dos hospitais, por isso a solução na época foi recorrer ao financiamento, o FIES cobriu todas as mensalidades do último ano, então ficou cem por cento, então não pagava mais o último ano, porém quando terminei a graduação tive que pagar o FIES. Consegui concluir, me formei com o título de Bacharel em Enfermagem no ano de 2014, aos 21 anos de idade. (PROFESSORA PABLOENA, 2024)

A professora Pabloena comenta que durante o período da graduação ainda não havia surgido o desejo de tornar-se professora, porém enfatizou :

[...]Na graduação, eu admirava todos os meus professores, especialmente a professora Sheyla Bentes que ministrava a disciplina de urgência e emergência, achava interessante a metodologia dela, explicava o conteúdo e em seguida, fazia círculo com a turma toda, entregava casos clínicos pra gente raciocinar e realizar o planejamento. [...] (PROFESSORA PABLOENA, 2024).

Após a graduação, passou doze meses, um ano sem trabalhar, pois ainda não havia conseguido emprego em sua área de formação: Ela declarou: “Esse contexto me entristecia muito a ponto de quase entrar em depressão, pois tinha estudado muito para ficar naquela situação”.

Foi quando, no segundo ano após formar, Pabloena recebeu uma oportunidade, por meio de uma colega que estava em Tonantins-Amazonas, um município muito distante, próximo ao município de Tabatinga. A professora Pabloena resolveu tentar a oportunidade e viajou para lá, nessa época, estava morando com seu namorado, pois casou aos vinte e dois (22) anos, ele ficou em Manaus e ela foi tentar a sorte nesse Município, ela relatou:

A proposta era com garantia de hospedagem e alimentação, até receber o meu primeiro salário. Naquela época, a passagem estava custando entre quatrocentos e quinhentos reais, de lancha, para chegar mais rápido, ainda levei um dia e meio para chegar ao local. Cheguei em Tonantins, ainda trabalhei noventa dias de forma gratuita, sendo que a proposta de emprego não foi efetivada, completei seis meses e então decidi retornar a Manaus. (PROFESSORA PABLOENA, 2024)

O retorno a Manaus também foi bem difícil, pois Pabloena não tinha dinheiro para retornar, sua família se uniu para juntar o valor necessário para que ela pudesse viajar. Ela conseguiu retornar a Manaus de barco, e como era descida e um valor menor, chegou dentro de dois dias.

Depois que retornou a Manaus, a professora Pabloena conseguiu trabalhar como “home care” cuidando de seu tio, que havia caído de uma laje e fraturou uma das vértebras. Por conta disso, ele não conseguia se movimentar. A professora cuidava do seu tio e também da mãe dele, uma senhora idosa, que era paleativa.

A professora Pabloena, iniciou sua carreira docente no Ensino Superior, a princípio por questões de suprimento financeiro, pois antes, não pensava em ser docente, queria ser somente enfermeira. Porém, no ano de dois mil e dezenove (2019), foi contratada como professora, no curso de bacharel em enfermagem da Universidade Paulista Aqui Você Pode (UNIPAVP).

Quando iniciou como professora no Ensino Superior, a professora relatou que a dificuldade, foi encontrar uma metodologia que prendesse a atenção de seus alunos.

[...]Quando iniciei na Docência Universitária, um desafio foi a metodologia, pois eu tinha receio de falar algo e ser criticada pelos alunos, e não saber como agir, porém com o passar do tempo, fui me identificando, fui adquirindo experiência e me qualificando, hoje sou uma professora bem mais segura e confiante.[...] (PROFESSORA PABLOENA, 2024)

A professora Pabloena afirmou que as avaliações foram um fator preocupante em sua iniciação docente, enquanto professora não licenciada:

[...] No início eu utilizava questionários, para que os alunos pudessem estudar para as avaliações, porém, aos poucos fui percebendo que não deu certo com todas as turmas. Por isso, resolvi eliminar os questionários e incentivei a turma a estudar pelo material. As avaliações foram desafiadoras no início da minha carreira docente no Ensino Superior [...].(PROFESSORA PABLOENA, 2024)

Ao ser questionada, sobre como reagiria se enfrentasse uma situação de racismo por parte de alunos ou professores, a professora Pabloena declarou:

[...] A princípio ficaria sem ação, ou dependendo do meu estado emocional, ficaria estática, pediria para o aluno se retirar, ficaria chorosa, mas em seguida, registraria um boletim de ocorrência. Porém, se estivesse com raiva, minha tendência seria de revidar rapidamente, nesse caso, levaria o aluno junto comigo até a coordenação e formalizaria a denúncia. Se fosse por parte de algum professor, ficaria extremamente magoada e nunca mais dirigiria a palavra a esta pessoa [...]. (PROFESSORA PABLOENA, 2024)

Em relação aos alunos que perguntam quais caminhos a Pabloena percorreu para tornar-se professora no ensino superior, declarou: “Iniciei minha carreira docente no ensino técnico, por isso a experiência que adquiri, juntamente com as especializações que concluí, foram fatores que facilitaram a minha entrada para lecionar na graduação”.

A professora Pabloena apresentou algumas orientações formativas para alunos que desejam ingressar na docência:

[...]Devem possuir graduação na área escolhida, cursar uma especialização em docência, visto que muitas Instituições de ensino superior -IES exigem; deve cursar um mestrado, pois dependendo da instituição, o mestrado é a exigência maior para poder participar das seleções. É importante também, iniciar em outro nível anterior a graduação, para adquirir experiência para o ensino superior.[...] (PROFESSORA PABLOENA, 2024)

A professora Pabloena finalizou a entrevista, abordando também a importância do networking para quem deseja lecionar na graduação, uma vez que conhecer pessoas ajudará antes e durante a prática docente, tendo em vista o compartilhamento de experiências e a troca de conteúdo entre colegas docentes, da mesma área de formação.

2.2.2 Análise da Entrevista com a Docente Pabloena

A entrevista com a Professora Pabloena da Silva revelou nuances valiosas, é um relato rico, que ilustra não apenas sua trajetória acadêmica, mas também as experiências que moldaram sua identidade, e perspectiva profissional. Desde a infância até a formação superior, sua trajetória é marcada por desafios e resiliência.

A professora Pabloena possui uma formação acadêmica sólida, incluindo um bacharelado em Enfermagem, duas pós-graduações e um mestrado em Ciências Dermatológicas. Essa formação não apenas demonstra seu compromisso com a área da saúde, mas também reflete sua busca constante por conhecimento e especialização.

A ênfase em Urgência e Emergência, e em saúde pública com foco na saúde da família, revela um interesse em atender às necessidades sociais e comunitárias, ressaltando seu desejo de fazer a diferença na vida das pessoas.

O Início da Trajetória Escolar da professora Pabloena mostra que, desde os primeiros anos de escolaridade, Pabloena mostrou-se uma aluna precoce, ingressando nas séries do ensino fundamental com apenas cinco anos. Sua experiência no Jardim de Infância Vitória Régia e no segundo colégio particular Batista destaca um ambiente que, para ela, foi positivo e estimulante. Essa base sólida e as experiências escolares iniciais proporcionaram a ela um senso de confiança e a necessidade de continuar investindo em sua carreira.

A professora Pabloena também compartilha experiências de preconceito que teve na infância, especialmente relacionadas ao seu cabelo e ao uso de óculos. Apesar de ter sido alvo de brincadeiras e rótulos, ela não internalizou essas experiências de forma negativa na época.

Sua reflexão atual sobre essas vivências evidencia um entendimento mais profundo das dinâmicas sociais e raciais que permeiam a sociedade, especialmente no que diz respeito à aparência e à identidade. Algumas das principais dimensões extraídas da entrevista com a professora Pabloena podem ser vistas no quadro 6 a seguir:

Quadro 6: Principais questões abordadas pela Professora Pabloena na Entrevista Individual

Principais Tópicos abordados pela Professora Pabloena na Entrevista Individual			
Experiências que moldaram sua identidade e perspectiva profissional	Trajatória marcada por desafios e resiliência	Busca constante por conhecimento e especialização	Interesse em atender às necessidades sociais e comunitárias
Entendimento das dinâmicas sociais e raciais que permeiam a sociedade.	Compreensão de aparência e identidade negra.	A importância de referências negras na Docência	A presença de educadores que refletem a diversidade da população.
Perseverança e compromisso com a educação e a saúde pública	políticas públicas que possibilitam o acesso ao ensino superior.	Dinâmica de expectativas e julgamentos	A luta emblemática por inserção no mercado de Trabalho
Disposição para registrar ocorrências e lidar com Racismo	Modelos pedagógicos na formação de futuros educadores	Construção de relações no campo educacional	Diversidade, políticas públicas e oportunidades para negros no Brasil

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Essa capacidade de resiliência é uma característica notável em sua narrativa, mostrando como ela passou por experiências dolorosas em oportunidades de crescimento pessoal. A menção ao seu professor de química, que era negro e admirado, ilustra aí a importância de referências negras na Docência, pois tem o poder de inspirar os alunos negros a acreditarem em seus potenciais e que podem vencer os obstáculos da vida através do investimentos nos estudos.

A relação com professores negros durante sua formação foi um fator importante em sua trajetória. A presença de educadores que refletem a diversidade da população, pode ser crucial para o desenvolvimento da autoestima e da aspiração profissional em alunos que se identificam com essas figuras.

A história da Professora Pabloena Pereira é um testemunho inspirador, que mostra perseverança e compromisso com a educação e a saúde pública. Sua trajetória ilustra experiências de vida, tanto positivas quanto desafiadoras, que moldam não apenas a carreira de um educador, mas também sua visão de mundo e sua capacidade de impactar os outros.

A história da professora Pabloena é uma rica narrativa que ilustra sua trajetória acadêmica e profissional, marcada por desafios, preconceitos e a busca por identidade e reconhecimento. Sua experiência, desde os primeiros anos na escola até sua ascensão mostram valores e princípios que podem inspirar alunos e colegas professores.

A professora Pabloena destaca seu percurso escolar, enfatizando a importância de seus professores, especialmente aqueles que, como ela, pertencem a minorias. A admiração por seu professor de química negro, evidencia a importância de referências positivas na educação.

Sua relação com a figura materna, que também era professora, traz à tona questões de preconceito entre colegas, refletindo a dinâmica de expectativas e julgamentos que frequentemente afetam filhos de educadores.

Inicialmente, Pabloena expressou a intenção de não seguir a carreira docente, desejando ser enfermeira e até mesmo entrar na Marinha. Essa escolha reflete não apenas uma busca por independência, mas também uma resistência a uma vocação que, em sua percepção na infância, parecia árdua e repleta de obrigações. A transição para a enfermagem, no entanto, mostra uma mudança de foco e a redescoberta de suas paixões profissionais.

A narrativa revela o papel central da educação em sua vida, tanto na formação de sua identidade, quanto nas oportunidades que surgiram. A aprovação no Programa Bolsa Universidade, mesmo com as dificuldades financeiras enfrentadas por sua mãe, destaca a importância de políticas públicas que possibilitam o acesso ao ensino superior.

O financiamento estudantil através do FIES também é um ponto crucial, pois evidencia os desafios econômicos, que muitos estudantes enfrentam para concluir uma graduação na rede privada. Sobre o auxílio de Bolsas afirma Suarez (2021,p.2):

Os anos de estudos necessários para a formação de um professor universitário geram custos que, por vezes, estudantes e familiares não conseguem arcar. Além dos gastos diretos, o tempo dedicado à formação não está sendo consumido por um trabalho remunerado. Por isso, as bolsas de pesquisa e as políticas de incentivo à permanência são tão fundamentais para que mais estudantes negros ou oriundos de famílias pobres consigam se dedicar à sua própria formação. (PROFESSORA PABLOENA, 2024)

Pabloena inicia sua trajetória, descrevendo a admiração que sentiu por seus professores durante a graduação, especialmente pela metodologia inovadora da professora Sheyla Bentes.

Essa admiração destaca, a importância dos modelos pedagógicos na formação de futuros educadores e como a prática didática pode inspirar os alunos a seguirem carreiras na educação. Contudo, apesar dessa inspiração, ela ainda não nutria inicialmente o desejo de se tornar professora.

Após a graduação, a decisão de Pabloena de se mudar para Tonantins-

Amazonas em busca de uma oportunidade de trabalho é emblemática da luta por inserção no mercado.

O posicionamento para uma região remota, com a promessa de hospedagem e alimentação, reflete tanto a determinação quanto à vulnerabilidade de muitos profissionais que buscam uma chance de se estabelecer em suas áreas.

A experiência de trabalhar noventa dias de forma gratuita, para uma proposta de emprego que não se concretizou, é um exemplo claro das incertezas enfrentadas por muitos trabalhadores, especialmente em áreas de alta exigência, como a saúde. Essa etapa, embora frustrante, demonstra a disposição de Pabloena em se esforçar e adquirir experiência, mesmo sem remuneração.

A experiência de Pabloena como cuidadora de seu tio e de sua mãe, que necessitava de assistência, demonstra não apenas sua capacidade de adaptação, mas também a profundidade da responsabilidade familiar, que muitas vezes é colocada sobre os ombros dos profissionais de saúde. Esse período de cuidado, mostra a empatia e a resiliência da professora, refletindo uma ligação intrínseca entre suas vivências pessoais e sua futura atuação como docente.

Em relação a sua iniciação docente, o ingresso da professora Pabloena no Ensino Superior, foi inicialmente motivado por necessidades financeiras, contrastando com seu desejo inicial de ser apenas enfermeira. Essa mudança de trajetória, ilustra uma realidade comum entre profissionais: a necessidade de se adaptar e buscar novas oportunidades, em meio à crise econômica e à escassez de empregos na área de formação.

A contratação na Universidade Paulista Aqui Você Pode (UNIP-AVP) em 2019, possibilitou um repensar em relação a docência, pois a professora se identificou com o ambiente acadêmico e passou a dedicar-se ao exercício docente com suas turmas de enfermagem.

A trajetória da professora Pabloena, a partir de seu retorno a Manaus, e o início de sua carreira docente, oferece uma rica perspectiva sobre a intersecção entre a vida pessoal, os desafios profissionais e a construção da identidade como educadora. Sua história revela a complexidade de ser um profissional na área da saúde e, ao mesmo tempo, lidar com as demandas emocionais e financeiras.

O início da carreira como professora de enfermagem, foi um momento de grande insegurança para Pabloena. Sua preocupação em encontrar uma metodologia eficaz e o medo de críticas, refletem a vulnerabilidade comum entre novos

educadores. No entanto, a sua capacidade de adaptação e aprendizagem ao longo do tempo, culminou em uma prática docente mais segura e confiante.

A professora Pabloena abordou a questão do racismo, de maneira profunda, revelando suas emoções, e a complexidade das reações esperadas, em situações de discriminação. Sua disposição para registrar ocorrências e lidar com preconceitos, demonstra uma conscientização e uma luta contra injustiças, tanto em ambientes educacionais, quanto na sociedade em geral. Essa postura é especialmente relevante.

A professora Pabloena compartilhou orientações valiosas, para aqueles que desejam seguir a carreira docente, enfatizando a importância da formação continuada e do networking. Suas sugestões sobre a necessidade de especializações e a construção de relações no campo educacional, são fundamentais para aqueles que buscam não apenas integrar no ensino superior, mas também se destacar nele.

A história da professora Pabloena, é um testemunho poderoso da resiliência e da determinação. Sua trajetória ilustra, como as experiências pessoais e profissionais, moldam a identidade de um educador, e como a educação pode ser uma ferramenta de transformação. Além disso, sua reflexão sobre questões sociais e raciais, oferece uma perspectiva crítica e necessária, contribuindo para um diálogo mais amplo sobre diversidade, políticas públicas e oportunidades para negros no Brasil.

A história da professora Pabloena, oferece uma visão detalhada de sua trajetória profissional, que se entrelaça com desafios emocionais e sociais, refletindo as complexidades do caminho, que muitos educadores enfrentam. A narrativa dela, não apenas revela o percurso acadêmico, mas também as dificuldades emocionais e financeiras, que marcaram sua formação.

A história da professora Pabloena, revela um percurso repleto de desafios e superações, que ilustram a complexidade da experiência de jovens profissionais no Brasil. A narrativa destaca, a resiliência diante das adversidades, a busca por oportunidades e a adaptação necessária, em uma carreira que frequentemente exige mudanças.

A história da professora Pabloena, resume a luta de muitos profissionais, que buscam se afirmar em suas carreiras, enfrentando desafios financeiros, emocionais e sociais. Sua trajetória, é um testemunho da resiliência e da capacidade de adaptação, destacando a importância do apoio familiar e das oportunidades, que podem ser escassas e muitas vezes imprevisíveis.

A evolução da professora Pabloena, desde sua busca inicial pelo emprego até

a construção de sua identidade como professora, ilustra uma jornada rica em aprendizado e autodescoberta, que ressoa com muitos que navegam pelas complexidades da educação.

2.2.3 Entrevista Professor Adriano Oliveira

O professor Adriano foi convidado a ceder entrevista para compartilhar sobre sua trajetória escolar, acadêmica e profissional. A entrevista foi realizada na modalidade presencial, conforme figura 2:

Figura 2: Registro da entrevista com o Professor Adriano



Fonte: Registros da Pesquisadora (2024)

O Professor Adriano dos Santos Oliveira é autodeclarado negro(a) , tem quarenta e sete (47) anos de idade e graduou-se no curso de Bacharel em Enfermagem, possui Pós-graduação em Enfermagem do Trabalho e tem onze anos (11) de experiência na Docência onde atuou em nível técnico e nível superior.

Nascido no Estado de Minas Gerais, na cidade de três pontas. Sua trajetória escolar foi iniciada aos sete (7) anos de idade, no Pré-Escolar. Depois cursou de primeira a quarta série, onde relatou que nesse período já existiam professores que o inspiravam, por serem professores negros com muitas histórias de luta e resiliência, por ser uma criança, apenas observava, hoje entende perfeitamente.

O professor Adriano compartilhou, trouxe à memória, uma professora, que também era negra e contava muitas histórias de vida, onde ela compartilhava que já havia sofrido preconceito. [...] “Lembro da professora Giselda, mulher negra, ela contava diversas histórias de vida, que ela foi a primeira pessoa da família, a concluir um curso superior. Ela era bastante rígida e sempre incentivava os alunos negros e menos favorecidos a estudarem”[...].

Quando passou a cursar de quinta a oitava série, que atualmente foi alterada para a nomenclatura de nono ano, o professor Adriano trouxe a memória, mais um professor que o inspirou. [...]”Me lembro do professor Stelson, professor negro, de família de baixa renda, era professor e diretor da escola. Foi um grande incentivador ao estudo também. Foi um grande exemplo para mim.”[...].

Quando cursou o Ensino Médio, o Professor Adriano narrou que nessa época, tinha entre dezessete e dezoito anos de idade, trabalhava em uma Rede de Supermercados e ganhava um salário razoável, ganhava bastante hora extra e ainda não sabia qual curso de graduação iria escolher.

Nessa época, o governo começou a oferecer cursos gratuitos de diversas áreas pela Profissionalização dos Trabalhadores da área de Enfermagem (PROFAE), um programa de iniciativa do governo de Minas Gerais.

O curso que escolhi foi Auxiliar de Enfermagem e o governo fornecia uma bolsa de oitenta reais (oitenta reais), um jaleco e um aparelho de pressão, que segundo ele, tem esta memória muito forte em sua mente.

[...]Para finalizar o curso, era necessário realizar o estágio. Na época, meu patrão autorizou que eu fosse liberado para realizar meu estágio, realizava o estágio pela parte da manhã e trabalha no supermercado pela parte da tarde. Um certo dia, saí do estágio, e fui para o meu trabalho na parte da tarde e ao chegar lá, trabalhei normalmente até por volta das 17hs, quando meu patrão me chamou no escritório e me demitiu. Na época eu pensei, e agora? O que vou fazer da minha vida?[...] (PROFESSOR ADRIANO, 2024)

Como era mês de dezembro, o professor Adriano compartilhou que foi demitido em dezembro, onde recebeu todos os direitos trabalhistas e foi então se dedicar totalmente ao estágio que estava em andamento.

O professor Adriano Terminou o estágio e quando recebeu seu certificado, foi à procura do seu primeiro emprego como auxiliar de enfermagem.

[...]”No período em que eu estava em busca do meu primeiro emprego, muitas pessoas falando para mim, que eu não iria conseguir emprego facilmente, porque era muito jovem, não tinha experiência e que eu deveria voltar a trabalhar no supermercado. Nunca me senti melhor do que os outros, mas, prometi a mim mesmo que a partir daquele momento que peguei meu certificado, que nunca mais iria carregar caixa em supermercado e sim iria crescer na profissão que escolhi.”[...]. (PROFESSOR ADRIANO, 2024)

O professor Adriano relatou que sua irmã era enfermeira há muito tempo e

trabalhava na cidade de Pouso Alegre. E sua irmã o indicou para uma vaga de emprego como enfermeiro particular. Ele comentou: “iniciei no meu primeiro emprego como auxiliar de enfermagem, onde minha função era cuidar de um senhor idoso. Eu era dotado de conhecimento teórico mas, não possuía conhecimento na parte prática”.

Ao trabalhar na área, professor Adriano compartilhou que aprendeu muito com a esposa do seu paciente, a qual era enfermeira graduada da qual ele tem memória de gratidão, por ter aprendido bastante com seus ensinamentos.

“Quando o meu paciente passava mal, ele tinha que ser levado ao hospital, e minha irmã trabalhava no mesmo hospital, com isso, acabei conhecendo os colegas de trabalho da minha irmã, que passaram a ser meu colegas de profissão, onde pude aprender bastante”. Segundo o professor Adriano, aprendeu muito com eles também e esse processo contribuiu bastante em sua lapidação como profissional de enfermagem. Ele declarou:

[...]O tempo foi passando e mais tarde comecei a trabalhar no hospital também, iniciei no hospital na área de enfermagem, trabalhei três meses como voluntário, tomei essa atitude porque queria aprender, porém após esse período fui contratado. Na época em que fui contratado no hospital, surgiram outros pacientes particulares e assim fui adquirindo experiência profissional em minha área de atuação.[...] (PROFESSOR ADRIANO, 2024)

O professor Adriano relatou que continuou investindo em sua qualificação, pois ingressou em um curso técnico de enfermagem.

Após concluir seu curso técnico em enfermagem, o professor Adriano foi aprovado no processo seletivo para sargento temporário do exército de Minas Gerais. Após servir como sargento das forças armadas, conseguiu um novo emprego na Unimed de Minas Gerais. Foi justamente nesse período que decidiu qual curso de graduação iria escolher, o curso de bacharel em enfermagem.

Antes de se tornar bacharel em enfermagem, o professor Adriano compartilhou como foi o processo de escolha da graduação, até conseguir ingressar no curso de bacharel em enfermagem:

[...]Primeiramente, prestei vestibular para o curso de medicina, fui aprovado, porém nesse período minha esposa engravidou, tive que trabalhar mais e por isso, optei por desistir de cursar medicina. Depois iniciei a faculdade de administração hospitalar, cursei dois períodos, porém ao me deparar com a parte de cálculos, percebi que não me identificava com a área. (PROFESSOR ADRIANO, 2024)

O professor Adriano relatou que na cidade de Pouso Alegre onde residia, havia uma instituição que oferecia o curso de enfermagem, porém o curso era ofertado em horário diurno, e como precisava trabalhar o dia inteiro, não conseguia ingressar no curso desejado.

[...]Depois de algum tempo, chegou na cidade de Ouro Fino uma instituição de Ensino Superior-IES chamada ASMEC, essa instituição ofertava o curso de enfermagem no período noturno. Foi então que prestei vestibular, fui aprovado e finalmente, consegui ingressar na graduação em enfermagem. Não havia bolsas ou auxílios, por isso eu trabalhava durante o dia para custear a faculdade e estudava no turno da noite[...]. (PROFESSOR ADRIANO, 2024)

Após conseguir formar-se como Bacharel em Enfermagem, o professor Adriano, desejava somente atuar em Hospitais, não conseguia enxergar outras possibilidades dentro de sua área, até que ao passar por um Estágio probatório para trabalhar no Hospital João Lúcio, na cidade de Manaus, surgiu a oportunidade de tornar-se preceptor de Estágio.

Compartilhou que, estava em processo de estágio probatório no Hospital João Lúcio e ali surgiu a oportunidade de atuar como preceptor de estágio. Então iniciou em Manaus depois se deslocou para o município de Barcelos, onde foi atuar como preceptor no estágio de pediatria. Depois passou pelo município de Tabatinga e em seguida foi para o município de Tefé. Foi exatamente na cidade de Tefé, que o professor Adriano iniciou sua primeira experiência em sala de aula, conforme verificamos a seguir:

[...]Fui então para o município de Tefé, ministrar a disciplina de Saúde Pública para alunos do Curso Técnico em Enfermagem. Meu primeiro dia como professor foi terrível, porque nunca havia passado pela experiência de sala de aula, era tudo novo para mim, lembro-me que a sala era enorme e como cheguei antes dos alunos, verifiquei que haviam cento e vinte (120) cadeiras, então fiquei imaginando se a quantidade de alunos era proporcional ao tamanho da sala. Estava totalmente tenso e preocupado, cada vez que os alunos chegavam mais tenso eu ficava, até que percebi que a sala estava com cento e trinta e dois alunos (132) alunos. Mesmo tenso me apresentei, e pedi para que eles se apresentassem, conforme eles iam se apresentando fui me tranquilizando[...]. (PROFESSOR ADRIANO, 2024)

O professor Adriano compartilhou que após sete (7) anos ministrando aulas para curso técnico, surgiu uma oportunidade para ministrar aula no Ensino Superior. Ele relatou que, nessa época, trabalhava no Hospital Francisca Mendes em Manaus,

quando um colega de trabalho comentou que a Universidade Paulista UNIP-Aqui Você Pode, estava contratando professores para ministrar aulas na graduação em enfermagem. O professor Adriano relatou:

[...] Esse amigo pediu meu currículo, enviei para ele e fui chamado para uma entrevista, na entrevista fui questionado sobre as experiências anteriores, falei que minha experiência docente. até então haviam sido apenas em cursos técnicos e que já havia tentado em outras instituições mas não conseguia ser chamado. A instituição UNIP me contratou e lá passei dois anos ministrando aula para enfermagem e os demais cursos da área da saúde. (PROFESSOR ADRIANO, 2024)

O professor Adriano compartilhou que, teve que sair da instituição UNIP para se dedicar ao trabalho na Petrobrás e o seu tempo se tornou escasso, o que resultou em seu pedido de desligamento da Docência, apenas por algum tempo. No ano de 2021 retornou à Docência onde encontra-se atualmente como professor no curso de Bacharelado em Enfermagem da Faculdade Metropolitana de Manaus (FAMETRO).

2.2.4 Análise da Entrevista com o Docente Adriano

A trajetória do Professor Adriano dos Santos Oliveira é um relato inspirador que ilustra a importância da resiliência, da educação e das influências positivas ao longo da vida. Desde sua infância em Três Pontas, Minas Gerais, Adriano foi moldado por professores que não apenas transmitiam conhecimento, mas também inspiravam com seus próprios exemplos.

Adriano cita dois professores negros que tiveram um impacto significativo em sua formação: Giselda e Stelson. Ambos representam figuras de força e perseverança, em uma sociedade que frequentemente marginaliza os indivíduos de minorias étnicas. Giselda, por exemplo, não só era a primeira em sua família a completar um curso superior, mas também incentivava seus alunos a buscarem educação como uma forma de ascensão social.

Essa presença marcante de educadores negros é um elemento fundamental que destaca a importância da representatividade nas salas de aula, especialmente em contextos onde os alunos podem se sentir desmotivados.

A história do Professor Adriano dos Santos, narrada em sua trajetória educacional e profissional, é um exemplo poderoso de superação e determinação.

Desde o Ensino Médio, quando conciliava o trabalho em um supermercado com o desejo de se formar, até sua evolução como enfermeiro e educador, Adriano ilustra como a perseverança e o apoio familiar podem moldar uma pessoa.

Durante o Ensino Médio, o professor Adriano falou sobre a complexidade comum a muitos jovens: a incerteza sobre o futuro e a pressão financeira. Seu emprego em um supermercado proporcionou estabilidade, mas também impôs limites às suas aspirações.

A introdução de cursos gratuitos pelo programa Profissionalização dos Trabalhadores da área de Enfermagem (PROFAE), foi um divisor de águas em sua vida, permitindo que ele ingressasse no curso de Auxiliar de Enfermagem. A bolsa oferecida e os materiais fornecidos foram mais do que benefícios; foram um reconhecimento do seu potencial e um incentivo para seguir em frente.

A demissão inesperada do supermercado, embora assustadora, se transformou em uma oportunidade para o professor Adriano. Essa virada reflete uma mentalidade resiliente; em vez de sucumbir ao medo, ele se dedicou ao estágio. Essa experiência não apenas ampliou seu conhecimento prático, mas também fortaleceu seu compromisso com a profissão que escolheu.

A trajetória do professor Adriano, desde seu início como preceptor até sua experiência no Ensino Superior, exemplifica um caminho de crescimento profissional que combina aprendizado, desafios e adaptações constantes.

Podemos verificar os principais fatores percebidos na entrevista com o professor Adriano, conforme quadro 3:

Quadro 7: Principais questões abordadas pelo Professor Adriano na Entrevista Individual

Principais Tópicos abordados pelo Professor Adriano na Entrevista Individual			
Resiliência, educação e influências positivas ao longo da vida.	Representatividade negra nas salas de aula	Um percurso marcante na educação em saúde	Inspirações de outros professores negros
A importância das redes profissionais na construção da carreira	Dedicação, adaptação e resiliência	Prática pedagógica rica e significativa.	Incertezas na iniciação Docente
Representatividade nas salas de aula	Exemplo de superação e determinação	Perseverança e o apoio familiar	Aprendizados, desafios e adaptações constantes
Postura versátil que ele tem como profissional	Habilidade de inspirar e orientar estudantes em um nível mais profundo	A realidade financeira e as responsabilidades pessoais	Momentos de crescimento e redescoberta

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

O professor Adriano, iniciou seu percurso de ensino durante o estágio probatório no Hospital João Lúcio (HJL), onde surgiu a oportunidade de atuar como preceptor. Essa fase inicial é crucial, pois o papel do preceptor exige não apenas conhecimento técnico, mas também habilidades interpessoais e de liderança. A experiência em diferentes localidades, como Barcelos, Tabatinga e Tefé, reflete a postura versátil que ele tem como profissional.

A primeira experiência em sala de aula, foi marcada pela ansiedade e pela incerteza. O fato de ministrar para 132 alunos em uma sala grande, amplificou suas preocupações, mostrando que mesmo profissionais capacitados, podem sentir-se inseguros em novas situações.

Essa tensão inicial, se transformou em um momento de aprendizagem. Ao pedir que os alunos se apresentem, professor Adriano começou a estabelecer uma conexão com a turma, um passo essencial para criar um ambiente de ensino positivo e interativo com os discentes.

A trajetória do professor Adriano revela um percurso marcante na educação em saúde, refletindo uma combinação de dedicação, adaptação e resiliência. Sua transição do ensino técnico para o Ensino Superior é um ponto de mudanças em sua carreira na Docência.

Após sete anos lecionando em cursos técnicos, o professor Adriano recebeu a oportunidade de lecionar na Universidade Paulista Aqui Você pode (UNIP-AVP).

Essa mudança, representa um marco significativo em sua carreira, pois lecionar no Ensino Superior, envolve não apenas o domínio do conteúdo, mas também a habilidade de inspirar e orientar estudantes em um nível mais profundo. O fato de que ele foi recomendado por um colega de trabalho, destaca a importância das redes profissionais, na construção da carreira e no aproveitamento de oportunidades.

Durante uma entrevista na UNIP, Adriano apresentou o desafio de explicar sua experiência predominantemente em cursos técnicos, um ponto que poderia ter sido visto como uma desvantagem.

A sua confiança e a ênfase em suas vivências práticas ajudaram a consolidar a sua posição. Isso ressalta uma característica fundamental de um educador: a capacidade de transformar experiências, em aprendizados valiosos para os alunos.

A decisão de deixar a UNIP para trabalhar na Petrobrás ilustra um dilema comum enfrentado por muitos profissionais: equilibrar as demandas de uma carreira

em educação, com a exigência de outros empregos.

Embora sua saída tenha sido temporária, essa escolha reflete a realidade financeira e as responsabilidades pessoais, que muitos educadores enfrentam. O retorno à docência em 2021, agora na Faculdade Metropolitana de Manaus (FAMETRO), não apenas sinaliza uma continuidade em sua missão educacional, mas também um renascimento em sua carreira.

Atualmente, como professor do curso de Bacharelado em Enfermagem da (FAMETRO), Adriano tem a oportunidade de moldar a próxima geração de enfermeiros. Sua experiência acumulada, tanto no campo da saúde quanto na educação, fornece uma base sólida para inspirar seus alunos. Ele traz consigo, riqueza em suas vivências, que vão além do conhecimento de sua formação, ensinam valores e princípios de vida.

A história do professor Adriano é uma inspiração, que ilustra como as transições na carreira, podem ser momentos de crescimento e redescoberta. Sua jornada reflete, o impacto que um educador pode ter, na formação de profissionais de saúde, mostrando que cada experiência, seja em sala de aula ou em outros contextos, contribui para o desenvolvimento de uma prática pedagógica rica e significativa.

2.2.5 Entrevista com o Professor Marcelo Rabelo

Foi realizada a entrevista com o Professor Universitário Negro, Marcelo Rabelo Cardoso da Silva. O professor Marcelo possui quarenta e quatro (44) anos de idade, e atua como docente a nove (9) anos.

É graduado em Tecnologia da Informação (TI). Possui especialização em Perícia Forense Computacional, Recursos Humanos e Administração de Empresas. Possui um Mestrado em Educação não validado no país.

O Professor Marcelo cursou Graduação na Universidade Luterana do Brasil nos anos de 2003 a 2006. Possui graduação em Engenharia de Software e Produção Áudio Visual que cursou na modalidade de Educação à Distância (EAD).

Ao ser orientado a compartilhar como foi a sua infância escolar, o professor Marcelo declarou: “Em minha infância, sempre estudei em Escola Pública, meu pai era técnico em Mecânica e não deixava faltar comida para a família.”

Quando foi professor no curso Técnico em Informática no ano de 2006. Iniciou como Professor Universitário, em Fevereiro de 2015 na Universidade Paulista Aqui Você Pode (UNIPAVP)

O professor Marcelo foi convidado a compartilhar quais seriam suas estratégias diante de uma situação de racismo, por parte de alunos ou colegas professores dentro da universidade. Ele respondeu :

[...]Como docente negro na universidade, sempre uso a estratégia de apenas mostrar meu trabalho e deixo que os demais façam suas próprias observações, se meu trabalho é de boa qualidade ou não. Se eu passasse por uma situação de racismo, eu registraria um boletim de ocorrência na polícia e isso ficaria registrado.[...] (PROFESSOR MARCELO, 2024)

Convidamos o Professor Marcelo a compartilhar, quais recomendações são necessárias aos docentes negros que desejam ingressar na Docência Universitária. Ele declarou:

[]Ter conhecimento na área é imprescindível, ter formação na área que pretende lecionar. A questão do Soft-Skill que são as habilidades comportamentais são essenciais em todas as áreas inclusive na Docência Universitária, por lidar com pessoas e muitas responsabilidades em formar outros profissionais. [] (PROFESSOR MARCELO, 2024)

O professor Marcelo enfatizou que é importante que o docente adquira conhecimento teórico através da sua formação, mas também adquira conhecimento prático no mercado de trabalho, tendo em vista, a necessidade de evidenciar a prática e a realidade do mercado para os acadêmicos.

[...]Possuir habilidade e conhecimento não somente teórico, mas também prático, uma vez que podemos falar com propriedade sobre assuntos que de fato temos experiência e conhecimento. Somos professores Não licenciados, originados do mercado de trabalho para mostrar a realidade do mercado para nossos alunos, por isso temos que ter conhecimento teórico e prático.[] (PROFESSOR MARCELO, 2024)

A história do professor Marcelo oferece uma visão rica e multifacetada, sobre a experiência de um docente negro no ambiente universitário. Com uma trajetória que abrange tanto a formação acadêmica quanto a prática no mercado de trabalho, o professor exemplificou a importância do conhecimento teórico aliado à

experiência prática, um aspecto essencial na formação de futuros profissionais.

2.2.6 Análise da Entrevista com o Docente Marcelo

A história do professor Marcelo Rabelo, oferece uma visão rica, sobre a experiência de um docente negro no ensino superior, e as nuances de sua trajetória.

Graduado em Tecnologia da Informação, com diversas especializações, o professor Marcelo, destaca-se como um profissional com sólida formação acadêmica.

A experiência do professor Marcelo em escolas públicas e a menção ao papel de seu pai na família, ilustram um contexto que moldou sua resiliência e determinação.

Ao abordar a questão do racismo, o professor apresenta uma abordagem ponderada: ele opta por mostrar a qualidade de seu trabalho, permitindo que os outros o julguem com base em suas competências. Essa estratégia, não reflete apenas uma atitude de autoconfiança, mas também uma resistência ao preconceito.

Além disso, professor Marcelo enfatiza a relevância de desenvolver tanto habilidades teóricas quanto práticas. Ele argumenta que o conhecimento adquirido na formação acadêmica, deve ser complementado por experiências reais no mercado de trabalho, permitindo que os alunos vejam a aplicação prática do que aprendem.

Quadro 8: Principais questões abordadas pelo Professor Marcelo na Entrevista Individual

Principais Tópicos abordados pelo Professor Marcelo na Entrevista Individual			
Sólida formação acadêmica.	Resiliência e determinação.	Julgamentos com base em suas competências	Resistência ao preconceito.
Habilidades teóricas e práticas	Habilidades comportamentais, na formação docente.	Educador capaz de inspirar e formar alunos	Superação e comprometimento com a educação
A luta contra o racismo	A complexidade da docência no contexto contemporâneo	Atitudes de autoconfiança	Inspiração para futuros educadores
Comunicação e empatia	Sistema educacional desafiador	A importância de uma formação robusta.	Atuação abrangente e contextualizada.

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Essa perspectiva é vital, especialmente para docentes que, como ele, fornecem um contexto profissional e não somente acadêmico, trazendo uma visão contemporânea e aplicável para a formação de futuros profissionais.

O professor também destaca, a importância das soft skills, ou

habilidades comportamentais, na formação docente. Essa ênfase é crucial em um ambiente educacional, que cada vez mais valoriza a capacidade de se relacionar e comunicar eficazmente.

Sua experiência, aliada a um entendimento prático do mercado e um forte conhecimento teórico, posiciona-o como um educador capaz de inspirar e formar alunos de maneira abrangente e contextualizada.

Em resumo, a trajetória do professor Marcelo é um exemplo de superação e comprometimento com a educação, destacando a necessidade de uma formação integral e a luta contra o racismo.

Sua trajetória inicial no Ensino Técnico em (2006) revela um caminho comum para muitos educadores, que buscam compartilhar conhecimento na prática.

As recomendações que o professor Marcelo faz para docentes negros que aspiram à docência universitária, são igualmente importantes. Ele enfatiza a necessidade de conhecimento técnico, habilidades comportamentais e a importância de uma formação robusta. Ao ressaltar a relevância das Soft Skills, como comunicação e empatia, Marcelo sugere que o sucesso na docência vai além da expertise técnica; é também sobre como se conectar e inspirar os alunos.

Em suma, a história do Professor Marcelo é um testemunho de dedicação dos educadores, que navegam por um sistema educacional muitas vezes desafiador. A sua ênfase na formação prática e teórica, juntamente com a conscientização sobre questões sociais como o racismo, destaca a complexidade da docência no contexto contemporâneo, e serve como uma inspiração para futuros educadores, que interessem fazer a diferença em suas comunidades.

2.2.7 Entrevista com o Professor João Arley

Iniciamos a entrevista com o nome completo do Professor Universitário, João Arley Barbosa de Melo, o professor João é (auto)declarado negro (a), possui quarenta e quatro (44) anos de idade.

É bacharel em Ciências Contábeis, possui Especialização em Docência do Ensino Superior. Possui Pós-Graduação em Auditoria Perícia e Controladoria Contábil e também possui uma Pós-graduação em Tecnologias Educacionais da Educação Profissional e Tecnológica.

O professor João Arley, foi questionado a respeito do seu período escolar na

infância, o qual afirmou: Quando criança e até a adolescência, sempre estudou em escolas particulares, pois na época seus pais possuíam boas condições financeiras, sua mãe era professora do Ensino Fundamental e seu pai trabalhava na Aeronáutica.

Casou-se aos dezessete (17) anos, foi pai precoce, morava com os pais até que iniciou sua história de lutas para possibilitar bem estar próprio e da sua família. Aos 21 anos de idade foi morar em uma casa separada somente com a esposa e seu filho.

O professor João Arley afirmou que passou situações de racismo a partir dos seus dezoito anos de idade, como jovem chegou a jogar em alguns times famosos da cidade de Manaus: “Como jovem, cheguei a ser atleta e como negro, passei a sentir essa questão do racismo de forma mais intensa, cheguei a jogar em alguns times famosos da nossa cidade como Fast Club”.

O professor João Arley possui uma formação técnica em sua área de atuação. Formou-se em Técnico em Contabilidade na Escola Estadual Sólon de Lucena na cidade de Manaus.

Em relação à graduação, o professor João Arley formou-se como bacharel em contabilidade no Centro Universitário do Norte- (UNINORTE) na cidade de Manaus.

O professor João Arley foi convidado a compartilhar se teve professores que o inspiraram, ele expressou: [...] No período da graduação, lembro-me do professor Gonzaga que foi meu professor na faculdade, também foi meu professor na Pós-graduação e hoje ele é coordenador na Escola Superior Batista do Amazonas- (ESBAM). Também lembro do professor Geraldo que era um professor de contabilidade excelente, são dois professores que me inspiraram bastante.

A primeira pós-graduação do professor João Arley, foi em Perícia, Auditoria e Controladoria Contábil no ano de dois mil e quatorze (2014) pela Escola Superior Batista do Amazonas (ESBAM).

O segundo curso de Pós-graduação do Professor João Arley, foi em Docência do Ensino Superior realizada entre os anos de dois mil e quinze e dois mil e dezesseis. (2015-2016).

O terceiro curso de Pós-graduação foi em Tecnologias Educacionais pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA) entre (2019-2020).

O professor foi convidado a compartilhar em que momento surgiu o

desejo de tornar-se professor, o qual declarou:

[...]Nunca ansiei por ser professor, porém após formado em contabilidade, eu tinha um amigo que era formado em economia e um dia eu e ele estávamos passando em frente a uma unidade do Centro de Educação Tecnológica do Amazonas-CETAM e resolvemos entrar, pois ficamos sabendo que o cetam estava contratando professores, formados em algumas áreas específicas para ministrar aulas para os cursos técnicos em alguns municípios do Amazonas. Um mês depois, já estava viajando pelos municípios ministrando aulas no curso técnico de contabilidade do cetam que foi onde iniciei minha carreira docente. [...]. (PROFESSOR JOÃO ARLEY, 2024)

O professor compartilhou que durante sua prática docente em cursos técnicos, foi percebendo que possuía aptidão natural para ministrar aulas e foi se identificando com a profissão. [...]Porém foi aí que senti a necessidade de cursar as especializações relacionadas à docência para poder aperfeiçoar minha didática, aprender novos metodologias para obter aulas com maior qualidade.[...]

Em relação a sua iniciação docente no Ensino Superior, o professor João Arley respondeu, [...]Tornei-me professor universitário na Universidade Paulista UNIP Aqui Você Pode-UNIP-AVP, no ano de dois mil e dezenove (2019), na graduação em Ciências Contábeis, totalizando cinco anos de atuação como professor universitário.

O professor foi convidado a compartilhar quais os desafios que enfrentou como professor universitário não licenciado, o mesmo revelou que: “O desafio que encontrei foi no quesito avaliação, dentro do processo avaliativo das próprias instituições de ensino, pois a avaliação não deve ser somente a nota final institucional mas sim todos os dias em sala de aula estamos avaliando nossos alunos”.

O professor João Arley compartilhou um pouco da sua experiência profissional em sua área de formação, no caso, na área de Ciências Contábeis, ele relatou: [...]Após formado, tive a oportunidade de trabalhar em alguns escritórios de contabilidade e também abri uma empresa própria, sou empresário, possuo um escritório de contabilidade na cidade de Manaus.[...].

Como forma de contribuição a quem deseja ingressar na docência universitária, o professor João enfatizou:

[...]É importante que quem deseja lecionar no ensino superior, e não possui licenciatura, deve adquirir experiência profissional em sua área de formação e buscar aperfeiçoamento contínuo através de pós-graduação em docência do ensino superior, pois a experiência profissional em sua área de formação

do indivíduo, somada ao conhecimento teórico, irá contribuir para se tornar um professor de excelência.[...] (PROFESSOR JOÃO ARLEY, 2024)

O professor João Arley, foi convidado a compartilhar sobre quais seriam suas ações se viesse a passar por racismo em decorrência de sua cor, por parte de alunos ou colegas de trabalho. Ele respondeu: [...]No primeiro momento, iria pedir respeito da pessoa que estivesse falando, em seguida, iria verificar se outras pessoas escutaram (testemunhas), e iria registrar um boletim de ocorrência referente ao crime de injúria racial, iria utilizar os meios jurídicos.[...].

Foi perguntado ao professor João Arley, se ele tem orgulho da própria história (auto)formativa como professor negro, ele respondeu:

[...]Sim, sou bem feliz com minha área de formação, sou feliz também por ser professor negro, por estar atuando na docência universitária e vejo que nossa história de vida, serve de inspiração para outras pessoas. Tudo está em nossas mãos para realizar, basta que as pessoas acreditem em seus objetivos e executem os meios para alcança-los.[...]. (PROFESSOR JOÃO ARLEY, 2024)

Prosseguindo com a entrevista, o professor João Arley foi questionado a respeito de quais orientações ele tem para professores inciantes, os quais pretendem lecionar no ensino superior, quais caminhos são necessários. Para esta pergunta, o professor João Arley afirmou que:

[...]Para aqueles professores que desejam lecionar no Ensino Superior, Cursar graduação na área que se pretende lecionar, adquirir experiência profissional na área, usar metodologias ativas nas aulas, visto que, a docência do ensino superior exige métodos que possam atrair e prender a atenção dos alunos, principalmente a noite, cansados do trabalho.[...]. (PROFESSOR JOÃO ARLEY, 2024)

O professor João Arley finalizou compartilhando recomendações valiosas para os docentes que desejam ingressar na Docência Universitária.

A recomendação de utilização de metodologias ativas é particularmente relevante no contexto atual da educação superior. Em um ambiente onde os alunos muitas vezes ficam exaustos após um dia de trabalho, estratégias que estimulam a participação e a interação são essenciais.

O professor João sugere que os professores devem adotar abordagens que atraiam a atenção dos alunos, tornando as aulas mais interativas e colaborativas. Isso não apenas facilita a aprendizagem, mas também ajuda a criar um ambiente mais

inclusivo e acolhedor.

Em resumo, a história do Professor João Arley é uma jornada de autodescoberta e crescimento profissional. Sua trajetória ilustra a interseção entre a formação técnica e a prática docente, além de enfatizar o impacto significativo dos mentores e a necessidade de aprimoramento constante no campo educacional.

2.2.8 Análise da Entrevista com o Docente João Arley

Iniciando a sua formação num ambiente de escolas particulares, o professor João Arley, teve acesso a uma educação de qualidade, o que se deve, em parte, à situação financeira dos seus pais.

Sua mãe, professora, e seu pai, funcionário da Aeronáutica, realizam um ambiente que valorizava a educação. No entanto, essa base privilegiada não o isenta de enfrentar o racismo, especialmente a partir dos 18 anos, durante a sua juventude como atleta.

Essas experiências de discriminação racial, relatadas com franqueza, ressaltam a complexidade da vivência negra, em diferentes contextos sociais, mesmo quando há acesso a recursos.

Sua formação técnica em Contabilidade e graduação no Centro Universitário do Norte não apenas atestou sua dedicação à área, mas também demonstrou um compromisso em avançar profissionalmente.

A trajetória do professor João Arley Barbosa, revela uma construção de identidade profissional que combina, formação técnica, experiência prática e um reconhecimento gradual, de sua vocação para a docência.

Sua formação inicial em Técnico em Contabilidade na Escola Estadual Sólon de Lucena estabelece uma base sólida, preparando-o para desafios futuros na área. A transição para a graduação em Ciências Contábeis no Centro Universitário do Norte (UNINORTE) representa um passo significativo em sua formação, permitindo-lhe adquirir conhecimentos e habilidades.

A virada na vida do professor João, que não ansiava ser professor até encontrar uma oportunidade no Centro de Educação Tecnológica do Amazonas (CETAM), é um

exemplo de como as situações podem redirecionar vidas.

A decisão de ensinar, impulsionada por uma conversa com um amigo, demonstra que oportunidades inesperadas podem abrir novos caminhos. O fato de ele ter reconhecido uma exibição natural para a docência durante sua experiência no CETAM, ilustra a importância da prática na descoberta de vocações.

Um dos principais desafios que o professor João enfrentou foi em relação a avaliação, um tema crucial no ensino superior. Ao afirmar que a avaliação deve ir além da nota final, ele propõe uma reflexão sobre a natureza do aprendizado.

Essa perspectiva enfatiza que a avaliação contínua e formativa é vital para o desenvolvimento dos alunos, indicando que um bom professor deve estar atento ao progresso diário dos estudantes. A seguir, principais assuntos abordados pelo professor João conforme quadro 9 a seguir:

Quadro 9: Principais questões abordadas pelo Professor João Arley na Entrevista Individual

Principais Tópicos abordados pelo Professor João Arley na Entrevista Individual			
Acesso a uma educação de qualidade	Complexidade da vivência negra	Maturidade e responsabilidade	Compromisso em avançar profissionalmente
Formação técnica, experiência prática	Reconhecimento gradual, de sua vocação para a docência	Enfrentamento ao Racismo	Metodologias, com base na interação com os alunos
Experiências profissionais relevantes, em sua área de formação.	Ambiente de aprendizagem mais significativo	Recomendações inspiradoras para novos docentes	Conscientização crítica sobre questões raciais.
Formação sólida, na experiência prática e na adoção de metodologias ativas	Contribuição para o desenvolvimento da docência universitária	Postura assertiva e proativa	Testemunho do papel transformador da educação

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

O professor João Arley também compartilhou sua experiência como professor negro, revelando uma conscientização crítica sobre questões raciais. Sua resposta sobre como reagir a uma situação de racismo, demonstra uma postura assertiva e proativa, buscando respeito, e utilizando recursos legais quando necessário. Essa atitude, não apenas valida sua identidade, mas também serve como um exemplo poderoso para alunos e colegas.

Ele sugere que a avaliação deve ser uma prática diária, onde o professor observa e ajusta suas metodologias, com base na interação com os alunos. Essa

reflexão é vital, pois a avaliação contínua, pode promover um ambiente de aprendizagem mais significativo.

Sua experiência prática na área de Ciências Contábeis, tanto em escritórios quanto como empresário, enriquece sua atuação docente. Ele enfatiza a importância de que futuros professores, busquem experiências profissionais relevantes, em suas áreas de formação.

Essa conexão entre teoria e prática, é essencial para uma formação sólida e capacitada. O professor João Arley, não apenas traz um conhecimento teórico, mas também exemplos práticos que podem ser extremamente importantes.

Em suma, as orientações do Professor João Arley fornecem recomendações inspiradoras para novos docentes. A sua ênfase na formação sólida, na experiência prática e na adoção de metodologias ativas, reflete um entendimento profundo das necessidades do ensino superior contemporâneo.

Essas recomendações, não apenas ajudam os professores a se prepararem para os desafios da sala de aula, mas também são recomendadas, para a formação de estudantes mais engajados e preparados para o mercado de trabalho. A abordagem do professor João Arley, é, portanto, uma contribuição valiosa para o desenvolvimento da docência universitária, promovendo a qualidade educacional.

Em suma, a história do Professor João Arley, é um testemunho do papel transformador da educação, e das realidades enfrentadas por professores não licenciados. Sua reflexão sobre avaliação, a importância da experiência prática e a necessidade de formação contínua, oferece insights valiosos tanto para novos docentes, quanto para instituições de ensino, que buscam melhorar a qualidade da educação.

2.3 Aspectos em comum entre a pesquisadora e os participantes

Nas entrevistas realizadas, foi possível descobrir alguns fatores em comum presentes na trajetória dos participantes e que se assemelham à história da pesquisadora, pois para Souza (2006,p.70), “o papel do pesquisador não pode limitar-se a tomar notas, pois sua tarefa é a escuta sensível na qual percebe os componentes e dimensões relevantes na vida dos sujeitos que lancem luz sobre as problemáticas construídas”.

2.3.1 Graduação em Instituição Privada

A escolha pela graduação em instituições privadas, pode ser um reflexo de diversas variações sociais e econômicas. Nesse caso, todos os participantes, assim como um pesquisador, reúnem essa característica, o que sugere uma possível demonstração entre a qualidade da formação, a acessibilidade e o perfil socioeconômico dos indivíduos.

A educação superior, especialmente em instituições privadas, tem se tornado uma alternativa importante para muitos estudantes que buscam uma formação que se alinhe às demandas do mercado de trabalho.

2.3.2 Experiência Profissional em Empresas

A aquisição de experiência profissional na área de formação é uma característica comum entre os participantes, incluindo a pesquisadora. Essa vivência no mercado de trabalho é crucial, pois enriquece a prática pedagógica e fornece uma conexão direta entre teoria e prática.

Educadores que trazem experiências do setor privado para a sala de aula, oferecem aos alunos uma perspectiva mais ampla, sobre as demandas e desafios do mercado. Essa relação entre educação e mercado pode enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, tornando-o mais relevante e contextualizado.

2.3.3 Pós-Graduações e Especializações

A presença de múltiplas especializações entre os participantes, reflete uma tendência crescente no campo da educação, onde uma formação contínua se torna essencial. A busca por pós-graduações pode ser vista como uma resposta às exigências de um mercado em constante evolução, além de indicar um compromisso com a melhoria da prática docente. Essa ênfase em especializações não apenas enriquece o conhecimento, mas enfatiza a relevância da formação continuada

As semelhanças identificadas, entre a trajetória da pesquisadora e os participantes da pesquisa, ilustram como experiências compartilhadas moldam as identidades e práticas docentes.

Desde a escolha da instituição de graduação, até as experiências profissionais

e a busca pela formação continuada, cada elemento contribui para a formação de uma narrativa comum, que enriquece a discussão sobre a educação no Brasil. Essas interseções podem servir como base para futuras pesquisas, que explorem como essas experiências coletivas influenciam a qualidade da educação e da prática.

A análise dos relatos da pesquisadora e da professora Pabloena revela aspectos comuns significativos, que refletem não apenas suas trajetórias individuais, mas também uma experiência coletiva, que ilustra as oportunidades e desafios enfrentados por educadores no Brasil.

Tanto a professora Pabloena quanto a pesquisadora se beneficiaram de programas de apoio financeiro que facilitaram seu acesso à educação superior. A professora Pabloena, graduada com auxílio do programa Bolsa Universidade, e a pesquisadora, com bolsa do Programa Universidade para Todos (PROUNI), compartilham a vivência de que, sem essas oportunidades, a concretização de seus sonhos acadêmicos e profissionais, seria consideravelmente mais difícil.

Outro ponto em comum, é a experiência dos professores em cursos técnicos. A pesquisadora e os participantes da pesquisa, incluindo a professora Pabloena, iniciaram suas trajetórias docentes, nesse nível de ensino.

Essa vivência, não apenas oferece uma base sólida para a prática pedagógica, mas também permite uma compreensão mais profunda das necessidades e desafios enfrentados pelos alunos em um contexto educacional técnico.

Uma análise das experiências dos professores pesquisados revela um panorama preocupante sobre a presença do preconceito racial no ambiente acadêmico, ao mesmo tempo em que destaca um ponto de convergência significativo: a atuação na docência universitária.

É possível relacionar os relatos dos docentes com a afirmação de Roesch (2014, p.186):

Ser professor universitário significa ascender socialmente, entretanto, não significa ficar livre de discriminações raciais, uma vez que, no Brasil, esta se dá por características fenotípicas, tais como cor da pele, tipo de cabelo e traços corporais. Essas características não desaparecem apenas porque o sujeito galgou uma posição de destaque na sociedade. É preciso intervir para que as desigualdades que marcam nossa sociedade não encontrem eco nas nossas instituições universitárias.

Tanto o professor Adriano, quanto o professor João Arley, a professora Pabloena e a pesquisadora, relatam experiências de preconceito e racismo ao longo de suas trajetórias. Essas vivências não apenas evidenciam a persistência do racismo

estrutural na sociedade, mas também revelam como essas vivências se infiltram em contextos educacionais, incluindo a universidade.

As histórias desses educadores sublinham o impacto negativo de que tais experiências podem ter sobre a autoestima, a motivação e, em última análise, sobre a capacidade de ensinar e envolver os alunos.

As vivências de preconceito e racismo também desempenham um papel crucial, na formação das identidades desses educadores. Através da superação de tais desafios, eles desenvolvem resiliência e um senso de propósito, que molda suas abordagens pedagógicas. Essa trajetória os capacita a não apenas lecionar, mas a inspirar seus alunos a questionar e apoiar o antirracismo.

Os fatores em comum entre os participantes e a pesquisadora são especificados conforme o quadro 10:

Quadro 10: Fatores em comum entre os participantes e a pesquisadora

PRINCIPAIS FATOS EM COMUM PESQUISADORA E PARTICIPANTES			
Graduação em Instituição Privada	Experiência Profissional em Empresas	A utilização de Bolsas	Múltiplas especializações entre os participantes
Enfrentamento de Preconceito pela cor	Compromisso com a melhoria da prática docente	Iniciação Docente em cursos técnicos	Atuação docente no Ensino Superior
Conciliação Trabalho e Estudo	Investimento na Formação Continuada	Desafios financeiros	Perseverança e Resiliência

FONTE: Elaborado pela pesquisadora (2024)

Diante do exposto pelos entrevistados, foi possível perceber uma série de semelhanças entre a trajetória do pesquisador e as experiências dos participantes da pesquisa, o que revela não apenas a relevância de aspectos individuais, mas também a formação de uma rede de experiências, compartilhadas dentro de um contexto acadêmico específico.

A partilha dessas experiências não apenas destaca a necessidade de enfrentar o racismo dentro das instituições de ensino, mas também ressalta, o potencial transformador da docência universitária. Por meio de suas histórias, esses educadores não apenas reivindicam suas identidades, mas também se comprometem com a construção de um ambiente acadêmico mais justo e inclusivo.

2.4 A Roda de Conversa

Durante a pesquisa em campo, foi realizada uma Roda de Conversa com os professores participantes da pesquisa.

Moura e Lima (2014) comentam que a Roda de Conversa é na verdade, um instrumento que permite a partilha de experiências e o desenvolvimento de reflexões sobre as práticas educativas dos participantes, em um processo mediado pela interação com os pares, mediante diálogos internos, e, ainda, no silêncio observador e reflexivo.

Conforme Mélo et al. (2007, p.26-32):

As rodas de conversa priorizam discussões em torno de uma temática (selecionada de acordo com os objetivos da pesquisa) e, no processo dialógico, as pessoas podem apresentar suas elaborações, mesmo contraditórias, sendo que cada pessoa instiga a outra a falar, sendo possível se posicionar e ouvir o posicionamento do outro.

Os objetivos da Roda de Conversa pautaram-se em conhecer a opinião dos participantes em relação a algumas questões envolvidas com a Lei de cotas para negros e a visão social e política que eles possuem em relação a situação do professor universitário negro no Brasil. Outro objetivo, era perceber, o posicionamento dos participantes, em relação aos desafios e estratégias enfrentados por professores negros em seu percurso (au)toformativo.

A seguir, um registro da Roda de Conversa Online, conforme figura 3:

Figura 3: Roda de Conversa Online



Fonte: Registro da Autora (2024)

Os resultados esperados eram que os participantes pudessem dialogar livremente, assim como suas opiniões acerca da Lei de Cotas raciais e a maneira

como a sociedade enxerga a existência da Lei 12.711. Assim como, sobre a visão que eles possuem em relação a importância do percurso (auto)formativo de professores universitários negros, os desafios, as estratégias utilizadas em suas histórias formativas e no cotidiano da prática docente.

A Roda de Conversa foi realizada na modalidade Online, e dividida em dois momentos, tendo em vista a disponibilidade dos participantes da pesquisa.

2.4.1 Participação do Professor Adriano

Na abertura da Roda de Conversa, foi possível verificar a opinião do Professor Adriano sobre a Lei de Cotas, o mesmo declarou que para esta questão, possui um posicionamento a favor e contra respectivamente. O mesmo afirmou que [...]“Sim. Sou a favor da Lei de cotas, por que incentiva o negro a estudar”.[...] Em seguida, apresentou o seu argumento contra: [...]“A Lei de cotas deveria ser para toda a sociedade Brasileira, para que tivéssemos uma educação mais igualitária” [...].

O professor Adriano prosseguiu afirmando que:

[...]Seria interessante primeiro fortalecer a educação básica visto que, muitos alunos negros tem pouco acesso à faculdade pública devido a deficiência no ensino. Por isso muitos estudantes negros decidem cursar faculdade particular por não conseguirem passar na rede pública. [...] (PROFESSOR ADRIANO, 2024).

A fala do Professor Adriano nos conduz a refletir sobre o movimento educacional moderno: a transição do ensino privado ao público. Esse é um movimento inverso: pessoas ricas estudam em colégios particulares pra depois ir para a pública," revela uma inversão interessante e crítica de uma dinâmica tradicional no sistema educacional brasileiro (e em outros países também).

Na segundo assunto em pauta, buscou-se descobrir a opinião dos participantes referente a forma como a sociedade enxerga a Lei de Cotas para negros. O Professor Adriano participou afirmando que: “A sociedade enxerga a Lei de Cotas de forma negativa, eles veem desigualdade porque a lei é direcionada apenas a um grupo da sociedade”.

No terceiro assunto em pauta, buscou-se descobrir quais seriam os principais elementos do processo (auto)formativo de Professores Negros, o professor Adriano participou declarando que: “Nós docentes negros, devemos ter persistência, enfrentar o preconceito, ensinar com dedicação, provar que é capaz, provar que tem conhecimento, a busca constante pelo conhecimento e passar segurança”. O mesmo destacou que esses são elementos imprescindíveis durante a construção do percurso

(auto)formativo dos docentes negros.

No quarto assunto em pauta, buscou-se descobrir a opinião dos participantes sobre os principais obstáculos enfrentados por professores negros durante o processo (auto)formativo. O Professor Adriano afirmou que “[...] para vencer o enfrentamento pela cor, deve provar que você sabe, enfrentar a desconfiança pela sua cor, buscar ainda mais o conhecimento, participar de congressos, eventos científicos, praticar networking”. [...]. O Professor Adriano destacou ainda, “os desafios enfrentados por trabalhar e estudar, para custear a faculdade”.

O quinto assunto abordado foi relacionado aos principais desafios enfrentados por professores não licenciados no ensino superior. O Professor Adriano participou afirmando que, “Plano de Aula, Avaliação, Metodologia, e Didática, se encaixam como os principais desafios enfrentados por professores Não Licenciados no Ensino Superior”.

No sexto assunto em pauta, buscou-se descobrir se os participantes já foram questionados pelos alunos sobre seus processos e iniciações docentes, qual o percurso que realizaram para poder ministrar aulas no Ensino Superior. O professor Adriano participou afirmando que: “Sim. Falei para eles que foi necessário estudar, se graduar e investir na carreira formativa, com pós-graduação”.

O sétimo assunto abordado na roda de conversa, tratou de descobrir quais os elementos que motivam o professor negro no ensino superior, a compartilhar sua história (auto)formativa. O professor Adriano respondeu: “Valorização do professor negro, um exemplo de pessoa inteligente, capacitado e que domina o assunto abordados na aulas” . [...]Acredito que a valorização da cultura negra, a importância da miscigenação e da diversidade de raças são fatores que me motivam a compartilhar minha história (auto)formativa”.

O oitavo assunto abordado na roda de conversa, foi lançado com o objetivo de compreender a opinião dos participantes sobre o que as instituições de ensino podem fazer, para evidenciar a valorização do percurso (auto)formativo dos professores negros. O professor Adriano respondeu: “é um pouco difícil, mas as instituições podem realizar eventos que valorizem e mostrem a cultura negra, para que todos possam conhecer.”

O nono assunto abordado na roda de conversa, tratou de descobrir a relevância da temática da pesquisa em questão. O professor Adriano respondeu: “esta pesquisa é muito importante pois mostra uma deficiência de professores negros na Docência universitária do nosso país.

No décimo assunto abordado na roda de conversa, buscou-se descobrir a

opinião dos participantes sobre a contribuição dos estudos sobre o percurso (auto)formativo para a formação de professores negros no Ensino Superior. O professor Adriano respondeu: “As vivências podem trazer inspiração, mudanças e melhorias que podem ser utilizadas pelos professores no cotidiano da prática docente”.

2.4.2 Discussões em torno dos Argumentos do Professor Adriano

A posição do professor Adriano sobre a Lei de Cotas revela uma complexidade que é comum em debates sobre políticas afirmativas. Seu discurso aborda tanto os aspectos positivos quanto as limitações dessa legislação, refletindo uma preocupação com a igualdade de oportunidades no contexto educacional.

Ao afirmar ser a favor da Lei de Cotas, o professor Adriano destaca seu papel como um mecanismo que incentiva a inclusão de estudantes negros no ensino, por outro lado, o professor também expressou uma crítica à forma como a Lei de Cotas está estruturada.

Ao sugerir que uma lei deveria beneficiar toda a sociedade brasileira, ele toca em uma questão fundamental: a necessidade de um sistema educacional mais igualitário para todos, independentemente da raça. Essa crítica pode ser vista como um reconhecimento de que a desigualdade educacional não afeta apenas a população negra, mas também outros grupos marginalizados.

A sua proposta implica que, para que a educação se torne verdadeiramente acessível, é necessário uma abordagem que amplie as oportunidades para todos os cidadãos, reforçando a ideia de que a equidade não deve ser uma questão de categoria

A fala do professor Adriano, sobre a percepção da sociedade em relação à Lei de Cotas, e os desafios enfrentados pelos professores negros, revela um panorama complexo e interligado de desigualdades e lutas por reconhecimento e legislação.

Ao afirmar que “a sociedade enxerga a Lei de Cotas de Forma Negativa”, o professor Adriano expõe um ponto crítico: a falta de compreensão e acessibilidade social dessa política. A crítica à Lei de Cotas, muitas vezes, se baseia na visão de que sua implementação cria desigualdade, ao priorizar um grupo em detrimento de outros.

Essa percepção ignora as desigualdades históricas e estruturais que a política busca corrigir. Para muitos, a ideia de que os benefícios devem ser universais parece

mais justa, mas desconsidera que a exclusão histórica dos negros e de outros grupos minoritários no acesso à educação superior exige uma ação afirmativa.

A análise das falas do professor Adriano revela as complexidades que cercam a implementação da Lei de Cotas e o percurso formativo de professores negros. Ele ilumina a necessidade de um entendimento mais profundo sobre a função da política afirmativa, bem como as demandas emocionais e intelectuais que recai sobre os docentes negros.

Ao enfatizar a persistência e a dedicação, o professor não apenas cria um espaço de reconhecimento, mas também traça um caminho para futuras gerações de educadores que buscam desbravar as dificuldades impostas por um sistema educacional desigual.

A fala do professor Adriano durante a roda de conversa, conduziu a uma reflexão profunda, sobre a aplicação dos professores negros no ensino superior, para compartilhar suas histórias (auto)formativas.

Ao destacar a "valorização do professor negro no ambiente acadêmico, apoia um aspecto crucial que não apenas afirma a competência e a inteligência desses educadores, mas também desafia estereótipos e preconceitos históricos.

Uma menção à valorização da cultura negra e à diversidade de raças como motivadores para compartilhar sua história, ressalta a conexão entre identidade cultural e educação. O professor Adriano sugere que a educação não é um espaço neutro, mas um acampamento para abrigar a importância da miscigenação.

A fala do professor Adriano possibilita uma visão poderosa sobre a importância da valorização da identidade negra no ensino superior. Seus comentários não apenas refletem suas próprias experiências, mas também sinalizam uma luta coletiva por reconhecimento, respeito e inclusão.

Quadro 11: Principais questões abordadas pelo Professor Adriano na Roda de Conversa

Principais Tópicos abordados pela Professor Adriano na Roda de Conversa			
Igualdade de oportunidades no contexto educacional.	A falta de compreensão e acessibilidade social da Lei de Cotas	Demandas emocionais e intelectuais que recai sobre os docentes negros.	Estereótipos e preconceitos históricos.
Desafios enfrentados por Docentes negros	Valorização da diversidade e da cultura negra,	Desigualdades de acesso à educação,	Preconceitos e barreiras institucionais.
Representatividade, negra e inclusão nas	Impacto dos professores negros na	Necessidade de ação e transformação	Enriquecimento da Prática Docente

universidades	educação superior.	social.	
---------------	--------------------	---------	--

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Ao compartilhar sua história, ele se torna um agente de mudança, promovendo uma educação que valoriza a diversidade e a cultura negra, e inspirando outros a trilhar caminhos semelhantes. Essa abordagem não só enriquece a prática docente, mas também contribui para uma necessidade de transformação dentro da academia e da escola.

A afirmação do Professor Adriano sobre a relevância da pesquisa que aborda a deficiência de professores negros na docência universitária, toca em questões cruciais sobre representatividade, inclusão e a qualidade da educação superior no Brasil.

Sua observação destaca a urgência de se investigar e compreender as dinâmicas que envolvem a presença de educadores negros nas universidades, refletindo não apenas sobre os desafios enfrentados por esses profissionais, mas também sobre as implicações mais amplas para a sociedade.

Ao mencionar a "deficiência de professores negros", o professor Adriano evidencia um aspecto que vai além da mera contagem de indivíduos em posições acadêmicas. A afirmação do professor Adriano também sugere que a baixa representatividade dos professores negros é resultado de questões estruturais, como desigualdades de acesso à educação, preconceitos e barreiras institucionais.

A declaração do professor Adriano sublinha a importância de se investigar, a presença e o impacto dos professores negros na educação superior. Ele afirma que a pesquisa em questão, não apenas ilumina a deficiência atual, mas também aponta para a necessidade de ação e transformação social.

A perspectiva do professor Adriano sobre a importância das vivências na formação de professores negros no Ensino Superior oferece uma visão enriquecedora sobre o papel da experiência na educação. Através da inspiração dessas histórias encontradas, é possível fomentar um processo de ensino-aprendizagem mais dinâmico, reflexivo e sensível às diversas realidades dos alunos.

2.4.3 Participação da Professora Pabloena

Na abertura da Roda de Conversa, foi possível verificar a opinião da Professora Pabloena Pereira sobre a Lei 12.711/2012, a Lei de Cotas Raciais, a mesma declarou que sim, possui um posicionamento a favor da Lei de cotas. Declarou: “Sou a favor, pois ajuda os estudantes negros a entrarem na graduação”.

Na segundo assunto em pauta, buscou-se descobrir a opinião dos participantes, sobre a forma como a sociedade enxerga a Lei de Cotas para negros. A Professora Pabloena participou afirmando que: “muitos não tem informação. A população que não estuda, não conhece, não busca informações”.

A Professora Pabloena afirmou que, “muitas pessoas são leigas e criticam sem ter conhecimento, muitos que não são incluídas ou não necessitam dos benefícios, conhecem a Lei, apenas de forma superficial.”

No terceiro assunto em pauta, buscou-se descobrir quais seriam os principais elementos do processo (auto)formativo de Professores Negros, a professora Pabloena participou declarando que: “Ética, Resiliência e Discernimento, são fatores importantes que podem ser extraídos da trajetória (auto)formativa”.

No quarto assunto em pauta, buscou-se descobrir a opinião dos participantes sobre os principais obstáculos enfrentados por professores negros durante o processo (auto)formativo. A Professora Pabloena afirmou que “ A iniciação docente é um desses desafios, visto que existem alunos que subestimam a inteligência do professor negro, a professora Pabloena declarou:

Em minha iniciação docente, lembro que eu estava com medo, tentei criar um vínculo “quebrar o gelo”. Fui julgada pela minha aparência, pela cor, pela idade, muito nova, porém conforme eles foram verificando que eu dominava o conteúdo, foram mudando a atitude comigo.

O quinto assunto abordado foi relacionado aos principais desafios enfrentados por professores não licenciados no ensino superior. A Professora Pabloena participou afirmando que, “a metodologia nas aulas, se encaixa como um dos principais desafios enfrentados por professores Não Licenciados no Ensino Superior, pois se não soubermos passar o conhecimento, prejudica bastante a aprendizagem dos alunos”. (Pereira, 2024).

No sexto assunto em pauta, buscou-se descobrir se os participantes já foram

questionados pelos alunos, sobre seus processos e inciações docentes, qual o percurso que realizaram, para poder ministrar aulas no Ensino Superior. A professora Pabloena, participou afirmando que: “Sim. Falei para eles que é necessário escolher uma área para se graduar, no caso escolhi o bacharelado em enfermagem, e busquei a Pós-graduação Lato senso e Stricto senso, o mestrado”. (PEREIRA, 2024).

O sétimo assunto abordado na roda de conversa, tratou de descobrir, quais elementos motivam o professor negro no ensino superior, a compartilhar sua história (auto)formativa. A professora Pabloena respondeu: “Os motivos são diversos, desde tornar-se um referencial negro, disseminar histórias inspiradoras, mostrar os traços de resiliência e evidências da capacidade docente do professor negro não licenciado.” (Pereira, 2024).

O oitavo assunto abordado na roda de conversa, foi lançado com o objetivo de compreender a opinião dos participantes sobre o que as instituições de ensino podem fazer, para evidenciar a valorização do percurso (auto)formativo dos professores negros. A professora Pabloena respondeu: “uma sugestão seria o docente inserir no conteúdo das disciplinas, atividades criativas ou realizar eventos que valorizem a cultura antirracista, os professores negros .”

O nono assunto abordado na roda de conversa, tratou de descobrir a relevância da temática da pesquisa em questão. A professora Pabloena respondeu: “esta pesquisa aborda um tema bastante pertinente, principalmente para nós, professores negros e irá possibilitar que a sociedade obtenha conhecimento sobre o escasso índice de professores negros nas universidades” (PEREIRA, 2024).

No décimo assunto abordado na roda de conversa, buscou-se descobrir, a opinião dos participantes, sobre a contribuição dos estudos sobre o percurso (auto)formativo de professores negros para a formação docente. A professora Pabloena respondeu: “apresenta uma enorme contribuição visto que, as instituições possuem pouca ou nenhuma referência negra, para inspirar outros docentes e graduandos que desejam lecionar no ensino superior”. (PEREIRA, 2024).

2.4.4 Análise em torno dos Argumentos da Docente Pabloena

A Roda de Conversa com a Professora Pabloena Pereira ofereceu uma perspectiva importante sobre a Lei 12.711/2012, a Lei de Cotas e os desafios de sua percepção na sociedade. Desde o início, a professora se posicionou claramente a

favor da lei, apoiando seu papel crucial em facilitar o acesso de estudantes negros à educação superior. Essa afirmação não é apenas legítima a lei como um instrumento de inclusão, mas também destaca a urgência de corresponder às desigualdades históricas que afetam.

Ao abordar a forma como a sociedade enxerga a Lei de Cotas, a professora Pabloena traz à tona um ponto crítico: a falta de informação. Ela argumenta que muitos que criticam a lei, o fazem sem uma compreensão adequada de seu contexto e objetivos.

Essa crítica, à superficialidade do conhecimento da população, é uma chamada à responsabilidade social e educacional. A professora sugere que, a educação básica e a disseminação de informações sobre políticas de inclusão, são fundamentais, para combater a ausência de informação, sobre a temática das cotas raciais.

A afirmação da professora Pabloena, sobre os principais elementos do processo (auto)formativo de professores negros, como ética, resiliência e discernimento, traz à tona aspectos essenciais, que moldam a experiência docente, especialmente, em um contexto frequentemente marcado por desigualdades.

Assim, sua declaração não reflete apenas a realidade enfrentada por muitos educadores negros, mas também, serve como um chamado à ação, para que instituições de ensino e formadores de professores, reconheçam e integrem esses aspectos, nas formações acadêmicas e práticas educativas.

A argumentação da professora Pabloena sobre os desafios enfrentados pelos professores não licenciados no ensino superior, revela questões cruciais, que permitem a formação e a prática docente, especialmente num contexto educacional, que exige cada vez mais, competências e dedicação por parte do corpo docente.

A afirmação de Pabloena, sobre a metodologia como um dos principais desafios para professores não licenciados, destaca a importância do domínio pedagógico no ensino superior. A metodologia é fundamental, não apenas para a transmissão do conhecimento, mas também, para a promoção de uma aprendizagem eficaz e significativa.

A análise dessas falas da professora Pabloena, revela a complexidade da atuação docente no ensino superior, especialmente, para aqueles que não possuem uma formação licenciada. A ênfase nos desafios metodológicos, destaca a necessidade de uma abordagem pedagógica, que valorize a aprendizagem ativa e a

conexão com os alunos.

Podemos verificar, os principais fatores abordados pela professora Pabloena na Roda de Conversa, conforme quadro 12:

Quadro 12: Principais questões abordadas pela Professora Pabloena na Roda de Conversa

Principais Tópicos abordados pela Professora Pabloena na Roda de Conversa.			
Compreensão inadequada da lei de cotas	Escassez de referências negras nas instituições de ensino superior,	Representatividade negra na educação	Estudos e histórias de professores negros
Domínio pedagógico no ensino superior	Valorização da cultura antirracista,	Mudança social e a valorização da diversidade na educação.	Disseminação de informações sobre políticas de inclusão
Referência ao Contexto Acadêmico	Valorização da Formação Contínua	Importância da Escolha da Área de Formação	Relevância de pesquisas com professores negros

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Ao compartilhar seu próprio percurso formativo, ela não apenas responde a questões sobre sua legitimidade como educadora, mas também fornece um modelo inspirador.

Esses pontos levantados por professora Pabloena, são fundamentais para uma discussão mais ampla, sobre a formação de professores e a valorização da prática docente, indicando que as instituições de ensino superior, devem oferecer suporte contínuo, e desenvolvimento profissional, para todos os educadores, independentemente de sua formação inicial.

Na Roda de Conversa, a professora Pabloena mencionou que os motivos que impulsionam a compartilhar sua história (auto)formativa incluem a vontade de ser um referencial negro, disseminar histórias de herança, e mostrar resiliência. Essa afirmação destaca a importância da representatividade na educação, especialmente em contextos onde a maioria dos educadores não reflete a diversidade étnica da população estudantil.

A resposta da professora Pabloena na roda de conversa, sobre como as instituições de ensino podem valorizar o percurso (auto)formativo dos professores negros, traz à tona uma reflexão importante sobre a integração da cultura antirracista e a representatividade no ambiente acadêmico.

As falas da professora Pabloena dialogam com Roesch (2014, p.47):

Vale lembrar que, quando o professor for organizar seus planejamentos de

ensino, independente do local onde ele esteja inserido, sua atuação necessita englobar dimensões relativas às questões éticas, afetivas e político-sociais envolvidas na docência, ampliando as questões sobre os aspectos didáticos ou metodológicos do fazer docente.

A sugestão da professora Pabloena, para que as instituições de ensino, integrem atividades que valorizem a cultura antirracista, é um passo importante, para a transformação do ambiente acadêmico. Ao considerar a importância da representatividade e da inclusão, as instituições podem não apenas apoiar a formação de professores negros, mas também, criar um espaço, onde todos os alunos possam se sentir respeitados e valorizados.

A afirmação da professora Pabloena, sobre a relevância da pesquisa em questão, destaca uma preocupação central, em relação à representação dos professores negros no ensino superior. Sua declaração não apenas confirma a importância do tema, mas também aponta para uma lacuna significativa, no cenário educacional.

A observação da professora Pabloena ressalta a importância de investigar e divulgar a presença de professores negros nas universidades. Ela afirmou que esta pesquisa não se trata apenas de um estudo acadêmico; é uma ferramenta que pode contribuir para a mudança social e a valorização da diversidade na educação.

A declaração da professora Pabloena, sobre a contribuição dos estudos que abordam o percurso (auto)formativo de professores negros, destaca uma questão crítica na formação docente, e na construção de uma educação mais inclusiva. Sua afirmação sobre a escassez de referências negras, nas instituições de ensino superior, reflete uma realidade que impacta, não apenas a representatividade, mas também a eficácia da formação de novos educadores.

A ausência de referências negras no ambiente acadêmico pode criar um ciclo de invisibilidade que perpetua a desigualdade. Quando alunos e futuros professores, não veem profissionais que se parecem com eles em posições de destaque, isso pode limitar suas aspirações e afetar sua confiança em suas próprias capacidades.

A professora Pabloena enfatizou que a presença de estudos e histórias de professores negros, é fundamental para inspirar e motivar tanto alunos quanto professores, visto que os estudos sobre o percurso (auto)formativo de professores negros, não apenas trazem à tona as experiências individuais, mas também oferecem um quadro mais amplo das barreiras enfrentadas.

A professora Pabloena argumentou ainda que, a contribuição dos estudos, sobre a formação de professores negros, está interligada a uma visão mais ampla de transformação social. Ao integrar essas histórias no currículo e nas reflexões acadêmicas, as instituições de ensino, não apenas promovem a diversidade, mas também apoiam a importância, de construir um espaço educacional, que reflita a pluralidade da sociedade.

A professora Pabloena fez menção à necessidade de escolher uma área para se graduar e lecionar, que sublinha um aspecto crucial da formação acadêmica: a especialização. A escolha do bacharelado em enfermagem, não é meramente uma decisão profissional, mas uma construção identitária, que influenciou suas práticas pedagógicas, e a forma como a mesma se relaciona com os alunos.

Ao compartilhar sua escolha, a professora também convida os alunos a refletirem, sobre suas próprias decisões acadêmicas e profissionais, promovendo uma cultura de autoavaliação e planejamento de carreira.

A busca por formação adicional, como os cursos de pós-graduação Lato Sensu e Stricto Sensu, evidencia um compromisso com o aperfeiçoamento profissional. A professora Pabloena demonstra que a formação não termina na graduação, mas é um processo contínuo que exige dedicação e comprometimento. Essa abordagem ressalta a importância de estar atualizado, em um campo que está em constante evolução, como a enfermagem, onde novas práticas, tecnologias e conhecimentos emergem frequentemente.

A resposta da professora também destaca um aspecto importante do ensino superior: a relevância de contextos e trajetórias diversas. O fato de um educador compartilhar suas experiências, contribui para a criação de um ambiente mais inclusivo, onde as histórias de vida e as experiências pessoais são valorizadas. Isso é particularmente relevante, em um campo como a enfermagem, que se fundamenta na empatia e na compreensão das vivências dos pacientes.

A disposição da professora Pabloena, em discutir seu percurso acadêmico com os alunos, também fortalece a conexão entre docente e discente. Essa interação não apenas humaniza o professor, mas também ajuda os alunos a se sentirem mais à vontade para discutir suas dúvidas e percepções sobre o futuro profissional.

Em suma, a visão da professora Pabloena, sobre a contribuição dos estudos sobre o percurso (auto)formativo de professores negros, revela uma necessidade urgente de inclusão e representatividade, nas instituições de ensino superior. Ao

valorizar essas narrativas, cria-se um ambiente mais acolhedor e inspirador, que não só enriquece a formação docente, mas também contribui para a construção, de uma sociedade mais justa e equitativa.

2.4.5 Participação do Professor João Arley

Na abertura da Roda de Conversa, foi possível verificar a opinião do Professor João Arley sobre a Lei de Cotas, o mesmo declarou que para esta questão, possui um posicionamento a favor e contra respectivamente. O mesmo afirmou que a Lei deveria ser de uma maneira mais igualitária para não estimular a segregação.”

Na segundo assunto em pauta, buscou-se descobrir a opinião dos participantes, referente a forma como a sociedade enxerga, a Lei de Cotas para negros. O Professor João participou afirmando que: “parte da sociedade enxerga a Lei de Cotas de forma negativa, acabam enxergando desigualdades, como por que só os negros”? O professor João Arley declarou: “muitos olham as pessoas negras como coitadinhas, sendo que todos nós somos capazes independente da raça.”

No terceiro assunto em pauta, buscou-se descobrir quais seriam os principais elementos do processo (auto)formativo de Professores Negros, o professor João participou declarando que: “é desafiador, não só para o docente mas também para as instituições”. O mesmo destacou que um dos elementos principais é “se (auto)provar, enfrentar com segurança uma banca de seleção docente, ministrar aulas que encantam as pessoas”.

No quarto assunto em pauta, buscou-se descobrir a opinião dos participantes sobre os principais obstáculos enfrentados por professores negros durante o processo (auto)formativo. O Professor João Arley afirmou que “o transporte público, nem todos tem acesso a veículo próprio, eu mesmo tive que vender meu carro para poder quitar a faculdade.”

. [...].O Professor João Arley destacou ainda, “existem anda os desafios de trabalhar e estudar ao mesmo tempo, lembrando que os obstáculos se apresentam para brancos e negros, porém principalmente para negros de baixa renda”. É necessário ser resiliente, e enfrentar a falta de incentivo familiar que também pode ocorrer nesse processo.”

O quinto assunto abordado, foi relacionado aos principais desafios enfrentados por professores não licenciados no ensino superior. O Professor João Arley participou

afrimando que, o “Plano de Aula, é um dos principais desafios enfrentados por professores Não Licenciados no Ensino Superior”.

No sexto assunto em pauta, buscou-se descobrir se os participantes já foram questionados pelos alunos sobre seus processos e inciações docentes, qual o percurso que realizaram para poder ministrar aulas no Ensino Superior. O professor João participou afirmando que: “Sim. Falei para eles que devem andar com as provas das suas qualificações e titulações, é necessário ter convicção do se quer alcançar.”

O sétimo assunto abordado na roda de conversa, tratou de descobrir quais os elementos que motivam o professor negro no ensino superior, a compartilhar sua história (auto)formativa. O professor João respondeu: “um dos elementos é que incentiva a valorização da cultura negra, os exemplos de resiliência durante a trajetória, pois antigamente, os negros eram vistos como meros escravos.”

O oitavo assunto abordado na roda de conversa, foi lançado com o objetivo de compreender a opinião dos participantes sobre o que as instituições de ensino podem fazer, para evidenciar a valorização do percurso (auto)formativo dos professores negros. O professor João respondeu: “as instituições podem realizar eventos que valorizem e mostrem as histórias de luta, para que todos possam ter acesso a informações sobre a cultura negra.”

O nono assunto abordado na roda de conversa, tratou de descobrir a relevância da temática da pesquisa em questão. O professor João respondeu: “esta pesquisa é de suma importância para nós professores negros, visto que, precisamos nos desafiar e vencer pelo conhecimento.”

No décimo assunto, abordado na roda de conversa, buscou-se descobrir a opinião dos participantes sobre a contribuição dos estudos sobre o percurso (auto)formativo de professores negros para a formação docente. O professor João Arley respondeu: “Faz com que o professor se orgulhe da própria história e continue aperfeiçoando sua carreira acadêmica.”

2.4.6 Discussões em torno dos Argumentos do Prof. João Arley

A favor, o Professor João Arley confirma a importância da Lei de Cotas como uma ferramenta de inclusão, que visa corrigir desigualdades históricas e fornecer

acesso a grupos historicamente marginalizados. O reconhecimento da necessidade de políticas que promovam a diversidade, é fundamental, uma vez que essas iniciativas visam garantir, que estudantes de diferentes origens, tenham oportunidades iguais no acesso.

Por outro lado, sua posição sugere uma preocupação com a possível criação de divisões ou segregações. Esta crítica é relevante, pois levanta a questão sobre como as políticas de cotas podem ser realizadas ou inovadoras. A ideia de que uma abordagem mais igualitária poderia evitar a segregação implica que as cotas, se não forem cuidadosamente estruturadas, podem inadvertidamente reforçar as divisões sociais em vez de promovê-las.

O professor inicia sua análise, confirmando que uma parte significativa da sociedade, vê a Lei de Cotas de forma negativa. Essa visão crítica é frequentemente alimentada por argumentos de que há associação com desigualdades adicionais, com questionamentos como por exemplo: "Por que só os negros?".

Esse tipo de questionamento, sugere uma falta de compreensão sobre o contexto histórico e social que justifica a implementação de tais políticas. As cotas não são uma concessão de privilégios, mas sim uma tentativa de corrigir distorções históricas.

A afirmação de que "muitos olham as pessoas negras como coitadinhas", revela a persistência de estigmas, que desvalorizam a capacidade dos indivíduos negros. Essa visão é problemática, pois não apenas perpetua a ideia de que as pessoas negras são vítimas de suas situações, mas também desconsidera as habilidades, talentos e potencialidades que existem, independentemente da raça.

A análise das opiniões expressas pelo Professor João Arley, aponta para a urgência de um diálogo mais aprofundado sobre a Lei de Cotas, e as percepções sociais que a cercam. É fundamental que a sociedade como um todo, compreenda que a política de cotas é um passo necessário em direção à igualdade, e não uma forma de desigualdade.

A declaração do professor João Arley, de que o processo (auto)formativo é "desafiador" não apenas para o docente, mas também para as instituições, indica uma interdependência entre o desenvolvimento individual e as condições estruturais que influenciam esse processo. Essa afirmação, sugere que, embora o esforço e a resiliência do professor sejam essenciais, as instituições de ensino, também desempenham um papel crucial, na promoção de um ambiente facilitador.

O professor destaca um aspecto fundamental do processo formativo: a necessidade de “se (auto)provar”. Essa expressão, carrega um peso significativo, pois implica que os professores negros frequentemente sentem a pressão, de demonstrar suas competências, em contextos que podem ser hostis ou duvidosos.

A busca por validação em situações como bancas de seleção docente, não reflete apenas uma luta pessoal por reconhecimento, mas também, evidencia um cenário em que, as expectativas sociais e institucionais podem ser desiguais.

Podemos verificar, os principais fatores abordados pelo Docente João Arley na Roda de Conversa, conforme quadro 5:

Quadro 13: Principais questões abordadas pelo Professor João Arley na Roda de Conversa

Principais Tópicos abordados pelo Professor João Arley na Roda de Conversa			
Percepções negativas da Lei de cotas	Estigmas e Estereótipos	A Necessidade de Diálogo sobre a Lei de Cotas	Desafios do Processo (Auto)formativo
A Necessidade de (Auto)provação	Desafios Estruturais e Individuais	Obstáculos Socioeconômicos	Interseccionalidade dos Desafios
Reflexão sobre a Valorização Docente	Expectativas Institucionais e Percepção Profissional	Desenvolvimento de Competências	Valorização da Cultura Negra

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

A participação do professor João apresenta uma análise dos principais obstáculos enfrentados pelos professores negros, durante seu processo (auto)formativo. Suas contestações, revelam uma interseção entre questões socioeconômicas, raciais e as demandas da formação docente, trazendo à tona, a complexidade da experiência dos educadores negros.

Durante a Roda de Conversa, a primeira dificuldade mencionada pelo professor João Arley, diz respeito ao enfrentamento da precariedade do transporte público e à falta de acesso a veículos próprios. Essa questão, evidencia uma realidade enfrentada por muitos universitários, especialmente aqueles de baixa renda. O fato de João ter vendido seu carro, para conseguir pagar a faculdade, ilustra não apenas a pressão financeira que acompanha a formação, mas também a resiliência.

A dualidade de trabalhar e estudar, é outro desafio destacado pelo professor. Essa situação é comum entre muitos estudantes, mas, como ele observa, os efeitos são mais pronunciados para negros de baixa renda.

O professor João Arley menciona a necessidade de resiliência, um conceito que se torna essencial diante dos obstáculos enfrentados. A capacidade de se adaptar e perseverar diante das dificuldades, é uma característica frequentemente destacada em narrativas de sucesso entre educadores negros.

Essa resiliência é frequentemente testada pela falta de apoio familiar, que pode ser um fator crucial na motivação e no sucesso de um estudante. A ausência de um ambiente encorajador pode aumentar a sensação de isolamento e dúvida, tornando uma jornada ainda mais desafiadora.

As observações do Professor João ressaltam a interseccionalidade dos desafios enfrentados pelos professores negros. Embora todos os estudantes possam encontrar obstáculos, a experiência de professores negros, especialmente aqueles de baixa renda, é marcada por um conjunto único de dificuldades que se entrelaçam. A combinação de fatores socioeconômicos, raciais e pessoais torna o processo (auto)formativo ainda mais desafiador.

As reflexões apresentadas pelo professor João Arley, apontam para a necessidade de um suporte mais robusto, e direcionado para professores negros em formação. Isso inclui não apenas recursos financeiros, mas também programas de orientação e apoio psicológico que podem ajudar esses educadores a navegar nas complexidades de sua jornada. As instituições devem considerar a diversidade das experiências e criar políticas que atendam às necessidades específicas de seu aluno.

Na Roda de Conversa, o professor João tratou dos principais desafios enfrentados por professores não licenciados no ensino superior, e destacou o plano de aula, como um dos principais obstáculos. Essa afirmação, revela a complexidade da prática docente, e os desafios específicos, que esses educadores enfrentam, em um ambiente acadêmico formal.

A ênfase no plano de aula, como um desafio central, também levanta questões sobre a valorização do trabalho docente. Os professores não licenciados, podem sentir-se desvalorizados, em um sistema que não corrige as dificuldades, inerentes ao seu papel, especialmente num ambiente acadêmico, onde a formação pedagógica é frequentemente considerada um pré-requisito. Essa falta de reconhecimento, pode desestimular esses educadores, e afetar sua aplicação e compromisso com a prática.

Além da falta de formação, os professores não licenciados também enfrentam a pressão de atender às expectativas institucionais, em relação à qualidade do ensino. Essas expectativas, são particularmente desafiadoras, pois o desempenho acadêmico

dos alunos, muitas vezes, pode ser beneficiado, diretamente na eficácia do ensino.

O professor João Arley comentou que, para superar esse desafio, é crucial que as instituições de ensino superior, ofereçam suporte adequado a professores não licenciados. Isso pode incluir programas de formação continuada, workshops sobre elaboração de planos de aula e mentorias, com educadores mais experientes. O desenvolvimento dessas competências, não beneficia apenas os professores, mas também, impacta positivamente os alunos e a qualidade do ensino.

Durante a Roda de Conversa, o professor João foi questionado, sobre a percepção dos alunos, em relação ao percurso formativo dos professores, particularmente no contexto do ensino superior. A afirmação do Professor João Arley, de que já foi questionado pelos alunos, sobre as suas qualificações e iniciações docentes, oferece uma oportunidade para reflexão, sobre a importância da transparência e do exemplo na formação acadêmica.

A disposição do professor João, em compartilhar seu percurso formativo com os alunos, destaca a importância da transparência na relação docente-discente. Essa troca de experiências pode enriquecer o ambiente educacional, pois permite que os alunos compreendam as trajetórias que levaram seus professores a se tornarem educadores.

A participação do professor aborda os elementos que motivam professores negros no ensino superior, a compartilhar suas histórias (auto)formativas, conforme destaque pelo Professor João Arley. Sua resposta aponta para questões de identidade, resiliência e valorização da cultura negra, revelando a complexidade das experiências, vividas por esses docentes.

A ênfase do professor João Arley na “valorização da cultura negra”, como um elemento motivador, é fundamental. Isso sugere que, ao compartilhar suas histórias, os professores não apenas reivindicam suas identidades, mas também são direcionados, para a construção de uma narrativa coletiva, que desafia estereótipos e preconceitos.

A valorização da cultura negra implica em consideração e celebração das contribuições históricas e contemporâneas dos negros à sociedade, criando um espaço de aprendizados e reflexões das contribuições da história negra no Brasil.

O professor João fez menção aos “exemplos de resiliência”, os quais são cruciais para entender, o que motiva esses professores a compartilhar suas histórias. A resiliência é uma característica comum entre muitos educadores negros, que

frequentemente, enfrentam desafios em suas trajetórias acadêmicas e profissionais.

O Professor João Arley comentou sobre como as instituições de ensino superior podem evidenciar a valorização do percurso (auto)formativo dos professores negros. João enfatiza a importância de fornecer acesso a informações sobre a cultura negra.

O professor sugere que a valorização, vai além de eventos isolados; exige um compromisso contínuo das instituições, para integrar a cultura e a história negra nos currículos e nas práticas educacionais. O acesso à informação é um direito fundamental e, ao ampliar a visibilidade dessas histórias, as instituições demonstram, apoio na luta antirracista e o combate ao racismo no ambiente acadêmico.

A declaração do professor João Arley, sobre o fato de que esses estudos "fazem com que o professor se orgulhe da própria história", ressalta a importância da valorização da identidade, e das experiências pessoais no contexto educacional. Para muitos professores negros, suas trajetórias, podem ser marcadas por desafios significativos, como discriminação e falta de reconhecimento.

Ao refletir sobre essas experiências, e incorporá-las à sua prática docente, elas podem transformar suas histórias em fontes de força e inspiração. Essa autoafirmação, é crucial para a construção de uma identidade profissional sólida, que reconhece, não apenas as dificuldades, mas também as conquistas e contribuições.

Em suma, a afirmação do Professor João Arley, sobre a relevância da pesquisa para os professores negros, destaca a interconexão entre conhecimento, superação e identidade profissional.

Essa busca por conhecimento, é um ato de resistência e empoderamento, que não só beneficia os educadores, mas também enriquece o sistema educacional como um todo. Ao valorizar suas experiências e lutar pelo reconhecimento, os professores negros, não apenas desafiam as narrativas limitantes, mas também pavimentam o caminho, para um futuro mais inclusivo e representativo.

2.4.7- Participação do Professor Marcelo

Na abertura da Roda de Conversa, foi possível verificar a opinião do Professor Marcelo sobre a Lei de Cotas, o mesmo declarou: "Sou a favor, porque ajuda no ingresso aos cursos superiores e em concursos públicos".

Na segundo assunto em pauta, buscou-se descobrir a opinião dos participantes referente a forma como a sociedade enxerga a Lei de Cotas para negros. O Professor Marcelo participou afirmando que: “parte da sociedade que não tem informação, enxerga a lei como algo desigual e passam a enxergar o negro como inferior.”

No terceiro assunto em pauta, buscou-se descobrir quais seriam os principais elementos do processo (auto)formativo de Professores Negros, o professor Marcelo participou declarando que: “ética, resiliência e visão de equidade são elementos indispensáveis durante o percurso (auto)formativo”.

No quarto assunto em pauta, buscou-se descobrir a opinião dos participantes sobre os principais obstáculos enfrentados por professores negros durante o processo (auto)formativo. O Professor Marcelo afirmou que:

a formação, a própria construção do percurso (auto)formativo é um grande desafio, uma vez que, não possuir uma licenciatura, não possuir um Mestrado, são desafios que enfrentamos e por isso é importante se qualificar para o objetivo desejado”.

O quinto assunto abordado foi relacionado aos principais desafios enfrentados por professores não licenciados no ensino superior. O Professor Marcelo participou afirmando que “a metodologia é um dos principais desafios enfrentados por professores Não Licenciados no Ensino Superior”.

No sexto assunto em pauta, buscou-se descobrir se os participantes já foram questionados pelos alunos sobre seus processos e iniciações docentes, qual o percurso que realizaram para poder ministrar aulas no Ensino Superior. O professor Marcelo participou afirmando que: “Sim. Falei para eles que é importante ter experiência na área, graduação e pós-graduação”

O sétimo assunto abordado na roda de conversa, tratou de descobrir quais os elementos que motivam o professor negro no ensino superior, a compartilhar sua história (auto)formativa. O professor Marcelo respondeu: “a valorização do ser humano, todos podem conseguir brancos e negros, todos são iguais”.

O oitavo assunto abordado na roda de conversa, foi lançado com o objetivo de compreender a opinião dos participantes sobre o que as instituições de ensino podem fazer, para evidenciar a valorização do percurso (auto)formativo dos professores negros. O professor Marcelo respondeu: “as instituições podem continuar inserindo docentes negros no quadro de professores, pois esta também é uma forma de valorizá-los.”

O nono assunto abordado na roda de conversa, tratou de descobrir a relevância da temática da pesquisa em questão. O professor Marcelo respondeu: “esta pesquisa é de suma importância para nós professores negros, visto que, aponta para um problema recorrente em nossa sociedade.”

No décimo assunto, abordado na roda de conversa, buscou-se descobrir a opinião dos participantes sobre a contribuição dos estudos sobre o percurso (auto)formativo de professores negros para a formação docente. O professor Marcelo respondeu: “Grande relevância para continuar investindo no percurso (auto)formativo.”

2.4.8 Discussões em torno dos Argumentos do Prof. Marcelo

O relato do Professor Marcelo durante a Roda de Conversa abordou questões cruciais relacionadas à Lei de Cotas e à formação de professores negros, destacando a complexidade do contexto educacional e social em que esses profissionais atuam.

O Professor Marcelo inicia sua fala, defendendo a Lei de Cotas como um instrumento positivo, enfatizando que ela facilita o acesso a cursos superiores e concursos públicos para grupos historicamente marginalizados.

O diálogo aberto sobre a Lei de Cotas, e os desafios enfrentados na formação acadêmica, é um passo crucial, para a construção de uma sociedade mais igualitária.

Essa posição é relevante, pois reflete a necessidade de políticas afirmativas que combatam as desigualdades estruturais na educação. No entanto, o professor também aponta para um problema significativo: a percepção negativa de parte da sociedade que enxerga a lei de cotas como um benefício apenas para um grupo.

O professor Marcelo enfatiza que a valorização do ser humano e a igualdade de oportunidades, são essenciais no ambiente no acadêmico e na sociedade.

O discurso do professor Marcelo na Roda de Conversa destaca a intersecção entre a formação docente, a inclusão racial e a luta contra preconceitos.

Suas reflexões, não apenas iluminam os desafios enfrentados pelos professores negros, mas também oferecem uma perspectiva de esperança e de ação, enfatizando a necessidade de políticas inclusivas, e de um comprometimento contínuo com a formação e a valorização desses profissionais.

A declaração do Professor Marcelo, encapsula a essência do processo (auto)formativo de professores negros, destacando a necessidade de uma formação

que transcenda o meramente técnico e aborde questões sociais profundas.

Esses elementos, não são apenas indispensáveis para a formação docente, mas também para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Ao valorizar a ética, a resiliência e a visão de equidade, não estamos apenas formando educadores competentes, mas também agentes de mudança, que podem impactar suas comunidades.

Podemos verificar as principais questões abordadas pelo Docente Marcelo na Roda de Conversa, conforme quadro 6:

Quadro 14: Principais questões abordadas pelo Professor Marcelo na Roda de Conversa

Principais Tópicos abordados pelo Professor Marcelo na Roda de Conversa			
A Lei de Cotas como um instrumento positivo	Sociedade enxerga a lei como algo desigual	Igualdade de oportunidades	Comprometimento contínuo com a formação
A inclusão racial	A luta contra preconceitos.	Necessidade de políticas inclusivas	Sociedade mais justa e equitativa.
Desafios enfrentados pelos professores negros	valorização e o empoderamento de professores negros,	Superação de barreiras estruturais	Perspectiva de esperança e de ação

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

A afirmação do professor Marcelo, sobre os desafios que os professores negros enfrentam em seu percurso (auto)formativo, destaca questões estruturais e individuais, que impactam diretamente sua trajetória profissional.

Ao mencionar a falta de licenciatura, e de pós-graduação como barreiras significativas, Marcelo não apenas reconhece as dificuldades enfrentadas por esses educadores, mas também aponta para a necessidade urgente de qualificação e formação contínua.

A declaração do Professor Marcelo, ilumina os desafios enfrentados pelos professores negros, no processo (auto)formativo, enfatizando a importância da qualificação em um contexto de desigualdade.

A afirmação do Professor Marcelo, sobre a metodologia como um desafio para professores não licenciados no ensino superior, revela a complexidade da formação docente e a importância da preparação pedagógica.

Enfrentar esses desafios é crucial, para garantir a qualidade da educação e o sucesso dos alunos. Portanto, é essencial que as instituições de ensino promovam estratégias que favoreçam a capacitação e o desenvolvimento profissional contínuo desses professores, contribuindo para a construção de um ambiente mais qualificado.

Ao considerar a necessidade de superar barreiras estruturais, o professor Marcelo não apenas aponta para a luta individual, mas também para a necessidade de mudanças sistêmicas, que garantam equidade e inclusão no ambiente educacional.

Essa análise que revela, a complexidade da formação docente, e a urgência de abordagens, que promovam a valorização e o empoderamento de professores negros, nos leva a reflexões necessárias na era contemporânea.

CAPÍTULO 3-MEMORIAL FORMATIVO DOS PROFESSORES

Este capítulo apresenta os memoriais formativos dos cinco (5) professores negros não licenciados, incluindo o memorial da pesquisadora. São fatos relatados, a partir da abordagem (auto)biográfica.

Nas palavras de Nascimento (2010, p. 103), a dimensão autopoiética diz respeito à capacidade de auto criar-se, ao narrar a própria existência. “A escrita do memorial acontece num processo de descoberta de saberes biográficos e de saberes necessários à prática educativa”. (SILVA,2016, p,19).

Além disso, essa transformação promove um senso de identidade e continuidade cultural, uma vez que as memórias sociais são compartilhadas e discutidas entre os membros de uma comunidade. Assim, os documentos escritos não são apenas armazenados em conhecimento, mas também moldam as narrativas que definem as sociedades.

3.1 Memorial Formativo Docente Pabloena Pereira

Me chamo Pabloena da Silva Pereira, atualmente, possuo trinta e um (31) anos de idade, natural de Manaus-amazonas e residente em Manaus-Amazonas. É uma honra poder formar esse memorial formativo, porque vem a tona as memórias de desafios e superações.

Figura 4: Professora Pabloena Pereira



Fonte: Registro cedido pela professora (2024)

Estudei no jardim de infância Vitória Régia, gosto muito dessa lembrança porque foi uma época muito legal. Antes de eu completar quatro (4) anos de idade,

minha mãe me transferiu para um colégio particular Batista para eu cursar a alfabetização.

A primeira série do Ensino Fundamental cursei com ainda com cinco 5 anos de idade. A partir daí sempre eu sempre entrava antecipadamente nas séries posteriores. Da primeira até a quinta série do Ensino Fundamental, fiquei estudando na mesma escola. Nessa época meus cabelos eram encaracolados, porém isso não me incomodava, porém por ele ser volumoso, estilo black power fazia com que ele ficasse muito pesado.

Lembro muito bem que na minha infância, meus cabelos eram muito encaracolados e bastante volumosos e eu também usava óculos, ou me chamavam de cabelo de bombril ou de quatro olhos, eu tinha uns (6) seis anos na época, mas nunca levei isso para o lado maldoso, porém hoje entendo que eram sinais de preconceito.

3.1.1 O período do Ensino Médio

O Período que cursei o Ensino Médio, eu sempre estudei em escola pública, cursei o primeiro ano no município de Inhamundá e dessa época lembro muito de um professor de química que também era negro e era um excelente professor.

Minha mãe era professora por magistério e chegou a ser minha professora na turma do primeiro ano que eu cursava. Meus colegas começaram a comentar que eu iria colar, pelo fato da minha mãe ser professora, eles achavam que eu ia ter acesso aos gabaritos dos exercícios e que minha mãe me daria cola, sendo que eu não colava e nem tinha essa intenção.

Fiquei tão chateada, que um dia cheguei em casa chorando e relatei tudo à minha mãe, ela compreendeu e conversou com a turma, falou para eles que na sala de aula ela era a minha professora e que eu fazia os exercícios igualmente aos outros alunos, pois ela queria que eu aprendesse de fato, somente depois eles pararam de me insultar daquela forma.

Apesar de minha mãe ser professora, nessa época, ainda estudante do primeiro ano do ensino médio, cheguei a dizer que não queria ser professora, o desejo de tornar-me docente, ainda não era latente nessa época:

Eu dizia que não queria ser professora, pois quando minha mãe levava para casa os diários de frequência das turmas dela, ela chamava os filhos para ajudá-la,

então, lembro que ficava cansada de tanto fazer aqueles pontinhos...por isso, dizia que não queria ser professora, eu queria ser enfermeira e entrar na marinha, totalmente diferente de ser professora e hoje sou professora e faço muitos pontinhos nos diários.

Chegou o tempo em que tivemos que nos mudar para cursar o segundo e o terceiro ano do Ensino Médio, no município de Parintins-Amazonas. Tivemos que mudar de cidade, porque minha mãe foi aprovada no vestibular para o curso de Letras da universidade do estado do Amazonas, por isso teve que levar os filhos.

Durante o ensino médio realizei as provas do Processo Seletivo Contínuo (PSC) e quando cheguei no terceiro ano, tive que escolher três opções de curso, lembro que Escolhi os Cursos de Medicina, Enfermagem e Nutrição porém a nota do PSC tinha que ser superior a 600 seissentos, porém não consegui entrar, porém meu desejo era continuar estudando.

3.1.2 O período da Graduação em Enfermagem

Eu queria muito continuar meus estudos, pois já havia concluído o ensino médio, foi quando minha mãe me enviou, para passar as férias em Manaus na casa do meu pai, e uma tia minha que é professora universitária, me apresentou o Programa Bolsa Universidade da Prefeitura de Manaus, para as instituições privadas. Realizei a minha inscrição e fui aprovada para o curso de Bacharel em Enfermagem da Universidade Nilton Lins do Parque das Lanjeiras-Manaus

Depois que eu estava matriculada na universidade, reuni meus documentos necessários para solicitar o benefício do Programa Bolsa Universidade, porém como ainda eu era menor de idade, 16 anos, e como minha mãe ficou em Parintins, fui acompanhada pela minha tia.

Quando foi divulgado o resultado do programa, fiquei muito feliz porque ganhei setenta e cinco 75% de Bolsa e eu teria que pagar os outros 25% vinte e cinco por cento. A seguir registro da professora na época da graduação:

Figura 5: Professora Pabloena na época da Faculdade



Fonte: Registro cedido pela participante (2024)

Nos quatro primeiros anos de faculdade, minha mãe que pagava as mensalidades, porém como os valores aumentavam todos os semestres, minha mãe teve que recorrer a diversos empréstimos para quitar as mensalidades.

No último ano de faculdade, os desafios financeiros aumentaram bastante, pois surgiram o período do estágio e de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e com isso, os custos tornaram-se maiores e não estávamos mais conseguindo pagar, foi quando solicitei o benefício do Fundo de Financiamento Estudantil (FIES).

Nessa época da graduação, lembro que a carga horária se tornou extensa e impactava no valor da mensalidade que se tornou bastante alta, mesmo com 25% de Bolsa.

No meu período de estágio, lembro que passava o dia todo dentro dos hospitais, por isso a solução na época foi recorrer ao financiamento, o financiamento do FIES cobriu todas as mensalidades do último ano, então ficou cem por cento, então eu não paguei mais o último ano, porém quando terminei a graduação tive que pagar o FIES.

Consegui concluir, me formei com o título de Bacharel em Enfermagem no ano de 2014, aos 21 anos de idade, conforme imagem 06:

Figura 6: Colação de Grau de Pabloena em Enfermagem



Fonte-Registro Cedido pela Professora Pabloena (2015)

Na graduação, eu admirava todos os meus professores, especialmente a professora Sheyla Bentes que ministrava a disciplina de urgência e emergência, achava interessante a metodologia dela, explicava o conteúdo e em seguida, fazia círculo com a turma toda, eu achava interessante a metodologia dela, porque ela entregava casos clínicos pra gente raciocinar e realizar o planejamento.

Quando terminei minha graduação, passei doze meses ou seja, um ano sem trabalhar, pois ainda não havia conseguido emprego em minha área de formação e esse contexto me entristecia muito a ponto de quase entrar em depressão, pois tinha estudado muito para ficar naquela situação.

3.1.3 O período Após a Graduação em Enfermagem

Foi quando no segundo ano depois de formada, recebi uma oportunidade, por meio de uma colega que estava em Tonantins-Amazonas, um município muito distante próximo ao município de São Gabriel da Cachoeira.

Resolvi tentar a oportunidade e viajei para lá, nessa época, estava morando com meu namorado, casei aos vinte e dois anos, ele ficou em Manaus e eu fui tentar a sorte nesse Município.

A proposta era com garantia de hospedagem e alimentação até receber o meu primeiro salário. Naquela época, a passagem estava custando entre quatrocentos e quinhentos reais, de lancha para chegar mais rápido, ainda levei um dia e meio para chegar ao local.

Cheguei em Tonantins, ainda trabalhei noventa dias de forma gratuita, sendo que a proposta de emprego não foi efetivada, e como não deu certo, completei seis meses e então decidi retornar a Manaus.

O retorno a Manaus também foi bem difícil, pois eu não tinha dinheiro para retornar, minha família se uniu para juntar o valor necessário para eu retornar. Retornei a Manaus de barco e como era descida e um valor menor, consegui chegar dentro de dois dias.

Depois que retornei a Manaus, eu consegui trabalhar como “*home care*” cuidando de meu tio, que havia caído de uma laje e fraturou uma das vértebras, e por conta disso, ele não conseguia se movimentar. Então eu cuidava do meu tio e também da mãe dele, uma senhora idosa, que era paleativa.

3.1.4 A Iniciação Docente

Iniciei minha carreira docente no ensino técnico, por isso a experiência que adquiri, juntamente com as especializações que conclui, foram fatores que facilitaram a minha entrada para lecionar na graduação.

Quando iniciei minha carreira docente no Ensino Superior, a princípio foi por questões de suprimento financeiro, pois antes não pensava em ser docente, queria ser somente enfermeira.

Porém no ano de dois mil e dezenove (2019) foi contrada como professora no curso de bacharel em enfermagem da Universidade Paulista Aqui Você Pode- (UNIP/AVP).

Quando iniciei como professora no Ensino Superior, minha dificuldade foi encontrar uma metodologia que prendesse a atenção de meus alunos. Quando iniciei, um desafio foi a metodologia, pois tinha receio de falar algo e ser criticada pelos alunos e não saber como agir, porém com o passar do tempo, fui adquirindo experiência e me qualificando, o que resultou em uma professora segura e confiante como sou hoje.

Outro desafio enfrentado foi a questão das avaliações, foram um fator preocupante em minha iniciação docente, enquanto professora não licenciada.

No início eu utilizava questionários, para que os alunos pudessem estudar para as avaliações, porém, aos poucos fui percebendo que não deu certo com todas as turmas. Por isso, resolvi eliminar os questionários e incentivei a turma a estudar pelo material. As avaliações foram desafiadoras no início da minha carreira docente no Ensino Superior.

Ao longo do meu processo formativo tive que enfrentar muitas dificuldades, mas graças a Deus consegui superar os desafios e atualmente sou bacharel em

Enfermagem; possui Pós-graduação em Urgência e Emergência e uma Pós-graduação em saúde pública com ênfase em saúde da família, sou Mestre em Ciências Dermatológicas pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA.

3.2 Reflexões em torno do Memorial da Professora Pabloena

O memorial formativo da Professora Pabloena da Silva Pereira, revela uma trajetória marcada por desafios e superações, que moldaram não apenas sua formação acadêmica, mas também sua identidade profissional. Aos 31 anos, natural de Manaus, sua história começa no Jardim de Infância Vitória Régia, onde as lembranças de uma infância feliz contrastam com os desafios enfrentados ao longo da trajetória.

Professor Pabloena inicia sua narrativa, destacando a importância das primeiras experiências educacionais. A mudança para um colégio particular para cursar a alfabetização reflete o papel ativo de sua mãe em sua educação, uma figura central que a apoiou e motivou.

Ela menciona suas características físicas, como seus cabelos encaracolados e volumosos, que, embora não a incomodassem na infância, a expôs a preconceitos que ela, de forma admirável, conseguiu interpretar como sinais de desrespeito, mas não deixou que isso a afetasse níveis.

3.2.1 O Ensino Médio e as Expectativas Sociais

No Ensino Médio, Pabloena apresentou novas situações que testaram sua resiliência. A presença de sua mãe como professora trouxe consigo uma série de expectativas e pressões sociais.

A experiência de ser alvo de rumores sobre colas e privilégios, devido à sua relação familiar, evidencia as dinâmicas de preconceito que ainda permeiam o ambiente escolar. Sua coragem em discutir isso com a mãe e buscar compreensão e apoio é um exemplo claro de como a comunicação e o diálogo são fundamentais.

Apesar das dificuldades, Pabloena revela um desejo inicial de se distanciar da docência, aspirando ser enfermeira e entrar na Marinha. Essa escolha reflete

uma busca por uma identidade profissional que se afastou do legado familiar, algo comum entre jovens em busca de se afirmar em um mundo repleto de expectativas.

3.2.2 A Graduação e os Desafios Financeiros

O ingresso na graduação em Enfermagem, viabilizado por programas de bolsas, ilustra a luta contínua de Pabloena pela educação. As dificuldades financeiras enfrentadas por sua família, somadas à carga horária exigente da universidade, reforçam o compromisso e a determinação que a caracterizam. Sua adaptação ao Sistema de Financiamento Estudantil (FIES) demonstra sua proatividade em buscar soluções para continuar seus estudos, culminando na formação em 2014.

A transição para a docência no ensino superior, inicialmente motivada por questões financeiras, transformou-se em uma nova paixão. A dificuldade em estabelecer métodos de ensino que capturassem a atenção de seus alunos mostra sua dedicação ao aperfeiçoamento de sua prática docente.

O memorial formativo da Professora Pabloena, é uma narrativa de superação, resiliência e aprendizado contínuo. Desde a infância até a sua posição atual como educadora e profissional de saúde, cada etapa de sua vida contribuiu para moldar sua identidade.

Com bacharelado em Enfermagem, pós-graduação e um mestrado, ela se posiciona como um exemplo de determinação e comprometimento, não apenas com sua carreira, mas também com a educação e o bem-estar dos outros. A história de Pabloena é um testemunho do poder transformador da educação e da importância de enfrentar desafios através dos estudos e da resiliência.

3.3 Memorial (Auto)formativo Professor Adriano

Me chamo Adriano Dos Santos Oliveira, nasci no dia oito de agosto de mil novecentos e setenta e sete 08/08/1977, tenho quarenta e sete anos (47), nasci em Três Pontas, Minas Gerais. Filho de Sebastião Ornellas de oliveira e de Maria Aparecida Dias de Oliveira, classe baixa. Pai servente de pedreiro assalariado, mãe dona de casa com sete (7) filhos.

Figura 7: Professor Adriano Oliveira

Fonte: Registros da autora (2024)

3.3.1 Trajetória Escolar e Formativa

Mesmo com poucas condições financeiras, meus pais sempre fizeram o possível e o impossível para todos os filhos estudarem. Minha trajetória no Ensino Infantil começou na Escola Estadual João de Abreu Salgado onde estudei desde do maternal até a quarta série, próxima da minha casa no Bairro Catumbi.

Minha primeira professora se chamava Madalena era branca, mas tinha pureza em seu coração, e tratava todos do mesmo jeito com respeito e carinho. Dona Gicelda, era negra de classe baixa sempre se impunha quanto se falava da diferença de cor. Ir para escola era uma diversão, muitos amigos, muitas brincadeiras, ficávamos ansiosos para chegar a hora do recreio, saía da sala correndo fila da sopa comia correndo para dar tempo de brincar.

Nessa época, não tinha esse negócio de preconceito dos todos eram iguais, cada um tinha apelido (orelhudo, baleia, pretinho, neguinho, porcão) se apanhasse na rua apanharia em casa. Os valores como respeito pelas pessoas, pelos mais velhos, responsabilidade, honestidade, disciplina eram sagrados.

A situação social e econômica era difícil torcas de governos, juros altíssimos, comprava um produto hoje amanhã já era outro preço. Mesmo com toda dificuldade não faltava o essencial em casa.

Na quinta série mudei de escola, passei a estudar na Escola Estadual Jacy Junqueira Gazola até a oitava série, mesmo sendo uma escola pública era uma referência na cidade, todos queriam estudar no Jacy Gazola, tinha um diretor chamado Celso Mariano, que era a frente do seu tempo, buscava sempre o melhor

para escola (piscina, sala de computador, quadras de futebol, quadra de volei) era um sonho de todo aluno.

Tive uma professora de história chamada Maria Stela Pereira, filha de mãe negra e de pai branco, de classe baixa, sempre falava que não existia diferença entre o ser humano, mesmo tendo a cor da pele diferente, e que essa diferença não deve fazer parte do nosso cotidiano.

Nessa época, a situação financeira da minha família melhorou um pouco meus irmãos mais velhos já trabalhavam ajudavam nas despesas da nossa casa. Tinha horta de verduras, criávamos galinhas e porcos, vendíamos ovos e quintadas nas casas.

Comecei o ensino médio na escola pública, Escola Estadual Deputado Teodósio Bandeira Campos, era uma escola marcada pela quantidade reprovações, brigas de alunos, faltas de professores, falta de merenda, alunos rebeldes. Mas mesmo com tantos problemas a diretora não passava a mão na cabeça de nenhum aluno. Eram obrigados a estudar que não estuda tinha que mudar de escola.

Me lembro do meu Professor de Física e Química falavam que ele era louco para mim ele era um gênio. Chegava na sala de aula somente com diário de chamada, apagador e giz e ensinava, tirava as dúvidas. No começo sempre havia aquele olhar de desconfiança, mas depois era quebrado o gelo e amizade sempre prevalecia independente da cor. A situação financeira já estava melhor pois já o meu trabalho de carteira assinada trabalha durante o dia e estudava a noite.

Depois que terminei o ensino médio, estava indeciso em qual curso superior fazer. Foi quando surgiu, a oportunidade de fazer curso gratuito de auxiliar de enfermagem pelo governo ganhava um jaleco, um aparelho de pressão e bolsa no valor de 80 reais.

Muitos fatos marcantes durante esse período, no primeiro dia de estágio no Hospital São Francisco de Assis uma senhora veio a falecer tivemos que preparar o corpo e professor mandou levarmos o corpo para o necrotério durante o trajeto naqueles corredores escuros o braço da senhora sai fora do lençol tomamos um susto e saímos correndo atrás do professor contando o que tinha acontecido.

Ele mandou voltar e trazer o corpo de volta para verificar os sinais vitais. Tive vários professores, mas o Professor Carlos marcou a minha vida, até hoje me lembro dos seus ensinamentos na área de saúde.

No segundo estágio foi mais fácil, no último dia de estágio sai do hospital direto para o trabalho no supermercado, porém no final do dia, fui dispensado. Depois de formado no curso de auxiliar de enfermagem, mudei de cidade onde iniciei o curso de complementação do curso técnico de enfermagem. A situação econômica já estava mais tranquila financeiramente, pois conseguia oferecer uma vida melhor para os meus pais.

Começou quando eu prestei vestibular para administração hospitalar, estudei durante um ano e depois prestei vestibular para enfermagem na cidade de Ouro Fino na Faculdade Asmec onde comecei a estudar. Depois transferi para Univás onde terminei a minha graduação.

Decidi fazer graduação em enfermagem, pois já trabalha na área há um tempo e toda minha família, isso começou com meu pai, que trabalha com servente de pedreiro em no hospital durante de 38 anos ele foi e sempre será meu maior incentivador.

Minha maior dificuldade foi ter que trabalhar e estudar pois o curso era integral. Tive mais fatos positivos que negativos. Ainda pretendo fazer outra graduação. Hoje lembro da graduação, lembro da minha Professora Isabel, minha referência em Sistematização de Enfermagem.

Graças a Deus durante a minha vida profissional, trabalhei com grandes homens e grandes mulheres que não se importavam com a cor da minha pele. Para eles, isso não fazia a menor diferença.

3.3.2 Processo de Iniciação Docente

Depois que terminei a graduação, comecei a procurar um novo trabalho como enfermeiro, foi então que surgiu a oportunidade de mudar de para o Estado do Amazonas - Manaus para trabalhar com enfermeiro, mas durante essa procura surgiu a oportunidade de trabalhar com preceptor e professor da disciplina de saúde da criança, e de saúde pública no município de Barcelos e Tefé pelo Cetam que foi meu primeiro contato com alunos em sala de aula.

No primeiro dia de aula, entrei em sala imensa com mais de cem cadeiras, pensei: será que tem isso tudo de alunos, a aula começava as oito horas da manhã.

Faltava alguns minutos para as 08 horas e não tinha nenhum aluno, de repente começou a chegar alunos e não parava mais.

Estava muito ansioso, total 120 alunos, não sabia o que falar. Então disse quero que vocês se apresentem e digam por qual motivo estão cursando o curso de técnico de enfermagem.

E o tempo foi passando já estava mais tranquilo, comecei a explicar como seria o plano de aula, tirei as dúvidas e terminei aula. Quando terminei a aula foi como tirasse um peso das minhas costas, fui para casa entreguei meu dia a Deus e disse comigo amanhã eu tenho que dar aula sem enrolação em Nome de Jesus.

No segundo dia foi tudo diferente, perdi o medo, a vergonha, aprendi a ter domínio do assunto baseado nas experiências vividas dentro da enfermagem. No começo via nos olhares dos alunos a desconfiança em relação a cor, pois na região norte quase não se tem pessoas negras.

Como docente negro passei sim por preconceito por parte de alunos na universidade fui julgado pela minha cor, mas depois que viram que eu tinha domínio do assunto que explicava e que o meu papel ali era de ensinar, independente da cor, raça ou posição social, começaram a mudar o tratamento em relação a minha pessoa e passaram a me respeitar como professor.

Eu sempre digo para os meus alunos, que eles podem ser o que quiserem ser, basta que estudem e trabalhem para isso. Como estratégia, sempre alinhei os meus conhecimentos práticos com a teoria.

Minha trajetória começou no curso técnico. Escola pública do Cetam no município de Tefé. Fato marcante conhecer uma nova cultura, dificuldade com alimentação. Desconfiança dos alunos em relação a cor. Mas tudo isso foi superado com passar do tempo.

Não foi o desejo em se tornar professor, mas sim a necessidade em se tornar um professor. Passei por desconfiança dos alunos, porém sempre procurei mostrar a eles que o conhecimento não estava na cor de uma pessoa e que todos nós somos capazes. A situação econômica melhorou mesmo com as dificuldades que o nosso país enfrentava.

Hoje leciono no Centro Universitário Fametro entidade privada comecei há 10 meses, a convivência com docentes de diversas áreas proporciona novas experiências.

A minha estratégia foi sempre despertar no aluno, a sua curiosidade pelo conhecimento. Minha situação financeira familiar está melhor, hoje todos os membros tem suas profissões, com salários compatíveis com a realidade, mesmo a situação financeira do nosso país instável.

3.4 Discussões em torno do memorial do Professor Adriano

O memorial formativo do Professor Adriano é uma reflexão profunda sobre uma vida dedicada à educação, repleta de desafios e conquistas. Sua história é uma demonstração clara de que a educação é um veículo poderoso para a transformação social e pessoal.

Ao enfrentar preconceitos e adversidades, Adriano não apenas construiu uma carreira como enfermeiro e educador, mas também se tornou um modelo para seus alunos, enfatizando a importância do conhecimento e da perseverança.

O memorial formativo de Adriano Dos Santos, é um testemunho profundo e multifacetado de sua trajetória pessoal, acadêmica e profissional. Desde suas origens humildes em Três Pontas, Minas Gerais, até sua posição atual como docente no Centro Universitário Fаметro, o relato de Adriano não só destaca os desafios enfrentados por ele ao longo de sua vida, mas também revela a resiliência e a determinação que moldaram seu percurso.

Adriano nasceu em uma família de classe baixa, sendo filho de um servo de pedreiro e uma dona de casa que se dedicava a cuidar de seus sete filhos. Essa estrutura familiar revela a importância do apoio mútuo e dos esforços coletivos para superar dificuldades financeiras.

O fato de seus pais terem priorizado a educação, mesmo em meio a restrições econômicas, destaca o valor que a família atribui ao conhecimento como um meio de ascensão social. Essa base familiar sólida se torna um elemento crucial que influenciou a determinação de Adriano em buscar educação e melhoria de vida.

A trajetória dos professores pesquisados mostra um grande marco na vida dos negros que decidiram vencer através dos estudos, conforme Jesus (1986, p.54):

Os oito filhos do meu avô não sabiam ler. Trabalhavam nos labores rudimentares. O meu avô tinha desgosto porque os seus filhos não aprenderam a ler, e dizia: — Não foi por relaxo de minha parte. E que na época que os seus filhos deveriam estudar não eram franqueadas as escolas para os negros. Quando vocês entrarem nas escolas, estudem com devoção e esforcem-se para aprender. E nós, os netos, recebíamos as palavras do vovô como se fossem um selo e um carinho.

A decisão de Adriano de se tornar professor, embora inicialmente não fosse um desejo claro, surgiu da necessidade de contribuir para a educação de outros. Sua experiência como preceptor e professor da disciplina de saúde em um município do Amazonas foi marcada por ansiedade, mas também por uma evolução significativa.

A transformação de seu medo em confiança demonstra um desenvolvimento pessoal e profissional notável. A forma como ele abordou a desconfiança inicial dos alunos, associada à sua cor, ilustra um tema central em seu relato: a luta contra o racismo.

Adriano enfatiza, a importância de demonstrar domínio sobre o conteúdo, superando estereótipos raciais. Sua abordagem, que combina experiência prática com teoria, reflete um comprometimento em despertar a curiosidade dos alunos e fomentar um ambiente de aprendizado respeitoso.

A questão do preconceito racial, permeia a narrativa de Adriano. Ele se relaciona como a cor de sua pele foi inicialmente um obstáculo, mas uma mudança de percepção dos alunos, conforme eles reconheciam seu conhecimento.

A fala do Prof. Adriano lembra a história do Prof. Negro Hemetério José dos Santos conforme afirma Silva (2014, p.6):

Essas passagens, dentre outras arroladas ao longo da pesquisa, demonstram a agência do sujeito histórico Hemetério José dos Santos, enquanto intelectual negro, no movimento de ressignificar os sentidos sociais e culturais de ser negro em seu tempo. E essa tentativa de ressignificação pode ser enxergada tanto em seus escritos e discursos, quanto por meio de sua própria figura.

O memorial formativo de Adriano dos Santos Oliveira é um relato enriquecedor que ilustra uma jornada de superação, determinação e compromisso com a educação. Sua trajetória, marcada por desafios financeiros e preconceito racial, é um testemunho da força do espírito humano e da importância de um apoio familiar sólido.

Seu relato destaca a necessidade de uma reflexão contínua sobre as questões de raça e inclusão nas instituições de ensino, evidenciando que, apesar das adversidades, a educação é um poderoso agente de mudança social. Adriano se estabelece não apenas como um professor, mas como um líder que busca transformar não apenas a vida de seus alunos, mas a visão da sociedade.

3.5 Memorial (Auto)formativo Professor Marcelo Rabelo

Me chamo Marcelo Rabelo Cardoso da Silva, nascimento em de maio de 1979, filho de Elclides Rabelo da Silva e Maria Assunção da Silva e Silva.

Meu ensino infantil foi na Escola Municipal Firme na Fé, na época a economia do país passava por uma crise causada pelo governo presidencial do Collor.

Minha trajetória escolar iniciou na Escola Municipal Firme na Fé, na época a economia do país passava por uma crise causada pelo governo presidencial do Collor, na época o país passou por uma grande crise com relação a retenção econômica do dinheiro da população.

Meu ensino médio foi cursado em escola pública, Escola Estadual Alfredo Fernandes, localizado no bairro Nova Esperança na cidade Manaus, os professores que me inspiraram nessa época, foram todos, mas lembro do nome de alguns, professor Augusto, Maria Clara, Simone entre outros que não me recordo o nome. Não fiz curso técnico. Cursei nível superior em Tecnologia da Informação, na Universidade privada Luterana do Brasil (ULBRA).

Desde a adolescência quis ser professor, os meus professores me inspiraram a ser professor. Comecei minha experiência ministrando cursos em instituições de nível técnico.

A minha meta sempre foi ser professor de nível superior, sempre quis fazer parte da classe que produzia conhecimento no país. Cursei pós graduação em uma instituição privada, minha primeira pós graduação, foi em perícia forense computacional, na faculdade Evolução com sede no Ceará. Atualmente sou docente no grupo Aqui Você Pode em Manaus, com sede em Fortaleza- Ceará.

Desejo ingressar em um Mestrado voltado para área de ensino profissional e tecnológico. Fiz uma Pós-Graduação em docência do ensino superior, pela Universidade Paulista (UNIP/AVP).

Continuo investindo em cursos voltados para área acadêmica, no momento estou a procura por um Mestrado na área de educação. Sinto muito orgulho, pois, estou contribuindo para a formação de líderes em nosso país, de produzir conhecimento e contribuir com a sociedade.

O fato de ouvir de alguns familiares que, ser professor do nível superior era para ricos e brancos, mas não dei ouvidos a isso, me tornei professor sem ligar para opiniões alheias e nem me vitimar por isso, seria um grande desastre pra mim

mesmo e deixaria de ter contribuído de forma positiva para a nossa nação, omiti isso por se tratar da minha família, quem deveria ter me apoiado e não tentado me desmotivar.

3.6 Reflexões em torno do Memorial do Professor Marcelo

A trajetória de Marcelo Rabelo Cardoso da Silva, é uma narrativa poderosa de determinação e superação em um contexto sociopolítico desafiador.

Nascido em maio de 1979, Marcelo cresceu em um período marcado por crises econômicas que impactaram profundamente a sociedade brasileira.

Seu ensino infantil na Escola Municipal Firme na Fé, aconteceu em um ambiente onde a instabilidade financeira do país, resultante das políticas do governo Collor, era uma realidade. Essa experiência inicial pode ter moldado sua percepção sobre a educação e a importância dela como um meio de transformação social.

O professor Marcelo, completou o ensino médio em uma escola pública, na Escola Estadual Alfredo Fernandes, onde encontrou inspiração em seus professores. A valorização das figuras docentes em sua vida revela um elemento central em sua trajetória: o reconhecimento do papel formador do educador.

A experiência do professor Marcelo, quando cursou o ensino médio, é um testemunho da relevância da educação pública e do papel transformador dos educadores. Sua trajetória ilustra como a motivação e a inspiração recebidas durante esse período podem influenciar a formação de um indivíduo e moldar suas aspirações futuras.

A trajetória acadêmica de Marcelo Rabelo Cardoso, que começou na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), reflete um compromisso profundo com a educação.

O respeito e a gratidão que ele expressa por seus professores, são elementos essenciais que reafirmam a importância da educação como um meio de implementar mudanças sociais e de influenciar pessoas a seguir carreira docente.

A inspiração que recebeu de seus professores, é um aspecto central em sua narrativa. Este reconhecimento do papel formativo dos educadores revela um entendimento de que a qualidade do ensino não depende apenas do conteúdo, mas também da relação estabelecida entre alunos e professores.

O desejo de Marcelo, de seguir essa carreira demonstra uma valorização da tradição educacional e um compromisso com a continuidade desse legado.

O fato de ele ter iniciado sua experiência docente em instituições de nível técnico indica uma busca por praticidade e aplicação do conhecimento. Essa escolha pode ter fornecido a ele um conhecimento mais direto das necessidades e desafios enfrentados pelos alunos, bem como uma oportunidade de contribuir de maneira significativa desde o início de sua carreira.

As escolhas do professor Marcelo em relação à sua formação continuada, incluindo uma pós-graduação em perícia forense computacional e uma especialização em docência do ensino superior, evidenciam seu entendimento sobre a importância da formação contínua e da atualização profissional.

Essa busca por conhecimento mais profundo nas áreas em que atua demonstra um compromisso não apenas com sua carreira, mas também com a qualidade do ensino que oferece aos seus alunos.

A menção ao desejo de ingressar em um mestrado, voltado para a área de ensino profissional e tecnológico indica uma visão estratégica sobre o futuro de sua carreira e uma vontade de aprofundar sua atuação no campo educacional.

Isso não apenas reforça seu papel como educador, mas também destaca uma intenção de influenciar positivamente a formação de novos profissionais, especialmente em áreas que são cruciais para o desenvolvimento da sociedade.

Por fim, a busca contínua por cursos e a disposição do professor Marcelo para investir em sua formação acadêmica, são indicativos de uma mentalidade de crescimento. Essa atitude é essencial em um mundo em constante mudança, onde a educação deve se adaptar às novas realidades e necessidades do mercado.

Em resumo, a trajetória do professor Marcelo Rabelo é um exemplo inspirador de dedicação à educação e ao papel do professor como agente de mudança. Sua busca incessante por conhecimento e sua aspiração de se tornar um professor de nível superior refletem um compromisso com a formação de líderes e a produção de conhecimento, destacando a relevância da educação como um pilar importante para a sua carreira profissional e para a sociedade.

3.7 Memorial (Auto)formativo Professor João Arley

Me chamo João Arley Barbosa de Melo, sou professor universitário, (auto)declarado negro (a), e tenho quarenta e quatro (44) anos de idade.

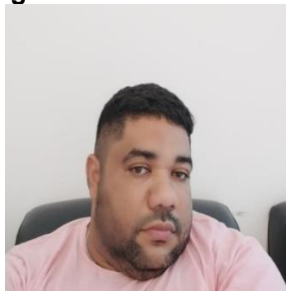
Quando eu era criança e até a adolescência, sempre estudei em escolas particulares, pois na época, meu pais possuíam boas condições financeiras, minha mãe era professora do Ensino Fundamental e meu pai trabalhava na Aeronáutica.

Casei cedo, aos 17 anos, fui pai precoce, morava com meu pais até que, iniciei minha história de lutas para possibilitar bem estar próprio e da sua família.

Quando completei 21 anos de idade, fui morar em uma casa separada somente com minha esposa e meu filho.

A partir dos meus 18 anos de idade, passei por situações de racismo, como jovem cheguei a jogar em alguns times famosos da cidade de Manaus. Cheguei a ser atleta e como negro, passei a sentir essa questão do racismo de forma mais intensa, cheguei a jogar em alguns times famosos da nossa cidade como Fast Club.

Figura 8: Professor João Arley



Fonte: Registros da autora (2024)

Consegui uma formação técnica em sua minha área de atuação. Cursei Técnico em Contabilidade na Escola Estadual Sólon de Lucena na cidade de Manaus, naquela época, essa escola do estado ofertava bons cursos técnicos aos jovens da cidade.

Curvei minha graduação, consegui me formar como bacharel em contabilidade no Centro Universitário do Norte (UNINORTE) na cidade de Manaus.

No período da graduação, lembro-me do professor Gonzaga que foi meu professor na faculdade, também foi meu professor na Pós-graduação e hoje ele é coordenador na Escola Superior Batista do Amazonas (ESBAM). Também lembro do

professor Geraldo que era um professor de contabilidade excelente, são dois professores que me inspiraram bastante.

Cursei minha primeira Pós-graduação em Perícia, Auditoria e Controladoria Contábil no ano de dois mil e quatorze (2014) pela Escola Superior Batista do Amazonas (ESBAM).

O meu segundo curso de Pós-graduação foi em Docência do Ensino Superior, cursei entre os anos de dois mil e quinze e dois mil e dezesseis. (2015-2016).

Entre os anos de 2019 a 2020, consegui cursar um terceiro curso de Pós-graduação em Tecnologias Educacionais pela Unversidade do Estado do Amazonas (UEA).

É interessante falar sobre minha iniciação docente, pois nunca ansiei por ser professor, porém após formado em contabilidade, eu tinha um amigo que era formado em economia e um dia eu e ele estávamos passando em frente a uma unidade do Centro de Educação Tecnológica do Amazonas (CETAM) e resolvemos entrar, pois ficamos sabendo que o CETAM estava contratando professores, formados em algumas áreas específicas para ministrar aulas para os cursos técnicos em alguns municípios do Amazonas.

Um mês depois já estava viajando pelos municípios ministrando aulas no curso técnico em contabilidade do cetam que foi onde iniciei minha carreira docente.

Durante minha atuação docente em cursos técnicos, fui percebendo que possuía aptidão natural para ministrar aulas e aos poucos fui me identificando com a profissão, foi aí que senti a necessidade de cursar as especializações relacionadas à docência para poder aperfeiçoar minha didática, aprender novas metodologias para obter aulas com maior qualidade.

Em relação a minha iniciação docente no Ensino Superior, Tornei-me professor universitário na Universidade Paulista UNIP-Aqui Você Pode (UNIP/AVP), no ano de dois mil e dezenove (2019), na graduação em Ciências Contábeis, totalizando cinco anos de atuação como professor universitário.

Pelo fato de eu ser um docente não licenciado, enfrentei alguns desafios, o primeiro desafio que encontrei foi no quesito avaliação, dentro do processo avaliativo das próprias instituições de ensino, pois a avaliação não deve ser somente a nota final institucional, mas sim todos os dias em sala de aula estamos avaliando nossos alunos.

Sobre minhas experiências profissionais em minha área de atuação, inciou após formado, pois tive a oportunidade de trabalhar em alguns escritórios de

contabilidade e também abri uma empresa própria, sou empresário, possuo um escritório de contabilidade na cidade de Manaus.

Sou bem feliz com minha área de formação, sou feliz também por ser professor negro, por estar atuando na docência universitária e vejo que nossa história de vida, serve de inspiração para outras pessoas.

Atualmente, Sou bacharel em Ciências Contábeis, sou Especialista em Docência do Ensino Superior. Sou especialista em Auditoria Perícia e Controladoria Contábil e também sou especialista em Tecnologias Educacionais da Educação Profissional e Tecnológica e continuo atuando como professor universitário.

3.8 Reflexões em torno do memorial do Professor João Arley

O memorial formativo do professor João Arley Barbosa oferece uma perspectiva rica sobre sua trajetória pessoal e profissional, marcada pela interseção entre raças, educação e experiências de vida.

Ao se identificar como professor universitário e (auto)declarado negro, João não apenas compartilha suas conquistas acadêmicas, mas também evidencia seu orgulho e consciência de sua presença no meio acadêmico e na sociedade.

Desde a infância, professor João teve acesso a uma educação de qualidade em escolas particulares, reflexo das condições financeiras desenvolvidas de seus pais, sendo sua mãe professora e seu pai na Aeronáutica.

Essa base sólida, entretanto, não o imunizou contra as realidades do racismo, que começou a se manifestar em sua adolescência, especialmente no contexto esportivo. Jogar em times renomados de Manaus, como o Fast Club, expôs João a um ambiente onde, apesar do sucesso, ele teve que lidar com preconceitos raciais.

O fato de ter se casado e se tornado pai aos 17 anos traz à tona questões sobre a responsabilidade e as lutas que travaram para garantir o bem-estar de sua família.

Mudar-se para uma casa separada aos vinte e um (21) anos não foi apenas uma questão de independência, mas um passo em direção a uma nova fase de vida, marcada por desafios financeiros e emocionais. Essa mudança pode ser vista como um reflexo da determinação de João em construir um futuro melhor.

A trajetória educacional de João Arley Barbosa de Melo, marcada por uma sólida formação técnica e acadêmica, revela não apenas seus compromissos pessoais, mas também a importância da educação técnica na construção de carreiras

no Brasil.

Após concluir o curso técnico, João avançou para a graduação, formando-se bacharelado em Contabilidade no Centro Universitário do Norte (UNINORTE). Essa progressão demonstra uma busca contínua por conhecimento e qualificação, características que são essenciais em um campo profissional em constante evolução. Durante sua graduação, João destacou a influência de professores como Gonzaga e Geraldo, cujas atribuições e ensinamentos deixaram ensinamentos e inspirações.

A formação continuada do professor João Arley, é outro aspecto digno de nota. Ele cursou sua primeira pós-graduação em Perícia, Auditoria e Controladoria Contábil em 2014, seguida por uma especialização em Docência do Ensino Superior entre 2015 e 2016.

Essas escolhas refletem uma compreensão clara da necessidade de se manter atualizado e preparado para as demandas do mercado de trabalho e do ambiente acadêmico. Ao se especializar-se em Docência, João também se prepara para compartilhar seu conhecimento, contribuindo para a formação de futuros graduados em Ciências Contábeis.

Entre 2019 e 2020, ele completou uma terceira pós-graduação em Tecnologias Educacionais, evidenciando uma preocupação com a inovação e a integração de novas metodologias de ensino em sua prática docente.

Em resumo, a história educacional do professor João Arley é uma narrativa de perseverança e compromisso com o aprendizado contínuo. Sua trajetória não apenas destaca a importância da formação técnica e acadêmica, mas também ressalta o papel fundamental dos educadores na vida dos alunos.

Ao valorizar seus professores e investir em sua própria formação, o professor João se posiciona como um exemplo de dedicação e excelência, mostrando que a educação é uma ferramenta poderosa para a transformação pessoal e social. Essa narrativa pode inspirar outros a seguir caminhos semelhantes, enfatizando que o aprendizado é um processo contínuo que transcende as etapas.

A história de iniciação docente de João Arley Barbosa de Melo, revela um percurso que vai além da simples transição entre carreiras; é uma narrativa de autodescoberta e adaptação. Inicialmente, João não tinha ambição de se tornar professor. Sua formação em contabilidade, adquirida em um contexto acadêmico robusto, o levou a uma trajetória profissional que parecia de

Esse momento, ilustra como oportunidades inesperadas podem moldar vidas.

A decisão de entrar no CETAM, ao se deparar com a possibilidade de lecionar, representa não apenas uma mudança de carreira, mas uma abertura para novas experiências. A prontidão de João para abraçar essa oportunidade, mesmo sem uma expectativa inicial de ser professor, demonstra uma flexibilidade e disposição para explorar novos caminhos.

Ao iniciar sua jornada no Centro de Educação tecnológica do Amazonas (CETAM), João descobriu que possuía uma exaustão natural para o ensino. Essa autodescoberta é um elemento significativo de sua narrativa, pois revela como a prática pode trazer à tona habilidades e paixões que antes estavam adormecidas.

A identificação com a profissão de professor foi gradual, levando-o a considerar a importância de investir em sua formação contínua. A busca por especializações, evolução, aprimoramento de sua didática e aprendizagem de novas metodologias, mostra um comprometimento com a qualidade do ensino e um desejo genuíno de se tornar um educador mais eficaz.

Ao transitar para o ensino superior na Universidade Paulista (UNIP), o professor João não apenas expandiu seu alcance profissional, mas também causou desafios inerentes à sua condição de docente não licenciado.

Em suma, a trajetória de João Arley Barbosa de Melo é um exemplo de como a educação pode transformar vidas e abrir novas possibilidades. Sua história destaca a importância da flexibilidade, da formação contínua e da representação no ensino, além de fortalecer a ideia de que as experiências de vida, pelas mais tentativas que sejam, podem servir como um poderoso motor de inspiração para os outros.

3.9 Memorial (Auto)formativo Pesquisadora Jannieli Moraes

Me chamo Jannieli Moraes Lima, filha de João Gregório Costa Lima e de Dona Ana Cristina, meu pai sempre foi Pedreiro e minha mãe empregada Doméstica.

Meu nascimento ocorreu na cidade de Manaus-Amazonas, porém aos seis (6) meses de vida, meus pais me levaram para a terra deles em Belém-Pará, sendo que quando completei seis anos, eles resolveram retornar, então chegamos a Manaus há trinta anos atrás, uma família de quatro pessoas eu, meus pais e meu irmão mais velho, Jairo, que na época já era um adolescente.

Meus pais me matricularam na Escola Estadual Maria do Céu Vaz de Oliveira, em um bairro da Zona Norte da cidade de Manaus, onde iniciei minha vida escolar no ensino infantil. A seguir, uma foto da formatura na Alfabetização:

Figura 9- Formatura de Jannieli na Alfabetização



FONTE: Registros da Infância da Autora (1991)

Lembro muito bem que nessa época já brincava de ser professora, gostava de brincar de ensinar uma prima por nome Marinete, eu sempre pedia para ser a professora e ela ser a aluna. Minha mãe, quando nos observava enquanto brincávamos, sempre dizia: minha filha vai ser uma professora quando crescer!

Uma criança super ingênua, ao mesmo tempo, super sorridente e estudiosa, não esqueço o elogio da primeira professora na Alfabetização quando dizia à minha mãe: ela é estudiosa! Já sabe ler e escrever bem!

Nessa época, meu pai tinha problema com o alcoolismo, e do dinheiro que ganhava, sobrava pouco para investir na família.

Nossa moradia era um cômodo de madeira, para quatro pessoas, passávamos por várias necessidades e recebíamos ajuda de muitas pessoas da igreja a qual minha mãe frequentava e me levava, conforme figura 2:

Figura 10: Jannieli com sua mãe na igreja



Fonte: Registros da Infância da pesquisadora (1994)

De acordo com Paul Ricouer, ter acesso às memórias são confirmações de que

a narração de uma história nos permite refletir sobre as características que apresentávamos no passado e quem éramos diante das circunstâncias, quais características apresentávamos.

As características singulares de um sujeito se sobrepõem a outros, conforme o engajamento de suas ações no decorrer de sua trajetória através da hermenêutica sobre seu percurso. Essas características singulares formam sua ipseidade, ou seja, nossas características únicas e pessoais.

Delory (2012) afirma que o indivíduo humano vive cada instante de sua vida como o momento de uma história. Algo começa, se desenrola, chega a seu termo numa sucessão, superposição, empilhamento indefinido de episódios e peripécias, de provações e experiências.

Ao refletir sobre minhas vivências da infância, posso verificar que ali já apresentava uma característica de criança forte, em virtude das circunstâncias em que vivia, pois minha mãe exerceu uma função primordial: me ensinou sobre a fé, a estudar, a ter bons modos. [...] acredito que a socialização através da igreja e da escola também ajudou a formar meu caráter, a tornar-me uma pessoa educada, centrada e determinada em meus objetivos de vida[...]

3.9.1 Minhas vivências no Ensino Médio

No ano 2000, consegui vaga para cursar o Ensino Médio na Escola Estadual Frei Sílvio Vagueggi, localizada no Centro da Cidade de Manaus. Permaneci nesta escola durante os três anos no turno matutino.

Até pensei em omitir esse fato, mas não posso deixar de fora o dia em que, após a aula, por acabar meu vale-transporte estudantil, na época eram tickets em papel, me arrisquei e voltei andando para casa, do Centro da cidade até ao bairro da Zona Norte onde resido.

O horário de saída era às onze e trinta, nessa situação, cheguei em casa às quinze horas. Esse dia foi marcante em minha trajetória, pois apesar das dificuldades financeiras que enfrentava, não gostava de faltar às aulas.

Pude aprender outras lições nesse dia, uma delas foi que precisamos cada vez mais fazer amigos e ser amiga, ser ajudada e auxiliar os outros. Nesse dia, minhas amigas mais próximas não foram à aula e os demais foram embora. Não consegui

compartilhar com os demais colegas porque fui tomada por um forte constrangimento.

Considero importante os relatos desses fatos, pois, conforme Moura; Nacarato, as narrativas possibilitam identificar os mecanismos e os processos por meio dos quais os seres humanos chegaram a uma dada situação, como se dedicam para administrá-la e até mesmo superá-la.

Apreendi que precisaria buscar um estágio, um novo emprego para o suprimento das necessidades básicas de transporte. Souza; Meireles (2018) expressam que um acontecimento não tem, necessariamente, a mesma dimensão existencial para os mesmos sujeitos, cada uma experimentando a partir de suas representações concretas.

Poderia ter tomado diversas atitudes, inicio aqui essa reflexão, o que faria cada pessoa em um momento como esse? A partir daquele momento, decidi que tinha que mudar minha situação e vencer através dos estudos. A seguir, um registro no terceiro ano do Ensino Médio conforme figura 11:

Figura 11-Jannieli no Terceiro Ano do Ensino Médio



Fonte: A Autora na Escola Estadual Frei Sívio Vagueggi (2002)

Após concluir o Ensino Médio, fiquei tentando os vestibulares das universidades públicas em Manaus. Naquele tempo, o vestibular da Universidade do Estado do Amazonas-UEA era dividido em duas fases. Cheguei a ser aprovada na primeira fase para Licenciatura em Letras, porém, na segunda fase, não consegui a aprovação.

Nessas tentativas de ingressar nas faculdades públicas passaram-se cinco anos. Após cinco anos, fui aprovada no processo seletivo subsequente, para o curso Técnico em Materiais e Logística do Instituto Federal do Amazonas-IFAM, Campus Manaus, Distrito Industrial (CMDI).

3.9.2 Memórias do Ensino Técnico (IFAM/CMDI)

Continuando minha trajetória acadêmica, em dois mil e seis (2006), realizei a prova do Processo Seletivo Subsequente para o Curso Técnico em Gestão com Habilitação em Materiais e Logística do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Amazonas-IFAM, no Campus Manaus Distrito Industrial (CMDI), a antiga Unidade Descentralizada (UNED).

Figura 12 – Jannieli no Curso em Técnico em Materiais e Logística



Fonte: Registro da autora no Instituto Federal -IFAM/CMDI (2008)

Durante o curso, percebia que ia crescendo a admiração, respeito e carinho pelos meus professores. Recordo muito bem os professores que despertaram em mim o desejo de continuar minha carreira acadêmica, para também ingressar na carreira docente.

Essa referência conecta com a argumentação de Tardif (2010), profissionais que ingressam na profissão docente, além dos aprendizados adquiridos na formação inicial, trazem as experiências de sua vida estudantil como respaldo. “Ensinar era algo que sempre gostava de fazer com os colegas de classe, o ambiente educacional e a troca de conhecimentos sempre me estimularam”.

Nesse período, eu trabalhava em uma empresa do Polo Industrial de Manaus no segmento de relógios. Após o horário comercial, embarcava na rota da empresa em direção ao IFAM, onde estudava à noite das dez e duas horas.

Ao retornar para casa, cheguei a sofrer quatro assaltos que ocorriam alternadamente no coletivo e nesses assaltos corria risco de vida, o que era mais

preocupante do que os celulares que também eram levados. Essas situações poderiam ter me feito desistir de meus objetivos, porém busquei outras alternativas para retornar para casa e assim continuei o curso até concluir.

3.9.3 Memórias da Graduação

No ano de dois mil e dez (2010), com a nota do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), consegui uma bolsa parcial de estudos, no valor de cinquenta por cento, para cursar a graduação em Logística na Universidade Nilton Lins, Campus da Avenida Tefé, no bairro Japiim, a cidade de Manaus.

Foram grandes desafios, tendo em vista a distância da minha casa na zona norte para a instituição, onde estudava à noite das dezoito às vinte e duas horas. E necessitava embarcar em dois coletivos para retornar para casa.

Lembro-me que, continuava enfrentando dificuldades financeiras, pois tinha um emprego de meio período, cuja remuneração era insuficiente para auxiliar nas despesas de casa e custear a faculdade paralelamente, o que resultava em mensalidades atrasadas e muitas vezes desespero de não conseguir continuar os estudos.

[...] Apesar dos desafios, procurava concentrar-me não somente nas dificuldades, mas também nas oportunidades e possibilidades que iria adquirir ao concluir minha graduação. Nessa época, tratava a graduação como uma verdadeira prioridade, pois tinha planos dos quais a docência fazia parte.[...]

Sempre comentava com os colegas mais próximos que pretendia atuar no mercado de trabalho para adquirir experiência, para embasar futuros exemplos que precisaria utilizar em sala de aula.

Lembro muito bem dos professores que tive na graduação e que me inspiraram a continuar minha meta de ingressar na docência, cito aqui alguns deles, Prof. Mário Ricardo, Prof.^a Rute Lopes, Prof.^a Kátia Yovana e Prof.^a Laura Carvalho, e também a todos que não foram aqui citados, minha eterna gratidão a todos.

O dia da colação de grau foi marcante em minha vida, pois era nítido ver o olhar de orgulho dos meus pais, especialmente a alegria da minha mãe, conforme figura 13:

Figura 13: Formatura de Jannieli Graduação em Logística



Fonte: Registro da Autora em Auditório da Universidade Nilton Lins (2012).

Lembro-me da sensação de dever cumprido, não para terminar os estudos e sim para fechar um ciclo e prosseguir academicamente, pois almejava iniciar na docência dentro da minha área de formação. Uma das grandes metas conquistada com bastante esforço e dedicação, por isso foi um dia de grande alegria e gratidão pelo objetivo alcançado.

Souza (2011) afirma que a narrativa é tanto um fenômeno quanto uma abordagem de investigação e formação, porque parte das experiências e dos fenômenos humanos advindos das mesmas.

Por isso, ao narrar o passado reflito que para tudo que desejamos alcançar é necessário ter disciplina, compromisso e metas de vida bem definidas, ao serem as molas que impulsionam o nosso cotidiano em busca de nossos objetivos, era latente a consciência de que ainda havia uma longa jornada pela frente e precisava mudar e buscar novos conhecimentos além da graduação e dos cursos profissionalizantes foi então que iniciei a próxima etapa em busca da Especialização.

3.9.4 Pós-Graduação em Docência do Ensino Superior

No ano de dois mil e treze (2013), iniciei minha jornada nas especializações. A primeira foi a Pós-graduação em Docência do Ensino Superior na instituição Estácio de Sá. Desejava obter o título de Professora Especialista, pois me inspirava em meus professores e também tinha ciência de que o Ministério da Educação (MEC) e algumas

instituições exigiam que o professor apresentasse o certificado de especialista em Docência.

Por isso, tomei a iniciativa de ingressar. Foi um ano de muitas descobertas, pois estudava com colegas formados em Pedagogia ou Licenciatura e todos os conteúdos eram novos e desafiadores, tendo em vista minha formação na área da Gestão. Porém, compreendi que precisava ampliar as leituras dos conteúdos e absorver o máximo possível de conhecimentos nas aulas para utilizar com meus futuros alunos.

Nesse período, trabalhava em uma empresa durante a semana e, às sextas-feiras à noite e aos sábados pela manhã até meio-dia, me dedicava a esta especialização, a qual me trouxe muitos resultados satisfatórios dentro da minha carreira como docente. Possibilitou a abertura de muitas portas, como a ampliação do networking, onde pude conhecer muitas pessoas, assim como, a implementar novas estratégias metodológicas.

O desejo de tornar-me professora em minha área de formação resultou em estímulo para ingressar em mais um curso de Pós-graduação, dessa vez, um curso para obter o certificado de especialista em Logística Empresarial.

Lembro-me que passava o sábado inteiro estudando pela parte da manhã até ao meio-dia e depois pela parte da tarde. Eram sacrifícios necessários, pois meu pensamento era o resultado, onde me tornaria especialista em minha área e assim poderia lecionar com mais segurança para meus alunos.

3.9.5 Memórias da Iniciação Docente

Enquanto cursava a especialização, consegui minha primeira oportunidade para Lecionar no Projeto Oportunidade e renda do Centro de Educação Tecnológica do Amazonas (CETAM), iniciei em cursos profissionalizantes e em seguida recebi oportunidades para lecionar no Ensino técnico da instituição.

Consegui oportunidades também em outras Instituições de nível técnico, como o Centro de Ensino Literatus (CEL) no ano de 2014, no Centro Metropolitano de Manaus (CEMETRO), no ano de (2015), e no Programa Nacional de Ensino Técnico (PRONATEC) ofertado pela Faculdade Estácio no período de (2014 a 2016), o que contribuiu para minhas experiências e práticas docentes, Conforme figura 14:

Figura 14-Atuação Docente em Instituições de Ensino Técnico



Fonte: Registros da Autora (2013-2016)

No ano de 2017, fui contratada pela Universidade Paulista Aqui Você Pode-UNIP-AVP, como professora nos Cursos de Gestão em Logística.

Estou na docência há o nze (12) anos, sendo quatro anos ministrando somente no ensino técnico e oito (8) anos como docente no Ensino Superior, onde leciono para os cursos de Gestão em Logística, Gestão em Recursos Humanos e Administração da Universidade UNIP-Aqui Você Pode, localizada no Centro da cidade de Manaus. A seguir, um registro da pesquisadora ministrando aula no Ensino Superior, conforme figura 15:

Figura 15- Professora Jannieli ministrando aula na Universidade UNIP/AVP



Fonte: Registros da Autora (2024)

Quando passei a ministrar aulas nos cursos de Gestão da universidade UNIP, percebi a necessidade de continuar investindo em minha qualificação, foi então que decidi cursar mais uma graduação e dessa vez em administração de empresas onde estudei através da modalidade à Distância (EAD).

Souza (2011) comenta que, o registro de experiências vividas no cotidiano

pessoal e profissional possibilita ao sujeito, enquanto autor e ator de sua própria história, eleger aprendizagens significadoras e ressignificá-las no trabalho de formação inicial ou continuada.

Minha forma de ensinar e minha postura como docente, melhorou bastante após a especialização em Docência, uma vez que o professor nunca deve encerrar o seu processo de construção do saber pois, a docência nos traz grandes responsabilidades no processo de ensino, por isso são necessárias as discussões em torno da autoformação, para que haja o pleno aperfeiçoamento do professor e consequentemente de suas práticas pedagógicas.

3.9.6 Memórias da busca pelo Mestrado

Início recordando o ano de dois mil e quinze (2015), foi de descoberta do Mestrado em Ensino Tecnológico do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, onde pela primeira vez me candidatei, com o objetivo de ampliar e adquirir novos conhecimentos e novas titulações para minha carreira não somente como professora, mas também como docente pesquisadora. Foi um grande desafio, pois não possuía conhecimento suficiente para elaborar um projeto confiante e que fosse aplicável ao ensino.

Motta e Bragança (2019) nos mostram que, ao iniciarmos uma pesquisa acadêmica, colocamos, em jogo, diversas perspectivas, no intuito de constituir seu arcabouço e conferir um sentido para o trabalho a ser realizado. São opções epistemológicas, teóricas e metodológicas. Por isso, procurei conhecer melhor os métodos de preparação para elaboração de um projeto que foi aprovado no ano de dois mil e dezessete (2017). Esse ano foi marcante, pois fui aprovada com nota máxima no projeto, porém não tive bom desempenho na entrevista.

No ano de dois mil e dezoito (2018), participei novamente do processo seletivo do MPET, onde passei em todas as etapas porém fiquei fora do número de vagas. Em 2019, submeti um novo projeto, porém não fui aprovada. Reflito que dentro do cenário de pesquisa é importante não desistir diante dos erros cometidos e usá-los como aprendizado, pois ao longo do tempo, amadurecemos nossas ações e posturas como pesquisadores.

3.9.7 Artigo Aceito no Simpósio de Ensino Tecnológico 2019- V SETA

Em Julho de 2019, convidei duas amigas também professoras do Ensino Superior Prof. Camila Gibbs e Prof. Lídia Lisboa para juntas submetermos um artigo ao V SETA-Simpósio de Ensino Tecnológico do Amazonas 2019, evento promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico- Que maravilha! Nosso artigo foi aceito! E entre as autoras tive a grata honra de apresentá-lo no dia do Evento.

O artigo intitulado: A relevância da Formação Docente no Cenário do Ensino Superior a Partir de uma Perspectiva Teórico- Metodológica, foi publicado no Anais do Seta 2019. Enfatizo que a aprovação e a publicação foram dias marcantes especiais para mim, pois me fez sentir que estava aprendendo com minha prática docente que resultou em um artigo que marcou a base do meu início como professora-pesquisadora.

Aprendi que tenho potencial para a pesquisa científica em educação, mas que precisava de mais disposição e dedicação nas leituras para continuar escrevendo com senso crítico-reflexivo. A seguir registro da apresentação, conforme figura 16:

Figura 16-Apresentação do Primeiro Artigo Científico



Fonte: Registros da autora no Simpósio de Ensino Tecnológico (SETA 2019)

Moura e Nacarato (2019) afirmam que o método biográfico favorece os docentes, pois, a partir de suas próprias experiências, são conduzidos à compreensão de seu trabalho e as tomam como base para mudar aquilo que não os favorece no trabalho ou em sua vida profissional, por isso.

Em Julho de 2020, me inscrevi para participar do processo seletivo para aluna especial do Mestrado em Ensino Tecnológico e fui aprovada, uma grande satisfação

por ter sido escolhida para cursar a disciplina, Contributos da Abordagem (Auto) biográfica, tendo como orientadores: Prof. Dr. Nilton Paulo Ponciano e Prof. Dr. Amarildo, os quais me deram a oportunidade de assistir suas aulas, suas orientações, onde aprendi a estudar mais, ampliar minha leitura de mundo e de embasamento teórico, para o exercício da escrita científica relacionada com as narrativas autobiográficas, investindo na pesquisa-formação.

3.9.8 Memórias do Ingresso ao Mestrado (PPGET-IFAM)

No ano de 2021, fiz novamente minha inscrição para a seleção do Mestrado em Ensino Tecnológico do Instituto Federal do Amazonas. O frio na barriga estava presente e o nervosismo foi visível na etapa da entrevista online, porém no dia 17 de fevereiro de 2022, foi publicada a lista preliminar e meu nome estava entre os selecionados. Continuei apreensiva até ao dia da publicação do resultado final que ocorreu no dia 24 de Fevereiro de 2022.

Lembro muito bem de minha reação ao conferir o resultado final e definitivo do processo seletivo. Uhu!!! Viva! Eu exclamei! Agradei muito a Deus por essa conquista que me dá orgulho, não no sentido de soberba, mas por não ter desistido durante o processo de tentativas.

No dia que foi publicado o resultado final, lá estava meu nome, e segurei a emoção até ao dia da matrícula que foi no dia sete (7) de Março de 2022, onde registrei esse momento tão esperado conforme imagem a seguir:

Figura 17-Jannieli realizando a Matrícula no Mestrado



Fonte: A autora na Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico-PPGET/IFAM (2022)

Foi muito lindo ver a alegria no rosto da minha mãe, uma guerreira que não teve oportunidade de estudar, porém sempre foi minha maior apoiadora e

incentivadora. Procurei manter o foco em busca dessa conquista por mim e por ela, para retribuir seu amor de mãe e lhe proporcionar essa alegria.

Os demais planos futuros continuam vivos na mente e no coração, anotados em uma agenda e requerem persistência, estratégias, aprendizado e dedicação, ações que nos deixam mais próximo de alcançar nossos objetivos, pois é importante a busca constante pela nossa (auto)realização como indivíduos que desejam uma carreira limpa, honesta e repleta de conquistas consideradas determinantes para a formação como pessoa e como profissionais.

3.10 Reflexões em torno do Memorial da Pesquisadora

Compreendo que meu memorial formativo apresenta, uma trajetória rica em desafios e aprendizados, refletindo a resiliência e a determinação que marcam minha formação pessoal e profissional.

Meu relato apresenta uma trajetória inspirada e marcada por dedicação, disciplina e um compromisso constante com o aprendizado e a formação docente. Ao analisar minha história, foi possível destacar várias dimensões que refletem não apenas meu desenvolvimento pessoal e profissional, mas também a importância da educação.

3.10.1 A Conclusão de um Ciclo da Graduação

Iniciei minha narrativa com um sentimento de dever cumprido ao concluir minha graduação, que não representa um fim, mas sim o fechamento de um ciclo e o início de uma nova fase em sua vida acadêmica. Essa percepção de que a educação é um processo contínuo é fundamental, uma vez que indica minha determinação em obrigação na docência. Segundo Souza, a narrativa serve como uma ferramenta poderosa para investigar e refletir sobre experiências humanas, me permitindo articular minhas conquistas com minhas aspirações futuras.

3.10.2 A busca pela Pós-Graduação em Docência

Ao ingressar na Pós-graduação em Docência do Ensino Superior, vejo uma demonstração de uma consciência clara das exigências do mercado de trabalho e das

instituições educacionais. A escolha de se especializar, reflete um entendimento estratégico sobre a necessidade de aprimoramento contínuo, e a busca por credenciais que podem me tornar uma professora mais competente. O desafio de estudar em um ambiente, com colegas de formação diversa me impulsionou a ampliar minhas leituras e conhecimentos, revelando uma abertura para novos aprendizados.

Minha rotina intensa que envolve trabalho e estudo destaca o que chamamos de resiliência e comprometimento. Observo que não apenas enfrentei a carga horária exigente, mas também aproveitei as oportunidades de networking e o desenvolvimento de novas metodologias, pois vejo que minha busca pela educação vai além do aspecto acadêmico, também engloba uma compreensão prática da docência.

3.10.3 O início da Jornada Docente

Minhas experiências no Projeto Oportunidade e Renda e ainda em outras instituições de ensino técnico, é um exemplo de como a prática docente se constrói a partir de múltiplas experiências. Cada oportunidade de contribuir para o meu crescimento, reforçando a ideia de que a prática é uma parte essencial da formação docente. Essa vivência em sala de aula, me permitiu consolidar meus conhecimentos e me afirmar como educadora.

3.10.4 Reflexões sobre a Busca pela Pesquisa

Foi possível perceber que minha busca pelo mestrado e pela pesquisa, é um testemunho da determinação em me desenvolver continuamente. Minnha experiência com esforço e desafios, como a elaboração de projetos de pesquisa, revela uma atitude de perseverança e aprendizado diante das dificuldades. O reconhecimento de que meus erros são oportunidades de crescimento, é uma lição que reflete o que chamamos de maturidade acadêmica.

3.10.5 Contribuição e Impacto

Minha participação em simpósios e a apresentação de artigos científicos, marcam um passo importante em minha trajetória como pesquisadora. Essas experiências não apenas validaram meu trabalho, mas também me posicionaram como uma educadora engajada, na construção de conhecimento no campo da educação. A busca pela formação continuada, como a inscrição no mestrado, reforça o meu compromisso com a educação e a minha evolução.

Em suma, compreendo que minha trajetória apresenta fatos inspiradores e de superação, aprendizado e compromisso com a educação. Minha história ilustra a importância da formação contínua e do desenvolvimento de habilidades que vão além do conhecimento teórico, incluindo a prática docente e a pesquisa.

Eu, professora Jannieli não apenas tracei um caminho de realizações pessoais, mas também contribui para o campo educacional, mostrando que a educação é uma jornada que se renova a cada passo.

Sou muito grata a Deus por tudo que conquistei até aqui, e me alegro em afirmar quem sou e quem me tornei, sou professora universitária, autodeclarada negra, graduada em Logística e em Administração. Especialista em Docência do Ensino Superior, Especialista em Logística Empresarial e Mestranda em Ensino Tecnológico.

Minha narrativa, é um convite à reflexão sobre a importância da perseverança e da busca pelo conhecimento, na construção de uma sociedade mais igualitária e professores negros mais qualificados e com mais oportunidades no mercado de trabalho, na Docência Universitária e na sociedade de forma geral.

CAPÍTULO 4- CONSTRUCTO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Durante o programa de Mestrado Profissional paralelamente ao desenvolvimento da Dissertação e conforme orientações do regimento interno do programa ocorreu a elaboração de um produto educacional conforme a linha de pesquisa processos para Eficácia na Formação de Professores e no Trabalho Pedagógico em Contextos de Ensino Tecnológico.

Segundo a Capes, um Produto Educacional (PE) é o resultado tangível de uma atividade de pesquisa que envolve docentes e discentes ou egressos de um programa. O Produto é uma forma de tornar pública a pesquisa realizada durante o mestrado profissional e é um recurso que favorece a prática pedagógica.

Conforme Mendonça et. al, p.09):

Um produto educacional deve conter quatro camadas, quais sejam: i) conceitual; ii) didático-pedagógico, III) comunicacional; e, IV) estético e funcional. Essas camadas são fundamentais para a concepção dos produtos e elas não estão fechadas em si mesmas, mas geram uma resposta que interagem com as outras camadas e que agem sobre o produto educacional e seus artefatos.

Durante o processo de elaboração procurou-se dedicar atenção às camadas necessárias para compor o produto educacional objetivando contribuir para a compreensão do público-alvo no que se refere as orientações propostas em torno da oficina “enegrecer” para a educação antirracista entre docentes do Ensino Superior.

4.1 O Processo de Construção do Produto Educacional

A Primeira versão do produto seria um curso de formação, pretendia-se elaborar um Curso com orientações formativas extraídas da (auto)biografia dos professores negros que participaram da pesquisa, porém durante o processo houveram mudanças de orientação e a ideia de curso passou a ser a idealização de um E-book.

A segunda versão do produto foi idealizada antes da qualificação, Pretendia-se

elaborar um E-book intitulado: Caminhos Formativos para a Docência Universitária: Orientações formativas para professores negros não licenciados, que desejam atuar no Ensino Superior.

Pretendia-se elaborar um E-book contendo orientações formativas para professores negros não licenciados, que desejam ingressar na Docência Universitária, onde as orientações seriam fundamentadas nas histórias de vida, enfatizando a trajetória (auto)formativa dos professores negros não licenciados que atuam no ensino superior e que fizeram parte da pesquisa.

Tendo em vista que o professor não licenciado necessita de muito mais investimento na carreira acadêmica e profissional e que geralmente estão lecionando disciplinas em cursos profissionalizantes e técnicos, muitos destes desejam ingressar no ensino superior, porém nem todos conhecem os caminhos necessários ou qual seria o percurso mais indicado para construir uma trajetória de sucesso para poder ingressar na Docência Universitária, por isso pensou-se nesta segunda ideia de produto.

No e-book seriam incluídas sugestões como quais formações, cursos, especializações foram utilizadas e que são consideradas relevantes para a construção formativa de um docente não licenciado, que deseja lecionar no Ensino Superior. Assim como seriam incluídas, as atitudes necessárias para a continuação do investimento na formação, também para aqueles que estão em plena atuação.

O Objetivo era incluir no produto além das formações, quais foram as estratégias utilizadas pelos docentes pesquisados, e que foram essenciais para seu percurso (auto)formativo e que poderiam ser indicadas como forma de contribuição à formação de professores, para possibilitar o ingresso e a permanência do professor não licenciado à Docência Universitária.

O Produto seria elaborado com orientações de professores negros não licenciados, porém o público a que se destina seria estendido a todos os professores provenientes de cursos tecnológicos ou bacharéis, que desejam orientações para investirem em sua carreira acadêmica, com o objetivo de tornarem-se aptos a atuar com uma formação de qualidade no ensino superior.

A terceira versão do produto denominou-se Docência e Raça: Estratégias (Auto)formativas para o Ensino Superior. A proposta seria um Guia com orientações autoformativas que colaboram para a formação de professores negros não

licenciados no Ensino Superior.

Esta terceira ideia de produto, apresentaria quatro unidades sendo a Unidade I com o título, Conversando sobre Professores Negros nas Universidades; a Unidade 2 que trataria dos Desafios e Estratégias do Percurso (Auto)formativo de Professores Negros no Ensino Superior. A Unidade III tinha por título, Desafios e Estratégias de Professores Negros Não Licenciados nas Universidades. E a Unidade IV-tratava-se das Orientações (Auto)formativas para ministrar aulas no Ensino Superior.

Esta ideia de produto não se concretizou devido a percepção de que o produto dever ser direcionado a professores que já atuam e não podem ser direcionados a queles que ainda não são professores.

Outro fator observado está na questão de que o produto educacional deve ensinar algo, dar suporte ao professor em sua formação ou prática docente, sendo que esta terceira ideia de produto mostrava ensinamentos somente na unidade 4.

A finalidade desta terceira ideia de produto era Orientar professores negros não licenciados que pretendem ingressar na Docência Universitária em relação aos caminhos (auto)formativos e ideias metodológicas para o Ensino Superior. Orientar professores negros não licenciados, atuantes na Docência Universitária.

A quarta versão tratava-se de um Guia no formato Digital, com orientações e práticas antirracistas, direcionadas a professores negros, não licenciados que atuam no Ensino Superior.

ENEGRECER: caminhos para uma educação antirracista no Ensino Superior, este é o título do Guia proposto para contribuir com a formação de professores, dentro de uma perspectiva antirracista.

O Público-Alvo eram professores negros, Não licenciados, atuantes no Ensino Superior. O Objetivo Geral da proposta era: Apresentar caminhos para se trabalhar a educação antirracista no Ensino Superior.

Os Objetivos Específicos do Produto eram: Apresentar marcos conceituais que dialogam com o racismo e a educação antirracista; Auxiliar professores com práticas antirracistas no ambiente acadêmico Apontar condutas no enfrentamento do racismo no ambiente acadêmico e Sugestionar a trajetória de professores negros como estratégia antirracista no Ensino Superior.

A seguir capa da quarta versão do produto, conforme figura 18:

Figura 18: Capa da quarta versão do Produto Educacional



Fonte: Elaborada pela Autora (2024)

Tendo em vista a temática sobre racismo tratar-se de um problema social, e considerando a condição de exclusão racial extrema na docência superior, surgiu a idealização de um guia com orientações antirracistas, como contributos à formação de professores negros não licenciados, que atuam no Ensino Superior. Por trata-se de um tema pertinente no mundo contemporâneo, principalmente quando se reflete sobre os modelos de relações raciais existentes no Brasil, sobretudo no meio acadêmico. (CARVALHO, 2006).

4.2 Apresentação do Produto Educacional desta Dissertação

Trata-se de um produto educacional da categoria Material Didático/Instrucional que apresenta uma “proposta formativa para professores, utilizando o método autobiográfico e a formação para a educação antirracista.

O produto escolhido responde a seguinte pergunta problema: Como materializar em um produto educacional, recursos que auxiliem os professores Negros no seu percurso (auto)formativo no campo da educação antirracista?

O produto definido apresenta orientações para a construção de uma Oficina Pedagógica para Professores, intitulada “Enegrecer: oficina para a educação antirracista. Consiste em uma proposta para a (auto)formação docente na perspectiva do método (auto)biográfico e sua relação com a formação, conforme figura 20:

Figura 19: Capa da versão atual do Produto Educacional



Fonte: Registro da pesquisadora pós diagramação (2025)

O Público-Alvo: Professores atuantes no Ensino Superior. Objetivo Geral da proposta concentra-se em: promover orientações de como organizar uma oficina online na perspectiva antirracista. Os Objetivos Específicos do Produto são: abordar os conceitos de (auto)biografia, a formação docente e a educação antirracista, apresentar a oficina como estratégia na formação docente e orientar como organizar uma oficina online para a educação antirracista.

O produto tem como tema: enegrecer: oficina para a Educação Antirracista. A palavra “enegrecer” refere-se ao apoio no combate ao racismo, e a necessidade de formação docente numa perspectiva antirracista. Faz-se necessário “enegrecer” a docência, no sentido de ampliar as discussões acerca da luta antirracista, em todas as modalidades de ensino, especialmente no Ensino Superior.

O título do produto enegrecer oficina para a Educação Antirracista, surgiu da leitura de artigos relacionados à temática cujos autores utilizam e explicam o significado do termo enegrecer. Das leituras e das conversas com o orientador concordamos sobre o título do produto educacional desta dissertação e relacionamos o termo ao enegrecimento da docência em torno da Lei 10.639\03 que trata da Educação antirracista.

A construção do produto foi inspirada na atuação dos professores negros não licenciados da Universidade Paulista UNIP-Aqui Você Pode-AVP Campus Manaus. As informações utilizadas neste guia são baseadas nas observações feitas durante a pesquisa de campo com os professores colaboradores da pesquisa. Os instrumentos

de Coleta de Dados foram: questionários; entrevistas e Roda de Conversa.

4.3 Organização das Unidades do Produto “Enegrecer”

O produto foi organizado em três unidades, sendo a unidade I composta pelos fundamentos teórico-metodológicos da pesquisa. O objetivo da Unidade 1 é apresentar e refletir sobre os marcos conceituais em torno da abordagem (Auto)biográfica, a formação docente e sua relação com a educação antirracista.

4.3.1 Considerações acerca da Unidade 1

A unidade I está composta por quatro tópicos, os quais são: O método (auto)biográfico e a formação. A formação docente na perspectiva das Práticas Antirracistas. A Educação Antirracista e a Transversalidade.

Conforme Souza (2021), a narrativa (auto)biográfica e as aprendizagens vinculadas às práticas de biografização inscrevem-se como dispositivos de empoderamento, na medida em que possibilitam aos sujeitos, modos diversos de enfrentamento e de ressignificação das situações cotidianas da vida.

Os fundamentos em torno da Educação Antirracista deu-se através da Lei 10.639/2003. A Educação Antirracista foi estabelecida pela Lei 10.639/2003 que, inclui a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africanas e afro-brasileiras no currículo. Mas muito ainda precisa ser debatido e realizado no dia a dia para garantir a equidade na educação.

4.3.2 Considerações acerca da Unidade 2

A unidade II, apresenta a oficina como estratégia para a formação de professores. O objetivo da Unidade dois, é apresentar a oficina segundo Vieira (1996) como estratégia para a formação docente.

Optamos pela oficina, pelo fato de ser uma prática pedagógica que visam os seguintes aspectos:

Favorecer o enriquecimento integral e harmônico da personalidade de todos os participantes através de uma ação criativa e poderosa. Incentivar o exercício do espírito crítico, decodificando a realidade. Promover a mudança de atitudes, através da responsabilidade compartilhada. do trabalho de grupo interdisciplinar e globalizante. (VIEIRA, 1996, p.12).

Vieira traz uma visão ampla e transformadora do papel das oficinas pedagógicas, colocando-as como instrumentos que transcendem o simples repasse de conteúdo. A proposta expressa no texto valoriza não apenas a aprendizagem cognitiva, mas também o desenvolvimento integral dos participantes, em uma perspectiva que abrange dimensões emocionais, sociais e éticas. Essa abordagem reflete um ideal de educação humanista, que reconhece o potencial criativo e crítico de cada indivíduo como ponto de partida para sua transformação pessoal e coletiva.

Consideramos como necessária a prática de oficinas por ser uma metodologia que une ação e reflexão, em observância às afirmações de Vieira (1996, p.21):

Para que se possa compreender a proposta de uma oficina é necessário considerar que nesta modalidade não há programas, mas objetivos; que toda a atividade didática está centrada na resolução de problemas; que o essencial é a constituição de um grupo, o qual vai integrando, em um mesmo processo, a ação e a reflexão, que se transformarão na práxis do grupo.

O trecho de Vieira apresenta uma reflexão profunda sobre a essência e os fundamentos pedagógicos das oficinas. Ao destacar que as oficinas não seguem programas fixos, mas sim objetivos, a autora rompe com uma visão tradicional de ensino, baseada em currículos rígidos e sequenciais, para propor uma abordagem mais flexível, orientada pelas necessidades específicas e contextuais dos participantes. Essa característica permite que as oficinas sejam adaptáveis, dinâmicas e diretamente conectadas à realidade dos envolvidos.

4.3.3 Considerações acerca da Unidade 3

A unidade III fornece orientações de como organizar uma oficina online sobre a educação antirracista. O objetivo da unidade três é orientar professores formadores em como organizar uma oficina online para a Educação Antirracista, em três etapas conforme Veira (1996), a saber: A Contextualização, a planificação e a Reflexão.

Para finalizar a etapa de reflexão, sugerimos o uso de trechos do memorial formativo na ferramenta padlet como fonte de reflexões para a formação docente.

O objetivo é possibilitar reflexões a partir de fragmentos do memorial formativo dos professores e também relacioná-los como estratégia para a educação antirracista.

A aplicação prática do produto foi realizada na Universidade Paulista UNIP-Aqui Você Pode na cidade de Manaus. Os participantes foram um total de quatro (4)

professores conforme descrição detalhada nos procedimentos metodológicos desta pesquisa.

4.3.3.1 Primeiro Momento: Contextualização

Neste momento, foram abordados os temas centrais da oficina, destacando a relevância de suas principais discussões. Foram escolhidos os seguintes tópicos como eixo de reflexão: (auto)biografia, formação e a Educação Antirracista, todos eles derivados diretamente dos resultados desta investigação.

Vieira (1996) afirma que existem cinco (5) ações na etapa de Contextualização: seleção do assunto, tomada de consciência do grupo, o que sabemos?, que experiência anterior temos?, o que precisamos pesquisar?

Em consonância com Vieira, (1996, p. 24), nesta primeira etapa “cabe ao professor situar os alunos na realidade da oficina, verificando o que sabem sobre o assunto em estudo, quais seus interesses”. O professor coleta dados para que as atividades a serem realizadas, provoquem tal esforço e progresso do aluno, evitando passividade ou insegurança.

Para aprofundar o diálogo, foram realizadas algumas perguntas chave, tais como: o que já conhecemos a respeito desses temas? Quais vivências anteriores temos relacionadas a essas questões?

Na etapa inicial desta formação, foram propostas as seguintes perguntas norteadoras:

Quadro 15: Perguntas Norteadoras etapa de Contextualização

Perguntas Norteadoras da Etapa 3	
O que já conhecemos a respeito da abordagem (Auto)biográfica como contributo à formação docente?	Quais vivências anteriores temos relacionadas a Formação Docente na perspectiva da Educação Antirracista?

Fonte: Elaboradas pela autora (2025)

Após essa introdução reflexiva, os participantes receberam a orientação de realizar uma leitura prévia de um texto indicado, com o objetivo de subsidiar o debate e fomentar uma troca de ideias mais enriquecedora durante a oficina.

Após finalizadas essas definições, fundamentadas nas referências bibliográficas e nas análises realizadas durante a pesquisa, deu-se início à oficina,

solicitando aos docentes que organizem uma roda de diálogo online.

Em seguida, foi introduzida a dinâmica de trabalho, na qual os participantes compartilharam uma fotografia que representava algum aspecto significativo de sua trajetória acadêmica e profissional, explicando os motivos por trás da escolha da imagem e destacando sua relevância e contribuição em seu percurso (auto)formativo.

Ao término dessa atividade, objetivou-se ressaltar, por meio das histórias compartilhadas, tanto os elementos que conectam os participantes quanto aqueles que evidenciam as particularidades de cada um. Esse processo busca promover uma maior compreensão sobre os diferentes percursos e perspectivas apresentados, destacando a riqueza existente na diversidade de experiências e no diálogo coletivo.

Nesse sentido, conforme Mélo et al. (2007, p.26-32):

As rodas de conversa priorizam discussões em torno de uma temática (selecionada de acordo com os objetivos da pesquisa) e, no processo dialógico, as pessoas podem apresentar suas elaborações, mesmo contraditórias, sendo que cada pessoa instiga a outra a falar, sendo possível se posicionar e ouvir o posicionamento do outro.

As rodas de diálogo têm como foco principal, o debate sobre um tema específico selecionado em consonância com as metas do estudo e, no decorrer da interação, os indivíduos podem compartilhar suas reflexões, ainda que divergentes entre si.

Esse formato estimula cada participante a encorajar o outro a se expressar, criando um espaço que permite tanto a manifestação de opiniões quanto a escuta atenta das colocações alheias, favorecendo um ambiente de troca mútua e respeito às diferenças.

Assim, a atividade não apenas promove o desenvolvimento de ideias, mas também contribui para a criação de vínculos entre os participantes, ao mesmo tempo em que reforça a importância do diálogo como ferramenta de construção coletiva e respeitosa do saber.

Na etapa de contextualização, é essencial provocar reflexões que fomentem o diálogo sobre o tema a ser explorado na oficina. No caso desta pesquisa, o foco está na constituição da docência, considerando os conceitos da abordagem (auto)biográfica, da formação e autoformação, além das suas inter-relações com a educação antirracista.

Dessa forma, foi proposto aos participantes um questionamento inicial para averiguar se já possuíam conhecimento prévio ou haviam tido contato com esses

conceitos em algum momento. Surpreendentemente, nenhum dos presentes respondeu afirmativamente a essa indagação, o que indicou a necessidade de aprofundar as explicações e criar um espaço mais estruturado para apresentar e discutir tais noções.

Esse cenário também evidenciou a importância da oficina como oportunidade formativa, capaz de ampliar os horizontes teóricos e práticos dos participantes em relação a essas temáticas. No produto foi disponibilizado um roteiro para a Roda de Conversa Online.

4.3.3.2 Segundo Momento: Planificação

Vieira (1996) afirma que existem quatro (4) ações a serem praticadas dentro da etapa de planificação, as quais são: Descoberta das situações-problema, Planejamento de ações para resolução de problemas, construção de problemas e registro das soluções.

Neste momento, cabe aos participantes conduzir a investigação da situação-problema proposta, com a orientação e mediação do facilitador responsável pela oficina. O grupo é estimulado a decidir, de forma colaborativa, quais estratégias e métodos são mais adequados para explorar a questão em foco.

Em conciliação com Vieira, 1996:

Nesta etapa os alunos e professores investigam cientificamente. Cabe ao professor planejar a inter-relação de diversos conteúdos. É um momento de máxima aprendizagem e interesse em mudanças. É onde ocorrerá a realização da tarefa desejada. Também nessa etapa, o grupo enfrentará obstáculos, aprenderá a fazer perguntas e a apropriar-se do saber.

Essas abordagens podem incluir a realização de pesquisas bibliográficas, a análise de vídeos, o uso de materiais audiovisuais, ou até mesmo a consulta a outras fontes e recursos que contribuam para o aprofundamento do tema. Essa etapa permite aos participantes exercitar a autonomia e o trabalho em equipe, promovendo a construção conjunta de conhecimento e favorecendo a aplicação de diferentes perspectivas na resolução da problemática apresentada.

Na segunda etapa desta formação, foram feitas as seguintes perguntas norteadoras:

Quadro 16: Perguntas Norteadoras etapa de Planificação

Perguntas Norteadoras da Etapa 3

A) Quais conhecimentos você elencaria como lacunas em sua formação para lidar com a Educação Antirracista no Ensino Superior?	B-Quais práticas você adotaria de forma a contribuir com a Educação Antirracista no Ensino Superior?
---	--

Fonte: Elaboradas pela autora (2025)

Nesta etapa, foram apresentados os fundamentos epistemológicos que sustentam essa abordagem, destacando a narrativa tanto como fenômeno quanto como método de pesquisa, essencial para compreender as dimensões sociais, culturais e educativas que influenciam a constituição da docência. Essa perspectiva permite explorar como as experiências pessoais e coletivas moldam o fazer docente, ampliando a compreensão sobre os desafios e possibilidades da prática educativa.

Para enriquecer a discussão e proporcionar maior clareza sobre os temas abordados, o produto inclui materiais cuidadosamente selecionados, como textos e vídeos, que exploram os princípios da abordagem (auto)biográfica, da formação e (auto)formação, bem como conteúdos relacionados à Educação Antirracista. Esses recursos, apresentados em formato acessível, oferecem suporte teórico e prático para aprofundar o debate durante a oficina.

Destaca-se ainda a importância de compartilhar previamente esses materiais com os participantes, permitindo uma preparação mais robusta e reflexiva. Nesse sentido, recomenda-se criar um espaço virtual de interação, como uma turma no Google Classroom, para organizar e disponibilizar os conteúdos, além de facilitar o engajamento e a troca de ideias entre os participantes antes da realização da oficina. Essa estratégia não apenas otimiza o processo de aprendizagem, mas também estimula a participação ativa e o envolvimento contínuo dos envolvidos.

4.3.3.3 Terceiro Momento: Reflexão

Para que a etapa de reflexão seja conduzida com sucesso, é necessário adotar algumas ações que atuem como um direcionamento para o fazer.

Vieira (1996) afirma que existem quatro (4) ações a serem praticadas dentro da etapa de Reflexão, as quais são: Sistematização dos conhecimentos produzidos, Avaliação da Oficina, Auto-avaliação e Previsão de Nova Oficina.

A terceira etapa é vista como um momento crucial de transição entre a

conclusão de um ciclo e a projeção de novos caminhos, antecipar ações futuras com base em reflexões anteriores, redirecionando esforços para resultados específicos.

Conforme Vieira (1996, p.25):

A terceira etapa deve-se caracterizar pela fase de conclusão e elaboração de novos projetos. Projetar significa antecipar o que se vai fazer. Essencialmente, a elaboração de um projeto consiste em organizar um conjunto de ações e atividades com o objetivo de atingir metas determinadas.

Nesta etapa, ocorre o aprofundamento da relação teoria e prática, oportunizando a visão social. Acontecerá a avaliação, tanto do processo quanto do produto. Deverá ocorrer um olhar crítico capaz de constatar erros e acertos e, em especial, as mudanças. (VIEIRA, 1996)

Na terceira etapa desta formação, foram feitas as seguintes perguntas norteadoras:

Quadro 17: Perguntas Norteadoras etapa de Reflexão

Perguntas Norteadoras da Etapa 3		
A-De que forma o memorial de professores pode possibilitar reflexões formativas na perspectiva da Educação Antirracista?	B-Quais conhecimentos ou fatos você elencaria como relevantes em sua trajetória como estratégia antirracista no Ensino Superior?	C-Quais aprendizados ou mudanças você elencaria como contributos a sua formação docente no campo da Educação Antirracista?

Fonte: Elaboradas pela autora (2025)

Neste momento, ocorre o fortalecimento da conexão entre teoria e prática, proporcionando uma perspectiva social. Será realizada uma análise, tanto do desenvolvimento quanto do resultado. Deverá haver uma reflexão crítica apta a identificar falhas e acertos.

De acordo com Alarcão, (2022, p.44):

A noção de professor reflexivo baseia-se na consciência da capacidade de pensamento e reflexão que caracteriza o ser humano como criativo e não como mero reprodutor de ideias e práticas que lhe são exteriores. É central, nesta conceptualização, a noção do profissional como uma pessoa que, nas situações profissionais, tantas vezes incertas e imprevistas, atua de forma inteligente e flexível, situada e reativa.

O texto aborda de forma clara e objetiva a noção de professor reflexivo, destacando dois aspectos centrais: a capacidade de pensamento e reflexão, o que é atuação inteligente e flexível.

Para que a dimensão formadora atinja um alto grau formativo e um valor

epistêmico, resultando em aquisição de conhecimentos a disponibilizar em situações futuras, importa que esse processo seja acompanhado por uma meta reflexão sistematizadora das aprendizagens ocorridas.

4.4 Momento do Memorial Formativo

Para a socialização dos Memoriais formativos e pelo fato de tratar-se de uma oficina online, optou-se pela utilização da plataforma Padlet, para que todos os participantes pudessem compartilhar fragmentos da sua (auto)biografia e argumentar sobre esses fatos na finalização da etapa de reflexão.

Para finalizar a etapa de Reflexão, iniciamos o momento que denominamos Compartilhando trechos dos memoriais formativos na ferramenta padlet. “A escrita do memorial acontece num processo de descoberta de saberes biográficos e de saberes necessários à prática educativa”. (SILVA, 2016, p,19).

Como toda narrativa (auto)biográfica, o memorial é um texto em que o autor 'faz um relato de sua própria vida, procurando apresentar acontecimentos a que confere o status de mais importantes, ou interessantes, no âmbito de sua existência. Possivelmente, ele levantará o véu apenas da parte que, de si próprio, pretende que se saiba e que se venha a ser lembrada'. Diferentemente da biografia/autobiografia, não há compromisso em historiar toda a vida. Pode ser uma obra literária ou científica, na qual o autor, ou um dos personagens, evoca fatos a que tenha assistido ou de que tenha tomado parte. É um texto que relata fatos memoráveis, importantes para aquele que o produz, tendo em conta suas memórias. É uma marca, um sinal, um registro do que o autor considera essencial para si mesmo e que supõe ser essencial também para os seus ouvintes/leitores. (PRADO; SOLIGO, 2016, p.6)

Organizamos em em dois momentos os quais foram momento 1: Os participantes refletem e verbalizam sobre fragmentos extraídos de seus memoriais formativos no mural do Padlet. Momento 2: Os participantes refletem e verbalizam sobre seus fragmentos (auto)biográficos relacionados com a Educação Antirracista.

Além disso, essa transformação promove um senso de identidade e continuidade cultural, uma vez que as memórias sociais são compartilhadas e discutidas entre os membros de uma comunidade. Assim, os documentos escritos não são apenas armazenados em conhecimento, mas também moldam as narrativas que definem as sociedades.

4.5 Avaliação do Produto Educacional

Ao final da aplicação do produto, foi disponibilizado aos participantes, um link para a avaliação da Oficina. Os professores puderam responder de forma online via formulário Google forms.

O processo de tabulação e análise das respostas ocorreu mediante a verificação dos gráficos fornecidos pela própria ferramenta do Google Forms.

Para coletar dados de avaliação do produto foi utilizado ainda um questionário impresso como instrumento de coleta de Dados. Foi um questionário misto, com (31) trinta e uma perguntas, sendo vinte e sete (27) de múltipla escolha e quatro (4) perguntas abertas e subjetivas.

Questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. Em geral, o pesquisador envia o questionário ao informante, pelo correio ou por um portador; depois de preenchido, o pesquisado devolve-o do mesmo modo. (LAKATOS, 2003,p.201).

As vinte e sete questões de múltipla escolha, foram estabelecidas quatro alternativas e em baixo das opções um espaço para descrição, caso o participante desejasse especificar sua resposta. O formulário foi criado com seis etapas de perguntas, sendo elas: Etapa 1: Perfil dos participantes da avaliação. Etapa 2: Aspectos Relacionados ao Produto Educacional Etapa 3: Conteúdo Das Unidades do Produto. Etapa 4: Aspecto Téorico do Produto Etapa 5: Aspecto Visual do Produto. Etapa 6: Percepções Enquanto Docente Negro (a) no Ensino Superior.

Após a devolutiva dos participantes, iniciou-se o processo de análise em que foi realizada a tabulação dos dados coletados.

Na verificação das inter-relações entre eles. É uma parte do processo técnico de análise estatística, que permite sintetizar os dados de observação, conseguidos pelas diferentes categorias e representá-los graficamente. Dessa forma, poderão ser melhor compreendidos e interpretados mais rapidamente. Os dados são classificados pela divisão em subgrupos e reunidos de modo que as hipóteses possam ser comprovadas ou refutadas. (LAKATOS, 2003, p.167)

A tabulação dos dados do questionário impresso foi realizada em planilha no Microsoft Excel, sendo planilha 1 destinada as respostas da Professora Pabloena e Professor Adriano Oliveira e a planilha 2, destinada as respostas do professor João

Arley e do Professor Marcelo Rabelo.

Podemos verificar o resultado das avaliações negativas conforme quadro 18:

Quadro 18: Pecepções negativas sobre o Produto Educacional

PONTOS NEGATIVOS RELATADOS SOBRE A PROPOSTA FORMATIVA	
Opinião do Professor Adriano	Opinião do Professor Marcelo
“Não tenho comentário negativos, o material está bem estruturado”. (PROFESSOR ADRIANO, 2024).	“Não mostrou a acessibilidade de como esse material poderá chegarnas não do docente”. (PROFESSOR MARCELO,2024)

O professor Adriano elogia a estrutura do material, destacando que não possui comentários negativos. Por outro lado, o professor Marcelo levanta uma crítica importante ao apontar a falta de clareza sobre como o material pode ser acessado pelos docentes. Esse comentário destaca um aspecto crucial da elaboração de recursos educacionais: a acessibilidade. A ideia de que o material deve ser acessível não apenas em termos físicos, mas também em relação à sua aplicação prática no contexto educacional, é fundamental. As percepções positivas também foram registradas conforme o quadro 19:

Quadro 19: Pecepções positivas sobre o Produto Educacional

PONTOS POSITIVOS RELATADOS SOBRE A PROPOSTA FORMATIVA			
Opinião do Professor Marcelo Rabelo	Opinião do Professor Adriano Oliveira	Opinião da Professora Pabloena	Opinião do Professor João Arley
“A proposta de igualar a visão sobre os docentes negros nas universidades, muitas vezes as pessoas fecham os olhos para isso, esse material é uma ferramenta de combate ao racismo de docentes negros no ensino superior”. (PROFESSOR MARCELO, 2024).	“O material sugerido está bem estruturado e é bastante pertinente no combate ao racismo no ensino superior” (PROFESSOR ADRIANO, 2024)	“Material excelente e bastante pertinente para nós professores negros, atuantes no Ensino Superior e qualquer professor ao trabalhar a Educação antirracista no ambiente acadêmico” (PROFESSORA PABLOENA, 2024).	“Acredito que o produto está dentro dos parâmetros necessários.” (PROFESSOR JOÃO ARLEY, 2024).

Fonte: Formulário de Avaliação do Produto Educacional (2024)

O professor Marcelo inicia sua contribuição, ressaltando a necessidade de igualar a visão sobre os docentes negros nas universidades. Ele aponta que muitas pessoas ignoram essa questão, o que torna o material uma ferramenta crucial para enfrentar o racismo no ambiente acadêmico.

Essa declaração destaca a importância de visibilizar e abordar a questão racial na educação superior, ressaltando que a conscientização e a educação são passos fundamentais para combater preconceitos e desigualdades.

O professor Adriano elogia a estrutura do material e sua pertinência no combate ao racismo. A menção à boa estrutura sugere que o conteúdo foi cuidadosamente elaborado, o que é essencial para garantir que a mensagem seja transmitida de forma clara e eficaz.

O professor João Arley, ao afirmar que o produto está dentro dos parâmetros necessários, reforça a adequação do material em relação às exigências e expectativas do contexto acadêmico. Esse reconhecimento é importante, pois indica que o material atende a critérios relevantes para ser implementado nas práticas pedagógicas, o que pode facilitar sua acessibilidade e uso por professores e formadores.

Os comentários revelam uma clara convergência em relação à importância do material no combate ao racismo e na promoção de uma educação mais inclusiva. A valorização da estrutura e da pertinência do conteúdo, juntamente com a ênfase na voz dos docentes negros, sugere que o material está próximo de um alinhamento com as necessidades e realidades do ensino superior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema abordado nesta pesquisa a qual investigou o Percurso (Auto)Formativo de Professores Negros Não Licenciados No Ensino Superior: Uma Abordagem (Auto)Biográfica, possibilitou a obtenção de informações relevantes no contexto de cinco professores negros não licenciados atuantes na Universidade Paulista UNIP na cidade de Manaus-Amazonas. Os resultados da investigação revelou as dimensões formativas presentes na autobiografia dos docentes participantes.

O processo de desenvolvimento da pesquisa ocorreu em consonância com os objetivos propostos onde o escopo geral tratava-se de Investigar o Percurso (Auto)formativo de Professores Negros Não Licenciados no Ensino Superior, a partir da abordagem (Auto)biográfica, o qual foi alcançado mediante a concretização da pesquisa de campo, coleta e análise das informações.

Considerando os objetivos específicos estabelecidos no início da pesquisa, o primeiro deles era apresentar conceitos que dialogam com a abordagem (auto)biográfica, os quais foram abordados no capítulo 1 onde foram apresentados os autores e discussões em torno da história de vida, narrativas, memórias, formação e autoformação.

Foram demonstradas como as mais diversas trajetórias (auto)formativas, podem ser reveladas no contexto dos Professores Universitários Negros, Não Licenciados em consonância com o segundo objetivo específico desta pesquisa, o qual foi alcançado mediante os diferentes fatos e acontecimentos compartilhados nas entrevistas e na roda de conversa com os docentes participantes.

A pesquisa possibilitou compreender o percurso (auto)formativo e pedagógico, os desafios raciais e as estratégias utilizadas pelos docentes negros não licenciados, a partir de um memorial formativo conforme o terceiro objetivo específico explorado no capítulo três em torno dos memoriais e histórias formativas de cada participante.

O quarto objetivo específico tratava-se de elaborar um produto educacional, pautado nas investigações realizadas com os professores negros não licenciados, que aborde orientações para se trabalhar a Educação Antirracista no Ensino Superior, o qual foi alcançado mediante a elaboração do produto educacional intitulado Enegrecer: oficina para a educação antirracista, o qual foi originado a partir das

investigações e resultados da pesquisa.

A utilização da abordagem (auto)biográfica foi um ponto central nesse processo. Ela permitiu que os docentes revisitassem suas trajetórias pessoais e profissionais, conectando essas vivências às propostas da pesquisa. Essa metodologia, além de fomentar um ambiente de aprendizagem significativo, proporcionou uma base sólida para a reflexão crítica sobre como as histórias de vida influenciam e são influenciadas pela formação dos docentes negros não licenciados.

Foi possível concluir que a presença de professores negros nas universidades desempenha um papel central nesse processo, pois eles trazem perspectivas diferenciadas, questionam as hierarquias tradicionais do saber e inspiram gerações de estudantes a se reconhecerem e se fortalecerem como sujeitos de direito.

A escassez de professores negros nas universidades brasileiras revela, uma faceta persistente das desigualdades estruturais e do racismo histórico que permeiam a sociedade. Este fenômeno é fruto de processos excludentes que atravessam o sistema educacional, desde a educação básica até o ensino superior, configurando uma barreira que limita as oportunidades para a população negra.

As entrevistas realizadas com os docentes negros, no contexto desta pesquisa, permitiram compreender como essas barreiras se manifestam e de que forma as trajetórias formativas desses profissionais foram marcadas por desafios, resistências e conquistas que expressam a luta contra o racismo e pela valorização da diversidade.

Os relatos desses docentes evidenciam as marcas do racismo que alguns enfrentaram são situações que não apenas dificultam o acesso de negros ao ensino superior como estudantes, mas também restringem sua permanência e ascensão aos quadros docentes.

Seus memoriais formativos revelam uma resiliência construída a partir do enfrentamento desses desafios e uma consciência crítica que se reflete em suas práticas pedagógicas e em suas contribuições para a construção de um espaço acadêmico mais inclusivo.

Os memoriais formativos e as trajetórias dos professores negros são, portanto, não apenas relatos de resistência, mas também fontes de aprendizado e inspiração para a construção de um futuro mais igualitário.

É preciso que as instituições assumam um compromisso mais efetivo com a inclusão e a reparação histórica, não apenas no que diz respeito ao acesso de estudantes negros, mas também à ampliação da presença de professores negros em

seus quadros.

Nesse sentido, a educação antirracista se apresenta como um imperativo ético e pedagógico no ensino superior. Ela não apenas favorece o reconhecimento e a valorização da diversidade racial, mas também contribui para a formação de uma sociedade mais equitativa e justa. A promoção de uma educação antirracista no ensino superior não é apenas uma forma de justiça histórica, mas também uma estratégia essencial para a construção de um país verdadeiramente democrático e igualitário.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Polén, 2019. 192 p. (Feminismos Plurais).

ARAÚJO, Ana Maria O. de; Farias, Marcella S. F. de; Mendonça, Andréa P. **Concepção de um Produto Educacional: (Alguns) Desafios no Mestrado Profissional em Ensino**. In: Souza, Ana Cláudia R. de.; Coelho, Iandra M. W (Orgs.).

ARBOLEYA, Arilda; CIELLO, Fernando; MEUCCI, Simone. "**Educação para uma vida melhor**": trajetórias sociais de docentes negros. Caderno de Pesquisa, São Paulo, v. 45, n. 158, p. 882-914, out./dez. 2015.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 5 out. 1989. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao. Acesso em 03 de Agosto de 2024.

BRASIL. **Estatuto da Igualdade Racial**. Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010. Institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nos 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003. Diário Oficial, Brasília, DF, 20 jul. 2010.

BRASIL. Lei 7.716 de 5 de janeiro de 1989. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 5 jan. 1989. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm. Acesso em 03 de Agosto de 2024.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** Nº. 9.394/96. Brasília, DF. Brasil. 1996.

BRASIL. LEI Nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989. **Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm. Acesso em: 02 de Agosto 2024.

CASTRO, M. B. G. D. **Memorial de formação: um dispositivo de aprendizagem reflexiva para o cuidado em saúde. Trabalho, saúde e educação**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 431-449, ago./2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/kpNFGXdLvXBhKXHg67mc5MN/>. Acesso em: Outubro de 2024.

CASTRO, Lavini. **Metodologias Ativas a favor da Educação Antirracista**. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/21773/metodologias-ativas-na-educacao-antirracista>

CASTRO, Marcelo Macedo Corrêa e; AMORIM, Rejane Maria de Almeida. ****A formação inicial e a continuada:** diferenças conceituais que legitimam um espaço de formação permanente de vida. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/mzBbDRVvkTcvhPPqGRtcfNP/?format=pdf>. Acesso em: 25-08-2024.

CHIMENTÃO, Lílian Kemmer. **O Significado da Formação Continuada.**In artigo, 2009-4º Congresso Norte Paranaense de Educação Física Escolar-CONPEF. Universidade Estadual de Londrina. Disponível em: https://www.uel.br/eventos/conpef/conpef4/trabalhos/comunicacaooralartigo/artigoco_moral2.pdf. Acesso em: 15 de Agosto 2024.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa:** experiência e história em pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI / UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011. 250 p.

COELHO, Amanda Oliveira. CUNHA, Lílian da Silva. ALVES, Fariza Barreto. **Guia sobre Racismo.** Disponível em: <https://educadiversidade.unesp.br/guia-de-reconhecimento-orientacao-e-enfrentamento-aos-racismos/#:~:text=Racismo%20%C3%A9%20um%20sistema%20de,sistema%20ideol%C3%B3gico%20de%20hegemonia%20racial>. Acesso em: 02 de Agosto 2024.

CORREA, Ricardo. **Enegrecer a docência universitária.** Portal Gelédes, 2023. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/enegrecer-a-docencia-universitaria/>. Acesso em: 02 de Setembro 2024.

CORREA, Ricardo. **Exigimos professores negros no ensino superior.** 2023. Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/exigimos-professores-negros-no-ensino-superior/>. 19 de Junho 2024.

CORREIO BRASILIENSE. **Menos de 3% das universidades brasileiras têm equidade racial.** AGÊNCIA ESTADO 2021. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2021/11/4964642-menos-de-3-dos-professores-universitarios-do-brasil-sao-negros.html>. Acesso em: 30 de Outubro de 2024.

COSTA, Gabriela Santana da. **O processo (auto)formativo em narrativas docentes:** da metamorfose no ensino à recomposição da aprendizagem docente. Manaus, 2023. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Campus Manaus Centro, 2023.

COSTA, Gabriela Santana da. **Proposta (Auto)formativa:** a jornada do herói como atividade formativa para a recomposição da aprendizagem docente/Gabriela Santana da Costa/Maria Lúcia Tinoco Pacheco. Manaus, 2023.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica.** Revista Brasileira de Educação. v. 17, n. 51, p. 523-740, set./dez. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v17n51/02.pdf>. Acesso em: 02 Maio.

2022.

DOSSIÊ (Auto)Biografia e Educação: Pesquisa E Práticas De Formação – Apresentação – Elizeu Clementino de Souza* Maria da Conceição Passeggi** Educação em Revista | Belo Horizonte | v.27 | n.01 | p.327-332 | abr. 2011.

DURAN, Maríia Claret Geraes. **Formação e autoformação: uma discussão sobre memórias, histórias de vida e abordagem (auto)biográfica.** Disponível em: <https://publicacoes.unid.edu.br/index.php/ambienteeducacao/article/view/551/518>. Acesso em: 20-03-2023.

EVARISTO, Conceição. **Estratégias de combate ao racismo no ensino superior: uma revisão integrativa.** Revista Africa e Africanidades. 154-160. EVARISTO, Conceição, 1946- Becos da memória [livro eletrônico] / Conceição Evaristo. -- 3. ed. - Rio de Janeiro : Pallas, 2018. ePUB. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7590386/mod_resource/content/1/Evaristo%202017.pdf. Acesso em: 02 de Agosto 2024.

Farias, Marcella S. F.de.; Mendonça, Andréa P. **Concepção de Produtos Educacionais – para um Mestrado Profissional.** 1a. ed. IFAM, 2019, e-ISBN 978-85-68504-26-0 (72p).[link]

FARIAS, Carla Cristina Goulart; LINS, Mônica Regina Ferreira; BRIAO, Gabriela Felix. **Educação antirracista: convite a insubordinação criativa.** Revista @mbienteeducação. São Paulo: Universidade Cidade de São Paulo, v. 14, n. 1, p. 88-110 Jan/Abr 2021. Disponível em: <https://publicacoes.unid.edu.br/index.php/ambienteeducacao/article/view/1018/0>. Acesso em: 10 Agosto. 2024.

FIORATTI, Netúlio Alarcon. **A Formação Do Professor Não Licenciado e a Enculturação Científica De Seu Estudante.** Monografia De Especialização. Universidade Tecnológica Federal Do Paraná Diretoria De Pesquisa E Pós-Graduação Especialização Em Educação: Métodos E Técnicas De Ensino. Medianeira 2020. Disponível em: <https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/26769/1/formacaoprofessoresnaolicenciados.pdf>. Acesso em: 02 de Out. 2022.

GALVÃO, Cecília. **Narrativas em Educação.** Ciência & Educação, v. 11, n. 2, p. 327-345, 2005.

GALINDO, Mônica Abrantes et al. **Curso racismo e educação antirracista/** Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), Núcleo Negro para Pesquisa e Extensão Universitária (Nupe) ; elaboração - São Paulo : Unesp, 2023

GATTI, Bernadete A. **Análise das políticas públicas para formação continuada no Brasil, na última década.** Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro: ANPED, v.13, n. 37, p.57 – 70. Jan / abr, 2008. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/vBFnySRRBJFSNFQ7gthybkH/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 10 de Agosto De 2024.

GOMES, Nilma L. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**. In: Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

GONDAR, Jô. **Memória Individual, Memória Coletiva, Memória Social**. Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas - Ano 08, número 13, 2008 - ISSN 1676-2924.

GONZAGA, Amarildo Menezes. **Formação de Professores no Ensino Tecnológico: fundamentos e desafios**. Editora CRV, 2015. Disponível em: <https://www.editoracrv.com.br/livrosdigitais/livro.html>.

HENRIQUES, F; XAVIER; LEMOS, L. **Diversidades na universidade: [e-book]: pesquisas, práticas e diálogos**—Bauru, SP: Gradus Editora, 2020. Disponível em: <https://educadiversidade.unesp.br/midias/pdf/livro-diversidadesnauniversidade/diversidadesnauniversidade-pdf-1.pdf>. Acesso em: 02 de Agosto 2024.

JESUS, Carolina Maria. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

JOSSO, Marie-Christine. **Os relatos de histórias de vida como desvelamento dos desafios existenciais da formação e do conhecimento: destinos socioculturais e projetos de vida na invenção de si**. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Orgs.). Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si. Porto Alegre: ediPUCRS, 2006. p. 21-40.

KALANTZIS, Mary; COPE, Bill. **The teacher as designer: Pedagogy in the new media age**. Elearning and Digital Media. 7(3). 2010. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.2304/elea.2010.7>. Acesso em: 10 Agosto 2024.

KETTLE, Luciana do N. ; **Mendonça, Andréa P.** Processo de Prototipação do Produto Educacional “Tô Com Planos”. In: Souza, Ana Cláudia R. de.; Coelho, Iandra M. W (Orgs.). Práticas de Formação Docente e Alternativas Mediadoras para o Ensino-Aprendizagem no Contexto Tecnológico. 1. ed. - Campinas, SP: Pontes Editores, 2023. ISBN: 978-65-5637-721-6. [\[link\]](#)

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. - 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do Eu e Educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis, RJ, 2002.

LEITÃO, Carla. **A entrevista como instrumento de pesquisa científica:**

planejamento, execução e análise (PUC-Rio) cfaria@inf.puc-rio.br.
https://ceie.sbc.org.br/metodologia/wp-content/uploads/2024/05/livro3_cap4_Entrevista.pdf
 Acesso em: 31-03-2023.

LIMA, J. M. **Experienciações de Uma Professora-Reflexões (Auto)biográficas de Um Processo Formativo**. Em: PONCIANO, A. G. M. N. (Ed.). **Conversando sobre Formação de Professores**. [s.l: s.n.]. p. 103–113.2022. Disponível em:
https://drive.google.com/file/d/1mJ8mn3mc_p62w7uffzpSoJYawEviK11T/view.
 Acesso em: 02 de Agosto 2024.

MACEDO, Litiane Barbosa. **Enegrecendo Os Estudos Críticos Discursivos: Contribuições Epistemológicas Afroperspectivistas Para O Campo Da Análise Crítica Do Discurso No Brasil**. Trab. Ling. Aplic., Campinas, n(61.1): 251-264, jan./abr. 2022. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/tla/a/bVHck88WkJS5Fp7Hpc9jL5G/?format=pdf&lang=pt>.
 Acesso em: 02 de Setembro de 2024.

MACHADO, Lúcia Helena de Assis. **Professores negros, experiências de discriminação, de racismo e pedagogia antirracista**. 2007. 202 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010. Disponível em:
<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2569/3360.pdf?sequence=1>
 Acesso em Março de 2024.

MARQUES, G.G. **Viver para contar**. 5 ed. Rio de Janeiro: Record, 2024.

MENDONÇA, Andréa P.; Rizzatti, Ivanise M.; Rôças, Giselle; Farias, Marcella S. F. de. **O que contém e o que está contido em um Processo/Produto Educacional?** Reflexões sobre um conjunto de ações demandadas para Programas de Pós-Graduação na Área de Ensino. Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico (EDUCITEC). Manaus, Brasil, v. 8, n. :, p. e211422, 2022. DOI: 10.31417/educitec.v8.2114. [[link](#)]

MOREIRA, Sandra Seabra. **Onde Estão os Professores Negros ?** In artigo. Revista Ensino Superior. 2022. Disponível em:
<https://revistaensinosuperior.com.br/2022/11/18/onde-estao-os-professores-negros/>.
 Acesso em: 06-07-2023

MOTTA, Thais da Costa; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. **Pesquisa formação: uma opção teórico-metodológica de abordagem narrativa (auto)biográfica**. Artes de dizer fazer dizer os saberes da experiência. Revista Brasileira de Pesquisa (auto)biográfica. 2020. Disponível em:
<https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/6191>. Acesso em: 02 Maio. 2022.

MOURA, Adriana Borges Ferro. LIMA, Maria da Glória Soares Barbosa. **A Reinvenção da Roda: Roda de Conversa, um instrumento metodológico possível**. Disponível em:

<https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/448/414>. In artigo Interfaces da Educ., Paranaíba, v.5, n.15, p.24-35, 2014. Acesso em 02 de Agosto 2024.

MOURA, Dante Henrique. **Trabalho e formação docente na educação profissional**—Instituto Federal do Paraná, (Coleção formação pedagógica; v. 3. Curitiba: 2014. Disponível em: <https://portal.ifrn.edu.br/pesquisa/editora/livros-para-download/trabalho-e-formacao-docente-na-educacao-profissional-dante-moura>. Acesso em: 02 de Out. 2022.

MOURA, Jonata Ferreira de. NACARATO, Adair Mendes. **Narrativas revelando projetos de si na trajetória de formação docente**. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica, Salvador, v. 04, n. 12, p. 1125-1140, set./dez. 2019. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/6019> Acesso em: 02 Maio 2022.

MOUTINHO; Karina. DE CONTI; Luciane. **Análise Narrativa, Construção de Sentidos e Identidade**. Psic.: Teor. e Pesq. 32 (2) • 2016 • <https://doi.org/10.1590/0102-3772e322213> . Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/tsfbSKpvYzygrVG5mrP7x4Q/#>. Acesso em 30 de Outubro 2024.

NAKAYAMA, Bárbara Crisitna Moreira Sicardi; PASSOS, Laurizete Ferragut. (Org.). **Narrativas, Pesquisa e Formação de professores: dimensões epistemológicas, metodológicas e práticas**. Curitiba, CRV, 2018.

NEVES; Júlia Guimarães; AMORIN, Filipe Vieira; FRISON; Lourdes Maria Bragagnolo Frison. **O conceito de formação na pesquisa (auto)biográfica: a complexidade como paradigma emergente e o método (auto)biográfico como síntese**. Revista Eletrônica de Educação, v.14, 1-17, e3129095, jan./dez. 2020.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. Proj.História. São Paulo, (10), dez. 1993.

NÓVOA, A.(Org.). **Vida de Professores**. 2. Ed. Ponto. Porto Editora, 2007.

NÓVOA, Antônio, FINGER; Mathias. **O método (auto)biográfico e a formação**. 2 Ed. – Natal, RN: EDUFRN, 2014.

PASSEGGI, PASSEGGI, M. C. Y SOUZA, E. C. (2017). **O Movimento (Auto)Biográfico no Brasil: Esboço de suas Configurações no Campo Educacional**. Investigación Cualitativa, 2(1) pp. 6-26. DOI: <http://dx.doi.org/10.23935/2016/01032>

PASSEGGI, Maria da Conceição. SOUZA, Elizeu Clementino de. VICENTINI, Paula Vicentini. **Entre a Vida e a Formação: Pesquisa (Auto)biográfica, Docência e Profissionalização**. Educação em Revista | Belo Horizonte | v.27 | n.01 | p.369-386 | abr. 2011.

PIRES. Maria Fernanda Chiari. **Docentes Negros na Universidade pública brasileira: Docência e pesquisa como resistência e luta**. 2014. 234f. Tese (Doutorado em Educação).

POLLAK, **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, Vol.2, n. 3, 1989, p.3-15.

PONCIANO, Nilton Paulo. MENEZES, Amarildo Gonzaga. **Conversando sobre Formação de Professores**: experiências biográficas como territórios de práticas pedagógicas. 141f. Manaus, 2022. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1mJ8mn3mc_p62w7uffzpSoJYawEviK11T/view. Acesso em: 03 de Agosto 2024.

RIBEIRO, Maria Solange Pereira. **O romper do silêncio**: história e memória na trajetória escolar e profissional dos docentes afrodescendentes das Universidades Públicas do Estado de São Paulo. 2001. 217f. Tese (Doutorado em Educação).

RICOEUR, Paul. **Soi-même comme un autre**. Paris: Seuil, 1990, p. 13 - 257.

ROCHA, Roseli et al. (2016). **Racismo**. Assistente Social no Combate ao Preconceito. Caderno 3. Conselho Federal de Serviço Social – CFESS. Brasília (DF), 2016. Disponível em: <https://cfess.org.br/arquivos/CFESS-Caderno03-Racismo-Site.pdf>. Acesso em: 02 de Agosto 2024.

ROESCH, Isabel Cristina Côrrea. **Docentes negros**: imaginários, territórios e fronteiras do ensino universitário. 2014. 253f. Tese (Doutorado em Educação).

SANTOS, Héllen Thaís. GARMS, Gilza Maria Zauhy. **método autobiográfico e metodologia de narrativas**: contribuições, especificidades e possibilidades para pesquisa e formação pessoal/profissional de professores. Disponível em: http://200.145.6.217/proceedings_arquivos/ArtigosCongressoEducadores/364.pdf. Acesso em 13 de Março de 2022.

SILVA, Luara dos Santos. **Negro, intelectual e professor**: Hemetério José dos Santos e as questões raciais de seu tempo (1875 – 1920). In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO: SABERES E PRÁTICAS CIENTÍFICAS, 16., 2014. Anais [...] Rio de Janeiro: 2014.

SIMAS, Vanessa França; PRADO, Guilherme do Val Toledo; SEGOVIA, Jesús DOMINGOS. **Tornar-se professora**: o saber da experiência na pesquisa narrativa. Revista Brasileira de Pesquisa (auto)biográfica. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/5289>. Acesso em: 02 Maio. 2022.

SOUZA, Clementino Elizeu de; SOUSA, Rosiane Costa de. pesquisa (auto)biográfica, **educação e saúde docente**: escritas de formação e refiguração identitária. Cadernos CERU, Série 2, Vol. 32, n. 1, jun. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/189276/174830>. Acesso em: 30 Março. 2022.

SOUZA, E.C. & MEIRELES, M.M. **Viver, Narrar e Formar**: diálogos sobre pesquisa narrativa. In: NAKAYAMA, B.C.M.S. & PASSOS, L.F (org). Narrativas, Pesquisa e Formação de Professores: dimensões epistemológicas, metodológicas e práticas.

Curitiba-PR: Editora CRV, 2018. P. 17-37.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **Memórias, (Auto) Biografia e Diversidade, questões de método e trabalho docente**. EDUFBA. Salvador 2011.

SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; Josso, Marie-Christine Josso. **Tempos Narrativas e Ficções**: a invenção de si. Porto Alegre Edipucrs, 2006. 357 p. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=Ax_qftC2SVcC&oi=fnd&pg=PA135&dq=Narrativas+Elizeu&ots=2IBR-F-hiL&sig=0nEgoapDUV6NWml2C7Xqz_9E6wE#v=onepage&q=Narrativas%20Elizeu&f=false. Acesso em: 30 de Janeiro 2025.

SOUZA, Elizeu Clementino. **Autobiografia, memória e história institucional**. Universidade Federal da Bahia. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/41718/1/2006_eve_esclementino@uol.com.brhttps://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/41718/1/2006_eve_escsouza.pdf Acesso em: 07-11-2024.

SUAREZ, Jaqueline. **O Caminho dos Professores Negros no Ensino Superior**. Matéria RioOnWatch 2021. Disponível em: <https://rioonwatch.org.br/?p=53993>. Acesso em: 02 de Outubro 2024.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

TRISTÃO, Waldete. **Qual a importância da equidade racial para a educação?** In artigo 2022. Disponível em: <https://blog.institutosingularidades.edu.br/qual-a-importancia-da-equidade-racial-para-a-educacao/>. Acesso em 02 de Agosto 2024.

WELLER, Wivian. PFAFF, Nicolle. **Metodologia da Pesquisa Qualitativa em Educação**. 3.ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

WERNECK, Jurema; LOPES, Fernanda. In: WERNECK, Jurema (org.). **Mulheres Negras**: um Olhar sobre as Lutas Sociais e as Políticas Públicas no Brasil. Disponível: https://criola.org.br/wp-content/uploads/2017/10/livro_mulheresnegras_1_.pdf. Acesso em 02 de Setembro 2024.

APÊNDICES

APÊNDICE A- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO AMAZONAS
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO TECNOLÓGICO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(A) Sr(a) está sendo convidado a participar do projeto de pesquisa **Percurso (Auto)Formativo De Professores Negros Não Licenciados No Ensino Superior: uma abordagem (auto)biográfica**, cujo pesquisador responsável é **Jannieli Moraes Lima**. O objetivo geral do Projeto, ocorre em: Investigar o percurso (auto)formativo de professores negros não licenciados no Ensino Superior a partir da abordagem (auto)biográfica.

Posteriormente, apresentam-se os objetivos específicos da pesquisa, os quais tratam de: 1) Compreender a dimensão da (auto)formação de professores negros não licenciados que atuam no ensino superior a partir da literatura; 2) Demonstrar como os mais diversos percursos (auto)formativos podem ser revelados a partir da abordagem (auto)biográfica; 3) Compreender as estratégias pedagógicas de (auto)formação como um caminho que pode ser seguidos por professores negros não licenciados que desejam atuar no Ensino Superior; 4) Elaborar um produto educacional com orientações para a (auto)formação de professores negros não licenciados no Ensino Superior. O(A) Sr(a) está sendo convidado por que se enquadra no perfil dos sujeitos necessários para a pesquisa.

O(A) Sr(a), tem de plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma para o tratamento que recebe neste serviço.

Caso aceite participar da pesquisa, sua participação consiste em conceder informações sobre seu percurso estudantil, acadêmico e profissional, será utilizada a entrevista narrativa individualmente, pretende-se que você responda a dois questionários de perguntas estruturadas e semiestruturadas de forma escrita gerando um Memorial (auto)formativo.

Nas entrevistas pretende-se utilizar gravações e registro fotográfico para uso apenas da pesquisadora, para o Memorial poderão ser utilizadas fotografias da sua trajetória (auto)formativa, caso aceite disponibilizar, quando não aceitas, a pesquisa continuará apenas com dados textuais e imagens gerais meramente ilustrativas.

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa os riscos para o(a) Sr.(a) são:

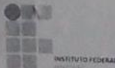
Rubricas _____ (Participante)

Página 1 de 3

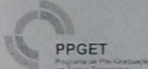
_____ (Pesquisador)

APÊNDICE B-Termo de Consentimento Livre e Esclarecido -TCLE

Professor Marcelo Rabelo Cardoso da Silva



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO AMAZONAS
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO TECNOLÓGICO



Garantimos ao(a) Sr(a) a manutenção do sigilo e da privacidade de sua participação e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica

O(A) Sr(a). pode entrar em contato com o pesquisador responsável Jannielei Moraes Lima, a qualquer tempo para informação adicional pelo contato: (92) 98211-6861-e e-e-mail: jannimoraes84@gmail.com

O(A) Sr(a). também pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto Federal de Ensino, Ciência e Tecnologia do Amazonas (CEP/IFAM) e com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), quando pertinente. O CEP/IFAM fica Av. Ferreira Pena, 1109. Centro. CEP 69025-010. Prédio da Reitoria do IFAM, 2º. andar, Fone: (92) 3306-0062, E-mail: cepsh.ppgi@ifam.edu.br. O CEP/IFAM é um colegiado multi e transdisciplinar, independente, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Este documento (TCLE) será elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas ao seu término pelo(a) Sr(a)., ou por seu representante legal, e pelo pesquisador responsável, ficando uma via com cada um.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Li e concordo em participar da pesquisa. (ou "Declaro que concordo em participar da pesquisa".

(Local) 28/11/2023

Marcelo Rabelo Cardoso da Silva
Assinatura do Participante

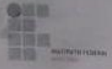
Jannielei Moraes Lima
Assinatura do Pesquisador Responsável


IMPRESSÃO DACTILOSCÓPICA

Rubricas _____ (Participante) Página 3 de 3

Jannielei (Pesquisador)

APENDICE D-Termo de Consentimento Livre e Esclarecido -TCLE Professora Pabloena da Silva Ferreira


INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO AMAZONAS
 DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO TECNOLÓGICO


PPGET
 Programa de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico

Garantimos ao(à) Sr(a) a manutenção do sigilo e da privacidade de sua participação e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica

O(A) Sr(a). pode entrar em contato com o pesquisador responsável Jannieli Moraes Lima, a qualquer tempo para informação adicional pelo contato: (92) 98211-6861-e e-e-mail: jannimoraes84@gmail.com

O(A) Sr(a). também pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto Federal de Ensino, Ciência e Tecnologia do Amazonas (CEP/IFAM) e com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), quando pertinente. O CEP/IFAM fica Av. Ferreira Pena, 1109. Centro. CEP 69025-010. Prédio da Reitoria do IFAM, 2º. andar, Fone: (92) 3306-0062, E-mail: cepsh.ppgi@ifam.edu.br. O CEP/IFAM é um colegiado multi e transdisciplinar, independente, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Este documento (TCLE) será elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas ao seu término pelo(a) Sr(a)., ou por seu representante legal, e pelo pesquisador responsável, ficando uma via com cada um.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO


Li e concordo em participar da pesquisa. (ou "Declaro que concordo em participar da pesquisa".

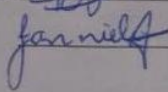
(Local) 28/11/23

Pabloena da Silva Ferreira
Assinatura do Participante

Jannieli Moraes Lima
Assinatura do Pesquisador Responsável

IMPRESSÃO DACTILOSCÓPIA


Rubricas  (Participante) Página 3 de 3

 (Pesquisador)

APÊNDICE E-Termo de Consentimento Livre e Esclarecido -TCLE

Professor Adriano dos Santos Oliveira

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO AMAZONAS
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO TECNOLÓGICO



PPGET
Programa de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico

Garantimos ao(à) Sr(a) a manutenção do sigilo e da privacidade de sua participação e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica

O(A) Sr(a). pode entrar em contato com o pesquisador responsável Janniel Moraes Lima, a qualquer tempo para informação adicional pelo contato: (92) 98211-6861-e e-e-mail: jannimoraes84@gmail.com

O(A) Sr(a). também pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto Federal de Ensino, Ciência e Tecnologia do Amazonas (CEP/IFAM) e com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), quando pertinente. O CEP/IFAM fica Av. Ferreira Pena, 1109. Centro. CEP 69025-010. Prédio da Reitoria do IFAM, 2º. andar, Fone: (92) 3306-0062, E-mail: cepsh.ppgi@ifam.edu.br. O CEP/IFAM é um colegiado multi e transdisciplinar, independente, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Este documento (TCLE) será elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas ao seu término pelo(a) Sr(a)., ou por seu representante legal, e pelo pesquisador responsável, ficando uma via com cada um.


CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Li e concordo em participar da pesquisa. (ou "Declaro que concordo em participar da pesquisa".)

Moraes
(Local) 23 / 10 / 24

Adriano dos Santos Oliveira
Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador Responsável


IMPRESSÃO DACTILOSCÓPICA

Rubricas _____ (Participante)

_____ (Pesquisador)

Página 3 de 3

APÊNDICE F- Questionário Objetivo (Google Forms)

25/10/2024, 15:42

Percurso (Auto)formativo de Professores Negros no Ensino Superior: uma abordagem (auto)biográfica-20 Perguntas Objetivas

Percurso (Auto)formativo de Professores Negros no Ensino Superior: uma abordagem (auto)biográfica-20 Perguntas Objetivas

PESQUISADORA: JANNIELI MORAES LIMA
ORIENTADOR: DR. DAVI AVELINO LEAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO TECNOLÓGICO-PPGET
INSTITUTO FEDERAL DO AMAZONAS- IFAM CAMPUS MANAUS CENTRO-CMC

jannimoraes84@gmail.com [Mudar de conta](#)



* Indica uma pergunta obrigatória

E-mail *

Seu e-mail

1-Você fez Faculdade Pública ou Privada? *

- publica
- privada
- Parte em pública e privada

2-Você possui Cursos de Pós-graduação ou Especializações? *

- sim, um
- sim, dois
- sim, três ou mais
- Não possui



25/10/2024, 15:42

Percurso (Auto)formativo de Professores Negros no Ensino Superior: uma abordagem (auto)biográfica-20 Perguntas Objetivas

3-Você já possui um Mestrado ? *

- sim, um
- sim, dois
- Estou cursando
- Pretendo cursar
- Não pretendo cursar
- Outro:

4-Existem fatos da sua história formativa que não pretende compartilhar? *

- Sim
- Não

5-Você já estudou com benefício de Bolsas ou cotas para negros? *

- Sim
- Não

6-Você passou por situações de racismo na sua trajetória escolar ou formativa? *

- Sim
- Não

7-Você sente orgulho da sua trajetória formativa? *

- Sim
- Não



25/10/2024, 15:42

Percurso (Auto)formativo de Professores Negros no Ensino Superior: uma abordagem (auto)biográfica-20 Perguntas Objetivas

8-Você se arrepende de algo em seu percurso formativo? * Sim Não**9-Você continua investindo em sua carreira formativa? *** Sim Não Ainda não, mas pretendo investir**10-Você sempre quis ser um professor do Ensino Superior? *** Sim Não Ainda não, mas pretendo investir Outro:**11-Você enfrentou dificuldades para se tornar professor do Ensino Superior? *** Sim Não

25/10/2024, 15:42

Percurso (Auto)formativo de Professores Negros no Ensino Superior: uma abordagem (auto)biográfica-20 Perguntas Objetivas

17-Ao exercer a prática Docente, você sentiu dificuldades por ser um professor Não Licenciado? *

- Sim, plano de aula
- sim, didática
- sim, avaliações
- sim, outras não sinalizadas aqui
- sim, todas essas
- Não tive dificuldades

18-Você aconselha o Professor Não Licenciado a buscar conhecimentos para a Docência no Ensino Superior? *

- Sim
- Não

19-Você acredita que o Professor Não Licenciado tem alguma diferença em relação aos professores Licenciados no Ensino Superior? *

- Sim
- Não

20-Você acredita que o Professor Negro Não Licenciado, pode apresentar fatos diferentes em suas trajetórias formativas em comparação aos professores Licenciados que não são negros e que atuam no Ensino Superior? *

- Sim
- Não

[Enviar](#)

Página 1 de 1

[Limpar formulário](#)

 Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

APÊNDICE G-Questionário Subjetivo-Google Forms

25/10/2024, 15:43

Memorial Formativo: Percurso (Auto)formativo de Professores Negros no Ensino Superior: uma abordagem (auto)biográfica.

Memorial Formativo: Percurso (Auto)formativo de Professores Negros no Ensino Superior: uma abordagem (auto)biográfica.

PESQUISADORA: JANNIELI MORAES LIMA
ORIENTADOR: DR. DAVI AVELINO LEAL
PPGET-PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO TECNOLÓGICO
IFAM-INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO AMAZONAS

jannimoraes84@gmail.com [Mudar de conta](#)



* Indica uma pergunta obrigatória

E-mail *

Seu e-mail

1-Conte seu nome completo, data de nascimento, idade atual, cidade e estado de nascimento. Nome completo dos seus pais ou responsáveis. (Alguém contou pra você qual era a situação econômica e social da sua família e do país na época.) OBS: Você pode nos fornecer uma foto sua que retrate esse momento? *

Sua resposta

25/10/2024, 15:43

Memorial Formativo: Percurso (Auto)formativo de Professores Negros no Ensino Superior: uma abordagem (auto)biográfica.

2-Como foi sua trajetória escolar no Ensino Infantil? Dicas: Nome da escola, local, fatos marcantes desta época, principais dificuldades, fatos positivos e negativos. Nessa época passou por alguma dificuldade por ser negra (o) ? Você sabe qual era a situação social e econômica da época? OBS: Se quiser pode nos fornecer uma foto sua que retrate esse momento. OBS: Você pode nos fornecer uma foto sua que retrate esse momento? *

Sua resposta

3-Como se deu sua trajetória escolar no Ensino Fundamental? Dicas: Nome da escola, se pública ou privada, local, fatos marcantes desta época, principais dificuldades, fatos positivos e negativos. Você lembra dos seu professores? Algum deles inspirou você? Nessa época, você passou por alguma dificuldade por ser negra (o) ? Você lembra qual era a situação social e econômica da sua família e do país? OBS: Você pode nos fornecer uma foto sua que retrate esse momento? *

Sua resposta

4-Como se deu sua trajetória escolar no Ensino Médio? Dicas: Nome da escola, se pública ou privada, local, fatos marcantes desta época, principais dificuldades, fatos positivos e negativos. Você lembra dos seu professores? Algum deles inspirou você? Nessa época, você passou por alguma dificuldade por ser negra (o) ? Você lembra qual era a situação social e econômica da sua família e do país? OBS: Você pode nos fornecer uma foto sua que retrate esse momento? *

Sua resposta

25/10/2024, 15:43

Memorial Formativo: Percurso (Auto)formativo de Professores Negros no Ensino Superior: uma abordagem (auto)biográfica.

3-Como se deu sua trajetória escolar no Ensino Técnico? Dicas: Nome da escola, se pública ou privada, local, fatos marcantes desta época, principais dificuldades, fatos positivos e negativos. Você lembra dos seu professores? Algum deles inspirou você? Nessa época, você passou por alguma dificuldade por ser negra (o) ? Você lembra qual era a situação social e econômica da sua família e do país? OBS: Você pode nos fornecer uma foto sua que retrate esse momento? *

Sua resposta

5-Como se deu sua trajetória escolar no Ensino Superior? Qual curso você escolheu e por quê? Você fez somente uma ou mais de uma graduação? Dicas: Nome da escola, se pública ou privada, local, fatos marcantes desta época, principais dificuldades, fatos positivos e negativos. Você lembra dos seu professores? Algum deles inspirou você? Nessa época, você passou por alguma dificuldade por ser negra (o) ? Você lembra qual era a situação social e econômica da sua família e do país? OBS: Você pode nos fornecer uma foto sua que retrate esse momento? *

Sua resposta

6-Como surgiu o desejo de tornar-se Professor ? Alguém inspirou você? Dicas: Nome da escola, se pública ou privada, local, fatos marcantes desta época, principais dificuldades e principais estratégias utilizadas, fatos positivos e negativos. Nessa época, você passou por alguma dificuldade por ser professor negra (o) ? Se sim, quais foram as ações e estratégias utilizadas? Você lembra qual era a situação social e econômica da sua família e do país? OBS: Você pode nos fornecer uma foto sua que retrate esse momento? *

Sua resposta

25/10/2024, 15:43

Memorial Formativo: Percurso (Auto)formativo de Professores Negros no Ensino Superior: uma abordagem (auto)biográfica.

6-Em qual nível e modalidade de Ensino você iniciou sua trajetória como professor ? Dicas: Nome da escola, se pública ou privada, local, fatos marcantes desta época, principais dificuldades, fatos positivos e negativos. Nessa época, você passou por alguma dificuldade por ser professor negra (o) ? Se sim, quais foram as ações e estratégias utilizadas? Você lembra qual era a situação social e econômica da sua família e do país? OBS: Você pode nos fornecer uma foto sua que retrate esse momento? *

Sua resposta

7-Como surgiu o desejo de tornar-se professor do Ensino Superior? Nessa época, você passou por alguma dificuldade por ser professor negra (o) ? Se sim, quais foram as sensações, ações e estratégias utilizadas? Você lembra qual era a situação social e econômica da sua família e do país? OBS: Você pode nos fornecer uma foto sua que retrate esse momento? *

Sua resposta

8-Qual Pós-Graduação você escolheu após a graduação? Quando e como ocorreu o seu ingresso na pós-graduação? Qual ou quais Pós-graduações você cursou? Dicas: Nome da escola, se pública ou privada, local, fatos marcantes desta época, principais dificuldades, principais estratégias utilizadas, fatos positivos e negativos. Você lembra dos seu professores? Algum deles inspirou você? Nessa época, você passou por alguma dificuldade por ser negra (o) ? Você lembra qual era a situação social e econômica da sua família e do país? OBS: Você pode nos fornecer uma foto sua que retrate esse momento? *

Sua resposta

25/10/2024, 15:43

Memorial Formativo: Percurso (Auto)formativo de Professores Negros no Ensino Superior: uma abordagem (auto)biográfica.

9-Onde você leciona atualmente? Dicas: Nome da Faculdade, se pública ou privada, local, fatos marcantes desta época, principais dificuldades, principais estratégias utilizadas, fatos positivos e negativos. Você passou por alguma dificuldade por ser professor negra (o), se sim, quais sensações, ações e estratégias você utilizou? Você lembra qual era a situação social e econômica da sua família e do país? OBS: Você pode nos fornecer uma foto sua que retrate esse momento? *

Sua resposta

10-Você já concluiu, está cursando ou deseja ingressar em um Mestrado? Dicas: Nome da Instituição, se pública ou privada, local, fatos marcantes desta época, principais dificuldades, principais estratégias utilizadas, fatos positivos e negativos. Você lembra dos seu professores? Algum deles inspirou você? Nessa época, você passou por alguma dificuldade por ser negra (o) ? Você lembra qual era a situação social e econômica da sua família e do país? OBS: Você pode nos fornecer uma foto sua que retrate esse momento? *

Sua resposta

11-Você fez cursos de qualificação e aperfeiçoamento para professores? Dicas: Nome da Instituição, se pública ou privada, local, fatos marcantes desta época, principais dificuldades, principais estratégias utilizadas, fatos positivos e negativos. Algum deles inspirou você? Nessa época, você passou por alguma dificuldade por ser negra (o) ? Você lembra qual era a situação social e econômica da sua família e do país? OBS: Você pode nos fornecer uma foto sua que retrate esse momento? *

Sua resposta

25/10/2024, 15:43

Memorial Formativo: Percurso (Auto)formativo de Professores Negros no Ensino Superior: uma abordagem (auto)biográfica.

12-Você continua investindo na sua carreira acadêmica? Se sim, quais cursos você tem procurado? OBS: Você pode nos fornecer uma foto sua que retrate esse momento? *

Sua resposta

13- Como professor negro não licenciado, quais as principais dificuldades percebidas em sala de aula no início da sua carreira docente? Dicas: (Plano de aula, didática, Avaliações, Exercícios, trabalhos). OBS: Você pode nos fornecer uma foto sua que retrate esse momento? *

Sua resposta

14- Como professor negro não licenciado, quais as principais dificuldades percebidas atualmente em sala de aula? Dicas: (Plano de aula, didática, Avaliações, Exercícios, trabalhos). OBS: Você pode nos fornecer uma foto sua que retrate esse momento? *

Sua resposta

15- Como professor negro não licenciado, quais as principais estratégias utilizadas para ingressar na Docência do Ensino Superior? *

Sua resposta

16- Quais os livros que você já leu e que contribuíram com sua formação como Docente no Ensino superior? *

Sua resposta

25/10/2024, 15:43

Memorial Formativo: Percurso (Auto)formativo de Professores Negros no Ensino Superior: uma abordagem (auto)biográfica.

17- Qual a sensação que você têm quando está ministrando aula no Ensino Superior? OBS: Você pode nos fornecer uma foto sua que retrate esse momento? *

Sua resposta

18- Quais caminhos formativos você indica para professores negros não licenciados que desejam ingressar no Ensino Superior? *

Sua resposta

19- Quais hipóteses você atribui à escassez de professores negros atuando no ensino superior? *

Sua resposta

20- Quais são outros fatos da sua trajetória formativa que podem ser compartilhados nesta pesquisa? Dica: Se você lembra ou gostaria de compartilhar outros fatos da sua história, comente aqui quais são e por que? *

Sua resposta

21- 20- Que outros fatos da sua trajetória formativa foram omitidos e por quê ? *

Sua resposta

Uma cópia das suas respostas será enviada para o endereço de e-mail fornecido

[Enviar](#)[Limpar formulário](#)

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSdGdsPE28F9SzQ3o7QajfAUK4xS_pqLNeI_xlh5U1yidoNBHw/viewform

7/9

APÊNDICE H- Roteiro para entrevista narrativa com os participantes

- 1- Qual o seu nome completo, sua idade?
- 2- Qual a sua formação e titulação?
- 3- Como foi o seu percurso escolar na infância?
- 4- Como ocorreu o seu percurso escolar no Ensino Médio?
- 5- Você lembra da situação econômica de seu pai e de sua família?
- 6- Como ocorreu o seu percurso na Graduação?
- 7- Você cursou a graduação com auxílio de Bolsa?
- 8- Como ocorreu o seu percurso na pós-graduação?
- 9- Durante seu percurso acadêmico você teve professores negros?
- 10- Você teve professores que o inspiraram?
- 11- Você sempre quis ser professor?
- 12- Como foi o seu ingresso na Docência universitária?
- 13- Quais foram as principais dificuldades enquanto professor negro (a) não Licenciado (a)?
- 14- Você já passou por situações de racismo em sua trajetória?
- 15- O que você faria se sofresse racismo no ambiente acadêmico?
- 16- Quais as suas recomendações a professores negros não licenciados, que desejam ingressar na Docência Universitária?

APÊNDICE I- Roteiro para a Roda De Conversa com os Participantes

- 1- Você é a favor ou contra a Lei de Cotas raciais?
- 2- Como a sociedade enxerga a Lei de Cotas?
- 3- Quais são os principais elementos do processo (auto)formativo de Professores Negros?
- 4- Quais os principais obstáculos enfrentados por professores negros durante o processo (auto)formativo?
- 5- Quais os principais desafios enfrentados por professores não licenciados no ensino superior?
- 6- Você já foi questionado pelos alunos sobre seu processo de iniciação docente?
- 7- Quais os elementos que motivam o professor negro no ensino superior, a compartilhar sua história (auto)formativa?
- 8- O que as instituições de ensino podem fazer, para evidenciar a valorização do percurso (auto)formativo dos professores negros?
- 9- Qual a relevância da temática desta pesquisa sobre professores negros no Ensino Superior?
- 10- Qual a relevância da temática desta pesquisa sobre professores negros no Ensino Superior?

APÊNDICE J-Formulário de Avaliação do Produto Educacional



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO AMAZONAS
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO TECNOLÓGICO



FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO PARA O PRODUTO EDUCACIONAL

Caro(a) Professor (a),

Temos a honra de iniciarmos a etapa prática do produto educacional, proveniente da pesquisa intitulada: **“PERCURSO (AUTO)FORMATIVO DE PROFESSORES NEGROS NÃO LICENCIADOS NO ENSINO SUPERIOR: uma abordagem (auto)biográfica**, Daremos início a Avaliação para a construção final do produto educacional, onde optamos pela elaboração de um GUIA com o título: **“ENEGRECER: caminhos para uma Educação Antirracista no Ensino Superior”**. Sob a coordenação da pesquisadora: **Janneli Moraes Lima** e Orientador: **Dr. Davi Avelino Leal**.

A proposta formativa, é um Guia no formato Digital, com orientações e práticas antirracistas, direcionadas a professores negros, não licenciados que atuam no Ensino Superior.

Caso tenha dúvidas, pode entrar em contato com a pesquisadora Janneli Moraes através do telefone: (92) 98211-6861 ou e-mail: jannimoraes84@gmail.com.

Benefícios ao participar desta Avaliação:

- O reconhecimento do seu potencial de superação e resiliência
- O incentivo ao investimento na carreira para atuar na Docência Universitária
- A valorização da sua trajetória e vivências enquanto docente do ensino superior
- A capacidade de atuar na docência universitária mesmo não sendo licenciado
- A (auto)reflexão sobre a trajetória formativa e carreira docente
- Contribuir verificando a eficácia de um produto educacional com orientações para outros professores negros não licenciados, que atuam no Ensino Superior.

Um produto composto por 4 quatro unidades, sendo a unidade 1- Marcos conceituais sobre racismo e Educação Antirracista, a unidade 2-Práticas Antirracistas no Ensino Superior, A Unidade 3-Enfrentamento ao racismo no ambiente acadêmico, Unidade 4-Trajétórias de professores negros, como estratégia antirracista no Ensino Superior.

Pedimos a gentileza de avaliá-lo, a fim de aprimorarmos nosso material e contribuirmos de forma mais efetiva, com os professores universitários negros, que estão atuando mas, não passaram por uma formação de Licenciatura para abordar temas transversais, como a Lei da Educação Antirracista adaptada ao Ensino Superior.

A avaliação da nossa proposta formativa, tem o intuito de aprimorar a ideia e de realizar possíveis ajustes, para a construção final do produto educacional. Não há respostas certas ou erradas, pois estamos interessados em sua opinião. Agradecemos sua colaboração nesta etapa!

PEDIMOS QUE AVALIE CONSIDERANDO A SUA LEITURA E SUA EXPERIÊNCIA EM CONTATO COM O PRODUTO.

Optamos por dividir esta avaliação em SEIS (6) ETAPAS:

- I- Características de Perfil do Público-Alvo da Proposta
- II- Fatores referentes a temática do produto
- III- Fatores referentes as unidades e orientações do produto
- IV- Fatores referentes aos fundamentos teóricos do produto
- V- Fatores referentes aos aspectos visuais do produto
- VI- Fatores referentes as suas percepções enquanto professor negro no Ensino Superior

I-CARACTERÍSTICAS DE PERFIL DO PÚBLICO-ALVO DA PROPOSTA

Nesta seção, queremos conhecer um pouco sobre as características pessoais do público Alvo de aplicação da proposta formativa.

NOME COMPLETO:

IDADE: _____

E-MAIL: _____

CONTATO /WHATSSAP:

COR/RAÇA/ETNIA: () Branca () Parda () Preta () Indígena () Amarelo

() Sou professor autodeclarado negro (a) atuante no Ensino Superior

ESCOLARIDADE E OCUPAÇÃO: () Ensino Superior Completo • () Especialização • () Mestrado • () Doutorado.

SOBRE A SUA FORMAÇÃO?

() Docente negro Não Licenciado Tecnólogo

() Docente Negro Não Licenciado Bacharel

II-ASPECTOS RELACIONADOS AO PRODUTO EDUCACIONAL

Nesta seção, queremos conhecer um pouco sobre suas percepções em relação as características do Produto Educacional proposto, sua temática, objetivos, linguagem e outros.

2-Quanto ao título do produto "GUIA ENEGRECER: caminhos para uma Educação Antirracista no Ensino Superior", você o considera:

- A-() Super adequado ao que se propõe (Ótimo)
- B-() Adequado ao que se propõe (Bom)
- C-() Pouco adequado ao que se propõem (regular)
- D-() Inadequado ao que se propõem (Péssimo)

Comentários/ Sugestões:

3-Você conseguiu identificar CLAREZA NA LINGUAGEM apresentada no Produto?

- A-() Linguagem bem clara (Ótimo)
- B-() Linguagem clara (Bom)
- C-() Pouca clareza na linguagem (regular)
- D-() Zero clareza na linguagem (Péssimo)

Comentários/ Sugestões:

4. O produto educacional deixa claro quais são seus Objetivos e o Público-Alvo a que se destina?

- A- Bastante claro (Ótimo)
- B- Sim, deixa claro (Bom)
- C- Em partes (Regular)
- D- Não deixa claro (Péssimo)

Comentários/ Sugestões:

5. O produto apresenta argumentos claros que justificam sua elaboração/ aplicação, de forma que contextualiza a sua idealização?

- A- () Ótimos argumentos que justificam o produto (Ótimo)
- B- () Sim, bons argumentos que justificam o produto (Bom)
- C- () Em partes, falta mais argumentos que justifiquem o produto (Regular)
- D- () Não, argumentos insuficientes. (Péssimo)

Comentários/ Sugestões:

III-CONTEÚDO DAS UNIDADES DO PRODUTO

Nesta seção, queremos conhecer um pouco sobre suas percepções em relação as unidades que compõe o produto e a forma como está organizado, assim como a pertinência do conteúdo para professores do Ensino Superior.

.6-Sobre as Contribuições da unidade 1, relacionada aos Marcos Conceituais em relação ao Racismo e Educação Antirracista Você considera:

- A- () Bastante pertinente para professores negros Não Licenciados, no que se refere a educação antirracista no Ensino Superior. (Ótimo)
- B- () Pertinente para professores negros Não Licenciados no que se refere a educação antirracista no Ensino Superior (Bom)
- C- () Pouco Pertinente para professores negros Não Licenciados no que se refere a educação antirracista no Ensino Superior (Regular)
- D- () Nada Pertinente para professores negros Não Licenciados no que se refere a educação antirracista no Ensino Superior. (Regular).

Comentários/ Sugestões:

.7-Sobre as orientações da unidade 2, relacionada as práticas antirracistas que podem ser aplicadas no Ensino Superior. Vocês as considera:

- A- () Alta probabilidade de leitura e aplicação por professores do Ensino Superior (Ótimo)
- B- () Boa probabilidade de leitura e aplicação por professores do Ensino Superior (Bom)
- C- () Pouca probabilidade de leitura e aplicação por professores do Ensino Superior (Regular).

D-() Zero probabilidade de leitura e aplicação por professores do Ensino Superior (Péssimo).

Comentários/ Sugestões:

8-Sobre as orientações da unidade 3, relacionadas as medidas de Enfrentamento ao Racismo de professores e alunos no Ensino Superior. Vocês as considera:

- A-() Alta probabilidade de consulta e aplicação por professores do Ensino Superior (Ótimo)
 B-() Boa probabilidade de consulta e aplicação por professores do Ensino Superior (Bom)
 C-() Pouca probabilidade de consulta e aplicação por professores do Ensino Superior (Regular).
 D-() Zero probabilidade de consulta e aplicação por professores do Ensino Superior (Péssimo).

Comentários/ Sugestões:

9- Sobre as orientações da unidade 4, em relação à valorização da trajetória de professores negros como estratégia antirracista no Ensino Superior, você as considera:

- A-()Alta probabilidade de consulta e aplicação por docentes do Ensino Superior (Ótimo)
 B-Boa probabilidade de consulta e aplicação por docentes do Ensino Superior (Bom)
 C-() Pouca probabilidade de consulta e aplicação por docentes do Ensino Superior (Regular)
 D-() Nenhuma probabilidade de consulta e aplicação por docentes do Ensino Superior.
 (Péssimo)

Comentários/ Sugestões:

10- Sobre os recortes (auto)biográficos extraídos da dissertação e que fazem parte do conteúdo do produto, você os considera:

- A-()Ótima adequação ao contexto adequado.
 B--()Estão bem colocado no produto de acordo com a temática (Bom)
 C-() Pouca adequação a temática do produto (Regular)
 D-() Nenhuma adequação ao contexto (Péssimo)

Comentários/ Sugestões:

11- Sobre a quantidade de Materiais de Apoio antirracistas, indicados na unidade 4, para docentes do Ensino Superior, você as considera:

- A-() Quantidade de materiais de apoio indicadas é suficiente (Ótimo)
 B-() Boa quantidade de materiais de apoio (Bom)
 C-() Pouca indicações de materiais de apoio (Regular)
 D-() Nenhuma indicação de materiais de apoio. (Péssimo)

Comentários/ Sugestões:

12- Sobre as sugestões de Materiais de Apoio antirracistas, indicados na unidade 4, para docentes do Ensino Superior, Quais as probabilidades de Adesão?

- A-()Alta probabilidade de consulta e aplicação por docentes do Ensino Superior (Ótimo)
 B-() Boa probabilidade de consulta e aplicação por docentes do Ensino Superior (Bom)

- C-() Pouca possibilidade de consulta e aplicação por docentes do Ensino Superior (Regular)
 D-() Nenhuma possibilidade de consulta e aplicação por docentes do Ensino Superior.
 (Péssimo)

Comentários/ Sugestões:

13-Como você avalia os temas das Unidades apresentadas pelo Produto Educacional “ENEGRECER: caminhos para uma Educação Antirracista no Ensino Superior” (a importância dos temas e a relação entre eles)?

- A-() Ótima relação entre os temas das Unidade (Ótimo)
 B-() Boa relação entre os temas das unidades (Bom)
 C-() Pouca relação entre os temas das unidades (Regular)
 D-() Nenhuma relação entre os temas das unidades (Péssimo)

Comentários/ Sugestões:

14- Como você avalia a Relevância do conteúdo do “GUIA ENEGRECER: Caminhos para uma Educação Antirracista no Ensino Superior”, para professores e para a Sociedade em geral?

- A-() Relevante
 B-() Muito relevante
 C-() Nada relevante
 D-() Pouco relevante

Comentários/ Sugestões:

15-Como você avalia as contribuições do GUIA ENEGRECER, sobre a Educação Antirracista, para o seu percurso formativo e sua prática enquanto docente universitário Negro(a) no Ensino Superior ?

- A-() Alta contribuição com minha formação e minha prática, enquanto docente universitário negro. (Ótimo)
 B-() Boa contribuição com minha formação e minha prática, enquanto docente universitário negro. (Bom)
 C-() Pouca contribuição para a minha formação e minha prática, enquanto docente universitário negro. (Regular)
 D-() Nenhuma contribuição com minha formação e minha prática, enquanto docente universitário negro.(Péssimo).

Comentários/ Sugestões:

16-Durante a Leitura do Guia, você conseguiu identificar se o conteúdo apresentado, é compatível com a Temática e com os Objetivos do produto?

- A-() Conteúdo bastante compatível com a temática e objetivos do produto (Ótimo)
 B-() Conteúdo Compatível com a temática e objetivos do produto (Bom)
 C-() Conteúdo pouco compatível com a temática e objetivos do produto (regular)
 D-() Conteúdo nada compatível com a temática e objetivos do produto (Péssimo)

Comentários/ Sugestões:

17-Durante a Leitura do Guia ENEGRECER, você conseguiu identificar se o conteúdo apresentado é prático, objetivo e de fácil leitura, considerando a rotina dos professores de Ensino Superior?

- A-() Sim, bem objetivo e de rápida leitura para docentes do Ensino Superior (Ótimo)
B-() Objetivo e de rápida leitura para docentes do Ensino Superior (Bom)
C-() Um pouco cansativo e leitura complexa para docentes do Ensino Superior (Regular)
D-() Muito cansativo e leitura complexa para docentes do Ensino Superior (Péssimo)

Comentários/ Sugestões:

18-Como você avalia a compatibilidade da Linguagem apresentada com o Nível intelectual do Público-Alvo do Produto?

- A-() Linguagem super compatível com o público-alvo, docentes negros atuantes no Ensino Superior. (Ótimo)
B-() Linguagem compatível com o público-alvo, docentes negros atuantes no Ensino Superior. (Bom)
C-() Linguagem pouco compatível com o público-alvo, docentes negros atuantes no Ensino Superior. (Regular)
D-() Linguagem nada compatível com o público-alvo, docentes negros atuantes no Ensino Superior. (Péssimo).

Comentários/ Sugestões:

19-Como você caracteriza a Estrutura do Produto apresentado e o planejamento da proposta?

- A-() Ótima estrutura (Ótimo)
B-() Bem estruturado (Bom)
C-() Pouco estruturado (Regular)
D-() Nada estruturado (Péssimo)

Comentários/ Sugestões:

IV-ASPECTO TEÓRICO DO PRODUTO

Nesta seção, queremos conhecer um pouco sobre suas percepções em relação aos fundamentos teóricos presentes no conteúdo do produto.

20-Como você avalia a quantidade de Pressupostos Teóricos apresentados no GUIA ENEGRECER?

- A-() Os pressupostos teóricos estão mais do que suficientes (Ótimo)
B-() Os pressupostos teóricos são suficientes (Bom)
C-() Precisa inserir mais pressupostos teóricos (regular)
D-() Os pressupostos teóricos estão insuficientes (péssimo)

Comentários/ Sugestões:

21- Os Pressupostos Teóricos do conteúdo apresentado no GUIA ENEGRECER, são compatíveis com a temática do produto no que se refere a Educação Antirracista no Ensino Superior?

- A-() Totalmente compatíveis com a temática do produto (Ótimo)
 B-() Compatíveis com a temática do produto (Bom)
 C-() Pouco compatíveis com a temática do produto (regular)
 D-() Incompatíveis com a temática do produto (péssimo)

Comentários/ Sugestões:

22-Como você avalia a Qualidade do conteúdo do Produto?

- A-() Ótima qualidade (Ótima)
 B-() Boa Qualidade (Bom)
 C-() Pouca qualidade (Regular)
 D-() Zero qualidade (Péssimo)

Comentários/ Sugestões:

V-ASPECTO VISUAL DO PRODUTO

Nesta seção, queremos conhecer um pouco sobre suas percepções em relação ao aspecto visual e comunicacional presentes no produto.

23- Como você avalia as imagens e ilustrações presentes no produto e a sua adequação a temática antirracista no Ensino Superior:

- A-() Imagens suficientes e adequadas a temática (Ótimo)
 B-() Bom uso e aplicação das imagens (Bom)
 C-() Precisa Ilustrar mais o produto (Regular)
 D-() Imagens Insuficientes e inadequadas à temática (Péssimo)

Comentários/ Sugestões:

24- Como você avalia a paleta de cores presentes no produto?

- A-() Boa articulação das cores e segue um padrão (Ótimo)
 B-() Boas cores escolhidas para o produto (Bom)
 C-() Falta mais cores no produto (Regular)
 D-() Excesso de cores e sem padrão (Péssimo)

Comentários/ Sugestões:

VI-PERCEPÇÕES ENQUANTO DOCENTE NEGRO (A) NO ENSINO SUPERIOR

Nesta seção, queremos conhecer um pouco sobre suas percepções enquanto professor negro atuante no Ensino Superior e a pertinência do produto.

25-Para você professor(a) negro (o), qual seria a probabilidade de leitura e aplicação deste produto para introduzir a temática antirracista no Ensino Superior ?

- A-() Alta probabilidade de leitura e aplicação (Ótimo)
- B-() Boa probabilidade de leitura e aplicação (Bom)
- C-() Pouca probabilidade de leitura e aplicação (Regular).
- D-() Zero probabilidade de leitura e aplicação (Péssimo).

Comentários/ Sugestões:

26-Para você professor universitário negro, qual seria a probabilidade de recomendar este produto a outros docentes, que buscam orientações para implementar a Educação Antirracista no Ensino Superior ?

- A-() Alta probabilidade de recomendação. (Ótimo)
- B-() Boa probabilidade de recomendação. (Bom)
- C-() Pouca Probabilidade de recomendação. (Regular)
- D-() Zero probabilidade de recomendação. (Péssimo)

Comentários/ Sugestões:

27. Você acha que o Produto Educacional “ENEGRECER: caminhos para uma Educação Antirracista” lhe ajudará a mudar a forma de pensar sobre as questões Antirracistas no Ensino Superior?

- A-() Sim
- B-() Talvez
- C-() Não
- D-() Nunca

Comentários/ Sugestões:

28. Quais pontos positivos você observou em relação a elaboração deste proposta formativa para professores do Ensino Superior?

Comentários/ Sugestões:

29. Quais pontos negativos você observou em relação a elaboração desta proposta formativa para professores do Ensino Superior?

Comentários/ Sugestões:

30. Quais sugestões você pode elencar em relação a elaboração deste GUIA?

Comentários/ Sugestões:

31-Queremos ouvi-lo! Fique à vontade, nesse espaço, para fazer suas sugestões, questionamentos, críticas, suas contribuições são muito bem-vindas!

ANEXOS

ANEXO A – Carta de Anuência autorização para o Lócus da pesquisa

CARTA DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins que estamos de acordo com a execução do projeto de pesquisa de Mestrado intitulado “Percurso (Auto)formativo de Professores Negros Não Licenciados no Ensino Superior: uma abordagem (auto)biográfica.”, sob a coordenação e a responsabilidade da pesquisadora **Jannielí Moraes Lima**, Professora dos Cursos de Logística e Administração da Universidade UNIP-Aqui Você Pode-Manaus e vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico (PPGET/IFAM).

Reconhecemos que a pesquisa objetiva Investigar o Percurso (Auto)formativo de Professores Negros Não Licenciados no Ensino Superior a partir da abordagem (Auto)biográfica e assumimos o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa a ser realizada na Faculdade UNIP-Aqui Você Pode-Manaus, no período de **Setembro a dezembro de 2023**, após a devida aprovação no Sistema CEP/CONEP.

Manaus, 16 de Novembro de 2023.

Rebecca Davilboa
COORDENADORA GERAL
UNIP - MANAUS

DIRETOR DA UNIDADE UNIP AQUI VOCÊ PODE-MANAUS

ANEXO B – Declaração de Infraestrutura do lócus da pesquisa

Poder Executivo
Ministério da Educação
Universidade Federal do Amazonas
Faculdade de Educação
Curso de Pedagogia

**DECLARAÇÃO DE INFRAESTRUTURA**

Eu, **Rebeca Beviláqua de Lima**, Coordenadora Geral da Universidade UNIP Aqui Você Pode-Campus Manaus Centro, autorizo a realização do projeto intitulado **“Percurso (Auto)formativo de Professores Negros Não Licenciados no Ensino Superior: uma abordagem (auto)biográfica**. Pela pesquisadora **Jannieli Moraes Lima**, que envolverá a realização de encontros presenciais dos itinerários formativos próprios da pesquisa em questão.

A Universidade UNIP está ciente de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes da pesquisa, dispondo de infraestrutura necessária para desenvolvê-la de acordo com as normas da Instituição. Ademais, ratifico que não haverá quaisquer implicações negativas aos professores que não desejarem ou desistirem de participar da pesquisa.

Manaus, 16 de Novembro de 2023.

Rebeca Beviláqua
COORDENADORA GERAL
UNIP - MANAUS

Coordenadora Geral da Universidade – UNIP-Aqui Você Pode
UNIDADE MANAUS-CENTRO